

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES - CCHLA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DA LINGUAGEM – PpgEL**

ALAN MARINHO CÉSAR

**EVENTO DE MOVIMENTO TRANSITIVO:
*USO, COGNIÇÃO E REDE CONSTRUCIONAL***

**NATAL
2020**

ALAN MARINHO CÉSAR

EVENTO DE MOVIMENTO TRANSITIVO:
USO, COGNIÇÃO E REDE CONSTRUCIONAL

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Angélica Furtado da Cunha.

NATAL
JUNHO DE 2020

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Sistema de Bibliotecas - SISBI

Catálogo de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

César, Alan Marinho.

Evento de movimento transitivo: uso, cognição e rede construcional / Alan Marinho César. - 2020.

179f.: il.

Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2020.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Angélica Furtado da Cunha.

1. Linguística Funcional Centrada no Uso - Tese. 2. Linguística Cognitiva - Tese. 3. Gramática de Construções - Tese. 4. Evento de Movimento Transitivo - Tese. 5. Rede Construcional - Tese. I. Cunha, Maria Angélica Furtado da. II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 81'1

**EVENTO DE MOVIMENTO TRANSITIVO:
*USO, COGNIÇÃO E REDE CONSTRUCIONAL***

ALAN MARINHO CÉSAR

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Estudos da Linguagem, na área de concentração em Linguística Teórica e Descritiva, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Angélica Furtado da Cunha.

Aprovada em 24 de junho de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Angélica Furtado da Cunha
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidente

Prof. Dr. Ivo da Costa Rosário
Universidade Federal Fluminense
Examinador Externo

Prof. Dr. Tiago de Aguiar Rodrigues
Universidade Federal da Paraíba
Examinador Externo

Prof.^a Dr.^a Maria Maura da Conceição Cezario
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(Bolsista de Pós-doutorado CAPES PNPd - PPgEL - UFRN)
Examinador Interno

Prof. Dr. José Romerito Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Examinador Interno

À minha família, base de amor e apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que torceram e confiaram em mim, ao dividirem comigo medos e anseios, aconselhando-me a ir e fazer, a ter paciência nos momentos mais turbulentos. Ao defender esta tese, vejo que muitos caminharam ao meu lado, deram-me a mão, a palavra e o incentivo certo. Gostaria de resgatar o nome de todos a quem devo agradecer, mas sei que não é possível, pois foram muitos durante o trajeto.

Agradeço a Deus, Pai todo poderoso, que se faz presente na minha vida. Aos anjos, por Ele enviados, que me ouvem e me guiam e que, neste momento, celebram junto comigo a conclusão deste doutorado, que certamente abrirá espaços para uma nova etapa em minha vida.

No âmbito familiar, agradeço aos meus avós, paternos e maternos, em especial a minha vó Maria (*in memoriam*). O olhar de orgulho e a satisfação dela ao me ver brincando de professor durante a minha infância são alguns dos fatores que me trouxeram até aqui. Aos meus pais, Aldair e Marilene, pela liberdade de deixar-me seguir meus sonhos e pelos esforços de me manter estudando longe de casa. À minha irmã, Aldilene, exemplo de superação e dedicação. Com ela, sempre posso contar. Seu cuidado comigo me torna emocionalmente e, até mesmo, academicamente mais forte. À minha prima Selma, que me acolheu por tantos anos, dona de uma grande generosidade e de respeito ao próximo.

Agradeço a José Aldo Romão, sempre preocupado em me propiciar as condições necessárias para a elaboração deste trabalho. Seu apoio foi muito importante para esta conquista.

Agradeço à minha orientadora, Maria Angélica Furtado da Cunha, exemplo de professora e pesquisadora neste país. Sinto imenso orgulhoso de tê-la como mentora desde o meu período de iniciação científica e profunda gratidão por tudo o que ela tem me ensinado.

Ainda na seara acadêmica, agradeço à professora Nubiácia de Oliveira por ter me conduzido ao Grupo de Pesquisa D&G, onde tudo começou. Agradeço ao acolhimento dos professores José Romerito e Edvaldo Bispo, sempre atenciosos e prestimosos com seus alunos. Agradeço ao professor Marcos Costa, uma fonte de inspiração e modelo de amor à profissão docente. Ao professor Graeme Trousdale, por identificar em minha pesquisa novos aspectos que passaram a ser considerados nesta tese. E a todos os membros do grupo D&G, em suas três sedes: UFRN, UFRJ e UFF.

Por fim, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, minha segunda casa ao longo dos últimos doze anos, em especial ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), pela prontidão e colaboração doadas a mim durante o mestrado e agora o doutorado.

*Sem a cultura, e a liberdade
relativa que ela pressupõe, a
sociedade, por mais perfeita
que seja, é apenas uma
selva.*

Albert Camus

RESUMO

EVENTO DE MOVIMENTO TRANSITIVO: *USO, COGNIÇÃO E REDE CONSTRUCIONAL*

Nesta tese, examino a codificação semântico-sintática do evento de movimento transitivo, com o objetivo de tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção de movimento transitivo (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados. Conceituo o verbo de movimento transitivo (VMT) como aquele predicador de dois ou três argumentos que implica o movimento de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro. A partir da observação dos contextos de uso de construtos com esse tipo de verbo, proponho uma rede construcional hierárquica que acomode os diferentes padrões que podem instanciar a construção de movimento transitivo (CMT), tendo em vista aspectos da configuração argumental dos VMT e dos esquemas cognitivos subjacentes a esses padrões. A base teórica que fundamenta esta tese conjuga pressupostos advindos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), da Linguística Cognitiva (LC) e da Gramática de Construções (GC). As categorias de análise adotadas dizem respeito, principalmente, à transitividade, aos papéis semânticos, à prototipicidade, à semântica de *frames*, aos esquemas imagéticos e às metáforas conceptuais. A investigação empreendida é de natureza dedutiva, com caráter metodológico que parte de uma abordagem mista (quali-quantitativa). Os dados que fundamentam a análise foram coletados de fontes diversas: o *Corpus Discurso & Gramática*, o Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte (JFRN), o Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da UFRJ (Projeto PEUL) e textos disponíveis *on-line* em sites de revistas de ampla circulação. Os resultados da pesquisa revelaram a existência de um esquema construcional, organizado sintaticamente como $SN_{SUJEITO} + V_{MOV} + SN_{OD} + (SP)$, o qual sanciona três subesquemas e sete microconstruções que, por sua vez, revelam noções de movimento causado, movimento percorrido e movimento associado.

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Linguística Cognitiva. Gramática de Construções. Evento de Movimento Transitivo. Rede Construcional.

ABSTRACT

TRANSITIVE MOTION EVENT: USE, COGNITION AND CONSTRUCTION NETWORK

In this thesis, I examine the semantic and syntactic coding of transitive motion events with the goal of dealing with the relationship between the type of event expressed by the transitive motion construction (TMC) and the cognitive schemes triggered by it. I conceptualize the transitive motion verb (TMV) as one that is complemented by two or three arguments that imply the movement of at least one entity from one place to another. Based on the observation of the contexts of use of constructs with this verb, I propose a hierarchical construction network that accommodates the different patterns that can instantiate a transitive motion construction (TMC), considering aspects of the TMV's argumentative configuration, and the cognitive schemes underlying these patterns. The theoretical basis of this thesis combines assumptions stemming from Functional Linguistics Focused on Use - *Linguística Funcional Centrada no Uso* (LFCU - acronym in Portuguese), Cognitive Linguistics (CL) and Construction Grammar (CxG). The analytical categories adopted are mainly related to transitivity, semantic roles, prototypicality, frame semantics, image schemes and conceptual metaphors. The research carried out is characterized as deductive using a mixed methodological approach (qualitative and quantitative). The data supporting the analysis were collected from different sources: *O Corpus Discurso & Gramática* - Corpus Discourse & Grammar, the JFRN's Sentencing Bank, the Database of the "Program for Studies on the Use of Language at UFRJ" (Project PEUL - acronym in Portuguese), and texts available online on websites of widely circulated magazines. The search results revealed the existence of a construction scheme organized syntactically as subject noun phrase NP_{SUBJECT} + V_{MOTION} + object noun phrase (NP O_d) + prepositional phrase (PP) which sanctions three subschemas and seven micro-constructions, which, in turn, reveal notions of caused-motion, traveled-motion and associated-motion.

Keywords: Functional Linguistics Focused on Use. Cognitive Linguistics. Construction Grammar. Transitive Motion Event. Construction Network.

LISTAS

DE TABELAS

TABELA 1 - NÚMERO DE PALAVRAS DO BANCO DE DADOS POR MODALIDADE.....	21
TABELA 2 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT	92
TABELA 3 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. CAUSADO	98
TABELA 4 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. PERCORRIDO	117
TABELA 5 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. PERCORRIDO	127

DE FIGURAS

FIGURA 1 - ORGANIZAÇÃO DO VERBETE EM HOUAISS	28
FIGURA 2 - ORGANIZAÇÃO DO VERBETE EM BORBA	30

DE QUADROS

QUADRO 1 - PARÂMETROS DE TRANSITIVIDADE.....	47
--	----

DE DIAGRAMAS

DIAGRAMA 1 - REDE HIERÁRQUICA DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO	94
DIAGRAMA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE TYPES E TOKENS DA REDE HIERÁRQUICA	95
DIAGRAMA 3 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. CAUSADO	99
DIAGRAMA 4 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. PERCORRIDO	118
DIAGRAMA 5 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. ASSOCIADO	128

DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DE TYPES	96
GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DE TOKENS.....	97
GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SN _{SUJ}	132
GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SN _{OD}	133
GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SP	134
GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DO PONTO DA TRAJETÓRIA EVIDENCIADO PELO EI PERFILADO.....	135
GRÁFICO 7 - PREPOSIÇÕES INTRODUTORAS DO SP.....	137
GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO DOS FRAMES DA CMT	138

DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGT	-	Agente
COAGT	-	Coagente
CMC	-	Construção de Movimento Causado
CMT	-	Construção de Movimento Transitivo
COMPL	-	Complemento
D&G	-	Discurso & Gramática
EI	-	Esquema Imagético
EMT	-	Evento de Movimento Transitivo
GC	-	Gramática de Construções
IC	-	Iniciação Científica
JFRN	-	Justiça Federal do Rio Grande do Norte
LC	-	Linguística Cognitiva
LFCU	-	Linguística Funcional Centrada no Uso
LOC	-	Locativo
PAC	-	Paciente
MAssoc	-	Movimento Associado
MCaus	-	Movimento Causado
MPerc	-	Movimento Percorrido
MC	-	Microconstrução
OD	-	Objeto Direto
OI	-	Objeto Indireto
PB	-	Português Brasileiro
PEUL	-	Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
SE	-	Subesquema
SN	-	Sintagma Nominal
SP	-	Sintagma Preposicionado
SV	-	Sintagma Verbal
SUJ	-	Sujeito
UFF	-	Universidade Federal Fluminense
UFJF	-	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	-	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	-	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
VMT	-	Verbo de Movimento Transitivo
VMTD	-	Verbo de Movimento Transitivo Direto.

DE SÍMBOLOS

$\bar{\tau}$	-	Movimento Estacionário
\leftrightarrow	-	Movimento Translacional
\rightarrow	-	Aproximação de um Ponto de Referência
\leftarrow	-	Afastamento de um Ponto de Referência
$\rightarrow\rightarrow$	-	Movimento Associado Paralelo
$\rightarrow\rightarrow\rightarrow$	-	Movimento Associado Seguido
\updownarrow	-	Movimento de Colocação ou Remoção de um Paciente
\square	-	Espaço (caminho) por onde percorre as entidades do evento
Δ	-	Ponto de Origem do Movimento
\otimes	-	Destino/Alvo do Movimento

Sumário

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 PLANO DE PESQUISA.....	16
1.1.1 Questões de Análise, Hipóteses e Objetivos	17
1.1.2 Fundamentação Teórica	18
1.2 METODOLOGIA DO TRABALHO	19
1.2.1 Constituição do Banco de Dados	20
1.2.2 Seleção dos Dados	23
1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE	26
2 ESTADO DA ARTE: VERBOS DE MOVIMENTO	27
2.1 ACEPÇÕES E CLASSIFICAÇÕES NOS DICIONÁRIOS	27
2.2 ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS	34
2.3 PESQUISAS LINGUÍSTICAS.....	38
3 O EVENTO DE MOVIMENTO: ABORDAGENS TEÓRICAS E CATEGORIAS ANALÍTICAS	42
3.1 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO.....	42
3.1.1 Estrutura argumental	44
3.1.2 Transitividade.....	46
3.1.3 Papéis Semânticos.....	49
3.2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA	55
3.2.1 Categorização e Prototipicidade.....	57
3.2.2 Estrutura do Evento de Movimento	59
3.2.3 Semântica de <i>Frames</i>	67
3.2.4 Esquemas Imagéticos.....	76
3.2.5 Metáfora Conceptual.....	80
3.3 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES	84
3.3.1 Construções de Estrutura Argumental.....	85
3.3.2 Propriedades das Construções	87
3.3.3 <i>Links</i> entre as construções.....	89
4 A REDE HIERÁRQUICA DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO .	92
4.1 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO CAUSADO.....	97
4.1.1 Microconstrução de Manipulação	100
4.1.2 Microconstrução de Transporte.....	111
4.2 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO PERCORRIDO	117
4.2.1 Microconstrução de Travessia.....	119
4.2.2 Microconstrução de Afastamento.....	124

4.2.3 Microconstrução de Aproximação	126
4.3 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO ASSOCIADO	127
4.3.1 Microconstrução de Movimento Paralelo	129
4.3.2 Microconstrução de Movimento Seguido	130
4.4 PANORAMA COMPOSICIONAL DA CMT	131
5 CONCLUSÃO.....	140
REFERÊNCIAS	144
BIBLIOGRÁFICAS.....	144
CORPORA	150
PROJETO FRAMENET	150
ANEXO.....	151
LISTA DAS OCORRÊNCIAS	151
1 <i>Corpus</i> D&G Natal	151
2 Banco de Sentenças da JFRN.....	161
3 Banco de Dados do PEUL/RJ	165
4 Revistas <i>On-line</i>	167

1 INTRODUÇÃO

A presente tese tem como objeto de estudo a codificação semântico-sintática do evento de movimento transitivo (EMT). A finalidade é tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção de movimento transitivo (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados. Proponho também uma rede hierárquica para a construção com verbos de movimento complementados por um sintagma nominal (SN) objeto direto (OD) e um sintagma preposicionado (SP). Para tanto, examino as dimensões cognitiva e discursivo-pragmática relacionadas a essa codificação. O conteúdo deste trabalho é resultado de pesquisas que vêm sendo desenvolvidas desde o ano de 2010. Inicialmente, como estudante voluntário em projeto de Iniciação Científica (IC), coordenado pela prof.^a Dr.^a Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN), o qual buscou identificar fatores cognitivos e interacionais que motivam a configuração de orações com diferentes tipos semânticos de verbo. No tocante ao meu trabalho, o propósito consistia em investigar a construção de estrutura argumental com verbos de movimento transitivos diretos.

O exame inicial dos dados obtidos na IC conduziu à elaboração de um projeto de mestrado, do qual resultou a dissertação intitulada *A Rede Construcional dos Verbos de Movimento Transitivos Diretos* (CÉSAR, 2015), na qual defendo que os verbos de movimento não podem ser classificados tão somente como intransitivos, acompanhados de um SP que indica a origem e/ou o destino do movimento, como tradicionalmente descrito. A partir da análise de dados de fala e de escrita em contextos reais de uso, identifiquei um número significativo de verbos de movimento acompanhados de um objeto direto (OD) que codifica o participante afetado pela ação verbal, a pessoa ou coisa que se move.

Ao priorizar a investigação sobre o tipo de movimento expresso por verbos dessa natureza e o papel semântico de seus argumentos, bem como o espaço percorrido nas cenas descritas nas orações analisadas, cheguei a uma classificação original para os verbos de movimento transitivos diretos (VMTD). Na pesquisa do mestrado, o VMTD foi, então, definido como um verbo acompanhado de dois argumentos que implica o movimento de um lugar a outro de, pelo menos, uma entidade, que é afetada, já que muda de localização.

Os resultados apresentados na dissertação foram embasados em características sintáticas e semânticas dos VMTD, em especial na investigação do tipo de movimento expresso

pelo verbo e os papéis semânticos de seus participantes. Esse mapeamento de natureza semântico-sintática dos elementos que coocorrem com os VMTD mostrou que o tipo de movimento efetuado pelo referente do *sujeito* (SUJ) pode servir de base para a formulação de uma rede construcional que organiza os padrões em que esses verbos se manifestam, já que o modo como o SUJ realiza a ação contribui para a identificação dos subesquemas de *movimento*, exemplificado em (1), ou de *deslocamento*, em (2):

- (1) Quando chegou lá ... ele tirou o casaco ... que ela tava muito exposta ... tava com uma saia curta ... e uma mini-blusa ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 234*)
- (2) [...] daí o homem levou uma bolsa cheia de dinheiro sem ele saber que na mala dele ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 410*)

Em eventos do subesquema de *movimento*, observei a participação de um *Agente* que não se desloca, codificado pelo SUJ, assim como *ele*, em (1), que move um *paciente*, entidade afetada, codificado pelo OD, a exemplo de *o casaco*. Já no subesquema de *deslocamento*, exemplificado em (2), o Agente e o Paciente, *o homem* e *uma bolsa cheia de dinheiro*, deslocam-se de um lugar a outro. Em outras palavras, o subesquema de *movimento* é representado pelos eventos em que o SUJ manipula o OD com parte de seu corpo, ao passo que o subesquema de *deslocamento* perfila os eventos em que o SUJ se desloca de um ponto a outro, seja por acompanhar seja por transportar algo ou alguém. Essa constatação me permitiu concluir que todo deslocamento constitui uma forma de movimento, mas que nem todo movimento implica deslocamento.

Ainda durante o mestrado, fiz uso da semântica de *frames*, como auxílio à compreensão do processo de organização dos VMTD, a fim de identificar traços de semelhança e distinção entre esses verbos. Para isso, considerei o tipo de movimento corporal, a forma de manipulação dos objetos e os espaços percorridos pelos participantes do evento, como forma de reconhecer os *frames*¹ evocados pelas construções com VMTD.

Ao fim da dissertação, propus, como futuros desdobramentos da pesquisa, avanços como a inclusão dos casos metafóricos em orações com essa classe de verbos. Esse aspecto é agora incluído entre as questões que serão trabalhadas nesta tese, junto a outros desafios que apresento no Plano de Pesquisa, exibido a seguir, como justificativa para o doutoramento.

¹ A noção de *frame* adotada seguiu a concepção teórica de Fillmore (1985), compreendendo esse conceito como um sistema estruturado de conhecimento, memorizado e organizado a partir da esquematização da experiência.

1.1 PLANO DE PESQUISA

Como aprofundamento das pesquisas anteriormente desenvolvidas, esta tese tem por objetivo tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela *construção de movimento transitivo* (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados. Tendo isso em vista, abordo os usos discursivos do *verbo de movimento transitivo*, doravante VMT, propondo uma nova configuração da rede construcional hierárquica do EMT que parte de um esquema superordenado, revelando os *links* dessa construção com outras.

Desse modo, a análise ora empreendida progride no sentido de investigar, com maior detalhe, a semântica dos VMT em termos de *frames*, correlacionando as orações em que esses verbos ocorrem com estruturas cognitivas. Dessa vez, o *frame* é tomado em seu caráter linguístico, concernente à estrutura argumental dos VMT, ao passo que a contraparte cognitiva é vista em termos de *esquemas imagéticos* (EI), ativados pelo material linguístico. Essa correlação entre as realizações da CMT e os EI é um dos aspectos inovadores desta tese. O exame da relação entre diferentes dimensões da CMT, a saber, a semântico-sintática, a cognitiva e a discursivo-pragmática, possibilitou-me chegar a uma classificação própria para os diferentes tipos de EMT, identificando a participação de cada um dos argumentos dos VMT.

Como ponto de partida, (re)direciono a definição de VMT. Inicialmente compreendido como um verbo que implica o movimento de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro, constatei que essa definição pode abarcar outros tipos de verbo que não têm em primeiro plano a ideia de movimento, como veremos na *Subseção 1.2.2*. Restringi, portanto, o tipo de VMT àquele predicado de dois ou três argumentos que implica o movimento total de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro. Nessa nova leitura, a noção de deslocamento de algo ou alguém se configura como a ideia principal. Quanto ao afetamento, este será atribuído ao participante que passa pela mudança de localização, desde que motivada por outro participante do evento.

Dessa forma, interessa-me, agora, investigar a essência do EMT, considerando os possíveis padrões semântico-sintáticos em que os VMT podem ocorrer, dado seu contexto de uso, diferenciando-os pelo conjunto de propriedades cognitivas e discursivo-pragmáticas que exibem, consoante as questões de análise, hipóteses e objetivos, elencados adiante, seguido da fundamentação teórica adotada.

1.1.1 Questões de Análise, Hipóteses e Objetivos

Este trabalho busca responder à seguinte questão geral: quais são os aspectos da configuração argumental dos VMT e dos esquemas cognitivos subjacentes que possibilitam organizar essa classe de verbos em uma rede construcional hierárquica?

Como questões específicas, destaco:

1. Que componentes semântico-sintáticos fazem parte da CMT?
2. Que *frames* podem ser acionados pelas instanciações da CMT?
3. Em que medida os eventos perfilados pelas instanciações da CMT se correlacionam a esquemas imagéticos?
4. Como capturar as variações de sentido reveladas pela participação dos argumentos dos VMT nas diferentes instanciações da CMT?
5. Quais são os *links* de herança que a CMT mantém com outras construções, a exemplo dos metafóricos?

As questões elencadas têm como hipótese geral a existência de uma correlação entre as dimensões semântico-sintática e as dimensões cognitiva das instanciações da CMT que viabilizam a organização dessa construção em uma rede construcional hierárquica.

Quanto às hipóteses específicas, aponto:

1. De um modo geral, a relação semântico-sintática dos argumentos da CMT é, prototipicamente, caracterizada por um Agente SN_{SUJ} , um Paciente SN_{OD} e um Locativo SP.
2. A codificação linguística do EMT evoca *frames* que manifestam diferentes tipos de trajetória que particularizam modos distintos de movimento envolvendo pessoas e/ou coisas.
3. Os esquemas imagéticos de *contêiner* e de *trajetória* estão diretamente associados ao EMT, vinculados a cenas de manipulação e de deslocamento dos participantes da oração.
4. O esquema da CMT licencia uma rede construcional com diferentes subesquemas, os quais podem diferir quanto à polaridade ou à interpretação do evento.
5. A CMT mantém diferentes *links* de herança com outras construções do português.

Com base nas questões formuladas, o objetivo geral desta tese consiste em tratar da relação entre o tipo de evento expresso pela construção de movimento transitivo (CMT) e os esquemas cognitivos por ela acionados que podem instanciar a CMT.

Em termos específicos, tenho como objetivos:

1. Mapear os componentes semântico-sintáticos que fazem parte das instanciações da CMT.
2. Verificar os tipos de *frame* acionados por essas instanciações.
3. Demonstrar a relação entre os eventos perfilados pelas realizações da CMT e os esquemas imagéticos de *contêiner* e de *trajetória*.
4. Elaborar, partindo do esquema da CMT, uma rede construcional que organiza as diversas manifestações dessa construção, acomodando-as em forma de subesquemas e microconstruções.
5. Investigar os *links* de herança que a CMT mantém com outras construções do português do Brasil.

1.1.2 Fundamentação Teórica

A base teórica desta tese conjuga conceitos advindos de três importantes paradigmas: a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a Linguística Cognitiva (LC) e a Gramática de Construções (GC), correntes que compartilham interesses de pesquisa e pressupostos teórico-metodológicos. A seleção desse aparato teórico se justifica pelo empenho em analisar o EMT.

A LFCU² representa uma tendência recente de pesquisa de cunho funcionalista norte-americano (Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, entre outros) desenvolvida pelo Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*³ em interface com a GC. No Brasil, alguns estudos em torno da LFCU podem ser identificados em Oliveira e Cezario (2017), Furtado da Cunha, Silva e Bispo (2013), Oliveira e Rosário (2015) e Furtado da Cunha (2015), entre outros. Segundo esse modelo, a estrutura da língua emerge à medida

² A Linguística Funcional Centrada no Uso corresponde, em termos teóricos, metodológicos e epistemológicos ao que Bybee (2010, 2015) denomina *Usage-based Linguistics*. De acordo com essa autora, a Linguística Baseada no Uso se desenvolveu diretamente do funcionalismo norte-americano e, em certo sentido, é apenas um novo nome para ele.

³ Comunidade acadêmica brasileira, voltada para pesquisa de cunho funcionalista norte-americana, com sedes na UFRJ, UFF e UFRN. Maiores informações em <http://www.discursoeagramatica.lettras.ufrj.br/>.

que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2010, 2011). Nessa linha, busca-se descrever e explicar os fatos linguísticos com base nas funções (semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas) que desempenham nos diversos contextos de uso da língua.

Para a LC, o comportamento linguístico reflete capacidades cognitivas relacionadas aos princípios de categorização, à organização conceptual, aos aspectos ligados ao processamento linguístico e, sobretudo, à experiência humana no âmbito de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais. As noções de *frame* (FILLMORE, 1975, 1977, 1978), de esquema imagético (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987) e de *motion event* (TALMY, 2000) são aqui contempladas, na tentativa de relacioná-las a tipos de movimento, tendo como parâmetro entidades que: se deslocam, manipulam objetos, afastam-se ou se aproximam de um ponto de referência.

Quanto à GC (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), interessa o tratamento das construções de estrutura argumental e dos subesquemas construcionais em que as orações com VMT podem ser acomodadas. Com base na proposta de Goldberg (1995), focalizo a oração como um todo, não restringindo o significado da oração apenas ao verbo. Isso significa que a construção se constitui como um pareamento de forma e significado em que relações gramaticais e semânticas se fundem. Conforme Tomasello (1999), as construções linguísticas podem ser tanto concretas, em termos de palavras e sentenças, quanto abstratas, em termos de categorias gerais e esquemas. Nessa perspectiva, há uma relação intrínseca entre as construções linguísticas e a representação cognitiva dos eventos que essas construções perfilam. Considerada uma teoria do conhecimento linguístico, a GC situa também as construções como um artefato cognitivo que são armazenadas na mente a partir da experiência do falante no uso efetivo da língua (HILPERT, 2014).

1.2 METODOLOGIA DO TRABALHO

A investigação empreendida nesta tese é de natureza dedutiva, uma vez que busco explicar as manifestações oracionais do EMT em dados de uso da língua com base em conceitos da LFCU, da LG e da GC. Em outras palavras, apoiado na literatura linguística específica, procedo à análise dos materiais coletados por meio de pesquisa empírica. O uso desse método, no âmbito deste trabalho, torna possível testar hipóteses, com base em premissas semântico-sintáticas e cognitivas inicialmente traçadas. Seu caráter metodológico parte de uma abordagem mista (quali-quantitativa), com tendência mais voltada ao polo qualitativo. A análise qualitativa

tem como objetivo a interpretação/explicação dos dados de VMT. Com base no resultado dessa análise, proponho uma rede construcional para o EMT, considerando fatores de ordem semântico-sintática e cognitiva envolvidos na configuração das instanciações dessa construção.

Em termos quantitativos, mensuro os dados analisados, organizando-os conforme os padrões estruturais que exibem e as diferenças de sentido que apresentam na descrição de um evento de movimento. Calculo a frequência *type* (tipo) e *token* (ocorrência) dos VMT coletados de *corpora* que retratam situações reais de comunicação.

O método quantitativo é aqui utilizado para computar a frequência de uso dos VMT em diferentes *frames* semânticos perfilados pelos construtos da CMT, mensurando, assim, a produtividade de cada um dos níveis da rede construcional ora proposta. Foi aferida, também, a frequência de subesquemas, microconstruções e construtos sancionados pelo esquema geral.

A intenção ao associar esses dois métodos de pesquisa é obter um número significativo de ocorrências e uma análise pormenorizada da estrutura dos padrões construcionais do EMT. A investigação dos papéis semânticos dos argumentos dos VMT, a identificação dos *frames* e dos EI evocados nas cenas descritas por orações com tais verbos, por exemplo, são práticas do método qualitativo que estabelece relação de dependência com o método quantitativo para validação dos dados empíricos.

1.2.1 Constituição do Banco de Dados

Na perspectiva funcionalista, a frequência de uso dos elementos linguísticos deve ser considerada para descrever o valor desses elementos no uso (MARTELOTTA, 2011). Sigo, em parte, a Linguística de *Corpus*, ao coletar e analisar conjuntos de dados linguísticos com o propósito criterioso de utilizá-los para a pesquisa de um fenômeno da língua (SARDINHA, 2004), nesse caso, a codificação semântico-sintática do EMT no português brasileiro (PB). Para isso, utilizo *corpora* compostos de textos autênticos, ou seja, produzidos em situação de intercomunicação, que não foram criados pelo analista. A coletânea consiste em textos em formato eletrônico, compilada segundo as modalidades de fala e escrita e diferentes graus de formalidade dos falantes. Nessa perspectiva, as orações que fundamentam empiricamente a análise desenvolvida foram coletadas dos seguintes bancos de dados:

- 1 *Corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, 1998);
- 2 Banco de Sentenças da Justiça Federal do Rio Grande do Norte (JFRN, 2016);
- 3 Banco de Dados do Programa de Estudos Sobre o Uso da Língua da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Projeto PEUL/RJ;
- 4 Textos disponíveis *on-line* em sites de revistas de ampla circulação, na modalidade formal, tais como *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, e informais, *Caras*, *Cláudia* e *AnaMaria*.

Esses bancos de dados revelam diferentes graus de formalidade e dividem-se em enunciados de fala (transcritos) e escrita. Em números, a soma de palavras obtidas nesses *corpora* equivale a 452.300⁴, equilibradas quantitativamente entre as duas modalidades. A tabela a seguir detalha essa composição.

TABELA 1 - NÚMERO DE PALAVRAS DO BANCO DE DADOS POR MODALIDADE

CORPORA	FALA	ESCRITA
<i>Corpus</i> D&G Natal	129.800	22.500
Projeto PEUL/RJ	100.000	***
Banco de Sentenças da JFRN	***	100.000
Revistas <i>On-line</i>	***	100.000
Total de Palavras	229.800	222.500
	50,4%	49,6%

Fonte: FURTADO DA CUNHA, M. A (1998); Projeto PEUL/RJ; Banco de Sentenças da JFRN (2016); Revistas *On-line*: *Veja*, *IstoÉ*, *Época*, *Caras*, *Cláudia* e *AnaMaria*.

A seleção desse material se justifica por reproduzir situações reais de uso da língua, o que permite flagrar o objeto de estudo tal como ele se manifesta nas interações sociocomunicativas. A coleta de dados de língua falada e de língua escrita e de dados de registro mais formal e mais informal se justifica pelo objetivo de observar o emprego dos VMT em diferentes circunstâncias de uso.

O *Corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal (FURTADO DA CUNHA, M. A. 1998), doravante *Corpus* D&G/Natal, contempla textos escritos e falados produzidos por alunos da classe de alfabetização (entre 06 e 07 anos), da

⁴ Seguindo a classificação de Sardinha (2000, p. 343-349), a extensão do banco de dados aqui adotado é considerada um *corpus* médio, uma vez que está no intervalo entre 250 mil a 1 milhão de palavras. Abaixo desse valor tem-se o *corpus* pequeno-médio (80 mil a 250 mil palavras), antecedido do pequeno (menor que 80 mil palavras); e acima, o *corpus* médio-grande (1 milhão a 10 milhões de palavras), seguido do *corpus* grande (10 milhões de palavras ou mais).

quarta série do Ensino Fundamental (equivalente ao atual quinto ano do Ensino Fundamental), da oitava série do Ensino Fundamental (nono ano do Ensino Fundamental), do terceiro ano do Ensino Médio e do último ano do Ensino Superior, nos seguintes tipos textuais: narrativa de experiência pessoal, narrativa recontada, descrição de local, relato de procedimento e relato de opinião. Contabiliza um total de vinte informantes, já que cada grau de escolaridade é representado por quatro informantes de ambos os sexos, totalizando 129.800 palavras nos textos orais e 22.500 nos textos escritos⁵. Os estudantes foram orientados a produzir oralmente e por escrito cada um dos tipos textuais, buscando manter na versão escrita as informações reproduzidas pela produção oral para efeitos de comparabilidade entre fala e escrita.

O projeto PEUL, desenvolvido por pesquisadores do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua da UFRJ, estuda a variação e a mudança linguística na cidade do Rio de Janeiro. Busca analisar a língua em uso e suas inter-relações, em termos sociais, estruturais e funcionais. Seu banco de dados contempla textos orais e escritos. Para este trabalho, selecionei transcrições de entrevistas de fala espontânea, denominadas *amostras interacionais*, da *Amostra de Indivíduos Recontactados*⁶, coletadas entre 1999 a 2000. Desse exemplar, separei amostras da modalidade oral de dez informantes de diferentes idades e níveis de escolaridade, totalizando 100.000 palavras, aproximadamente.

O Banco de Sentenças da JFRN é disponibilizado pelo portal da Justiça Federal da 5ª Região, com espaço para a realização de buscas processuais. Filtrei processos judiciais apenas relacionados ao primeiro semestre do ano de 2016, compondo um *corpus* de cinquenta sentenças, com aproximadamente 100.000 palavras, de diferentes classes: ações criminais, execução fiscal, *habeas corpus*, mandado de segurança, entre outras. De um modo geral, os processos dividem-se em Relatório, Fundamentação, Dispositivo ou Conclusão, seguido da sentença. As narrativas e pareceres envolvem participantes de natureza civil, militar e jurídica.

O *corpus* formado com publicações de Revistas *On-line* está distribuído em dois níveis de formalidade: o primeiro contém editoriais mais formais, por tratar de assuntos com maior relevância para o país e/ou para o cenário global, como os das revistas *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, com 50.000 palavras. O segundo é composto por editoriais que abordam assuntos mais

⁵ A maior quantidade de palavras na modalidade falada está relacionada à espontaneidade do falante ao produzir seu discurso, ao passo que o texto escrito é, comumente, mais monitorado e, por isso, mais enxuto.

⁶ O termo *recontactados* é empregado porque os pesquisadores do PEUL/RJ refizeram entrevistas com participantes da comunidade carioca, comparando entrevistas realizadas entre 1999 e 2000 com outras anteriores, de 1983 a 1985, a fim de verificar o comportamento linguístico do falante com o passar do tempo. O intervalo entre as entrevistas varia entre 16 a 19 anos.

populares/cotidianos, como os das revistas *Caras*, *Cláudia* e *AnaMaria*, também com 50.000 palavras. Os textos tratam de assuntos divulgados na década atual.

Dessa forma, capturei ocorrências de orações com VMT em diferentes circunstâncias de uso de falantes nativos do português do Brasil. Os dados de fala do *Corpus D&G/Natal* e do projeto PEUL/RJ representam enunciados com menor grau de monitoramento, uma vez que nos textos orais há maior espontaneidade do falante ao se expressar, ao passo que os textos escritos, extraídos do Banco de Sentenças da JFRN e das Revistas *On-line* de editoras de notícias, em geral revelam uma linguagem mais cuidada. Por sua vez, os dados de escrita do *Corpus D&G/Natal* e das Revistas *On-line* com assuntos do cotidiano exibem um nível intermediário de formalidade.

Destaco a pluralidade de autoria desses *corpora*, uma vez que exibem discursos integrais ou fragmentados de estudantes natalenses, moradores da Cidade do Rio de Janeiro, juízes do Estado do Rio Grande do Norte, jornalistas e pessoas entrevistadas de todo o país advindos de diferentes gêneros, registros ou tipos textuais, o que permite um maior alcance do espectro genérico da língua. Vale lembrar que, neste trabalho, a escolha desses níveis de formalidade funciona apenas como uma estratégia organizacional dos dados, já que não farei um estudo comparativo mais apurado dessas modalidades.

1.2.2 Seleção dos Dados

Após o processo de seleção dos *corpora*, procedi à coleta de orações constituídas por VMT, as quais foram dispostas em planilhas. Os dados foram separados conforme padrões construcionais, em termos semântico-sintáticos, tendo em vista o mapeamento dos diferentes papéis semânticos desempenhados pelos referentes do SN_{SUJ}, do SN_{OD} e do SP. Sequencialmente, identifiquei, em termos cognitivos, de que modo os EI são acionados por esses padrões. Em diversos casos, foi preciso transcrever trechos maiores, e não somente a oração, pela necessidade de resgatar, por exemplo, um referente que não foi explicitado na oração. Na etapa seguinte, contabilizei o número de *types* (tipos de VMT) e de *tokens* (número de ocorrências para cada tipo), conforme o recorte exibido em (3), no qual o verbo COLOCAR aparece como um *type* com dois *tokens*.

- (3) [...] que depois de 2002 retornou várias vezes na fazenda para prestar outros serviços, como colocar água na casa que existia dentro da área. [...] Por fim, aduz que retornou depois no imóvel para colocar os marcos de cimento juntamente com a primeira testemunha. (Banco de Sentenças/JFRN)

Para o refinamento da análise e elaboração de uma classificação mais detalhada acerca da CMT, a pesquisa bibliográfica foi direcionada à leitura de material relativo aos verbos de movimento com a perspectiva de corroborar as hipóteses, até então aventadas, a respeito das categorias e propriedades presentes nas orações com esses verbos. Consultei também as plataformas dos projetos *FrameNet Berkeley*⁷ e do *FrameNet Brasil*⁸, por constituírem modelos de organização de configurações estruturais baseadas em *frames*.

Vale destacar que algumas ocorrências encontradas nos *corpora* foram excluídas da análise. Trata-se de dados que, à primeira vista, pareciam pertencer à categoria dos VMT, mas que se afastam da definição aqui atribuída a esse tipo específico de verbo. Desse modo, não contabilizei os exemplares que têm o sentido de movimento como um fator secundário, a exemplo dos verbos que designam, em primeiro plano, mudança de ângulo ou de estado, expansão de volume, transferência de posse, abandono e condução de veículo, conforme destacado a seguir:

- (4) Ela abriu a porta do apartamento na “hora” e na mesma hora fechou, por isso o seu amante com medo que ela contasse pra polícia e testemunhasse contra ele em um processo que ele já tinha nas costas [...] (*Corpus D&G Natal, Escrita*, p. 298)
- (5) Petit treinou e treinou. Na sua primeira apresentação, caiu dentro de um lago. Na segunda, caminhou entre as torres de Notre-Dame e atraiu muita atenção, inclusive da polícia, que o prendeu. Depois, estendeu sua corda na ponte da Baía de Sydney (feito que o filme não mostra). [...] e pôs-se a planejar a operação altamente legal de invadir as duas torres, estender entre elas um cabo de aço e, sem equipamento de segurança, lançar-se no céu. (*Revistas On-line, Veja*)
- (6) Na quinta parte da entrevista, FHC conta que não tem medo de envelhecer e nunca disfarçou a idade. Ele fala sobre sua relação de estilingue com Lula e sobre o gesto da atual presidente Dilma Rousseff, que, recentemente, lhe enviou uma carta com elogios às realizações dos seus dois governos (1995-1998 e 1999-2002). (*Revistas On-line, Veja*)

⁷ O projeto FrameNet visa construir um banco lexical *on-line* de dados do inglês com base em estruturas semânticas apoiadas em evidências de *corpora*.

⁸ Respectivamente, disponíveis em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>> e <<http://webtool.framenetbr.ufjf.br/index.php/webtool/report/frame/main>>. O projeto FrameNet será tratado mais especificamente na *Subseção 3.2.3*.

- (7) O diretor Robert Zemeckis confiou na competência de Tom Hanks e o deixou sozinho no filme por quase oitenta minutos seguidos. (Revistas *On-line*, Veja)
- (8) Agora, ela ganha forma acabada. Num jogo de esconde-esconde, o leitor se depara com passagens que caberiam bem a um menino nascido numa família dada a modernidades – a mãe teria sido a primeira mulher a fumar e a dirigir um carro em Minas Gerais e o seu pai teria batizado o seu negócio, uma loja que vendia de “alfinetes a automóveis”, de Paris n’ América. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

Os verbos ABRIR e FECHAR, empregados em (4) com o SN_{OD} *a porta*, estão centrados principalmente no processo de mudança de estado, e não no movimento como fator de deslocamento, da porta, que passa de fechada a aberta e depois de aberta a fechada.

Em (5), temos uma ação cujo resultado primário é extensão de volume. Ao estender *uma corda na ponte da Baía de Sydney* ou *um cabo de aço* entre *duas torres* há movimento que não é o foco informacional. A concepção de movimento também é secundária em (6) porque o processo de ENVIAR *uma carta* resulta, primariamente, em transferência de posse desse documento. Ou seja, o movimento está integrado no processo, contudo não constitui a informação principal.

Da mesma forma, em (7), embora o referente do SUJ, *O diretor Robert Zemeckis*, afaste-se do ponto em que o referente do OD, *Tom Hanks*, está para gravação de um filme no estúdio, o principal *frame* acionado nesse tipo de evento é o de abandono, considerando que um participante deixa o outro sozinho. Em (8), o verbo DIRIGIR, seguido de um SN_{OD} veículo, *o carro*, adiciona informação de movimento, mas sua principal natureza centra-se no processo de condução, tendo o deslocamento como consequência.

Esses dados mostram que a concepção de movimento é ampla, podendo, inclusive, funcionar em um escopo secundário. Ou seja, a ação verbal descrita em um determinado evento de movimento pode não ter como domínio principal o movimento em si, mas sim o processo que pode resultar em movimento. Portanto, os verbos que implicam mudança de estado, expansão de volume, transferência de posse, abandono e condução de veículo, nos termos aqui exemplificados, afastam-se do exemplar prototípico de VMT.

Na etapa final da codificação de dados, os *types* que apresentaram três ou menos *tokens* foram excluídos, uma vez que não contribuiriam para o resultado da análise, a exemplo de AVANÇAR, CHUTAR, DEPOSITAR, DERRAMAR, DESCARREGAR, DESLOCAR, ENFIAR, MOVER, MUDAR, SALTAR, SOBREVOAR.

1.3 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. Além desta primeira parte introdutória, o segundo capítulo é composto pelo estado da arte sobre os verbos de movimento, apresentando um mapeamento dos estudos sobre o tema, organizado em três seções: a interpretação de lexicógrafos, de gramáticos e de linguistas.

No terceiro capítulo, discuto o evento de movimento, com base em três importantes abordagens teóricas: a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções. A cada uma delas é dedicada uma seção, nas quais discorro sobre algumas categorias de análise que alicerçam este trabalho. Na seção sobre LFCU, trato das noções de estrutura argumental, transitividade e papéis semânticos. Na seção sobre LC, apresento uma abordagem cognitiva do evento de movimento, evidenciando concepções acerca da categorização e prototipicidade da estrutura do evento de movimento, da noção de *frames* e de EI, e das metáforas conceptuais representadas em orações com VMT. Na última seção, na perspectiva da GC, trato das construções quanto à estrutura argumental, propriedades e *links* de herança.

No quarto capítulo, com base na análise dos dados, proponho uma rede construcional para o EMT, instanciada pelo esquema superordenado [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)], que contempla três subesquemas, apresentados, respectivamente, nas três primeiras seções, e sete microconstruções, distribuídas ao longo das subseções. Na quarta e última seção, apresento a análise quantitativa dos dados. No quinto, e último capítulo, finalizo expondo as conclusões alcançadas com a presente pesquisa.

2 ESTADO DA ARTE: VERBOS DE MOVIMENTO

Antes de apresentar os pressupostos teóricos que alicerçam minha análise voltada para o EMT, faz-se necessário conhecer o Estado da Arte sobre os verbos de movimento, como fonte teórica e auxílio, frente aos objetivos aqui traçados. Dessa forma, a resenha sobre essa categoria verbal parte da interpretação desenvolvida por autores em obras de referência, como dicionários e gramáticas, e em recentes pesquisas na área de linguística. De um modo geral, essa revisão bibliográfica se fundamenta no posicionamento de alguns autores que mencionam a participação dos verbos de movimento, ao tratar da constituição do predicado verbal, ou por aferir-lhes algum tipo de classificação.

Este capítulo está organizado em três seções. A primeira mostra como os lexicógrafos Houaiss (2009) e Borba (2002) conceituam e classificam alguns dos verbos que exprimem movimento. A segunda é dedicada à abordagem gramatical desses verbos, tanto do ponto de vista tradicional – linha adotada por Nicola e Infante (1998), Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2017), entre outros – quanto do ponto de vista do português falado, segundo Castilho (2010), e da gramática descritiva de Perini (2007). Nesta perspectiva ligada à descrição da língua, também listo Azeredo (2008). Por fim, a terceira seção discorre sobre recentes pesquisas linguísticas que apresentam conceitos e classificações relacionadas com os verbos de movimento, em artigos de Meirelles e Cançado (2017) e Ribeiro et al. (2019), e teses de Silva Júnior (2015) e Araújo (2017).

2.1 ACEPÇÕES E CLASSIFICAÇÕES NOS DICIONÁRIOS

Além do processo de conceituação lexical, o tratamento dado aos verbos nos dicionários tem como proposição certificar sua natureza transitiva e os tipos de complementos que por eles são admitidos. Essas propriedades auxiliam na organização das acepções dos verbos, revelando os múltiplos sentidos em que eles podem ser entendidos no discurso. Nesses termos, quanto aos verbos relacionados ao EMT nesta tese, tais como COLOCAR, TIRAR, LEVAR, TRAZER, JOGAR, DEIXAR, ATRAVESSAR, ACOMPANHAR etc, apresento como esses são apresentados pelos lexicógrafos Houaiss (2009) e Borba (2002). Justifico a

escolha por esses verbos pelo fato de que as orações em que eles podem ocorrer evocam distintos *frames* e também por eles representarem alguns dos principais *types* identificados nos *corpora* examinados (cf. *Tabela 2*).

Começo pela versão digital do *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* 3.0 (CD-ROM, 2009), que, de um modo geral, compila os sentidos do verbo com base, principalmente, na transitividade. Esse dicionário, portanto, segue um critério sintático tradicional, comum no ensino escolar, já que a classificação dos verbos nessa obra divide-se em transitivo (direto, indireto), intransitivo, bitransitivo e pronominal. Vejamos, primeiramente, um exemplo de como se dá essa organização na *Figura 1*:

FIGURA 1 - ORGANIZAÇÃO DO VERBETE EM HOUAISS

The screenshot displays the Houaiss dictionary interface. On the left, a search bar contains the word 'colocar', and a list of related words is shown. The main area displays the entry for 'colocar', which is a verb. The entry is organized into numbered sections (1-11) based on syntactic categories. Each section includes a brief definition and one or more example sentences. The categories are: 1. bitransitivo e pronominal; 2. bitransitivo e pronominal; 3. bitransitivo; 4. transitivo direto; 5. transitivo direto; 6. bitransitivo; 7. transitivo direto e bitransitivo; 8. transitivo direto; 9. bitransitivo e pronominal; 10. transitivo direto; 11. transitivo direto e pronominal. At the bottom, there are tabs for 'Sinônimos/Variantes', 'Antônimos', and 'Etimologia', with the text 'ver sinonímia de acomodar, encaixar, expor e situar' visible.

Fonte: HOUAISS, Antônio. *Colocar*. In: *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* 3.0, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. CD-ROM.

Observe que as diferentes acepções de COLOCAR, na *Figura 1*, são enumeradas e especificadas a partir do tipo de transitividade do verbo: *bitransitivo*, *pronominal* e *transitivo direto*. Logo, identifica-se que esse verbo pode apresentar mais de uma classificação quanto à transitividade, ainda que possa ter o mesmo sentido, a exemplo da acepção 1. <botar, situar (algo, alguém ou a si mesmo) [em algum lugar, [...]]; pôr(-se)>, pois na oração *c. o pé no estribo* o verbo é bitransitivo e em *c.-se entre os primeiros classificados* é bitransitivo e pronominal.

Os verbos de movimento podem apresentar diferentes tipos de valência, esta conceituada por Houaiss (2009) como o “conjunto dos argumentos que entram na construção de um sintagma ou sentença, e cujo número, tipo e função são determinados por um predicator”, geralmente um verbo. Ou seja, o verbo de movimento pode se combinar com diferentes argumentos na oração, desde um, caso dos intransitivos, até três argumentos, os trivalentes.

Segundo o autor, o verbo intransitivo se caracteriza por não aceitar complemento predicator (interno), pois já possui significação completa no contexto em que é empregado. Essa classe não faz parte dos objetos de análise deste trabalho, uma vez que não é um VMT. Já o verbo transitivo requer, em sua significação, a presença de um complemento direto no seu sintagma verbal (SV), assim como os VMT aqui analisados. Vejamos:

(9) abriu a gaveta e tirou os óculos. (HOUAISS, 2009)

O verbo TIRAR, empregado com o sentido de “mudar (alguém ou algo) de lugar, fazendo(-o) sair de onde está ou fica; retirar”, como em (9), é transitivo direto, pois o SN_{OD} *os óculos* completa o significado da oração.

No que diz respeito ao verbo transitivo indireto, ele necessita de um objeto indireto (OI) para formar uma frase com sentido completo. Houaiss ilustra esse caso com o verbo LEVAR, conforme o exemplo (10), no qual é empregado com o sentido de “dar acesso a; conduzir”, cujo OI, segundo Houaiss, é *às estrelas*. Trata-se de uma configuração comum aos verbos de movimento, contudo não contemplada nesta tese, dada a ausência do OD.

(10) essa é a estrada que leva às estrelas. (HOUAISS, 2009)

Há ainda o verbo bitransitivo que se relaciona, simultaneamente, a dois complementos: um OD e um OI, como em (11).

(11) deixe o livro na mesa. (HOUAISS, 2009)

Usado com o sentido de “pôr, colocar (em algum lugar)”, na concepção desse lexicógrafo, o verbo DEIXAR é bitransitivo por ser constituído na oração de um OD, *o livro*, e de um OI, *na mesa*.

Tais exemplos mostram que verbos que transmitem a ideia de movimento podem ter diferentes valências. Vale ressaltar que alguns complementos classificados como OI por Houaiss, constituídos de preposição + nome indicativo de lugar, a exemplo de *na mesa*, em (11), neste trabalho são tomados como SP, com papel semântico de Locativo.

Agora, apresento a abordagem desses verbos no *Dicionário de usos do Português do Brasil*, obra organizada por Borba (2002), no qual são descritas as relações semânticas que cada verbo estabelece com os seus complementos.

Tendo como base a obra *Uma Gramática de Valências para o Português* (BORBA, 1996), o *Dicionário* de Borba subcategoriza os verbos segundo seu tipo semântico. No que diz respeito aos verbos de movimento, objeto desta pesquisa, eles são identificados na referida obra como verbos de ação ou de ação-processo. A figura a seguir captura acepções relacionadas a esses tipos semânticos.

FIGURA 2 - ORGANIZAÇÃO DO VERBETE EM BORBA

acompanhar *V* ★ [Ação-processo] [Compl₁: nome não-animado. Compl₂: com+nome não-animado] 1 fazer juntar; aliar: *o cabo acompanhava as palavras com o gesto* (PN); *E já acompanhava aquele olhar com um sorriso* (S) ★ [Ação] [±Compl₁: nome humano. ±Compl₂: de lugar] 2 ir na companhia de; seguir: *Acompanhar-te-ei até a porta* (VP); *Iráide acompanha a filha ao cemitério* (CE); *Vai, minha filha, acompanha o seu noivo* (DEL); *Entram os guardas acompanhando o carcereiro* (BA) [Compl: nome animado] 3 fazer companhia a: *Vim acompanhando Sérgio* (SAM); *Era um menino acompanhando a avó* (RI) 4 seguir: *cachorros sarnentos acompanhavam seus donos* (Z); *Ela acompanha o marido* (ES) [Compl₁: nome animado. Compl₂: em+nome abstrato] 5 juntar-se a alguém para executar alguma coisa: *Pôs-se a acompanhar a senhoritinha no passo e na dança* (FF) [Compl: nome não-animado] 6 executar ao mesmo tempo que: *Rita acompanha o ritmo com o corpo* (FA); *Rodrigo sentiu vontade de cantar acompanhando a música* (TV) 7 seguir com os olhos; seguir com atenção: *Mariana acompanhava minhas ações* (OLA); *Jenner acompanhava-lhe os movimentos* (ALE) [Compl₁: nome. Compl₂: a/em+nome concreto não-animado] 8 executar: *aparece Orfeu acompanhando no violão um choro que se executa longe do morro* (OC) [Compl: nome concreto não-animado] 9 seguir o desenvolvimento de: *estou acompanhando uma novela* (CT) [Pronominal] [Compl: de+nome humano] 10 fazer-se acompanhar: *Tamanho era o luxo de escravos que alguns senhores se acompanhavam de um para levarem o chapéu, outro o capote, um terceiro a escova* (CB) ★

Fonte: BORBA, Francisco da S. *Acompanhar*. In: *Dicionário de usos do Português do Brasil*, São Paulo: Ática, 2002. p. 22.

Observe que os verbos são organizados, nesse dicionário, inicialmente pelo tipo semântico. O verbo ACOMPANHAR, conforme identificado na *Figura 2*, pode ser de [Ação-processo] ou de [Ação], com as acepções enumeradas e seus complementos expressos entre parênteses e em itálico. Os verbos de [Ação-processo] expressam uma mudança de estado ou de condição levada a efeito por um Sujeito Agente, causativo ou instrumental, conforme os exemplos “*o cabo acompanhava as palavras com o gesto*” e “*E já acompanhava aquele olhar com um sorriso*”, na acepção 1, cujo sentido é “fazer juntar; aliar”.

Os verbos classificados como de [Ação] por Borba (2002, p. viii) expressam uma atividade associada a um ser Agente, como na segunda acepção atribuída ao verbo ACOMPANHAR, “ir na companhia de; seguir”: “*Acompanhar-te-ei até a porta*”; “*Iraíde acompanha a filha ao cemitério*”. A ação descrita no exemplo focaliza os argumentos Agente *eu* (\emptyset) e *Iraíde*, e Paciente “te” e “a filha”, respectivamente.

Nesta tese, o verbo ACOMPANHAR é analisado apenas em sua segunda acepção (“ir na companhia de; seguir”), uma vez que o significado de “fazer juntar/aliar” não tem o sentido do verbo de movimento prototípico que aqui estabeleço.

Quanto aos tipos de complemento que os verbos podem tomar, a exemplo de [*nome não-animado*], [*nome humano*] e [*de lugar*], destacados na *Figura 2*, vale lembrar que o *Dicionário* de Borba tem por objetivo “fornecer elementos de avaliação das propriedades sintático-semânticas do léxico” (BORBA, 2002, p. vi). Assim, para cada verbo e suas acepções, o autor lista os tipos de complemento que podem acompanhá-lo. Nessa obra (p. VIII), o complemento (*Compl*) é

sempre apresentado pela sua estrutura sintática (*de+nome; em+nome/oração; por+nome (animado); etc.*), podendo vir precedido do sinal \pm , significando que ele pode estar expresso (+) ou omitido (-). Quando a forma do complemento é muito diversificada, decidiu-se apresentá-lo pelo seu valor: *Compl de lugar, de direção, de origem, de percurso, de modo, de tempo e de causa.*

Observemos alguns desses complementos a partir de exemplos que possam ser associados ao EMT. O primeiro deles é o [*Compl: nome*] que corresponde à classe dos substantivos, subclassificados, segundo Borba (2002: VIII), em Concretos e Abstratos. Os primeiros são entendidos “como aqueles que têm referente no mundo dos objetos (tesoura, ovo)”. Já os segundos, “como aqueles que, não tendo um referente independente, constituem-se em atos, eventos, estados relacionados a seres, coisas ou estados de coisas (corrida, crença, lerdeza)”.

Os seguintes exemplos apresentam complementos dessa natureza (BORBA, 2002):

- (12) Logo após, com certo garbo, Francesco trouxe os patos. (p. 1571)
- (13) Coloca os brincos na altura das orelhas. (p. 353)
- (14) O Governo errou quando atravessou a livre negociação dos salários. (p. 155)

O autor classifica os SN *os patos*, *os brincos* e *a livre negociação dos salários* como [compl: nome]. De modo mais específico, há os [Compl: nome concreto] que podem ser animados, subclassificados em humanos e não-humanos, a exemplo de *os patos*, em (12); ou não-animados, *os brincos*, em (13). Acerca do [Compl: nome abstrato], este pode indicar, segundo Borba (2002: VIII), ação, processo ou estado. Observe que o SN *a livre negociação dos salários*, em (14), faz parte desse tipo de complemento, ao tratar do *processo* de negociação.

Outro tipo particular de [compl: nome] arrolado pelo autor, importante para os VMT, é o [Compl: nome locativo]. De modo geral, esse complemento faz referência a nomes que designam uma determinada localização e não são precedidos por preposição, como em:

- (15) A empregada atravessou o terreiro alarmando as galinhas (p. 155)

Em (15), o verbo ATRAVERSSAR, usado com o sentido de “*percorrer do começo ao fim, cruzar, transpor*”, é seguido do SN *o terreiro*, [Compl: nome locativo] que evidencia o espaço percorrido pelo Agente (*a empregada*). Nesta tese, classifico esse tipo de OD como Locativo, que corresponde imageticamente ao Caminho do percurso.

Nessa perspectiva de espaço, há também o [compl: de lugar] que é precedido por uma preposição e, como o próprio nome diz, indica um local. Os SP *sobre o ombro*, em (16), e *ao cemitério* (17) são exemplos dessa estrutura, (BORBA, 2002):

- (16) Jogou o paletó sobre o ombro (p. 924)
- (17) Iraíde acompanha a filha ao cemitério (p. 22)

O verbo JOGAR – usado com o sentido de *lançar, atirar, arremessar* – tem dois complementos: um [Compl: nome], *o paletó*, e um [Compl: de lugar], *sobre o ombro*. Este se distingue do [Compl: nome locativo] por ser preposicionado. O complemento *sobre o ombro* remete a áreas do corpo humano e funciona como [Compl: de lugar]. Em (17), o complemento

do verbo ACOMPANHAR – usado com o sentido de *ir na companhia de* – é um [*compl: nome humano*] (*a filha*), seguido de um [\pm *Compl: de lugar*] expresso pelo SP *ao cemitério*. O autor adota o símbolo (\pm) para indicar que o complemento pode estar expresso ou omitido na oração.

Vale ressaltar que OD e OI não são os únicos tipos de complemento exigidos pelos verbos. Alguns verbos que expressam movimento, por exemplo, requerem, conforme o discurso, um complemento de lugar, como em (16). Portanto, trata-se de um complemento imprescindível a esses verbos que é, porém, comumente apresentado pelas gramáticas tradicionais como adjunto adverbial da oração, ou seja, é visto como dispensável ao sentido do verbo.

Ainda relacionado a movimento, há o [*Compl: de direção*], que identifica o local para onde é direcionado o [*Compl: nome*], como se pode ver em (18).

(18) Pegou o rapaz e levou-o até a sua rede. (BORBA, 2002, p. 954)

Até a sua rede corresponde ao [*Compl: de direção*]. Completa o significado da oração com o verbo LEVAR – usado com o sentido de *conduzir* –, identificando o ponto para onde o referente do [*Compl: nome*], *o* (= *o rapaz*), é levado. Na perspectiva desta pesquisa, o sintagma desse tipo é classificado semanticamente como alvo do movimento.

Para revelar o local de onde algo é retirado ou movimentado, o autor apresenta o [*Compl: de origem*], como *da travessa* em (19), que identifica o ponto de onde o [*Compl: nome*] *um pastel* foi removido. O complemento de origem subcategoriza o verbo TIRAR, usado com o sentido de *fazer sair; retirar*.

(19) O moleque tirou um pastel da travessa. (BORBA, 2002, p. 1543)

No que diz respeito à comparação entre os dois dicionários, o *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* e o *Dicionário de usos do Português do Brasil*, no que se refere aos verbos de movimento COLOCAR, TIRAR, LEVAR, TRAZER, JOGAR, DEIXAR, ATRAVESSAR e ACOMPANHAR, é possível afirmar que Houaiss (2009) focaliza unicamente o aspecto (in)transitivo desses verbos, enquanto Borba (2002) apresenta uma descrição mais detalhada, destacando o tipo sintático-semântico do verbo e os seus complementos.

2.2 ABORDAGEM DAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

A subclasse dos verbos de movimento não é tratada de modo particular pelos gramáticos. Quando abordados, esses verbos são comumente analisados como intransitivos, a exemplo da *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*, de Nicola e Infante (1998, p. 227), que faz uma única referência ao verbo de movimento quando estabelece as regras para o uso da crase: “Em construções do tipo ‘irei à Bahia’, pode-se permutar um verbo que indica movimento por outro que indique localização: Fui à Bahia, Estive na Bahia, Fui a Manaus, Estive em Manaus”.

De modo semelhante, com foco no emprego da preposição, os autores da *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 2009), da *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (ROCHA LIMA, 2011) e da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, 2017) compartilham a ideia de que verbos que designam movimento têm complementos preposicionados, mais precisamente um complemento de *lugar*, codificado, geralmente, pela sequência *preposição + SN*. Em orações como:

(20) O atleta correu até a chegada. (BECHARA, 2009, p. 440)

(21) Irei a Roma. (ROCHA LIMA, 2011, p. 311)

Bechara classifica o complemento do verbo CORRER *até a chegada*, em (20), como adjunto adverbial que marca a designação circunstancial de *lugar*. Para o autor, há vários matizes de ideia locativa, tais como *lugar onde, direção, ponto de partida, lugar por onde, proximidade, distância* etc., que respondem a perguntas como *donde, por onde, aonde, até onde* etc. Rocha Lima (2011, p. 311) atribui a esse tipo de constituinte a designação de *Complemento circunstancial*: “é um complemento de natureza adverbial – tão indispensável à construção do verbo quanto, em outros casos, os demais complementos verbais.”, como *a Roma*, em (21). Rocha Lima destaca, ainda, que o verbo IR, dado seu valor de direção, exige a preposição *a* para ligá-lo ao termo locativo (*Roma*), formando uma espécie de bloco: ir a + lugar.

Por sua vez, Cunha e Cintra (2017, p. 573) dizem que “o *objeto indireto*, que em geral é introduzido pelas preposições *a* ou *para*, corresponde a um ‘movimento em direção a’”, uma vez que há coincidência na base significativa dessas preposições. E reforçam que a “relação que se estabelece entre palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento”. Essa ideia está presente em:

(22) Todos saíram de casa. (CUNHA E CINTRA, 2017, p. 571)

A preposição *de*, em (22), “relaciona palavras à base de uma ideia central: movimento de afastamento de um limite”, nesse caso, *de casa*. Nos termos dos autores, *a Roma*, em (21), expressa um movimento de aproximação a um limite.

Alguns gramáticos tecem considerações sobre verbos transitivos que indicam movimento. Entre eles, temos Azeredo (2008), na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, e, novamente, Bechara (1977; 2009), *Moderna Gramática Portuguesa*. O primeiro estabelece relação entre o verbo de movimento e o OD, ao distribuir os *verbos transitivos diretos* em seis subclasses, em que a primeira, *subclasse 1*, “Compreende os verbos de ação/movimento em geral, que são complementados, em seu sentido básico e próprio, por substantivos referentes a seres concretos, e em acepções derivadas por substantivos de referência bem variada”. (AZEREDO, 2008, p. 220). Para exemplificar essa subclasse, Azeredo apresenta uma oração com o verbo LEVAR:

(23) O ônibus levava trinta passageiros.

Uma grande variedade de SN concretos, afirma o autor, como o OD “*trinta passageiros*”, em (23), pode completar o sentido desse verbo, uma vez que eventos que designam transporte podem ter como entidade movida um leque diverso de pacientes.

Ao falar dos sentidos do OD, Bechara – assim como Azeredo – estabelece relação entre esse complemento e o verbo de movimento. O autor assume que o verbo transitivo necessita de complemento para integrar sua predicação, podendo ser direto ou indireto. Quanto ao OD, estes podem expressar até quatro sentidos, sendo o quarto relacionado aos verbos de movimento, exprimindo: “o espaço percorrido ou o objetivo final”. Alguns exemplos expostos por (BECHARA, 1977, p. 206-7):

(24) atravessar o rio.

(25) correr os lugares sacros.

(26) descer a montanha.

Assim como Cunha e Cintra (2017) listam o emprego de algumas preposições, Bechara (2009, p. 258) diz que a preposição *a* “introduz numerosas circunstâncias”, tais como termos

de movimento ou extensão. Como exemplo, cita uma oração com o VMT LEVAR, que tem como complemento *ao Banco do Brasil*, indicando movimento.

(27) Nesse mesmo dia levei-os *ao Banco do Brasil*. (grifo do autor)

Igualmente focado no uso das preposições, Castilho (2010, p. 593-4) menciona com maior frequência usos de preposições relacionados aos verbos de movimento. Em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, o autor identifica sete classes⁹ sintático-semânticas de verbos que selecionam preposições do tipo *a* e *para*. A primeira delas corresponde aos *verbos de movimento/direção*. Segundo o autor, “esses verbos envolvem o deslocamento da *figura* em direção a um *ponto de referência*”, como *à escola* e *para o Guarujá* em:

(28) A criança deve ir o mais cedo possível à escola, entendeu?

(29) seguimos brevemente para o Guarujá, onde vamos passar uns quinze dias.

A *figura* é “representada pelo sujeito verbal, ou seja, é o sujeito que se desloca ao *ponto de referência*”, como argumento de verbos como “ir, vir, chegar, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se etc.”. Assim, Castilho também não trata, especificamente, do verbo de movimento transitivo direto, como se pode ver nessa seleção de verbos, tradicionalmente classificados como intransitivos.

Em outra parte de sua gramática, Castilho trata dos *complementos oblíquos*. Estes argumentos são “proporcionais à expressão preposição + pronome pessoal/ advérbio dêitico / demonstrativo neutro”, “não suscitam a concordância do verbo”, porém apresentam uma forte conexidade sintática com ele (CASTILHO, 2010, p. 298-299). Segundo o autor, os complementos oblíquos ocorrem mais frequentemente com verbos de movimento e desempenham o papel de *locativo*, conforme os seguintes exemplos (CASTILHO, 2010, p. 305):

(30) João pôs o livro na estante.

(31) Saio de casa mal nasce o dia e volto ao recesso do lar (como diz o outro) morto de cansaço.

⁹ O autor se baseia nos estudos de Kewitz (2007) para demonstrar a existência de sete classes de verbos que selecionam as preposições *a* e *para*. 1) verbos de movimento/direção, classe aqui citada; 2) verbos de transferência; 3) verbos de comunicação; 4) verbos de criação/produção; 5) verbos de complemento final; 6) verbos de aproximação/união/semelhança e 7) outros verbos.

Mesmo apresentando um exemplo que contém um VMT, como (30), com o verbo PÔR, Castilho não faz referência à participação do OD, nem identifica os VMT como uma subclasse dos verbos de movimento. Isso é evidenciado em sua obra ao afirmar que a estrutura sintagmática “[SN^{sujeito} + V + SP/SN^{obliquo}] integra diversas classes semânticas, entre elas a de verbo de movimento” (2010, p. 335). Trata-se, portanto, de uma estrutura com apenas dois argumentos. Quando descreve sentenças triargumentais, com um argumento externo e dois argumentos internos, como “[SN^{agentivo} + V + SN^{paciente} + SP^{alvo}]”, em (31), o autor então utiliza o verbo de movimento COLOCAR (CASTILHO, 2010, p. 336):

(32) Luís colocou as malas no carro.

É importante destacar que a *Nova Gramática do Português Brasileiro* de Castilho se sobressai em comparação às outras aqui mencionadas, na medida em que correlaciona verbos de movimento à análise da semântica das preposições. O autor sustenta, por exemplo, que os “verbos de movimento físico e de movimento fictício, tais como *ir, vir, chegar, partir, entrar, sair, viajar* etc., ocorrem com preposições do eixo horizontal”. O eixo horizontal é constituído de um ponto inicial, um ponto medial e um ponto final, ilustrado por Castilho (2010, p. 597-8) com os seguintes exemplos:

(33) Mudei a estante da sala para o escritório.

(34) Então eu os levo para a escola... e vou trabalhar.

Segundo o autor, os verbos que indicam o ponto inicial do percurso, tais como *retirar, conduzir, carregar, levar, transferir, mudar* etc., “exemplificam o movimento causado, em que um participante da cena acarreta o deslocamento da FIGURA”, a exemplo de (33). Nessa oração, o SN *a estante* representa a figura mencionada pelo autor e o complemento *da sala* indica o ponto inicial do movimento.

As preposições mais comuns que expressam o ponto final do percurso são *a, em, para, até e contra*. Para Castilho, esses tipos de preposição coocorrem com verbos de movimento cujo sujeito é controlador do evento, a exemplo de *eu*, em (34), atribuindo à figura (= *os*) um ponto final de um percurso, nesse caso *para a escola*. Já o ponto medial diz respeito ao espaço intermediário entre o ponto inicial e o ponto final, a exemplo do trajeto entre a sala e o escritório da cena expressa em (33).

Do ponto de vista semântico, a *Gramática Descritiva do Português* (PERINI, 2007) traz uma sucinta contribuição quanto aos papéis semânticos que os argumentos dos VMT podem desempenhar. Com relação ao ponto final do movimento, Perini o define como *meta*. “Se temos um verbo que exprime ‘movimento’, devemos ter uma Meta; mas essa Meta pode ser representada sintaticamente de diversas maneiras”: relacionada a locativos, pode ser expressa pelo OD, como (35), ou por *em* + SN, em (36), (PERINI, 2007, p. 254).

(35) Os alpinistas atingiram o pico.

(36) Chegamos em São Paulo.

Quando se trata de verbos de movimento, vimos que seus complementos preposicionados são sempre focalizados, mas quase nunca os autores aqui resenhados fazem referência ao VMT e, conseqüentemente, ao papel do argumento OD.

Por fim, à exceção de Castilho, observo que os verbos de movimento transitivos não constituem objeto de descrição nas obras resenhadas. O que se destaca nessas gramáticas é o interesse dos autores em mostrar que os verbos de movimento são integrados, principalmente, por complementos preposicionados ou circunstanciais.

2.3 PESQUISAS LINGUÍSTICAS

Na seção anterior, vimos o posicionamento de alguns autores sobre os verbos de movimento em suas gramáticas, algumas inclusive formuladas por linguistas, como nos casos de Castilho (2010) e Perini (2007). Agora, recorro a trabalhos linguísticos mais recentes, como artigos e teses, que se relacionam ao tema deste estudo.

Ao investigarem a propriedade semântica “movimento” na representação lexical dos verbos do PB, Meirelles e Caçado (2017, p. 425-6) assumem que definir “o conceito de movimento não é uma tarefa fácil”. Para elas, não há preocupação por parte de muitos autores em definir os verbos de movimento, uma vez que estes limitam-se, consensualmente, apenas, a atribuir essa nomenclatura a verbos como *correr, sair, levantar, lançar, balançar*, entre outros.

Essa definição pode ser encontrada em duas teses. Na primeira, Silva Júnior (2015, p. 30) propõe-se a elaborar, com base no modelo do Léxico Gerativo, um sistema de representação dos verbos de movimento da língua portuguesa, tendo como princípio a noção de translação. Os verbos de translação “são aqueles que, ao fazer um movimento, criam concomitantemente

uma mudança de lugar”. Assim, o autor aponta para a existência de uma “dicotomia de verbos de movimento que pressupõem translação e verbos de movimento que não a pressupõem”. Para ele, geralmente, os verbos de movimento denotam o deslocamento de um objeto e são distribuídos em duas classes: i) movimento com translação, subdividida em verbos de movimento e trajetória (verbos do tipo *chegar*) e verbos de movimento de modo e trajetória (verbos do tipo *correr*) e ii) movimento sem translação, que contém os verbos de movimento e modo (verbos do tipo *balançar*).

Na segunda tese, agora de base cognitivo-funcional, Araújo (2017, p. 14) define verbo de movimento como “aquele cujo significado implica em uma mudança de localização física de, pelo menos, um de seus argumentos, ou seja, na cena evocada pelo verbo ocorre necessariamente uma mudança de localização espacial de um dos participantes dessa cena”. A pesquisa o levou à conclusão de que os verbos de movimento são divididos em três classes, tendo como critério “a relação gramatical exercida pelo termo cujo referente muda de localização”. São elas: verbos de deslocamento (*ir, chegar*); verbos de causação de movimento (*colocar, pegar*) e verbos de movimento conjunto (*levar, trazer*).

Ressalto que esta tese se diferencia dos trabalhos de Silva Júnior (2015) e de Araújo (2017) tendo em vista que circunscrevo minha análise aos verbos de movimento transitivos, sob uma perspectiva funcionalista construcional.

Retomando Meirelles e Cançado (2017, p. 438), as autoras descrevem os verbos de movimento do PB, dividindo-os em cinco tipos. Interessa-me, aqui, o quarto tipo, o qual está relacionado ao meu objeto de análise: *verbos de movimento causado*. Essa classe é composta por:

verbos como *lançar, enviar e extrair*, que denotam o desencadeamento de movimento por uma trajetória e que possuem três argumentos, sendo um externo (Agente), e dois internos: um Tema, que é levado a se mover por uma trajetória, e um sintagma preposicionado, que denota um ponto (Fonte, Meta) da trajetória percorrida pelo Tema. (MEIRELLES; CANÇADO, 2017, p. 438).

Note-se que há uma diferença terminológica na atribuição dos papéis semânticos: o argumento interno que as autoras identificam como *tema* é chamado de *paciente* neste trabalho. Com relação ao verbo ENVIAR, este não é considerado aqui como um verbo de movimento causado, uma vez o seu sentido central indica, primeiramente, transferência de posse.

Sob o enfoque da GC, o trabalho de Ribeiro et al. (2019) se restringe à construção de movimento causado. Os autores levam em conta a natureza da transferência realizada, avaliando

a distância ou proximidade semântica entre os processos indicados pelos verbos recrutados por essa construção. Esse detalhamento envolve doze padrões que partem da estrutura “X causa Y a mover-se em Z” e “X causa Y a mover-se para/a Z”. Entre os tipos de transferência apresentados pelos autores, reporto-me a quatro deles¹⁰, por guardarem maior relação com os VMT aqui analisados: *transferência neutra*, *transferência para alvo tridimensional + força*, *transferência com movimento balístico* e *transferência por condução*, conforme ilustrados a seguir (RIBEIRO et al., 2019):

- (37) Um homem colocou flores com uma bomba no altar-mor da antiga basílica. (p. 11)
- (38) Goiano Doido meteu uma faca numa criancinha. (p. 13)
- (39) A polícia lançou bombas de gás lacrimogêneo no prédio da associação de advogados. (p.15)
- (40) Além de relatórios com desenhos sobre tática, eles trarão vídeos dos jogos para os EUA. (p. 16)

Em (37), a transferência é neutra porque o movimento não implica o uso de força para colocar *flores com uma bomba no altar-mor da antiga basílica*. Em (38), devido ao emprego de força física, conforme os autores, o verbo *meter* é caracterizado como transferência para alvo tridimensional + força. Em (39), a transferência se dá com movimento balístico, o qual ocorre “quando está especificado no *frame* do verbo um deslocamento em alta velocidade”, como o ato da polícia ao lançar gás lacrimogêneo. Por último, em (40), há transferência por condução, que “ocorre quando o objeto chega ao alvo por meio de assistência prestada pelo agente”, a exemplo dos vídeos dos jogos levados para os EUA por *eles*¹¹.

Observe que esses trabalhos investigam manifestações de verbos de movimento intransitivos ou de verbos que implicam movimento causado e suas subclassificações. Algumas dessas classificações abrangem um conceito muito amplo de movimento que se afasta do conceito de VMT adotado nesta tese: “predicados de dois ou de três argumentos que implicam o movimento total de, pelo menos, uma entidade de um lugar a outro”. Veremos, no *Capítulo*

¹⁰ Os outros oito tipos detalhados pelos autores são: 1) transferência com instrumento (aplicar, injetar); 2) transferência com acréscimo (acrescentar, agregar); 3) transferência para alvo tridimensional (depositar, introduzir); 4) transferência para alvo massivo (mergulhar); 5) transferência por reprodução (publicar, projetar); 6) transferência com difusão (semear); 7) transferência com fixação (fixar, grudar) e 8) transferência por comunicação verbal (condenar, nomear).

¹¹ Para efeitos de comparação com esta tese, veremos que os exemplos destacados em (37-39) fazem parte da Microconstrução de Manipulação, ao passo que o dado (40) se enquadra na Microconstrução de Transporte, ambos do Subesquema de Movimento Causado, conforme veremos na *Seção 4.1*.

4, que os VMT fazem parte de um esquema construcional abstrato [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)], que se manifesta em subesquemas e microconstruções, segundo os papéis semânticos de seus argumentos. Esses padrões são nomeados conforme os *frames* que perfilam, sem limitar-se apenas aos eventos que semanticamente se configuram como movimento causado.

Este capítulo buscou apresentar trabalhos que, de algum modo, focalizam os verbos de movimento. Para tanto, concentrei-me em três tipos de abordagem, analisando as descrições de dicionaristas, gramáticos e linguistas. Trata-se de trabalhos basilares que instigaram importantes questões para a análise do evento de movimento que empreendo nesta tese.

Terceiro Capítulo

3 O EVENTO DE MOVIMENTO: ABORDAGENS TEÓRICAS E CATEGORIAS ANALÍTICAS

Este capítulo discute três abordagens – a saber, a Linguística Funcional Centrada no Uso, a Linguística Cognitiva e a Gramática de Construções – e algumas categorias de análise que alicerçam este trabalho. Tais categorias, embora subdivididas aqui por associação à determinada abordagem, de algum modo, dialogam entre si, sendo, em certo sentido, comuns às três perspectivas. Toda a discussão está voltada para a tentativa de compreender o uso dos verbos de movimento transitivos, em termos semântico-sintáticos e cognitivos.

A primeira seção discorre sobre noções amplamente focalizadas pela LFCU: estrutura argumental, transitividade e papéis semânticos. Busco demonstrar como tais noções se aplicam à análise das orações com os VMT.

A segunda seção apresenta uma abordagem acerca do evento de movimento, sob a ótica da LC, enfatizando, em sua primeira subseção, categorização e prototipicidade. Nas subseções seguintes, são feitas algumas reflexões sobre a estrutura do evento de movimento, a noção de *frames* e de EI, relacionando-as ao objeto de análise desta tese. A última subseção trata das metáforas conceituais representadas em orações com VMT.

A última seção destaca a abordagem da GC, que se conjuga perfeitamente às outras duas expostas neste capítulo. Trata-se do conceito de *construção* e de suas propriedades e dos *links* de herança entre construções, tendo como ponto central os VMT.

3.1 A LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

O rótulo *Linguística Funcional Centrada no Uso* é utilizado pelos pesquisadores do Grupo de Estudos Discurso & Gramática para identificar uma tendência recente de pesquisa de cunho funcionalista (FURTADO DA CUNHA; BISPO; SILVA, 2013; FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013). Essa abordagem é resultado da união das tradições desenvolvidas pelas pesquisas de representantes da Linguística Funcional Clássica, como Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe, Joan Bybee, Elizabeth Traugott, Bernd Heine, entre

outros, e representantes da LC, dentre os quais destaco George Lakoff, Ronald Langacker, Adele Goldberg, John Taylor, William Croft¹².

Essas duas correntes compartilham vários pressupostos teórico-metodológicos, como a rejeição à autonomia da sintaxe, a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a concepção de língua como um complexo mosaico de atividades cognitivas e sociocomunicativas, o posicionamento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural etc. De acordo com essa visão, as línguas são moldadas pela interação complexa de princípios cognitivos e funcionais que desempenham um papel na mudança linguística, na aquisição e no uso da língua (FURTADO DA CUNHA; BISPO, 2013).

O princípio básico da LFCU consiste no fato de que a estrutura da língua emerge à medida que esta é usada (BARLOW; KEMMER, 2000; BYBEE, 2016 [2010]). A língua é, pois, vista como um sistema adaptativo complexo, uma estrutura plástica, constituída, ao mesmo tempo, de padrões mais ou menos regulares e de outros que emergem, devido a necessidades cognitivas e/ou comunicativas dos falantes (BYBEE, 2016 [2010]). Sendo assim, as práticas discursivas dos usuários no cotidiano social motivam e modelam tanto a regularidade como a instabilidade da língua (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007).

De acordo com essa perspectiva, a gramática reflete a atuação de aspectos sociocomunicativos e cognitivos da linguagem. Nesse sentido, o sistema linguístico é essencialmente dinâmico, visto que surge da adaptação de habilidades cognitivas humanas a situações de comunicação específicas e se desenvolve com base na repetição ou ritualização desses eventos. Ancorada nesses princípios, a LFCU tem por objetivo descrever e interpretar os fatos linguísticos por meio do exame das funções cognitivas e discursivo-pragmáticas que desempenham em diferentes eventos de uso da língua, seguindo uma abordagem pancrônica, que conjuga sincronia e diacronia (BYBEE, 2010).

Ao trabalhar com dados coletados em situações reais de fala e/ou de escrita, evitando lidar com frases criadas, a LFCU investiga as motivações linguísticas e extralinguísticas que modelam os padrões construcionais no nível da proposição, assumindo que

¹² A respeito da interface entre a Linguística Funcional norte-americana e a Linguística Cognitiva, ver (TOMASELLO, 2003).

há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/ adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise de fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação. (FURTADO DA CUNHA et al., 2013, p. 14-15).

O viés cognitivista adotado pela LFCU se deve à análise de fatores associados a princípios cognitivos gerais atuantes no uso da língua, como categorização, organização conceptual, aspectos ligados ao processamento linguístico e à experiência dos humanos no desenvolvimento de suas atividades individuais, sociointeracionais e culturais.

Embasada nesse quadro teórico, esta seção trata das seguintes noções básicas: estrutura argumental, transitividade e papéis semânticos.

3.1.1 Estrutura argumental

A LFCU acolhe a ideia de que os verbos são armazenados na mente do falante juntamente com molduras (*frames*¹³) que especificam seus argumentos obrigatórios e opcionais, implicados na *cena*¹⁴ evocada pela oração. Os falantes dominam essa informação à medida que adquirem sua língua materna, dada a recorrência desses padrões no uso da língua.

Nessa direção, a estrutura argumental de um dado verbo especifica as relações gramaticais dos argumentos (sujeito, objeto direto etc.) de um verbo bem como os papéis semânticos que lhes são atribuídos (Agente, Paciente etc.), conforme Fillmore (1977) e Chafe (1979), entre outros. Além disso, do ponto de vista pragmático, a estrutura argumental de um verbo diz respeito aos diferentes modos em que essencialmente a mesma informação, ou o mesmo conteúdo proposicional, pode ser organizado a fim de refletir o fluxo de informação velha ou nova (COMRIE, 1981). De um ponto de vista cognitivo, pode-se dizer, então, que a estrutura argumental revela uma estrutura de expectativas desencadeadas pelo verbo (DU BOIS, 2003).

Desse modo, os verbos e suas estruturas argumentais, como tantos outros elementos da gramática, são multifuncionais: são capazes de servir simultaneamente a funções sintáticas, semânticas e pragmáticas, cognitivamente motivadas (FURTADO DA CUNHA, 2006).

¹³ O conceito de *frame* será discutido na *Subseção 3.2.3*.

¹⁴ O termo *cena* designa uma idealização coerente e individualizada de uma percepção, memória, experiência, ação ou objeto, nos termos de Fillmore (1977). Em outras palavras, em termos cognitivos, uma *cena* é entendida como uma estrutura conceptual formada com base na experiência de mundo do usuário da língua.

No âmbito dos estudos atuais da LFCU, defende-se que a estrutura argumental de um determinado verbo pode sofrer variação no uso e ao longo do tempo. Por exemplo, um verbo que, em geral, é transitivo pode, dependendo do contexto, dispensar o complemento, funcionando como sintaticamente intransitivo. Nesse aspecto, Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 16) afirmam que a “[...] estrutura argumental (a relação entre o predicado e seus argumentos) é formada do mesmo modo que as outras categorias: por meio do contínuo processo cognitivo de classificação, refinamento e generalização a partir das interações comunicativas diárias”.

Como ilustração, tomemos o seguinte excerto, com três ocorrências do verbo *botar*:

- (41) uma colher de café pequena de um ... de liga neutra ... é um ... um pozinho que a gente coloca no sorvete pra ele não ficar ... duro ... assim como gelo ou dim-dim ... picolé né coisa desse tipo... aí a gente prepara bota uma colherzinha de liga neutra e passa no liquidificador de novo ... o suco e mais essa ... a liga ... aí depois bota no recipiente leva pro congelador ... e deixa passar duas ... três horas mais ou menos até ele ficar um pouco firme ... sabe? não duro demais ... e depois que passa duas ... três horas tira ... aí ... bota uma colher de sobremesa ... de emulsificante que é o ... o:: uma pasta que ... essa o ... que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 286-7)

Na primeira ocorrência, *bota uma colherzinha de liga neutra*, nem o SUJ do verbo (*a gente*) nem o SP (*no sorvete*) são explicitados. Essas informações são recuperadas pelo contexto. Temos, então, o padrão V + OD. Na segunda ocorrência, *bota no recipiente*, por sua vez, além do SUJ (*a gente*) também o OD está implícito (a mistura resultante do suco com a liga), exemplificando uma estrutura V + SP. Por fim, a terceira ocorrência, *bota uma colher de sobremesa ... de emulsificante*, apresenta a mesma estrutura argumental da segunda, V + OD. Vê-se, portanto, que um dado verbo pode alternar entre uma configuração de um participante ou de dois ou mais participantes, retendo o mesmo significado básico, o que comprova a fluidez entre as categorias de predicado. Dito de outro modo, em uma mesma língua os predicados variam em relação à especificação clara dos SN com os quais podem ocorrer.

Isso significa que a um determinado verbo não corresponde uma estrutura argumental rígida, cristalizada. O modo como os verbos se combinam com nomes não é uma propriedade estável dos itens no léxico mental, mas um aspecto altamente variável. Na perspectiva da LFCU, não há espaço para estruturas argumentais fixas ou rígidas. Conforme argumentam Thompson e Hopper (2001), o sentido de um verbo ou predicado está relacionado aos esquemas

léxico-gramaticais em que ele pode ocorrer, e a estrutura argumental é essencialmente um subconjunto desses esquemas.

Compreender as diferentes facetas da estrutura argumental é primordial a esta tese, uma vez que identifico a estrutura argumental dos VMT a partir do exame da participação dos referentes do SUJ, do OD e do SP envolvidos em cada padrão analisado, considerando as diferenças de significado quanto ao tipo de movimento e afetamento desses participantes.

3.1.2 Transitividade

Esta subseção apresenta o tratamento da transitividade no quadro teórico da Linguística Funcional Clássica, tal como proposto por Hopper e Thompson (1980).

Segundo esse modelo, o fenômeno da transitividade apresenta um componente semântico e um componente sintático. Uma oração transitiva descreve um evento que potencialmente envolve pelo menos dois participantes, um Agente que é responsável pela ação, codificado sintaticamente como SUJ, e um Paciente que é afetado ou efetuado¹⁵ por essa ação, codificado sintaticamente como OD. Esses participantes são os argumentos do verbo. Desse modo, do ponto de vista semântico, o evento transitivo prototípico é definido pelas propriedades do agente, do paciente e do verbo envolvidos na oração que codifica esse evento. Vale lembrar que pode haver orações com vários traços de alta transitividade que não apresentam paciente, mas estas não compõem o tipo de estrutura aqui analisada.

A Linguística Funcional considera que os elementos que caracterizam a oração transitiva estão relacionados ao evento causal prototípico, definido como um evento em que um agente animado intencionalmente causa uma mudança física e perceptível no estado ou locação de um objeto (SLOBIN, 1982). Desse modo, estabelece-se uma correlação entre um padrão básico da experiência e um padrão básico da língua (FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2018).

Nessa abordagem, baseada em análises empíricas, a transitividade é entendida como uma propriedade contínua, gradiente, da oração como um todo, isto é, a transitividade é uma propriedade não do verbo *per se*, mas da oração como um todo (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2011; FURTADO DA CUNHA; SILVA, 2018), postura que adoto nesta tese. Nesse sentido, admite-se a existência de uma oração transitiva prototípica, que reflete a transferência completa da ação de um participante para outro, causando alguma modificação no estado deste.

¹⁵ Alguns objetos são criados pela ação do verbo, e não transformados, como acontece com o objeto de outros verbos. Hopper (1985) chama esse caso de *objeto efetuado*, para distingui-lo de objeto afetado.

Hopper e Thompson (1980) tratam a transitividade de forma escalar, tomando por base a teoria dos protótipos – modelo que identifica o melhor exemplar de uma dada categoria, ou seja, aquele que reúne o maior número de propriedades que identificam essa categoria (cf. *Subseção 3.2.1*). Postulam que o grau de transitividade de uma oração pode ser aferido por dez parâmetros semântico-sintáticos, conforme apresentado no quadro a seguir:

QUADRO 1 - PARÂMETROS DE TRANSITIVIDADE

PARÂMETROS	↑ ALTA TRANSITIVIDADE	↓ BAIXA TRANSITIVIDADE
1. Participantes	Dois ou mais participantes	Um participante
2. Cinese	Ação	Não ação
3. Aspecto do verbo	Perfectivo / Télico	Não-perfectivo / Atélico
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Não-pontual
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não-intencional
6. Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo <i>realis</i>	Modo <i>irrealis</i>
8. Agentividade do sujeito	Agentivo	Não-agentivo
9. Afetamento do objeto	Afetado	Não-afetado
10. Individuação do sujeito	Individuado	Não-individuado

Fonte: Hopper e Thompson (1980, p. 252).

Entre os dez parâmetros listados no *Quadro 01*, destaco, com relação aos VMT, *número de participantes, agentividade do sujeito, polaridade da oração e afetamento do objeto*, estes com significativa contribuição para a identificação de determinados *frames* típicos à construção com VMT. Ressalto que não é meu objetivo aferir o grau de transitividade das orações coletadas, contudo o conhecimento acerca da transitividade tratada de forma escalar ajuda na compreensão deste trabalho.

Sintaticamente, uma oração transitiva com verbos de movimento pode apresentar dois participantes SN, um com a função de SUJ e outro, com a de OD. Pode, ainda, conter um SP, que identifica um determinado lugar relacionado ao evento perfilado. Prototipicamente, esses participantes desempenham os papéis semânticos de Agente, Paciente e Locativo, respectivamente¹⁶.

Quando a ação praticada pelo Agente afeta o objeto paciente, este muda de localização. Observe que *a comida*, em (42), funciona como o objeto que muda de lugar ao longo de um determinado trajeto, cujo destino é expresso pelo SP *para lá*.

¹⁶ Esses papéis serão definidos na *Subseção 3.1.3*.

- (42) Num dia muito ensolarado a família junto com o velho foram fazer um pique-nic, numa parte que tinha muito verde. Levaram a comida para lá. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 46*)

Com base em Chafe (1979), os VMT que selecionam objeto afetado podem ser de ação ou de ação-processo. O primeiro tipo denota um evento em que um Agente se desloca de um ponto a outro, enquanto o de ação-processo indica o afetamento de uma entidade (OD), manuseada ou transportada pelo referente do SUJ. Reiterando Chafe, Borba (1996, p. 57) diz que “da associação entre um verbo e um nome resulta um caso para o nome e uma classe para o verbo. São essas classes de verbos que fornecem os tipos oracionais”. Considerando o resultado da ação descrita pelo verbo sobre seus argumentos, o autor conceitua os dois tipos de verbo que nos interessam aqui:

Verbos de ação – expressam uma atividade realizada por um sujeito *agente*. Indicam, portanto, um *fazer* por parte do sujeito. Ex.: o pássaro *voa*; o garoto *brinca*; o sábio *pensa*.

[...] Verbos de ação-processo – expressam uma ação realizada por um sujeito *Ag* ou uma causação levada a efeito por um sujeito *Ca*, que afetam o complemento. A ação-processo sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa a existir. Ex.: José quebrou o pires; José escreveu um romance. (BORBA, 1996, p. 58-60, grifos do autor).

No caso dos VMT, vemos que os de ação conceitualizam o deslocamento do SUJ apenas, enquanto o OD, incluído na moldura do verbo, não é afetado, ou seja, sua posição física não se altera no evento, como se pode ver em (43) e em (44).

- (43) [...] o menino atravessou a rua e vinha um carro ... uma carreta ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 30*)

- (44) [...] quando você termina de subir a escada ... em frente ... tem o quarto principal ... né ... que é o meu quarto ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 58*)

Nesses dados, os verbos ATRAVESSAR e SUBIR expressam o deslocamento do referente do SUJ (*o menino* e *você*, respectivamente), mas não do OD (*a rua* e *a escada*), que não é afetado pela ação verbal, representando, apenas, o *caminho* percorrido.

O segundo tipo de VMT, verbos de ação-processo, tem um SUJ Agente e um OD afetado. As orações sublinhadas em (45), com os verbos COLOCAR, BOTAR e LEVAR, exemplificam essa classe, pois apresentam um Agente responsável pela ação (*a gente*) e uma

série de pacientes afetados/deslocados (*que = um pozinho, uma colherzinha de liga neutra, Ø = o suco e essa liga, uma colher de sobremesa de emulsificante*).

- (45) Uma colher de café pequena de um ... de liga neutra ... é um ... um pozinho que a gente coloca no sorvete pra ele não ficar ... duro ... assim como gelo ou dim-dim ... picolé né ... coisa desse tipo... aí a gente prepara bota uma colherzinha de liga neutra e passa no liquidificador de novo ... o suco e mais essa ... a liga ... aí depois bota no recipiente leva pro congelador ... e deixa passar duas ... três horas mais ou menos até ele ficar um pouco firme ... sabe? não duro demais ... e depois que passa duas ... três horas tira ... aí ... bota uma colher de sobremesa ... de emulsificante que é o ... o:: uma pasta que ... essa o ... que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso. (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 286*)

Em eventos dessa natureza, em que ocorre o afetamento do OD, cumpre ao SP indicar o local de onde ou para onde se move esse referente. Em (45), por exemplo, esses pontos são codificados por *no sorvete*, *no recipiente*, e *pro congelador*.

A distinção entre verbos de movimento de ação e de ação-processo possibilita a proposição de significados básicos, como o de movimento percorrido, de movimento causado, que correspondem a nós ou subesquemas de uma ampla rede construcional de que faz parte o VMT, conforme veremos no *Capítulo 4*.

3.1.3 Papéis Semânticos

No final dos anos 1960, Fillmore (1968) desenvolveu uma variante da Gramática Transformacional denominada *Gramática de Casos*. Essa abordagem privilegia as funções sintáticas dos elementos que compõem as sentenças, resgatando relações semânticas até então negligenciadas. A ideia central é que, em qualquer oração, cada SN tem um “caso” que representa seu papel semântico. Por exemplo, em *Eu abri a porta com a chave*, os casos de *eu*, *a porta* e *com a chave* são, respectivamente, Agente, Paciente e Instrumento. De lá para cá, diversos linguistas têm utilizado a proposta de Fillmore com pequenas modificações. No âmbito da Linguística Funcional Clássica, pode-se citar, entre outros, Chafe (1970) e Givón (2012 [1979]).

Na formulação original, assume-se a existência de um conjunto de casos universais, que presumivelmente identificam certos julgamentos que os humanos fazem sobre os participantes de um evento. A evolução dos estudos sobre os papéis semânticos dos nomes

levou à análise da estrutura argumental dos verbos, indicando o tipo de participação de seus argumentos no evento denotado.

Nesta tese, adoto, de um modo geral, os papéis semânticos tais como descritos por Givón (2001), recorrendo a outros linguistas quando necessário. A determinação dos casos semânticos desempenhados pelos argumentos dos VMT colabora para o processo de distinção dos diferentes subesquemas relacionados à construção [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} SP]. A seguir, trato dos papéis semânticos dos sintagmas relacionados a esses verbos.

3.1.3.1 Do sujeito

A importância do papel semântico do SN_{SUJ} reside no fato de que ele possibilita distinções entre os esquemas perfilados pela CMT¹⁷, uma vez que o modo de atuação do referente do SUJ em eventos de movimento revela cenas que se relacionam à manipulação e/ou ao transporte de pessoas ou objetos; ao percurso de um caminho, sozinho ou acompanhado; e ao afastamento ou à aproximação de um determinado ponto de referência. Prototipicamente, o SUJ do VMT desempenha o papel semântico de *Agente*.

O *Agente* é definido por Givón (2001) como o participante, tipicamente animado, que age deliberadamente para iniciar o evento e, assim, é responsável por ele. Embora não haja uma correlação categórica entre função sintática e papel semântico, Furtado da Cunha e Souza (2011) argumentam que há certa expectativa de que o sujeito codifique o *Agente* da ação.

Em investigação anterior sobre os verbos de movimento transitivos no PB, Furtado da Cunha e César (2018, p. 135) destacaram o tipo semântico de movimento expresso pelo verbo. Segundo os autores, o sujeito desses verbos “sempre desempenha o papel semântico de *Agente*, por causa da necessidade de um desencadeador da ação”. Com base nos dados analisados, os autores observaram que o papel semântico desempenhado pelo participante sujeito “pode sugerir uma formulação inicial de uma rede construcional para esses verbos, já que o modo como o sujeito realiza a ação define os esquemas de *movimento* ou de *deslocamento*”. Acerca dos esquemas mencionados,

¹⁷ Esses esquemas serão examinados no *Capítulo 4*.

O primeiro revela apenas o movimento de determinada parte do corpo do participante sujeito, ocasionando obrigatoriamente o afetamento do referente do OD. O segundo expressa o deslocamento do sujeito de um ponto A para um ponto B, ocasionando o afetamento ou não do OD. Ou seja, o que diferencia esses esquemas é o tipo de ação praticada pelo sujeito e o modo como afeta o referente do OD no evento denotado. (FURTADO DA CUNHA; CÉSAR, 2018, p. 126).

Dowty (1991) atribui ao Agente a característica prototípica de um participante volitivo e capaz de causar mudança no Paciente, a exemplo do que acontece no evento relatado em (46). Fora do padrão prototípico de movimento causado, veremos que nem sempre o Agente modifica o Paciente, ou seja, nem sempre o referente do OD é afetado pelo referente do SUJ, conforme observamos em (47).

- (46) Aric Sigman, da Royal Society of Medicine, em Londres, autor do livro *The spoilt generation* (A geração mimada), afirma que, hoje, até criancinhas nas creches jogam objetos e cadeiras umas nas outras. (Revistas *On-line*, Época)
- (47) [...] naquela noite ...teve o aniversário ... teve a festa ... lá no hotel ... no hotel ... assim ... a gente foi descendo a ladeira... que embaixo tinha uma lagoa ... uma lagoazinha pequenininha ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 388)

Em (46), o Agente (*criancinhas*) causa mudança de localização no Paciente (*objetos e cadeiras*), jogando-o *umas nas outras*, ao passo que em (47), a ação do Agente (*a gente*) não modifica *a ladeira*. Nesse dado, o referente do OD não é Paciente, pois é uma entidade que permanece inalterada, sem ser afetada.

3.1.3.2 Do objeto direto

Os papéis semânticos do SN_{OD} variam de acordo com cada subesquema da rede construcional do EMT, conforme veremos no *Capítulo 4*. Nos VMT, trata-se do argumento com maior probabilidade de ser afetado, configurando o caso *paciente*. O SN_{OD} também pode designar o espaço por onde perpassa o referente do SN_{SUJ}, no papel de *Caminho*, ou uma segunda entidade em movimento na ação expressa pelo verbo, correspondente ao papel de *associativo*. Vejamos cada um deles.

Nos termos da classificação semântica de Givón (2001), o Paciente diz respeito ao participante, animado ou não, que registra uma mudança de estado ou de localização como resultado de um evento. Assim, o Paciente se caracteriza por ser afetado pela ação do SUJ, que

o desloca de um lugar a outro. No caso dos VMT, o OD é um paciente prototípico para os verbos de ação-processo. Vejamos em (48):

- (48) Eu até imaginava assim, se eu tivesse lá, de repente até mataria a gente. Eu e ela <um mon...>, porque foi mais de um, com certeza. Pra carregá a quantidade de coisas que eles levaram, é que foi mais de um. (*Corpus PEUL/RJ*)

Observe que o papel semântico do referente *que* (= *a quantidade de coisas*) é de Paciente, objeto movido pela ação do SUJ de levá-lo de um ponto a outro.

Givón (2001, p. 107) arrola os principais papéis semânticos desempenhados por participantes de eventos/estados. Entre eles, encontra-se o Locativo, definido como “o lugar, tipicamente concreto e inanimado, onde o estado está, onde o evento ocorre ou para o qual ou do qual um participante se move.” (tradução minha)¹⁸. Como se pode ver, nessa formulação, esse papel abrange qualquer referente que designe um determinado lugar. Assim, esse papel é tipicamente codificado por um SP, e não por um OD. Na LC, um termo mais específico que dá conta desse último participante que não é afetado pela ação do Agente, mas indica trajeto percorrido, é *caminho*, segundo a classificação de Talmy (2000). O papel Caminho (*path*) faz parte de uma categoria que se refere à variedade de caminhos seguidos ou locais ocupados pelo Agente (*figura*, nos termos de Talmy), entidade que se desloca em um evento de movimento. Ilustro com os seguintes dados:

- (49) O menino [...] tava correndo com medo do cachorro ... atravessou a rua e o caminhão pegou ... do mesmo jeito ele enterrou lá ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 33*)
- (50) The bikers crisscrossed the desert. (FrameNet Berkeley¹⁹)
Os ciclistas cruzaram o deserto.

Os SN_{OD} *a rua* (49) e *the desert* (50) designam o local por onde os referentes do SUJ, *o menino* e *the bikers*, respectivamente, realizam o trajeto. Na plataforma FrameNet Berkeley, esse tipo de complemento direto do verbo é identificado como *area* (área), um elemento do *frame* “usado para expressões que descrevem a área geral em que o movimento ocorre” (tradução minha)²⁰.

¹⁸ Texto original: Locative = the place, typically concrete and inanimate, where the state is, where the event occurs, or toward which or away from which some participant is moving (Loc).

¹⁹ O projeto *FrameNet* é um banco lexical da Língua Inglesa, disponível *on-line*, que arrola verbos com base em sua estrutura semântica (cf. *Subseção 3.2.3*).

²⁰ Texto original: This frame element is used for expressions which describe a general area in which motion takes place.

Outro papel semântico que o OD pode desempenhar em eventos com verbos de movimento é o de *associativo*²¹. Para Givón (2001, p. 107-8), trata-se de um participante “associado ao agente, paciente ou dativo do evento, cujo papel no evento é semelhante, mas não tão importante” (tradução minha)²². Exemplifico com os seguintes dados:

- (51) [...] então os pinguins começam a voltar pra gruta e Batman vai seguir os pinguins e vai chegar até à gruta ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 307*)
- (52) Minha mãe e irmã acompanharam-me até o embarque e o percurso foi tranquilo, apesar da chuva incessante (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 163*)
- (53) The children chased the dog into the park. (FrameNet Berkeley)
As crianças perseguiram o cachorro no parque.

Os pinguins (51), *me* (52) e *the dog* (53) exemplificam o caso associativo. São participantes sintaticamente codificados como OD que não são afetados pela ação do Agente, mas que se deslocam junto com os SUJ *Batman*, *Minha mãe e irmã* e *The children*, respectivamente. No FrameNet Berkeley, o participante com essa característica é denominado *cotheme* (cotema) e faz parte de um *frame* que leva o mesmo nome: “Esse elemento do *frame* é o segundo objeto em movimento, expresso como OD ou oblíquo” (tradução minha)²³. Frequentemente, o SN_{OD} associativo pode ser seguido de SP que indica o ponto final do movimento, como *até à gruta*, *até o embarque* e *into the park*. Logo, a principal característica do associativo é o seu deslocamento independente, mas em concomitância com o do Agente, sem sofrer interferência direta deste. Nesta tese, esse papel semântico será denominado de *Coagente*.

3.1.3.3 Do sintagma preposicionado

A principal característica dos SP relacionados aos VMT é o seu valor referencial acerca dos espaços em que ocorre o evento de movimento. Embora seja o único argumento implicado, mas não obrigatório, na moldura dos VMT, quando explicitado, situa os pontos de onde (*origem*) ou para onde (*alvo*) partem as entidades do evento. Trata-se de um importante

²¹ Na literatura semântica, o caso associativo também é denominado *comitativo* e identifica um indivíduo em cuja companhia alguma coisa é feita (cf. TRASK, 1993, p. 49).

²² Texto original: an associate of the agent, patient or dative of the event, whose role in the event is similar, but who is not as important.

²³ Texto original: This frame element is the second moving object, expressed as a direct object or an oblique.

complemento presente tanto nos VMT de ação como nos de ação-processo. De um modo geral, é semanticamente classificado como Locativo.

Hurford e Heasley (1983) afirmam que o papel de Locativo é desempenhado por qualquer expressão que se refere ao lugar em que a ação descrita pela sentença ocorreu. Na mesma linha, Palmer (1994) reitera que, em muitas línguas, o Locativo tem funções gramaticais que o marcam como uma relação gramatical nuclear, e não periférica. Ele pode, por exemplo, ser codificado como um OD, conforme visto na subseção anterior.

Para Givón (2001), o papel de Locativo limita-se ao SP e pode remeter a estado (*She lives in Philadelphia/Ela mora em Filadélfia*) ou movimento (*He went to the store/Ele foi para a loja*). De modo mais específico, Fillmore (1971) o divide em duas perspectivas: origem (ou fonte) e alvo (ou meta)²⁴. Quando codificado como SP dos VMT, *origem* identifica o local de onde o Paciente é removido ou de onde tem início o movimento dos participantes do evento, conforme verificamos a seguir.

- (54) [...] que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso... sabe? ele cresce e fica ... fica cremoso né ... ele não vai ficar ... não tem perigo de ficar duro ... agente passa na batedeira durante dez minutos ... não é ... o suco que fez antes com a liga e mais essa sobremesa ... depois que tira do congelador ... e volta pro congelador e espera dar o ... o ponto certo... não é? (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 194*)
- (55) [...] o responsável pelo objeto do contrato era o Sr. Florêncio das Chagas (“Teirinho”), tendo ido buscar o barco Marta Rocha no Canto Mangue, logo após ter recebido a correspondência relativa à multa no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais). (Banco de Sentenças/JFRN)

A preposição *de* é a mais comum na introdução desse tipo de sintagma. Em (54), por exemplo, o SP *do congelador* está relacionado à Origem do movimento, por se tratar do local de onde o Paciente (*o sorvete*) é removido. Em (55), o SP *no Canto do Mangue* indica o local de onde os participantes da oração, *Sr. Florêncio das Chagas* (“Teirinho”) e *o barco Marta Rocha*, iniciam o evento de movimento.

O *alvo* corresponde ao ponto de chegada de um evento de movimento. Segundo Fillmore (1971), é o lugar para onde algo se move²⁵. Preposições como *em*, *para* e *até* são introdutoras do SP que representa o alvo, como nos dados a seguir:

²⁴ Neste trabalho, uso *alvo* e *meta* para designar o mesmo caso semântico do SP.

²⁵ Na mesma linha, Radford (1988) compreende esse papel semântico como a entidade para a qual algo se move, definindo-o como *meta*.

- (56) Passar margarina na forma e coloca os ingredientes na forma e coloca para assar no forno e estar pronto para todos comerem. (*Corpus D&G Natal*, Escrita, p. 421)
- (57) FRANCISCO ARGEMIRO aduziu que foi feito um convite a ele para levar um pessoal para Touros/RN para cometer o roubo, tendo ele aceitado, uma vez que passava por dificuldades financeiras. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (58) [...] então quando ela pegou o carro do jeito que ele queria ... super veloz ... minha filha ... botou ... pé na tábua ... aí levou ele até o hotel ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 240)

Os SP das orações em destaque indicam o ponto final do evento. Em (56), *na forma* é o alvo, local para onde o referente do OD (*os ingredientes*) é movido por manipulação. Os dois excertos seguintes, *para Touros/RN* (57) e *até o hotel* (58) também contêm um alvo que é o destino de um evento de transporte, para onde, respectivamente, deslocam-se os participantes do evento: os Agentes SN_{SUI} *FRANCISCO ARGEMIRO* e *minha filha* (\emptyset) e os Pacientes SN_{OD} , *um pessoal* e *ele*.

Conforme exposto aqui, os *frames* do EMT acomodam alguns dos papéis semânticos que, segundo Palmer (1994), são tipologicamente mais relevantes: Agente, Paciente e Locativo.

Na *Subseção 3.2.3*, veremos que os papéis semânticos do SP se correlacionam aos EI que subjazem aos eventos de movimento, tendo em vista que os casos semânticos podem ser pensados em termos de uma estrutura cognitiva, abstrata. Nesse sentido, o material linguístico ativa esses esquemas cognitivos, e os casos semânticos colaboram para essa ativação.

3.2 A LINGUÍSTICA COGNITIVA

A Linguística Cognitiva se desenvolve como paradigma na década de 1980, com base, sobretudo, nos trabalhos de George Lakoff (LAKOFF; JOHNSON, 1980, LAKOFF, 1987), Ronald Langacker (1987) e Leonard Talmy (1983), tendo como mola propulsora a insatisfação com os resultados da Gramática Gerativa, de Chomsky, que desconsidera a semântica.

Assim como a Linguística Funcional Clássica (GIVÓN, 1984, 1989, 1995, por exemplo), a LC entende a linguagem como parte integrante da cognição, fundamentada em processos cognitivos, sociointeracionais e culturais. Nessa direção, a língua é um meio de interpretar e construir o mundo, de organizar conhecimentos que refletem as necessidades, os interesses e as experiências dos indivíduos e das culturas.

Desse modo, a LC busca descrever e analisar as estruturas cognitivas que são subjacentes às categorias linguísticas. Nessa perspectiva, todas as estruturas cognitivas

possuem uma base experiencial e, exatamente por isso, estão relacionadas aos processos de construção de sentido. As categorias linguísticas, então, ativam/perfilam as estruturas cognitivas.

Segundo Silva (2004), a LC distingue-se por três princípios fundamentais: 1) a primazia da semântica na análise linguística, decorrente da assunção de que a função básica da língua é a categorização; 2) o caráter enciclopédico, uma vez que o significado linguístico não pode ser dissociado do conhecimento de mundo; e 3) a natureza perspectivista do conhecimento linguístico, já que a língua não reflete o conhecimento de mundo, mas o constrói. Esses princípios estão diretamente relacionados à função básica da linguagem: a categorização.

Assim, com o objetivo de entender a relação entre a linguagem e a mente humana, a LC postula a existência de processos cognitivos subjacentes ao uso da língua, tais como a nossa capacidade de identificar e/ou representar distintos eventos de movimento. De modo mais específico, a LC se caracteriza, conforme Gibbs (1996, p. 49),

não apenas por seu compromisso de incorporar uma ampla gama de dados de outras disciplinas cognitivas, mas porque (a) busca ativamente correspondências entre pensamento conceitual, experiência corporal e estrutura linguística, e (b) porque busca descobrir o conteúdo real da cognição humana. (tradução minha)²⁶

Essas buscas levaram ao estabelecimento de construtos que se voltam para aspectos da estrutura conceptual, como os modelos cognitivos idealizados, relacionados à significação e à estrutura de certas categorias, linguísticas ou não, partilhadas por membros de um grupo social. Segundo Silva (1997, p. 77), “os modelos cognitivos têm limites indeterminados e tendem a associar-se em redes”. Como exemplo, o autor cita o modelo cognitivo do domínio “praia”, que, por sua vez, compreende outros modelos cognitivos associados, tais como sol, férias, areia, pesca etc., mostrando que

a descrição do modelo ou modelos cognitivos implicados por uma categoria não pode ser exaustiva, mas selectiva. Os modelos cognitivos são omnipresentes: em qualquer acto de categorização estão envolvidos, mais ou menos conscientemente, um ou mais modelos cognitivos; mesmo nos casos de objectos ou situações desconhecidas ou não-familiares, é possível começar a ter deles uma ideia através de modelos cognitivos parecidos. (SILVA, 1997, p. 77).

²⁶ Texto original: not solely because of its commitment to incorporating a wide range of data from other cognitive disciplines, but because it (a) actively seeks correspondences between conceptual thought, bodily experience, and linguistic structure, and (b) because it seeks to discover the actual contents of human cognition.

É com base no entendimento de que as estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente são fundamentais na construção do significado linguístico que foram propostas noções como *frame* (FILLMORE, 1975, 1977), discutida mais à frente neste capítulo.

Ferrari (2011, p. 15) defende que a LC adota uma visão enciclopédica do significado linguístico, por conceber “o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais”, adotando, assim, “uma perspectiva baseada no uso, tendo como uma de suas principais hipóteses a ideia de que o contexto orienta a construção do significado” (p. 18). Por tais premissas é que esta tese conjuga a LFCU à LC.

Na sequência, trato de categorização e prototipicidade. Apresento a abordagem de Talmy (2000) às estruturas que envolvem o evento de movimento (3.2.2) e, por fim, estabeleço correspondência entre o evento de movimento e três categorias de análise da LC, a saber, *frames* (3.2.3), *esquemas imagéticos* (3.2.4) e *metáfora conceptual* (3.2.5).

3.2.1 Categorização e Prototipicidade

O processo cognitivo de categorização e a noção de prototipicidade, tal como se aplicam às línguas naturais, foram primeiramente tratados sob a perspectiva da LC. Mais tarde, esses aparatos teóricos foram incorporados pela Linguística Funcional, em especial por Givón (2001) e Bybee (2016 [2010]).

A categorização é um processo cognitivo de domínio geral, o qual atua em nossa capacidade de classificar e ordenar elementos a partir de nossa experiência. Por meio desse processo, agrupamos elementos semelhantes, que podem ser pessoas, objetos, lugares, em classes particulares.

Um dos precursores na investigação do processo de categorização, Lakoff (1987, p. 5) sustenta que a compreensão de como categorizamos é ponto chave para entender o modo como pensamos, agimos e, conseqüentemente, o que nos faz humanos²⁷. O autor defende que “não há nada mais básico do que a categorização para o nosso pensamento, percepção, ação e discurso. Cada vez que nós vemos algo como um tipo de coisa, por exemplo, uma árvore, nós estamos categorizando” (tradução minha)²⁸.

²⁷ Como sugestão, indico a leitura de autores precursores da teoria dos protótipos e da categorização em outras áreas, como Wittgenstein (1979), na filosofia, e Eleanor Rosch (1978), na psicologia.

²⁸ Texto original: There is nothing more basic than categorization to our thought, perception, action, and speech. Every time we see something as a kind of thing, for example, a tree, we are categorizing.

Desse modo, o processo de categorização leva em conta várias propriedades de uma categoria. Não se aplica apenas ao universo dos seres vivos, estende-se também às categorias linguísticas, pois, “usar uma língua é uma questão de acessar representações estocadas” (BYBEE, 2016, p. 132). As representações mais usadas servem de base para a categorização de novos itens. Ou seja, probabilisticamente, “o membro mais frequente serve como o membro central da categoria e novas expressões tendem a ser formadas por analogia com o membro mais frequente.” (BYBEE, 2016, p. 135).

Nesse sentido, do mesmo modo que categorizamos as entidades do mundo, categorizamos também os elementos linguísticos, que podem ser fonemas, morfemas, palavras ou construções, independentemente de idioma ou cultura. No âmbito da linguagem, Bybee (2016, p. 26) se refere à categorização como a “similaridade ou emparelhamento de identidade que ocorre quando palavras e sintagmas, bem como suas partes componentes, são reconhecidos e associados a representações estocadas”. O termo “representações estocadas” faz referência ao potencial humano de armazenar informações na memória.

Diretamente relacionada ao processo de categorização, a teoria dos protótipos busca identificar membros centrais e periféricos de categorias por compartilhamento de traços, com base em um exemplar ideal, ou seja, que detém a maior quantidade de características da categoria em questão. Nas palavras de Ferrari (2010, p. 152),

A Teoria dos Protótipos prevê que as categorias se organizam, de modo geral, em torno de um núcleo prototípico. Embora o protótipo se caracterize por possuir todos os traços definidores de uma determinada categoria, membros que apresentam um número menor de traços definidores também podem ser incluídos.

Para Bybee (2016, p. 41-2), uma interpretação dos efeitos prototípicos “é que as pessoas constroem um protótipo abstrato de uma categoria com o qual o membro ou os membros centrais compartilham mais traços do que os membros marginais”. Esses efeitos surgem do enquadramento de alguns membros em determinadas categorias, considerando-os melhores ou mais centrais que outros. Quanto mais um elemento é avaliado como prototípico de uma categoria, mais atributos ele tem em comum com outros membros da mesma categoria e menos atributos em comum com membros de categorias contrastantes. Um exemplo é a categoria PÁSSARO, citada a seguir pela autora:

Categorias exemplares, construídas por meio da experiência (em vários domínios), exibem efeitos prototípicos, os quais derivam de pertencimento graduado a uma categoria: alguns exemplares são membros centrais da categoria enquanto outros são mais marginais. Essa propriedade é geralmente ilustrada com categorias naturais como PÁSSARO: alguns pássaros, como sabiá e pardal, são tidos como mais centrais à categoria do que outros, por exemplo, águias ou pinguins. (BYBEE, 2016, p. 131).

Outro exemplo é dado por Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013, p. 29), ao apontarem que não há dificuldades em classificar um gato ou um leão como pertencentes à categoria dos mamíferos, dadas as propriedades que os enquadram como membros centrais de tal categoria. Já animais como o peixe-boi e o morcego afastam-se do núcleo central, exemplar da categoria dos mamíferos pois, perceptualmente, eles apresentam características periféricas aos mamíferos, em razão de “possuírem nadadeiras e viverem na água (no caso do peixe-boi) ou terem asas e serem voadores (no caso do morcego)”.

De um modo mais específico, voltando-se para a categoria verbo, Furtado da Cunha (2006, p. 120) afirma que:

Ao definir cada relação sintática e cada papel semântico associados a um verbo, define-se um protótipo. Cada verbo especifica sua própria moldura proposicional única, seu próprio arranjo único de papéis sintáticos e semânticos. O conhecimento que adquirimos sobre os verbos – com que elementos ele se combina – pode não estar estocado em categorias nitidamente distintas.

O reconhecimento das propriedades que identificam um exemplar prototípico, internalizadas pelos usuários da língua, ajudam na identificação e organização de diversas categorias. Nesta tese, veremos que as orações com os VMT envolvem estruturas sintáticas semelhantes que exibem distinções cognitivas, o que possibilita abrigar esses verbos em subcategorias diferentes. Nessa linha, orações com a mesma configuração argumental diferem quanto ao tipo de movimento efetuado pelo SN_{SUJ} e à participação do SN_{OD} .

3.2.2 Estrutura do Evento de Movimento

Na *Subseção 3.1.2*, vimos que a Linguística Funcional Clássica estabelece uma relação entre o evento causal prototípico e os elementos linguísticos que caracterizam a oração transitiva, associando, assim, um padrão básico da experiência a um padrão básico da língua. O evento causal prototípico, definido como um evento em que um agente animado

intencionalmente causa uma mudança física e perceptível no estado ou locação de um objeto, correlaciona-se com o que Talmy (2000) denomina evento de movimento, como será apresentado adiante.

A estrutura do evento de movimento (*motion event*) recebe particular atenção de Talmy (2000), ao tratar do processo de estruturação conceptual em diferentes línguas. A forma geral de tal estrutura consiste em um evento básico, em que há movimento (de alguma entidade) e uma localização, juntamente com um *coevento* que se relaciona ao evento básico por meio de *Maneira* ou *Causa*, integrados no que o autor chama de uma “situação de movimento mais amplo”. O *coevento*²⁹ consiste em um evento subordinado a um evento de enquadramento (*framing event*) que executa função de suporte, tais como causa, modo, concomitância, entre outras, para preencher, elaborar, adicionar ou motivar o evento de enquadramento.

Tal evento constitui um esquema de evento particular, identificado em vários domínios conceptuais diferentes³⁰, que determina a totalidade ou a maior parte da estrutura argumental e do caráter semântico dos argumentos, bem como toda ou a maior parte da estrutura do complemento sintático na oração. Estruturalmente, é particularizado pelos seguintes componentes: a entidade figura, a entidade de fundo, o processo de ativação e a função de associação.

Conforme Talmy (2000), a entidade *figura* é, geralmente, o componente em que a atenção está mais centrada. Corresponde a um objeto físico, cujo caminho ou localização é caracterizado e que tem o papel principal (de Sujeito, em termos sintáticos) em relação a todo o evento. A entidade *fundo* é conceituada como o segundo objeto físico, que funciona como um ponto de referência³¹ em relação ao caminho ou à localização da figura, e tem o papel de fundo em relação a todo o evento. O *processo de ativação* diz respeito à transição ou permanência da figura em relação à entidade de fundo, contribuindo para o dinamismo do evento. Por fim, a *função de associação* define a entidade figura em uma relação particular com a entidade fundo.

Especificamente, o evento básico de movimento consiste em uma figura³² em movimento ou localizada em relação a outro objeto (objeto de referência ou *ground*). Esse evento tem quatro componentes: além de figura e do fundo, há um *caminho* e um *movimento*.

²⁹ A concepção sobre *coevento* é discutida na *Subseção 3.2.2.1*, relacionando-o ao evento de movimento.

³⁰ Tais domínios podem ser: um evento de movimento ou localização no espaço, um evento de contorno no tempo (aspecto), um evento de mudança ou de constância entre estados, um evento de correlação entre ações e um evento de realização ou de confirmação no domínio de realização (TALMY, 2000). Dado o meu objeto de pesquisa, vou direcionar a atenção ao primeiro domínio.

³¹ *Landmark*, nos termos de Langacker (1987).

³² Neste trabalho, a figura pode ser o agente/sujeito ou o objeto/paciente do VMT, a depender do tipo de verbo, conforme veremos no *Capítulo 4*.

O movimento pode ser *translacional*, quando há transição da figura em relação ao fundo, ou *estacionário*, quando a figura permanece fixa em relação ao fundo. O autor ainda considera outro tipo de movimento: o movimento *autocontido* (*self-contained*). Neste, um objeto mantém a mesma localização básica e pode consistir em oscilação, rotação, dilatação, balanço e deslocamento no mesmo local ou descanso, exemplificado, respectivamente, com os seguintes dados (TALMY, 2000, p. 36):

- (59) The ball bounced/rolled down the hall.
A bola quicou/rolou pelo corredor.
- (60) The ball moved down the hall.
A bola se moveu pelo corredor baixo.
- (61) The ball bounced up and down on the same floor tile.
A bola saltou para cima e para baixo no mesmo piso.
- (62) The log rolled over and over in the water.
O tronco rolou repetidamente na água.

Nesse complexo de movimento, os eventos expressos em (59) e (60) podem ser analisados como movimento translacional puro, ao qual o verbo MOVE (*mover-se*) se refere exclusivamente. Em ambos, o movimento é translacional porque a localização básica de um objeto muda de um ponto para outro no espaço. Ainda em (59), há um coevento de modo que indica oscilação (*The ball bounced*) ou movimento autônomo rotacional (*The ball rolled*). O autor mostra que esses dois tipos de movimento são representados isoladamente nas orações (61) e (62). Na primeira, o verbo BOUNCE conceitualiza um movimento de oscilação, *up and down*; na segunda, o verbo ROLL conceitualiza um movimento autônomo rotacional, *over and over*.

Segundo Talmy (2000, p. 36), “o correlato cognitivo desse fenômeno linguístico é que aparentemente conceitualizamos, e talvez percebamos, certos movimentos complexos como um composto de dois padrões esquemáticos abstratamente distintos, de movimento mais simples” (tradução minha)³³. Por exemplo, podemos conceitualizar o movimento complexo de uma bola descrevendo uma sucessão de arcos parabólicos gradualmente decrescentes através de um corredor como consistindo de dois movimentos esquematizados distintos ou fundidos:

³³ Texto original: The cognitive correlate of this linguistic phenomenon is that we apparently conceptualize, and perhaps perceive, certain complex motions as a composite of two abstractly distinct schematic patterns of simpler motion.

movimento para frente ao longo de uma linha reta horizontal e movimento iterativo (repetitivo) para cima e para baixo ao longo de uma linha reta vertical. Ou seja, dada a nossa capacidade cognitiva, podemos estabelecer diferentes modos de eventos de movimento.

Um outro tipo de movimento observado pelo linguista diz respeito a ação de um Agente que move controladamente um objeto através de movimentos de parte do corpo, mas sem o deslocamento de todo o corpo. Verbos como TAKE OUT (*tirar*) e MOVE TO (*mover*), ilustrados a seguir, também apresentam esse sentido expresso por PUT (*colocar*). Vejamos os exemplos (TALMY, 2000, p. 38):

- (63) I put the book in the box.
Eu coloquei o livro na caixa.
- (64) I took the book out of the box.
Eu tirei o livro (para fora) da caixa.
- (65) I moved the book three inches to the left.
Eu movi o livro três polegadas à esquerda.

Nessas orações, o Agente da ação (*I*) move um objeto (*the book*) utilizando apenas parte do seu corpo. Não há, portanto, deslocamento do Agente de um lugar para outro. Assim, o verbo PUT (63) faz parte de um complexo que designa o movimento causado a um Paciente, assim como os demais verbos em que a ação é pautada por movimento semelhante: tirar o livro (64) e mover o livro (65) de um lugar a outro.

Outros verbos de movimento expressam o deslocamento total do Agente da ação, conforme as orações ilustradas em (66) e (67), cujo Agente (*the child*) se desloca, ou translaciona, nos termos de Talmy (TALMY, 2000, p. 40), todo o seu corpo.

- (66) The child went down the hallway.
A criança desceu o corredor.
- (67) The child hopped.
A criança pulou/saltou.
- (68) The child hopped down the hallway.
A criança desceu (pulando) pelo corredor.

Em (66) e (67), o emprego dos verbos GO DOWN (*descer*) e HOP (*pular*) no tempo passado circunstanciam o deslocamento de todo o corpo do Agente (*the child*). Já em (68), HOP DOWN expressa, além do movimento, o modo como a criança desceu pelo corredor, pulando. Assim, alguns verbos de movimento, como HOP DOWN, implicam a junção de dois eventos em um único evento.

De acordo com o autor (2000, p. 216), eventos de movimento agentivos podem conceptualizar uma sequência causal de eventos separados, representada sintaticamente por duas orações, conforme (69); ou podem ser concebidos como um evento unitário, como em (70), expresso por uma única oração.

- (69) The aerial toppled because I did something to it [e.g., because I threw a rock at it].
A antena caiu porque fiz algo para isso [por exemplo, porque joguei uma pedra nela].
- (70) I toppled the aerial.
Eu derrubei a antena.

Em suas considerações sobre esse tipo de análise, Talmy (2000, p. 35) assinala que “o importante é que identifiquemos corretamente os componentes semânticos e suas inter-relações, sejam estes vistos como envolvendo combinações lexicais ou construções” (tradução minha)³⁴. A proposição de investigar os componentes semânticos e suas inter-relações do EMT é desenvolvida nesta tese e se consolida na formulação de uma rede hierárquica para a CMT, apresentada no capítulo seguinte. Conforme salientado, essa postura encontra correspondência na proposta da LFCU de tratar a transitividade oracional em termos dos elementos que participam do evento causal transitivo, isto é, em termos semânticos.

3.2.2.1 Coevento relacionado ao evento de movimento

O coevento pode interagir com o evento de movimento de diversas maneiras, ocasionando-o ou se manifestando apenas no decorrer dele. Sobre isso, Talmy (2000, p.45) diz que

³⁴ Texto original: the important thing is that we correctly identify the semantic components and their interrelationships, whether these are seen as involving lexical conflation or constructions.

[...] o coevento pode consistir em um padrão de movimento da Figura – especificamente, um tipo de movimento autocontido, concebido de forma abstrata que se junta ao movimento translacional da Figura para formar um envelope de movimento mais complexo, como no caso de uma bola quicando ou rolando por um corredor. Ou o coevento pode ser uma atividade concebida de modo abstrato pela Figura que poderia existir apenas em associação com o movimento translacional da Figura, como no caso de uma canoa deslizando pela água, de um livro deslizando por um declive ou de um bebê rastejando pelo chão. (tradução minha)³⁵

Para exemplificar, apresento os seguintes exemplos, listados pelo próprio autor (2000, p. 46):

- (71) I MOVED the mug along the counter.
Eu MOVI a caneca ao longo do balcão.
- (72) I SLID the mug along the counter.
Eu DESLIZEI a caneca ao longo do balcão.

Observe que o evento expresso em (72) revela, semanticamente, um movimento mais complexo que em (71). Enquanto o emprego do verbo MOVE expressa apenas o deslocamento da caneca, SLID acrescenta concomitantemente a maneira como esse deslocamento é realizado: deslizando. Inferimos, a partir de diferenças de sentido semelhantes a essas, que o modo como o movimento é realizado corresponde a subcategorias de movimento e conseqüentemente a determinados *frames*, que mostram cenas particulares de tipos de movimento, assim como serão descritos na *Subseção 3.2.3*.

Talmy observa ainda que a fusão (*conflation*) de coeventos não se limita a ocorrer apenas uma vez dentro em uma estrutura com duas orações, mas pode, de fato, ocorrer em número maior. Pode-se, assim, dizer que essa estrutura agrupa orações em uma incorporação hierárquica e que a fusão ocorre sucessivamente, começando com o par mais baixo de orações relacionadas, a exemplo das seguintes orações (TALMY, 2000, p. 46):

³⁵ Texto original: the Co-event can consist of a pattern of motion by the Figure – specifically, a so-conceivedly abstractable type of self – contained motion – that coalesces with the Figure’s translational motion to form a more complex envelope of movement, as in the case of a ball bouncing or rolling down a hall. Or the Co-event can be a conceptually abstractable activity by the Figure that could exist only in association with translational motion by the Figure, as in the case of a canoe gliding through water, of a book sliding down an incline, or of a baby crawling across the floor.

- (73) The prisoner SENT a message to his confederate.
O prisioneiro ENVIU uma mensagem para sua confederação.
- (74) The prisoner FORMED the message.
O prisioneiro CRIU a mensagem.
- (75) The prisoner TAPPED ON the water pipes.
O prisioneiro BATEU nos canos de água.
- (76) The prisoner TAPPED OUT a message along the water pipes to his confederate.
O prisioneiro ENVIU uma mensagem BATENDO nos canos de água para a sua confederação.

Esses exemplos apresentam orações que podem ser integralizadas em único evento, mostradas em uma sequência hierárquica. O primeiro (73) expressa o sentido básico do evento, no qual um Agente (*The prisoner*) movimenta um Paciente (*a message*) para um destino (*his confederate*). As etapas expressas por (74) e (75) são incorporadas por (76). Essa sucessão hierárquica de coeventos passa, então, a expressar um evento de movimento que teve uma fusão múltipla de coeventos: a criação da mensagem (74), a batida na tubulação (75) e, finalmente, o envio por meio de batidas na tubulação (76).

Para Talmy (2000, p. 221-2), as línguas do mundo parecem se dividir em duas categorias no que se refere à estrutura sintática oracional, quer o esquema central seja expresso pelo verbo principal ou pelo satélite (argumento). As línguas que mapeiam o esquema central no verbo são categorizadas como *verb-framed* (emoldurados por verbo). Entre essas línguas estão incluídas as de origem românica. As línguas *satellite-frame* (emolduras por satélite) mapeiam o coevento no verbo principal, chamado de *co-event verb* (verbo de coevento).

Em outras palavras, quando o evento principal é semanticamente emoldurado por um verbo, este expressa simultaneamente o movimento e o percurso. Quando emoldurado por um satélite, o verbo lexicaliza concomitantemente os componentes semânticos de modo/causa de movimento, ao passo que o percurso, que se constitui no evento principal, é expresso por um satélite (em inglês, uma preposição).

Para ilustrar essas estruturas sintáticas, Talmy (2000, p. 223) compara o inglês, uma língua basicamente emoldurada pelo satélite, com o espanhol, uma linguagem emoldurada pelo verbo, considerando as seguintes orações:

- (77) The bottle floated out.
A garrafa flutuou para fora.
- (78) La botella salió flotando.
A garrafa saiu flutuando.

Observe que no exemplo da língua inglesa (77), o satélite (*out*) se posiciona como o esquema central, o caminho (para fora), e o verbo FLOAT expressa o coevento, o modo como o caminho foi percorrido (flutuando). Em contrapartida, no espanhol (78), o verbo SALIR (sair) expressa o esquema central, o caminho, enquanto a forma *flotando* (flutuando), no gerúndio, expressa um coevento de modo.

O autor (TALMY, 2000, p. 224) ressalta que, em línguas centradas no verbo, como o espanhol, a extremidade menos integrada que expressa um coevento, a exemplo de gerúndio em posição final de oração, pode ser interpretada sintaticamente como uma oração subordinada adverbial, não funcionando como satélite. Nesse caso, a estrutura total é uma oração complexa composta de duas orações e, portanto, não pode representar um único evento, conforme se pode ver em (79). Contudo, há padrões em que o coevento também é emoldurado pelo verbo, que está em relação direta com o verbo principal, a exemplo de (80).

- (79) La botella salió de la cueva flotando.
A garrafa saiu da caverna flutuando.
- (80) La botella salió flotando de la cueva.
A garrafa saiu flutuando da caverna.

Em (80), a estrutura inteira pode ser interpretada como uma única oração. Nesse caso, o verbo no gerúndio pode representar apenas uma integração intermediária na oração, porque sua forma gramatical ainda aponta para uma origem de oração. Tal proposta mostra que o Caminho pode aparecer caracteristicamente na raiz do verbo ou no satélite em diferentes línguas. Uma língua como o espanhol, na concepção do autor, codifica as duas perspectivas.

As relações de modo e de causa também se vinculam à estrutura conceptual de eventos de movimento. Para exemplificar, Talmy (2000, p. 228) volta a contrastar orações da língua inglesa com orações da língua espanhola:

- (81) I rolled the keg out of the storeroom.
Eu rolei o barril para fora do depósito.
- (82) Saqué el barril de la bodega rodándolo.
Tirei o barril do depósito rolando-o.
- (83) I kicked the ball into the box.
Eu chutei a bola para dentro da caixa.
- (84) Metí la pelota a la caja de una patada.
Coloquei a bola na caixa com um chute.

As orações transcritas em (81) e (82) mostram que a relação de suporte do evento principal – MOVER o barril do depósito, efetuada por um Agente – é de modo, ROLAR na primeira e TIRAR na segunda. Em (83) e (84), por outro lado, o evento principal, mover a bola para a caixa, está relacionado com a causa, expressa por *chutar*. Nos exemplos em língua inglesa, o movimento expresso pelo verbo ROLL (*rolar*) implica diretamente o modo como ocorreu a transferência do barril de um ponto inicial para o depósito (81); com o verbo KICK (*chutar*), a implicação é de causa: a bola se moveu para a caixa, como resultado de haver sido chutada (83). Em espanhol, por sua vez, o modo (*rodando*), em (82), e a causa (*de una patada*), em (84), do movimento e, mais precisamente, o afetamento do objeto, é ancorado no coevento.

Vale ressaltar que Talmy (1972) iniciou esses estudos comparando línguas diferentes, estabelecendo padrões lexicais e conceituando o esquema básico de eventos de movimento, em que uma figura se desloca em relação a um fundo, seja este um objeto seja um ponto referencial. O percurso realizado pela figura é, portanto, o Caminho. O autor esclarece que o inglês faz parte de um grupo de línguas que tem como padrão característico de movimento verbos que expressam, ao mesmo tempo, tanto o movimento em si como o coevento, geralmente a maneira ou a causa do movimento. No PB, o modo do movimento pode se relacionar diretamente com o VMT, conforme veremos no *Capítulo 4*.

3.2.3 Semântica de *Frames*

Conforme exposto na *Subseção 3.1.3*, que trata de papéis semânticos, atribui-se a Fillmore (1968) o desenvolvimento da Gramática de Casos, que se ocupa das funções semânticas dos elementos de uma oração. A noção de *frame* é proveniente da psicologia. Neste trabalho, adoto a visão de Fillmore, na qual a descrição de um verbo é feita por meio da

definição dos papéis semânticos dos argumentos que com ele se relacionam. Para Fillmore (1975, 1977), os significados são definidos em relação a algum enquadre (*frame*) ou cena³⁶ que pode ser altamente estruturado. Estreitamente relacionada à noção de *frame*, a valência tem a ver com os modos em que os verbos se ligam a outros elementos para a produção de orações gramaticais.

No que diz respeito a verbos, estes envolvem significados que devem fazer referência a um *frame* estabelecido com base no conhecimento cultural e de mundo dos falantes. Acionamos *frames* a fim de organizar as nossas ideias e produzir comunicação eficiente. Nesse quadro, os verbos se referem a uma estrutura conceptual, interpretada de modo amplo (FILLMORE, 1975, 1977; LAKOFF, 1977, 1987; LANGACKER, 1987). A semântica de *frames*, portanto, abriga “um sistema de conceitos relacionados de tal forma que, para entender qualquer um deles, deve-se compreender toda a estrutura em que esses conceitos se enquadram” (FILLMORE, 2006 [1982], p. 373, tradução minha³⁷).

Na perspectiva da semântica de *frames*, portanto, a caracterização de verbos e orações depende do papel semântico dos argumentos de predicadores. Daí surge o conceito de *frame* de caso, isto é, a caracterização de uma situação abstrata ou de uma cena de forma que, para entender a semântica do verbo, é preciso compreender as propriedades das cenas esquematizadas. Nessa linha, é possível estabelecer uma distinção entre os conceitos de *cena* e de *frame*, em que o primeiro representa uma entidade cognitiva ou experiencial, e o segundo tem caráter linguístico, atinente, por exemplo, a uma estrutura argumental. Essa visão foi reformulada e se passou a utilizar apenas a noção de *frame* e a conceituá-lo como uma estrutura cognitiva cujas partes são indexadas por palavras a ela associadas e usadas a serviço do processo de compreensão.

Logo, não se trata de tomar apenas o léxico como base, já que as palavras são pistas para que o ouvinte/leitor ative um conjunto de experiências sociais e culturais atreladas às palavras pelas quais as categorizamos (base experiencialista da língua). Nesse sentido, os *frames* podem ser compreendidos como “estruturas esquematizadas de conhecimento” (FILLMORE, 1982).

³⁶ Os termos *frame* ou cena designam uma idealização coerente e individualizada de uma percepção, memória, experiência, ação ou objeto (FILLMORE, 1977), conforme explicitado na nota 13 da *Subseção 3.1.1* e repetido aqui por conveniência.

³⁷ Texto original: a system of concepts related in such a way that to understand any of them, it is necessary to understand the whole structure in which it is inserted.

Tendo apresentado o conceito de *frame* em sua concepção original e reformulação posterior, cabe agora destacar que, nesta tese, esse conceito será trabalhado na perspectiva primeira, que focaliza a estrutura argumental de um verbo.

Como ilustração, mostro alguns exemplos recolhidos do projeto FrameNet Berkeley. Seguindo Fillmore, esse projeto relaciona significado lexical de verbos a estrutura argumental sintática. Nessa linha, FrameNet é um banco de dados que especifica o significado de um predicador, os papéis semânticos de seus argumentos e como eles se manifestam sintaticamente. Seu objetivo é documentar um leque de possibilidades semânticas e sintáticas combinatórias para cada verbo da língua inglesa em cada um de seus sentidos. Atualmente, conta com mais de 200.000 dados para pesquisa, vinculados a mais de 1.200 *frames* semânticos, disponíveis em um sistema computadorizado, abrigados no Instituto Internacional de Ciência da Computação, em Berkeley, Califórnia, Estados Unidos, apoiado principalmente pela *National Science Foundation*.

Outros bancos de dados semelhantes a esse projeto foram criados para vários idiomas. No Brasil, o projeto se chama FrameNet Brasil. Trata-se do laboratório de Linguística Computacional sediado na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com o objetivo de criar um banco lexical do PB, para compreender a língua natural com base na Semântica de *Frames* e na GC. Conta com um *corpus* de cerca de 104 milhões de palavras, composto por textos escritos, discursos transcritos e legendas de filmes.

Tomando o projeto FrameNet Berkeley como matriz, selecionei alguns *frames* relacionados à construção com VMT. Na sequência, discuto cada um deles com base nos verbos coletados no *corpus* desta pesquisa e em algumas definições retiradas do FrameNet Brasil³⁸.

3.2.3.1 Causar movimento

Definido como *cause-motion* no FrameNet Berkeley, esse *frame* descreve um evento em que um Agente faz com que um Paciente se mova de um ponto de origem, ao longo de um caminho para um alvo. Sob o enfoque da GC, *cause-motion* corresponde à construção de movimento causado (GOLDBERG, 1995). Trata-se de um *frame* “muito amplo que contém vários tipos diferentes de palavras que se referem a causar movimento” (FrameNet Berkeley,

³⁸ O FrameNet Brasil está em fase de constituição de seu banco lexical, por isso não encontrei exemplos relacionados aos verbos sob estudo aqui. No entanto, apresento definições atribuídas aos elementos presentes nas cenas particularizadas de cada evento.

tradução minha³⁹). As construções relacionadas a esse *frame* descrevem o controle do Agente sobre o Paciente apenas na origem do movimento e não no movimento total, como, por exemplo, com os verbos LANÇAR (*cast*) e ATIRAR (*throw*). Já em construções com outros verbos, como ARRASTAR (*drag*) e EMPURRAR (*push*), o Agente tem o controle do Paciente por todo o movimento; nesse caso, o Paciente apresenta resistência ao movimento devido a alguma fricção. Vejamos alguns exemplos correspondentes:

- (85) She THREW her shoes into the dryer. (FrameNet Berkeley)
Ela lançou seus sapatos no secador.
- (86) [...] que o município já estando com 60% da rede coletora pronta, precisa, além de concluir, viabilizar o tratamento da mesma, para lançar os dejetos tratados nas águas do rio São Francisco. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (87) The mechanic DRAGGED the jack out from under the car. (FrameNet Berkeley)
O mecânico arrastou o macaco para fora de debaixo do carro.
- (88) [...] no caso ela tava junto com a noviça ... e ... ele ... o rapaz pegou as duas né ... mas aí a noviça caiu no meio do caminho ... caiu do carro ... eles empurraram a noviça ... ela abriu a porta e empurrou a noviça ... a freira ... é ... eles descobriram o local lá né ... onde ela tava um ... local que ela morava ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 281*)

Os verbos LANÇAR (*throw*), DRAG (*arrastar*) e EMPURRAR, destacados nas orações (85-88), enfatizam a ação do Agente em causar o movimento do Paciente de um lugar para outro. O FrameNet Brasil também tem esse *frame* catalogado como *causar movimento*, o qual descreve o Agente como “aquele cuja ação causa o movimento de um Tema”, sendo este “geralmente um objeto SN”. Constituem exemplos de pacientes: *her shoes (seus sapatos)*, *os dejetos tratados*, *the jack (o macaco)* e *a noviça*.

Os SP *into the dryer (no secador)*, em (85), e *nas águas do Rio São Francisco* (86) correspondem ao Alvo, ponto final para onde o Paciente é movimentado. Em (87), *out* e *from under the car (para fora e de debaixo do carro)* identificam, respectivamente, o Alvo e a Origem, isto é, o ponto de partida, do movimento. Observa-se que as instâncias do *frame cause-motion* podem deixar implícitos a Origem, o Caminho e/ou o Alvo, como em (88), que não explicita o local para onde a noviça é empurrada.

Os próximos *frames*, remoção e colocação, são considerados *subframes* de *cause-motion* no FrameNet Berkeley.

³⁹ Texto original: This frame is very broad and contains several different kinds of words that refer to causing motion.

3.2.3.2 Remover

O *frame* Remover (*removing*) descreve o afastamento do Paciente de um local de origem (*source*), a partir da ação do Agente. Ilustro com os dados a seguir:

- (89) The waiter REMOVED the dishes from the table. (FrameNet Berkeley)
O garçom removeu os pratos da mesa.
- (90) [...] então eu retiro esse arroz da panela e coloco na forma e deixo ele esfriar bem socado ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 60)

Em (89) e (90), os SN_{SUJ}, *the waiter* (o garçom) e *eu*, fazem com que os pacientes se movam. O Paciente se constitui, portanto, no objeto extraído, identificado, respectivamente, como *the dishes* (os pratos) e *esse arroz*. A Origem está perfilada no sentido do verbo e, quando expressa, é codificada por SP, como *from the table* (da mesa) e *da panela*. No próximo item, veremos que o *frame placing* possui polaridade inversa ao *removing*, uma vez que o papel semântico perfilado é o Alvo.

3.2.3.3 Colocar

O *frame* Colocar⁴⁰ (*placing*) descreve um evento em que um Agente coloca um Paciente em um local, o Alvo. Nessa moldura, o Paciente está sob o controle do Agente até a chegada ao Alvo, conforme os dados seguintes:

- (91) David PLACED his briefcase on the floor. (FrameNet Berkeley)
David COLOCOU sua pasta no chão.
- (92) Genesis e Bel querem pôr as roupas na secadora, querem tomar um chá, querem falar de suas aventuras [...] (Revistas *On-line*, Veja)

David (91) e *Genesis e Bel* (92) desempenham o papel de Agente, pessoa que faz com que o Paciente se mova, controlando-o até o Alvo. O Paciente, por sua vez, é o objeto que muda de localização no ato da colocação, a exemplo de, respectivamente, *his briefcase* (sua pasta) e *as roupas*. E o Alvo, perfilado no *frame* dos verbos que implicam colocação, é o ponto de chegada do evento na oração, como os SP *on the floor* (no chão) e *na secadora*.

⁴⁰ Não localizei no FrameNet Brasil *frames* especificados como *remover* e *colocar*.

Como visto, o SP desse *frame* tem o papel de Alvo. Por isso, difere de *removing*, que perfila a origem do movimento. A seguir, trato de mais um *frame* que implica movimento causado, *transportar*.

3.2.3.4 Transportar

O *frame* Transportar, nomeado *bringing* pelo FrameNet Berkeley, delinea a ação de um Agente, representado por uma pessoa ou outra entidade consciente, que transporta o Paciente por um determinado caminho, conforme os exemplos a seguir:

- (93) Karl CARRIED the books across campus to the library on his head. (FrameNet Berkeley)
Karl LEVOU os livros pelo campus até a biblioteca em sua cabeça.
- (94) Karl CARRIED the books across campus to the library in his truck. (FrameNet Berkeley)
Karl LEVOU os livros pelo campus até a biblioteca em seu caminhão.
- (95) The boat FERRIED the troops across the river. (FrameNet Berkeley)
O barco transportou as tropas para o outro lado do rio.

Replicando as definições do FrameNet Berkeley, o FrameNet Brasil caracteriza o Agente como o ser senciente que fisicamente controla o movimento do Paciente, a exemplo de *Karl*, em (93-94). O Paciente corresponde à entidade transportada, que pode ser um objeto, como *the books* (*os livros*), em (93-94), ou um ser animado, como *the troops* (*as tropas*), em (95), com a intenção de conduzi-lo a um alvo, ponto final da trajetória, como *the library* (*a biblioteca*).

Os verbos que ocorrem na estrutura linguística que ativa esse *frame* podem ter referentes metonímicos⁴¹ como SUJ, como *the boat* (o barco), em (95), guiado por um agente humano. Em outros casos, o meio de transporte utilizado para a realização do evento pode ser expresso por um complemento preposicionado, assim como ocorre com *in his truck* (94). Esse sintagma é identificado como *carrier* (portador) pelo FrameNet e tem a função de providenciar suporte para o Paciente durante o traslado. Partes do corpo também podem preencher esse *slot*, a exemplo de *on his head* (93).

⁴¹ A metonímia é definida como o uso de uma entidade para se referir a outra que mantém com ela uma relação de contiguidade (LAKOFF; JOHNSON, 1980).

Além de representar o destino do evento de movimento, o argumento SP dos verbos relacionados a esse *frame* também pode categorizar o Caminho e a Origem do movimento. Observe-se que o SP *across campus* revela o caminho/trajetória das entidades envolvidas em (93-94).

3.2.3.5 Atravessar

Definido como *traversing* no FrameNet Berkeley e *atravessar* no FrameNet Brasil, este *frame* descreve um evento em que uma entidade muda de local em relação a um ponto destacado. Em eventos com VMT, esse ponto pode ser representado por um SN_{OD} que designa, por exemplo, a área, o caminho ou a distância do movimento. Vejamos alguns exemplos correspondentes:

- (96) The bikers CRISSCROSSED the desert. (FrameNet Berkeley)
Os motociclistas atravessaram o deserto.
- (97) Anne Hathaway, atriz de filmes como O Diabo Veste Prada, foi a que mais atraiu olhares ao cruzar o blue carpet, o tradicional tapete vermelho pintado em homenagem à cor do pássaro protagonista. (Revistas *On-line*, Caras)
- (98) [...] se você sair de frente para a igreja ... em frente da igreja católica como ao norte ... né ... rumo ao norte você ... acha ... que não anda:: você anda seiscentos metros sai da cidade ... né ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 192)

Os verbos ATRAVERSSAR (*CRISSCROSS*), CRUZAR e ANDAR, destacados nas orações (96-98), respectivamente, ocorrem com um Locativo SN_{OD}. Em (96), *the desert* equivale a ÁREA por onde a entidade *the bikers* realizam a travessia. Em (97), *o blue carpet* faz menção a um tapete vermelho, que diz respeito ao CAMINHO por onde a atriz Anne Hathaway passa. Ao passo que em (98), *seiscentos metros* vislumbra a DISTÂNCIA percorrida pelo referente do SN_{SUJ} *você*.

Esses três elementos, localizados como SN_{OD} dos verbos desse *frame*, são particularizados, respectivamente, da seguinte forma pelo FrameNet Brasil: a Área [Area] é o elemento usado para expressões que descrevem uma área geral, na qual o movimento ocorre quando o movimento é entendido como irregular e não consiste em um único caminho linear. E o Caminho [Path] diz respeito a qualquer descrição de uma trajetória de movimento, incluindo

expressões direcionais, que não seja nem origem nem destino. A Distância [Distance] aponta para qualquer expressão que caracterize a extensão do movimento.

A entidade que se move nas orações descritas por esse *frame*, definido semanticamente como Agente na perspectiva desta tese, movimenta-se sob o seu próprio poder, a exemplo, respectivamente, dos SN_{SUJ} *the bikers*, *Anne Hathaway* e *você*.

A estrutura oracional desse *frame* pode pressupor, em alguns casos, a participação de um SP, apontando, igualmente, para outro tipo de locativo, como a Origem ou o Alvo do movimento. Este último expresso na oração destacada a seguir:

- (99) ... tudo que tá preservado pela natureza ... eu acho bonito ... tem as pedras ... que a gente pula pra água ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 370*)

O SP *pra água*, em (99), corresponde ao ponto final para onde o Agente se desloca, nesse caso o Alvo. O SN_{OD} *as pedras* diz respeito ao ponto atravessado/pulado pelo referente do SN_{SUJ} *a gente*.

Quando o SN_{OD} desses VMT aponta para locativos que revelam o ponto inicial ou final do evento – distintos, assim, de espaços correlacionados à área, ao caminho ou à distância mencionadas –, temos, conforme ambos os projetos FrameNet, dois *subframes* de Atravessar: *partir* e *chegar*, tratados na sequência.

3.2.3.6 Partir

Denominado de *departing* no FrameNet Berkeley, o *frame* Partir descreve uma entidade que se afasta de um ponto de origem⁴². Nesse sentido, temos o VMT DEIXAR, conforme os dados:

- (100) The woman LEFT the house. (FrameNet Berkeley)
A mulher deixou a casa.
- (101) Valter Hugo Mãe deixa o Brasil com planos de voltar. [...] Nascido em Angola, mas filho de portugueses, deixou o país africano aos dois anos de idade para nunca mais voltar. (*Revistas On-line, Veja*)

⁴² A maior parte dos verbos desse *frame* são seguidos apenas de um SP, a exemplo de DEBANDAR, DESAPARECER, ESCAPAR, FUGIR, PARTIR etc.

Este *frame* se caracteriza por expressar a mudança de localização do SN_{SUJ}, a exemplo dos SN_{SUJ} *The woman*, em (100), e *Valter Hugo Mãe* (101), que tem controle sobre seu movimento, partindo de um ponto de origem. Este ponto revela a posição inicial do Agente, antes da mudança de local, conforme os SN_{OD} *the house*, em (100), e *o Brasil e o país africano*, em (101). Se por um lado o SN_{OD} desse *frame* revela o ponto de partida, por outro, o próximo *frame*, *chegar*, revela o ponto de chegada do movimento efetuado pelo SN_{SUJ}.

3.2.3.7 Chegar

O EMT expresso por esse *frame*, definido como *arriving* na plataforma do FrameNet, descreve o deslocamento de uma entidade que se direciona a um determinado alvo/destino. Este é expresso por um sintagma locativo, conforme os exemplos em destaque:

(102) I REACHED Mexico on foot. (FrameNet Berkeley)
Eu cheguei/alcancei (n)o México a pé.

(103) De acordo com os relatos iniciais, o erro do piloto é claro. Em condições meteorológicas ruins, de neblina, ele buscou a pista visualmente até o último minuto e não a encontrou. (Revistas *On-line*, Veja)

Como se pode ver, os locativos expressos pelo SN_{OD} dos verbos CHEGAR e BUSCAR, respectivamente, *Mexico* e *a Pista*, correspondem ao alvo/destino do movimento, portanto possuem polaridade inversa ao mesmo tipo de sintagma revelado no *frame* Partir. Da mesma forma, o argumento SN_{SUJ} da ação descrita por essa classe de VMT aponta para uma entidade que se move sob seu próprio controle, assim como *I*, em (102), e *ele* (103).

3.2.3.8 Acompanhar

O último *frame* é classificado como *Acompanhar* e é identificado como *cotheme* pelo FrameNet Berkeley, termo atribuído à segunda entidade que se move no evento (coparticipante), codificada por um OD, a exemplo das orações em destaque:

- (104) The police FOLLOWED the suspects all around town. (FrameNet Berkeley)
A polícia seguiu os suspeitos por toda a cidade.
- (105) Madrasta dedicada, a elegante Maythe Birman (36) acompanhou a filha de seu marido, o proprietário da Arezzo Anderson Birman (55), Patrícia Birman (27), noiva do empresário do ramo imobiliário Mario Pedro Marcondes (31), para acertar detalhes da cerimônia, que se realizará em setembro. (Revistas *On-line*, Caras)

A configuração argumental desse *frame*, portanto, indica necessariamente o movimento de dois participantes. O referente do SN_{SUJ} é um agente animado, assim como *The police*, em (104), e *a elegante Maythe Birman* (105), que se desloca ao mesmo tempo que o referente do SN_{OD}, expresso por *the suspects* e *a filha do seu marido*, respectivamente. Logo, esse *frame* tem como característica o fato de que o referente do SN_{OD} – semanticamente uma entidade comitativa, por se tratar de um caso que exprime companhia – é autônomo quanto ao controle de seu deslocamento, uma vez que não sofre interferência direta do SN_{SUJ}. Dessa forma, esse padrão sanciona verbos de ação, visto que o movimento atribuído ao SN_{OD} é controlado por ele mesmo, não havendo afetamento ocasionado por um Agente. O SP também pode fazer parte da estrutura argumental dos verbos SEGUIR e ACOMPANHAR. Semanticamente identifica um Locativo, a exemplo de *por toda a cidade (all around town)*, em (104), área por onde se passa o evento.

3.2.4 Esquemas Imagéticos

Os esquemas imagéticos estabelecem um contraponto com a noção de *frame* inicialmente formulada por Fillmore (1982). Enquanto *frame* refere-se à estrutura argumental de um verbo, na perspectiva fillmoriana, os EI representam uma estrutura cognitiva de eventos. Assim, nesta tese, examino a semântica dos verbos de movimento em termos de *frame*/estrutura argumental e analiso os EI que os construtos com esses verbos acionam em termos de estrutura cognitiva.

Nessa perspectiva, os EI refletem experiências sensório-motoras ativadas pelas orações com os verbos de movimento sob exame. Esses esquemas são definidos, segundo Ferrari (2011, p. 86), “como versões esquemáticas de imagens, concebidas como representações de experiências corporais, tanto sensoriais quanto perceptuais, em nossa interação com o mundo”.

Esse conceito, fundamentando em Lakoff (1987) e Johnson (1987), considera a (inter) relação entre percepção cognitiva e significado linguístico. Quando essa relação é armazenada na mente do usuário da língua, ele é capaz de conceber e significar linguisticamente noções de espaço e trajetória, entre outras. Langacker (2008, p. 535) amplia essa concepção, ao afirmar que:

A cognição é corporificada. Ela reside na atividade de processamento do cérebro, que faz parte do corpo, que faz parte do mundo. No nível mais básico, interagimos com o mundo através dos nossos sentidos e ações físicas. Existem outros níveis, é claro: grande parte do mundo em que vivemos é mental e socialmente construída. Mas, direta ou indiretamente, o mundo que construímos e apreendemos está fundamentado na experiência sensorial e motora. (tradução minha⁴³)

Dessa experiência é que resulta uma série de EI que podem ser combinados entre si. Croft e Cruse (2004, p. 69), por exemplo, mostram que a nossa experiência de graus de peso combina dois EI: escala e peso. E admitem que é muito difícil separá-los, pois “PESO e ESCALA representam o relacionamento mais estreito entre domínios, isto é, o que Langacker descreve como dimensões de um domínio” (tradução minha)⁴⁴. Esses autores fazem um inventário dos EI com base em relações perceptuais. Ao considerar o evento transitivo de movimento, os esquemas de *espaço* (que inclui noções de cima-baixo, frente-trás, esquerda-direita), *escala* (origem-caminho-meta) e *contêiner* (dentro-fora) são os mais propensos a serem acionados.

As dimensões de domínio descritas por Langacker (1987) dizem respeito aos diversos conceitos que podem ser perfilados, simultaneamente, por um único domínio⁴⁵.

Com relação aos EI evocados pelos construtos da CMT, uma simples alteração da preposição que introduz o SP pode acarretar significados diferentes quanto ao tipo de espaço referenciado no evento. Demonstro com os seguintes dados:

⁴³ Texto original: Cognition is embodied. It resides in processing activity of the brain, which is part of the body, which is part of the world. At the most basic level, we interact with the world through our senses and physical actions. There are other levels, of course: much of the world we live in is mentally and socially constructed. But either directly or indirectly, the world we construct and apprehend is grounded in sensory and motor experience.

⁴⁴ Texto original: WEIGHT and SCALE represent the tightest relationship between domains in a domain matrix, that is, what Langacker describes as dimensions of a domain.

⁴⁵ Croft e Cruse (2004) chamam a atenção para o fato de que os termos *frame* (Fillmore) e *domínio* (Fillmore, Lakoff e Langacker) competem pelo uso e parecem identificar a mesma abordagem teórica. Conforme estabelecido anteriormente, neste trabalho utilizo *frame* para me referir à estrutura argumental de um verbo, enquanto *domínio* diz respeito mais especificamente a estruturas esquematizadas de conhecimento.

- (106) Ulysses McGill (George Clooney) foge da prisão com dois outros trapalhões para buscar um tesouro enterrado e para evitar que sua mulher, Penny (Holly Hunter), aceite outros pretendentes. (Revistas *On-line*, Veja)
- (107) O homem de preto fugia pelo deserto e o pistoleiro ia atrás. (Revistas *On-line*, Época)
- (108) Ele fugiu para os Estados Unidos depois de passar quase três anos presos, sem condenação. (Revistas *On-line*, Época)

Com base nesses dados, vê-se que as preposições introduzem pontos do percurso de um evento de movimento. Assim, a preposição *de* indica a Origem do movimento, em (106): *da prisão*; a preposição *por* em (107) designa o Caminho: *pelo deserto*; e em (108) *para* assinala a Meta: *para os Estados Unidos*.

Os EI evocados pelos construtos da CMT envolvem percepções relacionadas a um *contêiner* ou a uma relação escalar de trajeto que engloba *origem-caminho-meta*, conforme serão tratadas a seguir.

3.2.4.1 Contêiner

Em eventos de movimento com verbos transitivos, o EI de Contêiner está relacionado a tipos de recipientes capazes de acondicionar participantes desse evento. Ancorada em Lakoff (1987) e Johnson (1987), Ferrari (2011, p. 87) diz que “o esquema imagético CONTÊINER resulta de nossas experiências com objetos desse tipo, originando expressões que indicam movimento para dentro ou para fora”, tais como um barco que navega para “dentro de um túnel” ou uma pessoa que joga toda a sua raiva “para fora”. No segundo caso, parte-se do princípio de que, metaforicamente, o corpo funciona como um contêiner, local de onde a raiva é removida.

Para Talmy (2000), o Contêiner corresponde ao espaço que suporta dois tipos de manipulação: extração e depósito. Os dados analisados corroboram essa asserção. Quando se trata de extração, temos um ponto de origem do movimento, como *de dentro do carro*, em (109). Quando é depósito, temos o destino do movimento, como *na tijela da Batedeira*, em (110).

- (109) [...] ela ficou dentro do ... das ferragens do carro ... fratu/ fraturou a perna ... sabe? foi uma luta pra tirar ela de dentro do carro ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 222*)
- (110) Colocar todos os ingredientes na tigela da Batedeira e ligar no maximo com batedor para massas leves mais tem que bater todos os ingredientes até a massa ficar homogenea e despejar numa forma untada e povilhada. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 336*)

Isso mostra que o EI de Contêiner se relaciona diretamente com o sentido lexical de TIRAR, o qual implica a participação de um recipiente (expresso pelo SP) de que se pode extrair uma entidade, como *ela*, em (109). O verbo COLOCAR, por sua vez, perfila um ponto do esquema que corresponde ao alvo/meta do movimento, um recipiente (*na tigela da Batedeira*) em que se pode depositar um objeto, como *todos os ingredientes*, em (110).

3.2.4.2 Trajetória: origem, caminho e meta

Em eventos de movimento, a Trajetória, tal como proposto por Croft e Cruse (2004), constitui-se em um EI composto de um ponto de partida (origem), de um percurso (caminho) e de um ponto de chegada (meta). Vejamos os seguintes dados:

- (111) O advogado afirmou também que, na entrevista, Macarrão teria dito que quando trouxe Eliza e o adolescente J. – primo do ex-goleiro Bruno – do Rio de Janeiro a Belo Horizonte (MG), eles teriam dado carona a um policial militar até a cidade de Juiz de Fora, no interior de Minas. (Revistas *On-line, IstoÉ*)

Em (111), a Origem e a Meta da trajetória percorrida pelos participantes *Macarrão, Eliza e o adolescente J.*, são revelados pelos SP *do Rio de Janeiro e a Belo Horizonte (MG)*, respectivamente. Nesse caso, o Caminho é o percurso entre essas capitais.

A correlação entre *frames* e EI é fundamental para o desenho da rede construcional do EMT. Se, de um lado, a nossa capacidade de identificar os papéis semânticos desempenhados pelos argumentos dos verbos de movimento provém da experiência adquirida no uso da língua em interação, de outro, os esquemas armazenados na memória nos permitem identificar distintos eventos de movimento, a exemplo dos descritos na *Subseção 3.2.3*.

Percebe-se, portanto, que o contêiner está atrelado a eventos de manipulação, e a trajetória, a de deslocamento.

3.2.5 Metáfora Conceptual

Nesta subseção, examino o modo pelo qual construtos com VMT podem sancionar um conjunto de metáforas, ou seja, as metáforas conceptuais que subjazem às metáforas linguísticas.

No âmbito da LC, a obra seminal no tratamento da *metáfora conceptual* é *Metaphors We Live By*, de Lakoff e Johnson (1980). Nas palavras desses autores, a metáfora é uma habilidade imaginativa de comparação, que permite “entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra” (p. 5).

Com base no uso de expressões linguísticas convencionais do cotidiano, Lakoff e Johnson (1980) depreendem a existência de relações metafóricas ou mapeamentos entre domínios conceptuais na mente humana. De acordo com Croft e Cruse (2004), o principal objetivo de Lakoff (1987), ao desenvolver a teoria da metáfora conceptual, foi revelar esses mapeamentos metafóricos entre domínios e como eles têm guiado o raciocínio e o comportamento dos humanos.

Ferrari (2011, p. 92) destaca que a metáfora está relacionada à noção de perspectiva e de conceptualização, uma vez que “é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro. Sendo assim, para cada metáfora, é possível identificar um domínio-fonte e um domínio-alvo”, ambos entendidos como domínios conceptuais.

O primeiro domínio diz respeito a propriedades físicas e concretas da experiência, ao passo que o segundo domínio tende a ser mais abstrato. Um exemplo é a metáfora *tempo é lugar* que nos permite conceber *tempo* (domínio-alvo) em termos de *espaço* (domínio-fonte), como se pode ver nos SP destacados em (112) – *para o ano de mil novecentos e cinqüenta e cinco, a mil novecentos e oitenta e cinco e no passado* – em que eventos temporais são projetados a partir da experiência física sensorio-motora de espaço.

- (112) [...] ele tinha voltado para o ano de mil novecentos e cinqüenta e cinco ... não é ... trinta anos antes ... então ... é:: ele consegue voltar a mil novecentos e oitenta e cinco e consegue mudar alguma coisa da história ... [...] então quando ele volta ele consegue mudar alguma coisa no passado que acaba ... o pai de Martin acaba sendo superior a Biff ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 185)

Como (112) mostra, os SP do verbo de movimento VOLTAR expressam referência temporal de passado, em que o tempo é concebido, por analogia, como um espaço onde episódios acontecem.

Outra metáfora conceptual é a “*metáfora do conduto*” formulada por Reddy (1979, p. 290):

(1) a linguagem funciona como um canal, transferindo pensamentos do corpo de uma pessoa para outra; (2) ao escrever e falar, as pessoas inserem seus pensamentos ou sentimentos nas palavras; (3) as palavras realizam a transferência contendo os pensamentos ou sentimentos e transmitindo-os a outras pessoas; e (4) ao ouvir ou ler, as pessoas extraem os pensamentos e sentimentos mais uma vez das palavras. (tradução minha)⁴⁶

As orações em destaque em (113) e (114) compreendem esse tipo de metáfora, em que comunicar, respectivamente, é: colocar/jogar objetos (*aquele pensamento*) em recipientes (*lhe = o indivíduo*), enviados por um interlocutor (*ela*); ou retirar objetos (*as dúvidas*) de recipientes (*dos membros da CPL*) por um interlocutor (*que = o SR. CRESO*)⁴⁷.

- (113) [...] ela não deixa o indivíduo raciocinar ... ela lhe joga aquele pensamento dela e você não:: você apenas aceita ... Sem fazer questionamentos ... mas na própria igreja protestante você já vê outras alas ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 62*)
- (114) [...] embora a depoente procurasse explicar para eles cada passo, seguindo sempre a orientação do SR. CRESO, que sempre tirava as dúvidas dos membros da CPL. (*Banco de Sentenças/JFRN*)

Além disso, pode haver a interação entre metáforas conceptuais, resultando em um sistema metafórico complexo, que Lakoff (1993) chama *metáfora de estrutura de evento*. Nesse caso, várias metáforas se combinam para que se alcance a interpretação de outra metáfora mais geral, como “*vida é viagem*”, por exemplo. Nessa metáfora, temos: estados tomados como locais, mudança como movimento, causas como forças, metas como destinos, meios como caminhos, dificuldades como impedimentos ao movimento e atividades com propósitos como jornadas. Os exemplos adiante, com os VMT SEGUIR e ATRAVESSAR, mostram duas dessas metáforas:

⁴⁶ Texto original: (1) language functions like a conduit, transferring thoughts bodily from one person to another; (2) in writing and speaking, people insert their thoughts or feelings in the words; (3) words accomplish the transfer by containing the thoughts or feelings and conveying them to others; and (4) in listening or reading, people extract the thoughts and feelings once again from the words.

⁴⁷ Ressalto que, em termos metafóricos, nesses dados subjazem os EI de trajeto e de contêiner.

- (115) Mas, se uma pessoa quiser ser mais feliz, ou ter paz de espírito, por exemplo, ela pode trilhar um caminho espiritual por um tempo e ver se ele atende a seus objetivos. (Revistas *On-line*, AnaMaria)
- (116) A fase da puberdade é o sinônimo social da separação progressiva entre pais e filhos. Fase crítica, porque a maior parte das famílias não está preparada para tanta contradição e se frustra. [...] Incentive seu filho a participar de competições esportivas, uma maneira saudável de atravessar essa fase crítica. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

Essas projeções metafóricas tomam *vida* como domínio-alvo e *viagem* como domínio-fonte. Em (115), o SN_{OD} *um caminho* faz menção às atitudes tomadas pelo referente do SN_{SUI} *ela*, exemplificando a metáfora *meios são caminhos*. Em (116), a oração guarda relação com a metáfora *dificuldades são impedimentos ao movimento*, pois *essa fase crítica* dificulta a vida de alguém, tornando difícil atravessá-la.

Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff e Turner (1989) identificam ainda outra metáfora, que toma o corpo como um recipiente, capaz de conter sentimentos e emoções. No destaque do recorte (117), o SN_{OD} *o peso das costas* refere-se metaforicamente a algum tipo de sensação de incômodo/dificuldade vivenciado por alguém. O SP *das costas* representa parte do corpo que suporta esse sentimento. Uma vez que se retira esse “peso das costas”, abre-se espaço para a sensação de alívio, de bem-estar.

- (117) Deixar que o amor siga seu caminho é tão importante quanto vivê-lo de forma plena. Não se trata de fracassar, mas, sim, de ter sabedoria para tirar o peso das costas e reencontrar sua essência. (Revistas *On-line*, Cláudia)⁴⁸

Nessa mesma linha, ao tratar de elos de polissemia em construções de movimento causado e ditransitiva, Furtado da Cunha (2017, p. 115) observa “que mesmo alguns verbos prototípicos da CMC, como *colocar* e *tirar*, por exemplo, podem originar usos metafóricos mais produtivos, motivados pelo sentido central da construção”. No exemplo (118), apresentado pela autora, o corpo funciona como um recipiente, uma vez que o OD *chifre* é colocado no informante. O *frame* Colocar (cf. *Subseção 3.2.3.3*) serve de base para essa metáfora complexa, de origem cultural, que diz respeito a um caso de traição.

⁴⁸ Aqui também se observa um recurso metonímico, já que há efeito (peso) pela causa (fardo).

- (118) [...] aconteceu tudo isso ... da gente ter terminado o namoro ... porque ele colocou chifre em mim ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 229*)⁴⁹

Depreende-se de Lakoff (1987) e Johnson (1987) que os EI servem ao processo de criação metafórica, por serem recursos que utilizam determinadas estruturas imagéticas, tais como as noções de contêiner e trajeto, ligadas à nossa experiência corporal, conforme vimos na *Subeção 3.2.4*. As noções direcionais, tais como centro, lado, em cima, em baixo, entre outros, são empregadas no processo de manipulação dos sentimentos. O dado (119) ilustra essa situação: ao *empurrar as emoções para escanteio*, Claire tira as emoções do centro e as posiciona em lugar marginal, *para escanteio*.

- (119) Sinto tanto pela Claire que às vezes chorava de pensar no que ela está passando, mas essa foi uma das partes mais instigantes – empurrar as emoções para escanteio, porque Claire não gosta que percebam o que ela sente. (*Revistas On-line, Veja*)

Retomando Croft e Cruse (2004, p. 194), os autores ressaltam que “o significado metafórico não é, pelo menos em aspectos funcionais básicos, um tipo especial de significado: ao contrário, a metáfora é o resultado de um processo especial para se chegar a um significado ou construí-lo” (tradução minha)⁵⁰. No dado a seguir, o redator utiliza seu conhecimento sobre construção civil, domínio concreto, associando/estendendo-o ao processo de construção de um personagem, domínio mais abstrato. O SN_{OD} *um tijolo, e mais outro* representa metaforicamente os elementos necessários para a construção do personagem, como o modo de vestir, de conviver, de correr.

- (120) A partir daí, vai-se colocando um tijolo, e mais outro – como Turing se vestia, a sensação psicológica de conviver com ele, sua pisada quando ele corria. É um processo que não termina: enquanto se está filmando, está-se buscando o personagem. (*Revistas On-line, Veja*)

No próximo capítulo, veremos que processos cognitivos, como as projeções metafóricas, podem subjazer à representação da CMT. Cada um dos subesquemas construcionais que serão apresentados serve, de algum modo, para a projeção de um novo

⁴⁹ Os casos destacados em (117), *tirar o peso das costas*, e (118), *colocar chifre*, constituem *chunks*, um agrupamento de palavras que formam uma unidade maior não analisável em suas partes componentes (Bybee, 2016 [2010]).

⁵⁰ Texto original: In other words, metaphorical meaning is not, at least in basic functional respects, a special kind of meaning: it is rather the case that metaphor is the result of a special process for arriving at, or construing, a meaning.

sentido, que tem como base o próprio movimento, as entidades envolvidas ou os espaços delineados.

3.3 A GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES

Inicialmente, a proposição da Gramática de Construções foi concebida por Fillmore, Kay e O'Connor (1988) e teve significativo desenvolvimento com Goldberg (1995). Conforme esta autora, a GC se desenvolveu a partir dos trabalhos de Fillmore (1975, 1977, 1982) sobre a semântica de *frames* e de uma abordagem experientialista da língua (LAKOFF, 1977, 1987).

Essa abordagem postula que a unidade básica da língua é a construção, um pareamento forma-função que compreende desde morfemas simples, como o *-s* de plural, passando por expressões idiomáticas, como *olho gordo*, estruturas sintáticas, como as construções de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995, 2006), até padrões textuais, que se referem ao pareamento tipo (a forma) e gênero (a função) que um texto instancia (ÖSTMAN; FRIED, 2005). Logo, o conceito de *construção* dá conta de um grande número de unidades linguísticas, dispostas num *continuum*, de modo que a distinção entre elas é gradiente e não discreta.

Segundo Hilpert (2014, p. 9), a GC é uma teoria do conhecimento linguístico e as construções são, primeiramente, um artefato cognitivo, isto é, uma parte do conhecimento linguístico dos falantes. Em termos mais simples, o conhecimento e armazenamento na mente de uma construção resulta da soma total da experiência com essa construção nas interações sociocomunicativas entre os falantes.

Cabe, agora, diferenciar construções – generalizações linguísticas que os falantes internalizam (Goldberg, 2006) – de construtos, entendidos como ocorrências empiricamente atestadas. Nesse sentido, “as construções são relativamente mais abstratas enquanto os construtos são relativamente mais concretos” (HILPERT, 2014, p. 12, tradução minha⁵¹). Portanto, os construtos são realizações concretas, ou ocorrências, de uma dada construção. Vale lembrar que o grau de abstraticidade depende do grau de esquematicidade da construção. Assim, há *types* construcionais mais substantivos, como é o caso dos parcialmente esquemáticos/especificados ou das peculiaridades idiomáticas.

A GC proposta por Goldberg segue os princípios da Gramática Cognitiva concebida por Langacker (1987). Em seu livro de 1995, Goldberg trata, especificamente, de construções

⁵¹ Texto original: constructions are relatively more abstract, whereas constructs are relatively more concrete, which will serve you well as a general principle.

de estrutura argumental, ou seja, de tipos básicos de orações que existem independentemente de verbos particulares.

Embora haja diferentes modelos de GC, Goldberg (2013, *apud* Traugott; Trousdale, 2013) identifica cinco princípios gerais que esses modelos compartilham:

- (a) A unidade básica da gramática é a construção, pareamento convencional de forma e significado.
- (b) A estrutura semântica é mapeada diretamente na estrutura sintática de superfície.
- (c) A língua, como outros sistemas cognitivos, é uma rede de nós e *links* entre esses nós.
- (d) A variação interlinguística pode ser explicada de vários modos, entre eles processos cognitivos de domínio geral.
- (e) A estrutura da língua é modelada pelo uso da língua.

A GC não faz uma separação rígida entre léxico e gramática. Ao contrário, há uma gradação entre esses dois planos, de modo que a diferença entre construções lexicais e construções gramaticais reside no grau de complexidade interna que cada uma delas exhibe (GOLDBERG, 1995). Em se tratando de verbos, por exemplo, Bybee (2016, p. 129) argumenta “que a interação entre sintaxe e léxico é muito mais ampla e profunda do que a associação de certos verbos com certos complementos”.

3.3.1 Construções de Estrutura Argumental

Um modelo inspirador de análise de construções de estrutura argumental é apresentado em Goldberg (1995), que descreve, sintática e semanticamente, padrões oracionais básicos que codificam situações no mundo biossocial.

Uma tese central da GC (GOLDBERG, 1995) é que as orações simples são instâncias de construções de estrutura argumental, pareamentos de forma-significado que não dependem de verbos particulares. Esse entendimento é compartilhado por diferentes linguistas que adotam a abordagem construcional. As construções de estrutura argumental, que expressam cenas dinâmicas do mundo biossocial, constituem uma subclasse especial de construção que fornece os meios de expressão oracional em uma língua.

Em relação à estrutura argumental, o objetivo da GC é demonstrar que há atributos comuns entre predicados em construções específicas. Conforme assinalado, as construções são

padrões que existem independentemente dos predicadores lexicais e dos argumentos que estes tomam. Nessa linha, as construções são pares de forma (fonológica, morfológica e sintática) e função (semântica, pragmática e/ou discursiva), apreendidas no uso, as quais variam em constituição (esquemáticas, parcialmente esquemáticas ou totalmente especificadas), tamanho, forma e complexidade.

As construções de estrutura argumental, organizadas em torno de um determinado tipo semântico-sintático de verbo, formam um grupo de construções abstratas, que se relacionam em uma rede construcional. A proposta de Traugott e Trousdale (2013) contempla um sistema hierárquico organizado em três níveis: os esquemas são generalizações de nível mais alto, mais abstrato; os subesquemas, menos esquemáticos do que os esquemas, estão ligados ao sentido central da construção; as microconstruções representam tipos individuais de construção. As microconstruções são instanciadas por construtos (*tokens*), ocorrências empiricamente atestadas, instâncias de uso em uma ocasião particular, produzidas por um falante particular com um propósito comunicativo particular.

Nesse modelo, portanto, a construção tem significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza.

Goldberg (1995) arrola cinco tipos de construções na língua inglesa: *construção de movimento causado* (*X causar Y mover-se para Z*), *construção ditransitiva* (*X causar Y receber Z*), *construção resultativa* (*X causar Y tornar-se Z*), *construção de movimento intransitivo* (*X mover Y*) e *construção conativa* (*X dirigir ação a Y*). No PB, a construção de movimento causado (CMC) é codificada como *SUJ + V_{MOV} + OD + SP*. Assim como no inglês, a CMC no PB projeta prototipicamente três papéis argumentais: um agente *X* (SUJ) responsável pela ação, um objeto deslocado *Y* (OD), e um locativo *Z* (SP), ponto para onde o objeto é deslocado. Tomemos os seguintes dados:

- (121) Quando eu tiro a pizza do forno enrolo em um plástico tendo o cuidado para não deixar ar, isso se eu quiser guardá-la. (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 48*)
- (122) Coloco os legumes ralados na panela com a cebola e o alho dourado, ponho o arroz e água até cobrir tudo. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 66*)

Responsável pelo deslocamento do Paciente, o referente do SN_{SUJ} *eu*, em (121) e (122 = \emptyset), desempenha o papel de agente da ação. O Paciente afetado é sintaticamente codificado

pelo OD, *a pizza, os legumes ralados e o arroz e água*, selecionados, respectivamente, pelos verbos TIRAR, COLOCAR E PÔR. O Locativo é indicado pelos SP *do forno e na panela*.

Logo, as construções de estrutura argumental correspondem a padrões oracionais, fixados na língua pela frequência de uso, que revelam tipos de experiência no mundo, como, por exemplo, movimento causado, movimento associado, movimento percorrido, eventos instanciados pelas orações com VMT, conforme veremos no capítulo seguinte.

3.3.2 Propriedades das Construções

Traugott e Trousdale (2013) destacam três propriedades básicas das construções: *esquematicidade, produtividade e composicionalidade*. A esquematicidade pode ser definida como uma propriedade de categorização que envolve abstração, considerando que um esquema se constitui em uma generalização taxonômica de categorias, no campo linguístico ou não. Segundo Kemmer (2003, p. 78), esquemas são “padrões de experiência essencialmente rotinizados, ou cognitivamente fixados”. Isso significa que os esquemas linguísticos são grupos abstratos, semanticamente gerais, de construções, quer gramaticais quer lexicais. São abstrações que perpassam conjuntos de construções que são (inconscientemente) percebidas pelos usuários da língua como sendo estreitamente relacionadas na rede construcional.

Uma rede construcional apresenta níveis de generalidade ou de especificidade que refletem graus de esquematicidade. De modo específico, na análise da CMT, mostro que essa construção pode ser organizada em uma rede hierárquica, composta por um esquema geral abstrato, subesquemas e microconstruções (cf. *Diagrama 1*). Furtado da Cunha e César (2018, p. 126), ao tratar da rede construcional que organiza os eventos de movimento, constatam que:

As construções com VMTD são esquemáticas porque licenciam uma grande quantidade de verbos de movimento, e porque seus *slots* podem ser preenchidos por elementos de natureza semântica diversa, tais como SN animados ou inanimados, e SP contêiner, origem, trajeto e meta, embora haja preferência por determinados itens em algumas posições.

Conforme visto anteriormente, os esquemas linguísticos são instanciados por subesquemas e, nos níveis mais baixos, por microconstruções, as quais são membros-tipos específicos de esquemas mais abstratos. Esquemas, subesquemas e microconstruções são as subpartes do sistema linguístico que o linguista seleciona para discutir e analisar com base nos construtos, nas ocorrências empiricamente atestadas.

Para um modelo baseado no uso, como a LFCU, os construtos são o que falantes/escreventes produzem e o que ouvintes/leitores processam. Como eventos de uso, eles ajudam a modelar a representação mental da língua (BYBEE, 2016 [2010]). Logo, o construto é o *locus* de inovação individual e sua subsequente convencionalização (adoção por uma população de falantes). A mudança construcional começa quando novas associações entre construtos e construções emergem ao longo do tempo, isto é, quando replicações de ocorrências levam a categorizações provisórias que não estavam disponíveis aos falantes antes e podem, portanto, ser chamadas de “novas”.

A produtividade de uma construção está relacionada à frequência, que pode ser de *type* e de *token*. A frequência de tipo diz respeito ao número de diferentes expressões que um padrão particular tem e a frequência de construtos se relaciona ao número de vezes em que a mesma unidade ocorre no texto (BYBEE, 2016 [2010]).

Traugott e Trousdale (2013), por sua vez, entendem que aumento na frequência de uso corresponde a aumento na frequência do construto, de tal modo que os falantes usam, cada vez mais, instâncias da nova construção. A rotinização e a automatização, resultantes de uso constante e de repetição, são fatores que permitem o aumento na frequência de uso de um construto. Aumento no conjunto de elementos que podem ocupar os *slots* de uma construção, que Hilmelmann (2004) denomina *expansão da classe de hospedeiros*, também é forte indicação de aumento da produtividade. Nesse caso, para Traugott e Trousdale (2013), estamos diante de aumento da frequência de tipo/construção.

A esse respeito, Bybee (2016, p. 124) diz que

a produtividade de esquemas é altamente afetada pelo número de itens participantes: um esquema que agrupa muitos verbos diferentes, por exemplo, é mais produtivo do que um que agrupa apenas alguns poucos. Nessa visão, também, a produtividade é gradiente; além dos padrões produtivos e improdutivos, pode haver graus intermediários de produtividade.

Nessa perspectiva, uma construção altamente produtiva é resultado da combinação entre alta esquematicidade e alta frequência de tipo, a exemplo do Subesquema de Movimento Causado, apresentado na *Seção 4.1* do próximo capítulo. Se a esquematicidade for baixa, a produtividade sofrerá limitações, porque serão poucos os itens que poderão preencher os *slots* da construção, a exemplo do Subesquema de Movimento Associado, apresentado na *Seção 4.3*.

A terceira propriedade, composicionalidade, refere-se ao grau de transparência entre a forma e o significado de uma construção. Essa propriedade foi inicialmente entendida em termos semânticos, considerando o significado das partes e do todo, e em termos sintáticos,

levando em conta propriedades combinatórias. Dessa forma, a composicionalidade diz respeito à convergência ou não entre aspectos da forma e aspectos do significado. Uma construção é composicional quando a relação entre forma e significado é transparente, como em (123). Se ela é não composicional, o significado do todo não é igual a soma do significado das partes, assim como em (124).

- (123) Quem nunca passou horas puxando o cordão do agasalho para lá e para cá nem jamais enrolou um barbante no dedo para vê-lo inchar está dispensado de assistir à aula de Hughes. (Revistas *On-line*, Veja)
- (124) Compreende-se: Freud, sendo homem, puxava a brasa para a sua sardinha. A vida é muito boa, mas no dia em que deixarmos de lado essa procura insana por um amor, um homem, um marido, acho que seremos muito mais felizes. (Revistas *On-line*, Cláudia)

Em (123), o construto é composicional porque há correspondência icônica entre forma e conteúdo com alto grau de analisabilidade da oração, ao passo que em (124), o ato de puxar *a brasa para a sua sardinha* tem significado metafórico, o de tirar proveito de uma certa situação, trata-se de um idiomatismo, portanto não identificado pela soma do significado de suas palavras individuais, por isso não composicional. Nos termos de Bybee (2016, p. 63), sequências de palavras que ocorrem frequentemente juntas, a exemplo de *puxar a brasa para a sua sardinha*, formam uma unidade, um *chunk*. Os *chunks* resultam do processo cognitivo de domínio geral *chunking*, responsável pelo “agrupamento de unidades que formam uma unidade mais completa não analisável em suas partes componentes”.

As propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade mantêm correlação entre si, de modo que quanto mais esquemática for uma construção, mais produtiva e mais composicional ela será. Inversamente, quanto menos esquemática (ou mais especificada) for uma construção, menos produtiva e menos composicional. Como essas propriedades da construção são gradientes, podemos ter construções mais ou menos esquemáticas, mais ou menos produtivas e mais ou menos composicionais (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

3.3.3 Links entre as construções

Conforme exposto anteriormente, na perspectiva da GC, as construções de uma língua se organizam em uma rede hierárquica, em que cada construção é um nó. Cada nó herda

propriedades de seus nós dominantes e as construções se relacionam por meio de *links* ou elos. Essa visão de rede e de *links* entre as construções é compartilhada por todas as versões da GC, a exemplo de Goldberg (1995, 2006), Fillmore (1999), Kay e Fillmore (1999) e Traugott e Trousdale (2013).

Goldberg (1995, p. 67) afirma que, em seu modelo, “construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções particulares. A rede de herança possibilita capturar generalizações ao mesmo tempo que permite sub-regularidades e exceções.” (tradução minha)⁵² Desse modo, a rede construcional evidencia relações entre uma construção e suas diferentes instanciações bem como entre construções distintas. Assume-se, portanto, que há uma construção básica, central a partir da qual são licenciadas outras construções, formadas com base em *links* de herança. Goldberg (1995) propõe quatro tipos de elos: polissemia, metáfora, subparte e instanciação.

O *link* por polissemia reflete as relações semânticas entre o sentido prototípico de uma construção e suas extensões. Nesse caso, as especificações sintáticas são as mesmas, mas as semânticas são diferentes. Um bom exemplo desse tipo de *link* é a construção ditransitiva, cujo sentido central conceitualiza um evento de transferência física, em que um participante animado transfere um objeto para uma entidade humana. Contudo, há outros padrões sintáticos idênticos que são semanticamente distintos já que não indicam transferência física. É o que acontece com os verbos *dicendi*, em que um Agente “transfere” uma informação para alguém. (FURTADO DA CUNHA, 2017).

A relação por extensão metafórica ocorre quando duas construções se relacionam por meio de um mapeamento metafórico entre um domínio-alvo e um domínio-fonte. Nesse caso, as construções têm as mesmas especificações sintáticas mas significados ligeiramente diferentes, já que o significado de algum elemento da construção aparentada é abstratizado. Continuando com o exemplo da construção ditransitiva, o significado central de transferência física é abstratizado na construção a ela relacionada por extensão metafórica, como se pode ver em *Ele sempre me deu muita força*.

O elo por subparte implica que uma construção é parte de uma outra construção maior, que tem existência independente na língua. Por exemplo, a construção de movimento intransitiva pode ser considerada como uma subparte da construção de movimento causado, em que um objeto (OD) é movido por alguém (Sujeito).

⁵² Texto original: constructions form a network and are linked by inheritance relations which motivate many of the properties of particular constructions. The inheritance network lets us capture generalizations across constructions while at the same time allowing for subregularities and exceptions.

A relação por instanciação ocorre quando uma dada construção é um caso especial, ou uma versão mais especificada, de outra. No famoso exemplo citado por Goldberg, *Ele espirrou o guardanapo da mesa*, o verbo *espirrar*, prototipicamente intransitivo, é usado como transitivo.

Por fim, uma construção pode herdar propriedades de mais de uma construção (GOLDBERG, 1995 e TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), refletindo um caso de herança múltipla. Por exemplo, uma construção interrogativa-negativa, como *Ele não acordou ainda?*, herda tanto à construção interrogativa quanto à negativa.

Vale destacar que, em todos esses casos de *links*, o sancionamento é parcial, visto que as construções se afastam, em certa medida e em algum aspecto, da construção prototípica básica a que estão relacionadas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

As três abordagens apresentadas neste capítulo dialogam entre si na medida em que compartilham pressupostos teóricos metodológicos, especialmente no que diz respeito à noção de transitividade, inerente ao objeto de estudo desta tese. Conforme exposto, a LFCU postula que o falante armazena na mente a estrutura argumental em que os verbos tendem a ocorrer no uso diário da língua. Os argumentos, obrigatórios e opcionais, estão implicados no evento que um dado verbo perfila. Trata, assim, a estrutura argumental tanto da perspectiva sintática como semântica, pragmática e cognitiva. A LC, por sua vez, tem interesse nas estruturas cognitivas que subjazem às categorias linguísticas, como a transitividade. Desse modo, as categorias linguísticas perfilam as estruturas cognitivas, estas relacionadas aos processos de construção de sentido. Ao considerar a transitividade associada a eventos de movimento, a importância da GC reside, entre outros aspectos, no fato de relacionar a CMT à construção transitiva por meio de elos de herança. Neste trabalho, vou integrar as contribuições desses três modelos a fim de obter uma descrição e uma interpretação detalhadas do EMT.

4 A REDE HIERÁRQUICA DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO

Neste capítulo, proponho uma classificação para a CMT, em forma de uma rede hierárquica, ordenada por um esquema, três subesquemas e sete microconstruções, conforme a teoria discutida na *Subseção 3.3.2*. Antes de exibir essa rede, apresento, na tabela abaixo, o conjunto de *types* (tipos) e número de *tokens* (ocorrências) dos VMT que baseiam minha proposta de análise, coletados no conjunto dos quatro *corpora* que serviram de fonte de investigação:

TABELA 2 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT

	VERBOS (<i>TYPES</i>)	OCORRÊNCIAS (<i>TOKENS</i>)			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
1	COLOCAR	45	39	84	11,11%
2	LEVAR	35	38	73	9,66%
3	BOTAR	46	7	53	7,01%
4	JOGAR	27	21	48	6,35%
5	TIRAR	22	23	45	5,95%
6	DEIXAR	-	36	36	4,76%
7	ATRAVESSAR	8	23	31	4,10%
8	ACOMPANHAR	6	22	28	3,70%
9	CARREGAR	5	23	28	3,70%
10	TRAZER	8	20	28	3,70%
11	BUSCAR	6	14	20	2,65%
12	PUXAR	9	10	19	2,51%
13	EMPURRAR	11	7	18	2,38%
14	PERCORRER	-	18	18	2,38%
15	PULAR	7	9	16	2,12%
16	TRANSPORTAR	1	15	16	2,12%
17	RESGATAR	-	14	14	1,85%
18	SUBIR	6	8	14	1,85%
19	ULTRAPASSAR	-	13	13	1,72%
20	ALCANÇAR	-	12	12	1,59%
21	PÔR	5	7	12	1,59%
22	ARRANCAR	3	7	10	1,32%
23	CRUZAR	-	10	10	1,32%
24	DEIXAR	7	3	10	1,32%
25	LANÇAR	1	9	10	1,32%

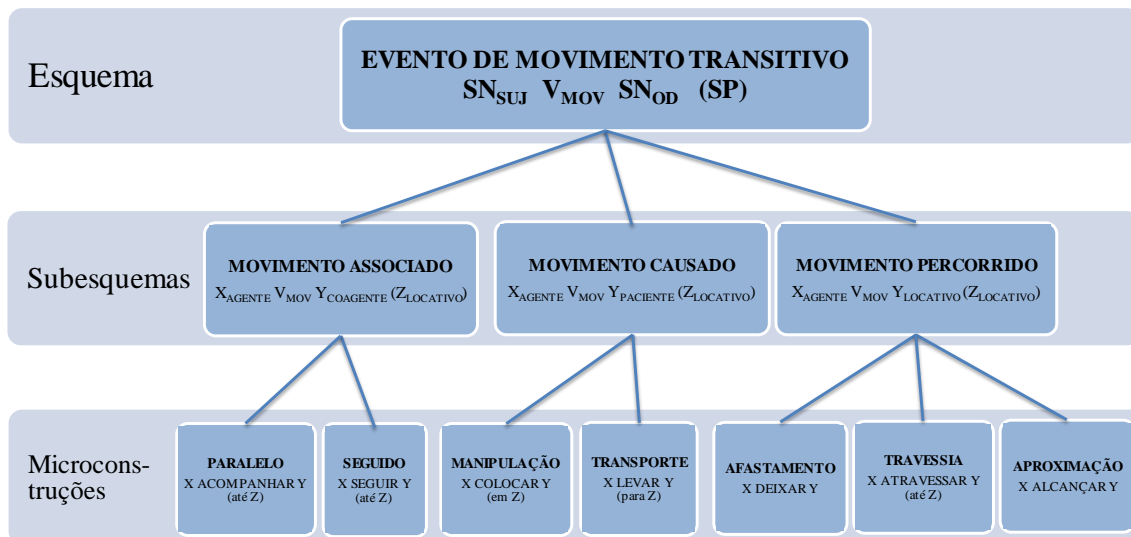
	VERBOS (<i>TYPES</i>)	OCORRÊNCIAS (<i>TOKENS</i>)			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
26	RETIRAR	3	7	10	1,32%
27	SEGUIR	6	4	10	1,32%
28	ANDAR	7	2	9	1,19%
29	PASSAR	4	5	9	1,19%
30	DESCER	6	2	8	1,06%
31	PERSEGUIR	-	8	8	1,06%
32	CORRER	6	-	6	0,79%
33	DEPOSITAR	-	6	6	0,79%
34	DESPEJAR	-	6	6	0,79%
35	CONDUZIR	-	5	5	0,66%
36	METER	5	-	5	0,66%
37	ARRASTAR	-	4	4	0,53%
38	REMOVER	2	2	4	0,53%
	<i>TOTAL</i>	297	459	756	100%

Como se verifica na *Tabela 2*, identifiquei trinta e oito *types* de VMT, distribuídos em setecentos e cinquenta e seis *tokens*, sendo duzentos e noventa sete (39%) nos textos falados e quatrocentos e cinquenta e nove (61%) em textos escritos. Esses números indicam predominância do uso dos VMT na modalidade escrita, uma vez que os bancos de dados são semelhantes quanto ao número de palavras: 229.800 na fala e 222.500 na escrita (cf. *Tabela 1*). A maior quantidade de VMT na modalidade escrita se justifica porque, embora os dados de fala sejam eminentemente narrativos, o que pressuporia mais movimentos transitivos, há um grande número de orações nos textos escritos, a exemplo das sentenças do TJRN, que codificam eventos relacionados ao EMT em suas narrativas. Nesse material de análise, os cinco verbos mais frequentes são, por ordem decrescente, COLOCAR, LEVAR, BOTAR, JOGAR e TIRAR. Dos trinta e oito *types*, apenas dez VMT registraram maior uso na fala, com destaque para os verbos BOTAR (46 dados) e COLOCAR (45 dados), contra sete e trinta e nove ocorrências, respectivamente, na modalidade escrita. Os verbos com maior recorrência na modalidade de fala apontam para contextos de menor formalidade, em que o uso de BOTAR e COLOCAR costuma ser favorecido.

Em termos de organização hierárquica, considerando aspectos semântico-sintáticos e suas implicações cognitivas, o EMT é uma extensão do evento de movimento, que é tradicionalmente classificado como semântica e sintaticamente intransitivo. Interessa-me, nesta tese, a descrição e interpretação da rede transitiva. Para tanto, analiso a configuração argumental semântica e sintática dos VMT e relaciono essa configuração a aspectos cognitivos que subjazem às instanciações da CMT.

Nessa perspectiva, organizei a rede hierárquica dessa construção levando em consideração os *frames* e os EI evocados por cada um dos seus subsquemas e microconstruções, conforme o *Diagrama 1* adiante.

DIAGRAMA 1 - REDE HIERÁRQUICA DA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO TRANSITIVO



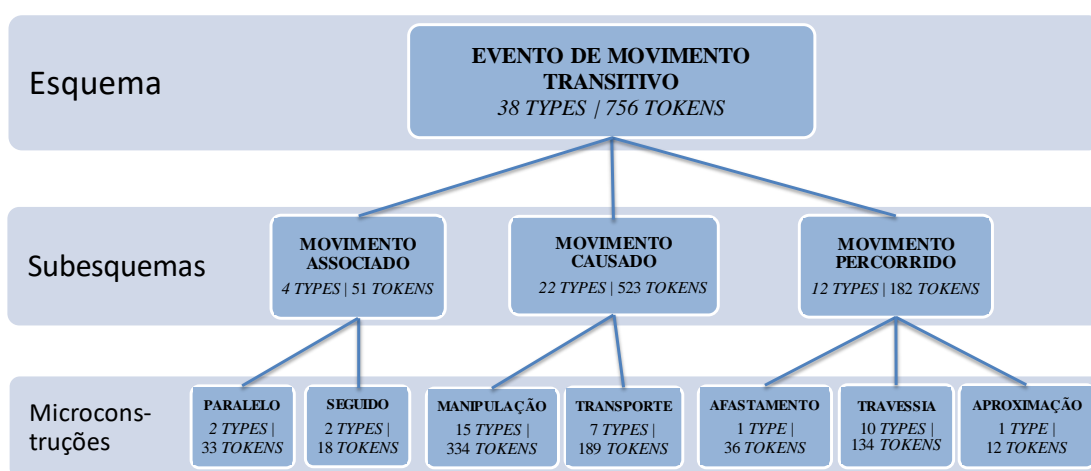
A rede construcional parte de um esquema que associa a configuração sintática [SN_{SUI} V_{MOV} SN_{OD} (SP)] ao significado de um evento de movimento de que participam entidades, no qual pelo menos uma se desloca para algum lugar. Esse esquema licencia três subsquemas relacionados aos tipos de movimento denotado e às funções desempenhadas pelos argumentos das orações que os atualizam, a saber: os subsquemas de Movimento Associado (MA_{Assoc}), de Movimento Causado (MC_{Caus}) e de Movimento Percorrido (MP_{Perc}). Em cada um desses, analisados individualmente nas subseções deste capítulo, examino, além da configuração argumental dos VMT, aspectos cognitivos relacionados às suas instanciações. Veremos que cada um desses subsquemas licencia microconstruções, doravante chamadas, respectivamente, SE e MC, que, por sua vez, manifestam-se em uma série de *frames* (cf. *Subseção 3.2.3*), diferenciados pelo tipo de papel semântico dos argumentos do verbo e pela saliência de algum elemento do EI acionado, como o ponto do trajeto perspectivizado pela oração.

No nível dos SE, os elementos X Y e Z correspondem, respectivamente, ao SN_{SUI} SN_{OD} e ao SP do esquema, conjugados ao tipo de papel semântico desempenhado por cada um deles no evento denotado pela construção. Em termos cognitivos, tais SE perfilam um certo tipo de movimento: associado, causado ou percorrido, cujo EI acionado é o de Trajetória, evidenciado pelos espaços e movimentos realizados nas cenas concebidas. No nível das MC, o modo como os referentes do SN_{SUI} e SN_{OD} se posicionam, deslocam-se ou são afetados no

evento de movimento contribui para a identificação do *frame* evocado. Conforme visto, cada *frame* se correlaciona aos EI que subjazem aos eventos de movimento, uma vez que os casos semânticos são entendidos em termos de uma estrutura cognitiva, abstrata. Quando nos movemos ou movemos algo de um ponto A para um ponto B, acionamos o EI de Trajetória, que é linguisticamente codificado.

Em termos quantitativos, vemos que a CMT é esquemática porque licencia uma grande quantidade de VMT, conforme demonstra o *Diagrama 5*.

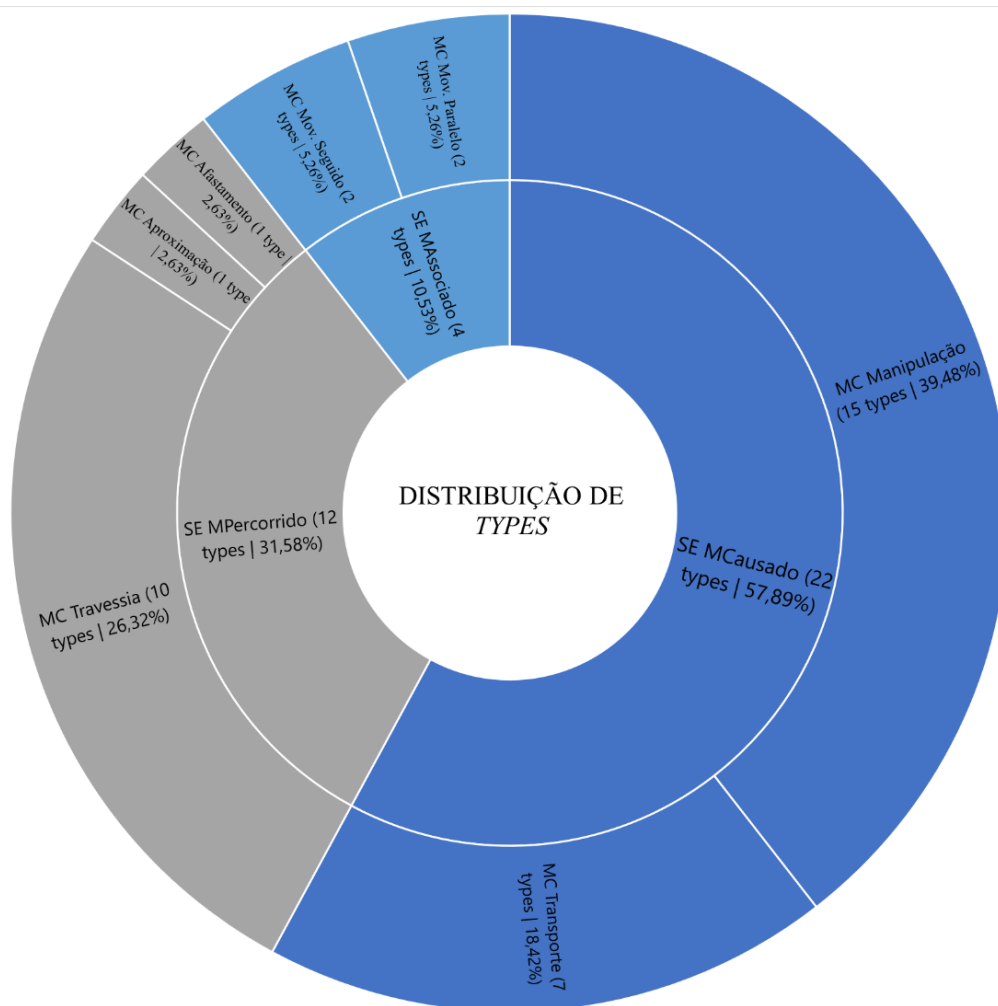
DIAGRAMA 2 - DISTRIBUIÇÃO DE *TYPES* E *TOKENS* DA REDE HIERÁRQUICA



Ao todo foram trinta e oito *types*, distribuídos em setecentos e cinquenta e seis *tokens*. Seus *slots* podem ser preenchidos por elementos de natureza semântica diversa, tais como referentes animados ou inanimados e diferentes tipos de locativo.

Além de esquemática, a construção com VMT também é produtiva, pois licencia três tipos de SE, os quais, por sua vez, licenciam sete MC, menos esquemáticas e restringidas pelo tipo de papel semântico desempenhado por seus argumentos. Em termos de *types* relacionados a cada nó da rede, o *Gráfico 1* detalha percentualmente sua distribuição.

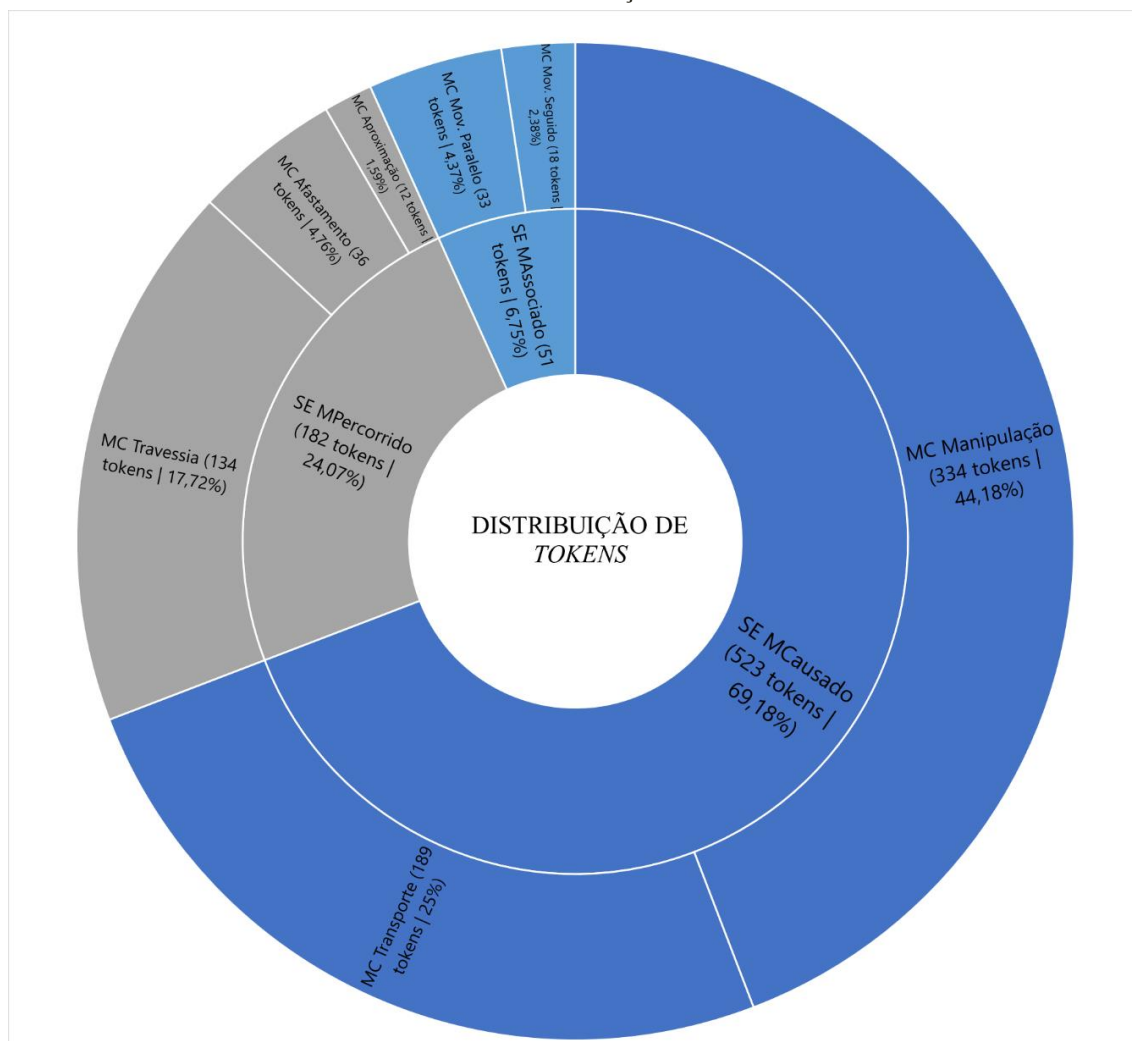
GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DE *TYPES*



Em meu banco de dados, o SE de M Caus detém mais da metade (57,89%) dos *types* da CMT, sendo a MC de Manipulação a mais produtiva, com quinze *types*, cf. *Subseção 4.1.1*. A segunda MC com maior número de *types* é a MC de Travessia, com dez *types*, do SE de M Perc, cf. *Subseção 4.2.1*. O SE de M Assoc é o menos produtivo, pois cada uma de suas MC, Mov. Paralelo e Mov. Seguido, sanciona apenas dois *types*, Cf. *Seção 4.3*. Esses resultados, analisados mais detalhadamente nas seções seguintes, mostram que os construtos da CMT com verbos que designam manipulação (39,48%) e transporte (18,42%) de um Paciente e travessia (26,32%) do Agente por um dado percurso são as mais recorrentes no *corpus* examinado.

Com relação ao número de ocorrências, a frequência do SE de M Caus é ainda maior. Com 69,18% dos *tokens*, esse SE sanciona as duas MC mais frequentes: a MC de Manipulação, com 44,18%; e a MC de Transporte, com 25%, conforme o gráfico a seguir.

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DE *TOKENS*



Esses resultados mostram que os construtos da CMT que descrevem o afetamento do referente do SN_{OD} (Paciente), por manipulação ou transporte, são os mais frequentes no *corpus* investigado. Em segundo lugar, as instanciações do SE de MPerc compreendem 24,07% dos dados e, em terceiro, o SE de MAssoc, com apenas 6,75% dos *tokens*.

As próximas subseções são dedicadas à análise dos três SE apresentados.

4.1 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO CAUSADO

O SE de MCaus é o padrão mais produtivo licenciado pela CMT. Recebe esse rótulo porque põe em foco uma cena na qual um Agente (AGT) causa a mudança de localização de um Paciente (PAC). Ao todo, identifiquei vinte e dois *types* e quinhentos e vinte e três *tokens* relacionados a esse SE, conforme a *Tabela 3*.

TABELA 3 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. CAUSADO

VERBOS (<i>TYPES</i>)		OCORRÊNCIAS (<i>TOKENS</i>)			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
1.	COLOCAR	45	39	84	16,06%
2.	LEVAR	35	38	73	13,96%
3.	BOTAR	46	7	53	10,13%
4.	JOGAR	27	21	48	9,18%
5.	TIRAR	22	23	45	8,60%
6.	CARREGAR	5	23	28	5,35%
7.	TRAZER	8	20	28	5,35%
8.	BUSCAR	6	14	20	3,82%
9.	PUXAR	9	10	19	3,63%
10.	EMPURRAR	11	7	18	3,44%
11.	TRANSPORTAR	1	15	16	3,06%
12.	RESGATAR	-	14	14	2,68%
13.	PÔR	5	7	12	2,29%
14.	ARRANCAR	3	7	10	1,91%
15.	DEIXAR	7	3	10	1,91%
16.	LANÇAR	1	9	10	1,91%
17.	RETIRAR	3	7	10	1,91%
18.	DEPOSITAR	-	6	6	1,15%
19.	DESPEJAR	-	6	6	1,15%
20.	METER	5	-	5	0,96%
21.	ARRASTAR	-	4	4	0,76%
22.	REMOVER	2	2	4	0,76%
	<i>TOTAL</i>	241	282	523	100,00%

O verbo COLOCAR é o mais expressivo, tanto na modalidade falada (45 dados) quanto na escrita (39 dados), seguido, respectivamente, pelos verbos LEVAR, BOTAR, JOGAR e TIRAR, os quais possuem frequência superior a quarenta *tokens*.

A estrutura argumental dos verbos desse SE reflete o padrão [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/PAC} (SP_{LOC})]. Dessa forma, todos os VMT sancionados pelo SE de MCaus pertencem à classe de verbos de ação-processo, considerando que o referente do OD muda quanto à sua localização como resultado da ação descrita pelo verbo.

O SE de MCaus desdobra-se em duas MC, *manipulação* e *transporte*, conforme o Diagrama 2, no qual acrescento informações sobre o ponto da trajetória perspectivizado em cada uma delas.

DIAGRAMA 3 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. CAUSADO



Os elementos X e Y, obrigatórios na construção, correspondem, respectivamente, a um AGT SN_{SUJ} e a um PAC SN_{OD} . Z corresponde a um Locativo (LOC), codificado pelo SP, que pode ser anafórico ou estar implicado pelo contexto, por isso apresentado entre parênteses. As duas MC, *manipulação* e *transporte*, projetadas pelo SE de $MCaus$ são definidas com base no tipo de ação efetuada pelo referente do SUJ. Na MC de Manipulação, o símbolo \bar{T} indica que o Agente é estacionário, ou seja, ele permanece fixo em um determinado ponto, sem nenhum deslocamento. Na MC de Transporte, o símbolo \leftrightarrow indica que o Agente é translacional⁵³, podendo se deslocar tanto para direita quanto para a esquerda. Nesse SE, a participação do referente do OD é sempre marcada por seu afetamento, por isso seu papel semântico é idêntico nas duas MC. Contudo, o afetamento é caracterizado por implicações de polaridade quanto à direção que toma no evento.

Dessa forma, com base em nossa experiência, sabemos que um recipiente possui um interior e um exterior e que, no processo de manipulação, o PAC SN_{OD} tanto pode ser colocado ↓ dentro de um recipiente como ser removido ↑ dele. No primeiro caso, o recipiente, linguisticamente codificado por um SP, desempenha o papel de alvo do movimento, identificado pelo símbolo \otimes ; no segundo caso, o referente do SP indica o ponto de origem do movimento, identificado por Δ . As setas para cima e para baixo simulam a representação do movimento de colocação e de retirada. Quando o Paciente é levado (\rightarrow) para algum lugar (\otimes) ou trazido (\leftarrow) de algum lugar (Δ) por um Agente \leftrightarrow , o SE é de transporte.

Semanticamente, o SE de $MCaus$ descreve o deslocamento de uma entidade (SN_{OD}) de um determinado ponto no espaço a outro pela ação do SN_{SUJ} , que pode ser manipulador ou transportador. Nesse sentido, o movimento descrito pode envolver duas cenas diferentes:

⁵³ Também chamado de *trajetor* na LC (LANGACKER, 1990).

apenas o Agente se move, conforme (125), ou ambos, Agente e Paciente, se movem, exemplificado em (126).

- (125) [...] ele não jogava, ele adora jogo e ele não jogava, por quê? Em respeito à família dele. Porque desde o momento que ele coloca o dinheiro na mesa (inint), mas meu pai sempre foi muito controlado (est). (*Corpus PEUL/RJ*)
- (126) Todos nós trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 51*)

Em (125), somente o referente do SN_{OD} (*o dinheiro*) muda de lugar; enquanto o referente do SN_{SUJ} (*ele*) apenas realiza um movimento com parte do seu corpo, manuseando o Paciente para outro lugar, codificado pelo SP *na mesa*. Por sua vez, em (126), ambos os participantes da oração em destaque (*Todos nós* e *uma mochila*) sofrem mudança de localização, considerando que o participante *Todos nós* desloca-se transportando o objeto *uma mochila*. Assim, o SE de M_{Caus} vincula-se conceptualmente ao EI de Trajetória, no qual se destaca um locativo: o ponto de origem e/ou o alvo do movimento.

A seguir, trato das duas MC sancionadas pelo SE de M_{Caus}, que remetem a dois tipos de movimento: manipulação e transporte.

4.1.1 Microconstrução de Manipulação

A MC de Manipulação é sancionada pelo SE de M_{Caus} porque herda todas as especificações desse SE. Assim, sua estrutura semântico-sintática relaciona-se a um AGT SN_{SUJ}, a um PAC SN_{OD} e a um LOC SP. Trata-se do único tipo, na rede hierárquica da CMT, em que o SUJ é um Agente \bar{T} . Em outras palavras, essa MC se caracteriza, principalmente, por ser a única que tem a participação de um ou mais agentes em posição fixa, cuja ação é resultado do movimento de determinada parte de seu corpo, ocasionando obrigatoriamente o afetamento do referente do SN_{OD}.

Esse padrão microconstrucional perfila os *frames* que descrevem cenas de colocação e remoção, representados, respectivamente, pelos verbos COLOCAR e TIRAR (cf. *Diagrama 2*). A seguir, detalho cada um deles.

4.1.1.1 Colocação

Quando a CMT expressa o movimento de manipulação em que o Agente move o Paciente para um recipiente, o Alvo da trajetória é perspectivizado. Dessa forma, esse *frame* projeta eventos nos quais o VMT ocorre com um AGT SN_{SUJ}T̄ que move um Paciente SN_{OD} ↓ para um LOC SP ⊗, controlando-o de duas maneiras: (I) de um ponto A até um ponto B e (II) apenas de um ponto A. Vejamos cada um deles.

(I) Movimento de um ponto A até um ponto B

Expressam esse modo de movimento (I) verbos como COLOCAR (84 *tokens*), BOTAR (53), PÔR (12), DEPOSITAR (6), DESPEJAR (6) e METER (5). Estes se relacionam com o *frame* Colocar e, em seu sentido básico, implicam o manuseio de algo ou alguém de um lugar para o outro. Semanticamente, as instanciações da CMT que evocam esse *frame* são compostas por um AGT SN_{SUJ}T̄ que controla, do início ao fim do movimento, o deslocamento de um Paciente, conforme os exemplos a seguir:

- (127) [...] a casa ela é coberta com ... com ... cada coluna da casa é o tapete de ... de couro de vaca de ... que minha tia () aí bota tapete de couro de vaca ... nas paredes têm ... têm as varas de pescar ... toda ... todo veraneio que a gente vai pra lá ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 370*)
- (128) Depois de colocar a massa na forma coloque o chocolate derretido por cima da massa e leve ao forno. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 93*)

Prototipicamente, o referente do Paciente é um objeto, como os SN_{OD} *tapete de couro de vaca*, em (127), e *a massa e o chocolate derretido* (128), manipulados pelo referente do SN_{SUJ} (Ø = minha tia e Ø = você, respectivamente). O referente do SP identifica o local para onde o Paciente é movido, como *nas paredes* (127), *na forma e por cima da massa* (128). Nessa linha, do ponto de vista cognitivo, o EI de Trajetória subjaz a essa estrutura, com foco direcional para o alvo do movimento. Embora o ponto inicial do movimento não seja explicitado nessas ocorrências, ele é previsto cognitivamente no *frame* ativado pelas orações, uma vez que o processo de colocação é antecedido, obrigatoriamente, por um coevento de remoção, em outras palavras, não se pode, por exemplo, colocar *a massa na forma*, antes de retirá-la de um outro lugar.

O referente do SN_{OD} dessa MC também pode ser um ser animado ou partes do corpo deste. Nas orações destacadas a seguir, os agentes *a professora de natação* (129), *minha avó* (130) e *Ø = ela* (131) movem os pacientes *os pequeninos, o cachorro e os pés*, respectivamente, de um ponto A para um ponto B, este último representado, na mesma sequência, por *no raso, que = um beco e na mesa*.

- (129) [...] a piscina lá é:: é uma só ... só que é separada ... pra:: adulto e pra criança ... a gente ... a professora de natação bota logo os pequeninhos no raso ... depois eles vão indo pro fundo e ficam lá no fundo ... fazem natação deles lá no fundo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 391*)
- (130) [...] aí tem um beco que minha avó colocava o cachorro ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 348*)
- (131) [...] ela sentava na mesa ... botava os pés na mesa ... oh ... ele ficava só olhando ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 235*)

O referente do SP dessa MC também pode indicar seres animados, a exemplo de *Joseph Gordon-Levitt*, em (132), partes do corpo, *no pé* (133) e *nas suas costas* (134), “locais” para onde o referente dos SN_{SUI} movem os respectivos SN_{OD}, *a peruca esquisita, uma pedra e bombas*.

- (132) É preciso superar algumas irritações: a peruca esquisita que colocaram em Joseph Gordon-Levitt, as lentes de contato que deixam de um azul baço e seus olhos castanhos, o sotaque francês espesso com que ele fala inglês [...]. (*Revistas On-line, Veja*)
- (133) [...] aí ele foi inventar de coisar ... de botar uma pedra no pé aí furou o pé dele ... aí o homem ficou rindo ... aí ele furou ... a coisa dele ... aí ... aí eu num sei mais não ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 435*)
- (134) [...] o Pinguim ele tem um plano de pegar os pinguins que faziam parte da turma dele ... e colocar bombas nas suas costas e levar todos ao centro da cidade e detonar essas bombas ... como se fosse uma ação suicida ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 305-6*)

As instâncias dessa MC que inferem colocação podem omitir o SP, a exemplo de (135), em que fica subentendido que o responsável pela ação posiciona o pé na frente da pessoa, com a intenção de causar sua queda, e de (136), em que o SP não é explicitado mas é inferível pelo contexto, dado nosso conhecimento de mundo.

- (135) [...] a/ aí as pessoas que é do bem ... que é:: como tá brincando de esconde-esconde num ... num bota o pé pra pessoa nas pessoa ... chutando a pessoa ... fica botando o pé pra pessoa cair ... isso é do mal ... agora as pessoa que é:: é do bem ... é:: faz qualquer coisa ... brinca com a pessoa ... se a pessoa pedir ... brinca com a pessoa ... agora ... é:: se por exemplo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 443*)
- (136) [...] eles também num tão nem aí ... tem um ... tem:: namo/ que é assim ... namoro que sai ... vai ... fica dentro do carro ... faz isso ... faz aquilo ... esquece ... de colocar preservativo ...e:: assim ... aí acontece as coisa ... acontece muito casos assim ... aí ... o vírus ... passa pra:: pra acompanhante né ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 358*)

Representações metonímicas também podem figurar como argumentos dos VMT. Em (137), o SN_{SUJ} *um imenso curtume* não se constitui um Agente intencional capaz de executar a ação de DESPEJAR o Paciente, *toneladas de lama química*, sobre o Alvo, *nele (o Rio Buriganga)*. Trata-se, aqui, de uma relação de contiguidade entre o curtume e as pessoas que nele trabalham.

- (137) Até algum momento do passado, o Rio Buriganga correu tão secreto e intacto quanto o Stikine. Mas, na sua travessia por Dacca, a capital de Bangladesh, ele é hoje uma confusão de embarcações, gente, sujeira: um imenso curtume à sua margem despeja nele toneladas de lama química. (*Revistas On-line, Veja*)

As orações que se conformam ao *frame* Colocar também podem estabelecer ligação com coeventos que remetem ao modo do movimento. Nos fragmentos seguintes, o evento (138) que consiste em PÔR *o arroz* na forma (Ø) conecta-se a outra oração que revela o modo da realização da ação, expressa por verbo no gerúndio, a exemplo de *socando*. Em (139), o modo como *o fermento é colocado no leite* é indicado pelo verbo *desmanchar*, igualmente no gerúndio. Complementos preposicionados também podem apontar o modo de colocação, tal como *aos poucos*, em (140), que expressa como os ingredientes são manipulados em um dado momento da execução da receita.

- (138) Neste ínterim, o arroz está semi-pronto, unto uma forma, redonda e furada no meio, com manteiga e ponho o arroz ainda quente socando-o. ponho no forno uns 10 minutos, retiro-o e viro num prato como se fosse um bolo. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 69-70*)
- (139) Coloca-se o fermento desmanchando no leite e agora bate a massa a vontade até ela ficar cremosa [...]. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 93*)

- (140) [...] eu sei que a manteiga fica mais gostosa né? aí mis/ eu misturo tudo né ... vou colocando ... vou colocando aos poucos a ... primeiro eu coloco a água o ... a ... o fermento ... o ... o sal e o açúcar e misturo tudo na ... na ... na ... na tigela assim no tacho ... misturo tudo até dissolver né ... depois eu vou colocando aos poucos a ... a farinha de trigo e mexendo com a ... com a colher ... mexendo quando tiver já bem assim um pouco consistente ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 48*)

É interessante observar que, por meio de um *link* de polissemia, o verbo METER, com sentido de *aplicar com violência* (BORBA, 2002), pode ser associado à MC de Manipulação, dada a sua similaridade com a moldura argumental dos verbos de colocação. Como nestes, o Agente do verbo METER tem o controle do objeto, alinhando-se, assim, com o tipo (I), *movimento de um ponto A até um ponto B*.

- (141) [...] aí ele pegou quando ele pegou lá um cano ... e saiu correndo atrás do gato meteu no gato e o gato foi embora de novo né ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 28*)
- (142) [...] e de vez em quando o menino era ... era agressivo também né ... meteu ... uma vez pegou um ... um pedaço de pau e meteu na cabeça do pai ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 31*)
- (143) [...] qualquer coisa ... mete a faca ... mata ... mete o machado no pescoço ... e rola tudo ... como é que pode? é o fim do mundo ... é o fim da era... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 254*)

Nesses eventos, o SN_{OD} tem papel semântico de Paciente, já que sofre mudança de localização, contudo, assemelha-se a uma espécie de arma – como *um cano*, em (141), *um pedaço de pau* (142) e *a faca / o machado* (143) – que visa atingir/ferir um alvo. Este, codificado por um SP, corresponde à entidade atingida ou a uma parte de seu corpo, a exemplo de *no gato*, *na cabeça do pai* e *no pescoço*, respectivamente. Essa interpretação é válida apenas para os casos em que o referente do SUJ conserva sob o seu controle o objeto de ataque; uma vez lançado/arremessado o referente do objeto, os eventos reportados teriam uma outra leitura, a de que o objeto estava sob controle apenas no ponto inicial, conforme veremos em (II) *Movimento do ponto A*.

Como visto, o *frame* Colocar projeta uma cena em que o Paciente é movido pelo Agente de um lugar para outro. A estrutura semântico-sintática dessa MC ativa o EI de Trajetória, com foco no Alvo. Nesse aspecto, o padrão $[X_{AGT}\bar{T} V_{MOV} Y_{PAC}\downarrow (Z_{Loc}\otimes)]$ se relaciona, por meio de *links* metafóricos, a orações que denotam significados abstratizados de movimento causado,

que refletem, por sua vez, metáforas conceptuais. Vejamos alguns desses possíveis mapeamentos:

- (144) Todos somos Jacó, agarrados e amedrontados. Como Jacó, colocamos a culpa por nosso medo no Outro. (Revistas *On-line*, Cláudia)
- (145) Não deposite sua carência na comida. (Revistas *On-line*, Cláudia)

Capacidades psicológicas do indivíduo, tais como pensamentos e sentimentos, podem ser tomados como objetos manipuláveis, a exemplo do que se vê em (144-145), o que nos permite identificar a metáfora conceptual *Sentimentos são objetos manipuláveis*, a qual possibilita que o Paciente do evento de movimento – *a culpa por nosso medo e sua carência* seja “movido” de um lugar a outro: *no Outro e na comida*.

Nos dados seguintes, temos a metáfora conceptual *tempo é lugar*, ativada pela MC de Manipulação em orações que refletem o *frame* Colocar. Nesse caso, o tempo é compreendido como um recipiente, espaço para onde se move o Paciente.

- (146) Durante sua estada na capital argentina, o cantor aproveitou para relaxar e reencontrou um amigo, o empresário Gabriel Hochbaum, com quem colocou a conversa em dia e saboreou a gastronomia local. (Revistas *On-line*, Caras)
- (147) [...] e terças e quintas a gente resolve a parte burocrática da clínica ... sabe? assim ... botar em dia os papéis ... de convênios que às vezes ele ... ele opera em outros hospitais ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 263)

O *chunk colocar/botar X em dia* é usado quando se quer dizer que algo está atrasado ou desorganizado e precisa ser atualizado ou organizado. Assim, o tempo é conceptualizado como um lugar em que se colocam coisas: os SN_{OD} *a conversa* (146) e *os papéis* (147) são os pacientes manipulados. Em ambos, o SP *em dia* é o recipiente onde o SN_{OD} é depositado. Aqui, o padrão oracional é idêntico ao de COLOCAR/BOTAR em seu sentido concreto: SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} SP.

Conforme apresentado anteriormente, a estrutura semântico-sintática do SE de MCaus em construtos com verbos de colocação podem ativar – com base nas propriedades físicas e concretas da experiência humana – domínios cognitivos que nos permitem interpretar elementos abstratos como objetos manipuláveis ou recipientes por um processo de analogia.

(II) Movimento do ponto A

Esse tipo de manipulação (II) é perfilado por construtos com os verbos JOGAR (48 *tokens*), EMPURRAR (18) e LANÇAR (10). Eles se relacionam com o *frame* Causar Movimento, o qual, em seu sentido básico, implica o arremesso ou a propulsão de algo ou alguém – o referente do SN_{OD} – para algum lugar, codificado como SP. Vejamos os seguintes construtos em destaque:

- (148) [...] aí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí feito uma louca ... na escola ... procurando o diretor ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 51*)
- (149) [...] aí ele resolveu bater na porta né ... aí o velho ficou logo assustado né ... e tudo né ... aí perguntou e aí ele empurrou ele pra fora né ... empurrou o homem pra fora lá ... num quis entrar ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 32*)

Nessas amostras, o Agente arremessa o Paciente para que este alcance/atinga um determinado local. Os pacientes são codificados pelos SN_{OD} *a chave* (148) e *ele/o homem* (149). O Alvo é codificado pelos SP *no lixo* e *pra fora*, respectivamente. Vimos que, no *Movimento* (I), o Agente tem controle sobre o Paciente por todo o deslocamento, ou seja, do ponto A até o ponto B, como nos dados (127) a (147); nesse modo (II), o Agente tem controle sobre o Paciente apenas no ponto inicial, já que ele não o conduz até o ponto final. Não há, portanto, garantia de que o Alvo seja alcançado, conforme se deduz das orações destacadas em (148) e (149), com os verbos JOGAR e EMPURRAR.

Assim, as microconstruções que compõem o tipo (II) correspondem ao *frame* Causar Movimento (cf. *Subseção 3.2.3.1*). O referente do sujeito da ação, tipicamente humano, também é \bar{T} , e tanto o SN_{OD} quanto o SP dessa moldura também podem fazer referência a pessoas. Na sequência, os SN_{OD} *ela*, em (150), e *a* (= *a secretária*), em (151), representam os pacientes, e o *slot* do SP é preenchido por humanos ou partes do corpo, como *nele* (152) e *na cabeça do homem* (153).

- (150) Maria pegou o pau e empurrou ela dentro do:: é:: da:: do fogão ... como empurrou ela no fogão ... o fogão era bem grande ... empurrou ela no fogão né? (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 439*)

- (151) Temendo ele que a secretária resolvesse contar a todos, ele tratou de matá-la empurrando-a pela janela do escritório que ficava no andar muito alto de um edifício. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 317*)
- (152) [...] daí o amigo dele chegou com um monte de saco cheio d'água ... começou a jogar no homem ... o homem dando tiro ... ele subiu no carro com a moça e fugiu e o amigo dele é ... jogando saco cheio d'água nele ... daí depois o homem pegou ... apontou com o revólver pro amigo do rapaz e:: disse ... “quieto aí ... não ... não se mexa” ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 412*)
- (153) [...] daí o homem chegou perto dele ... do lado do carro ... daí ele pegou o picolé ... jogou na cabeça do homem ... jogou na cabeça do homem ... o homem era careca ... bem gordo ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 413*)

Conforme dito, no movimento do tipo (II), o SP desempenha o papel de Alvo (⊗), local que se almeja alcançar ou acertar com o lançamento de um objeto/paciente. Tipicamente, *no lixo* (148) e *pra fora* (149), são exemplos dessa natureza. Embora o ponto inicial do movimento não seja explicitado nessas ocorrências, ele pode ser inferido com base em informação do discurso ou em nossa experiência. Em (149), por exemplo, o SP *pra fora* implica automaticamente que o Paciente *ele* foi empurrado de um ambiente fechado, ou seja, “*de dentro*”. Essa inferência decorre dos EI ativados por esse padrão construcional, nesse caso a implicação da existência de contêineres no EMT.

Embora os SP em (148) e (153) destaquem diferentes EI ativados pela construção – a saber, Contêiner e Meta – eles desempenham o mesmo papel semântico (alvo). As orações em que ocorrem compartilham o mesmo padrão sintático e igual modo de movimento.

No caso das orações com o VMT EMPURRAR, embora haja um alvo pressuposto, este não é comumente explicitado. Em algumas ocorrências, tanto o ponto de origem quanto o de destino do movimento podem estar implícitos. Observe que no dado (151) o SP indica apenas o Caminho, *pela janela do escritório*, percorrido pelo Paciente, *a* (= secretária), deixando subentendido que a Origem é a parte interna do escritório do prédio e o Alvo é a região externa. Nesse contexto, o SP é um dos pontos do EI de Trajetória, a saber, Caminho, cognitivamente visto como um *portal*.

Um exemplar interessante que decorre desse padrão da MC de Manipulação é a oração que contém um pronome reflexivo como SN_{OD}, como (154). Observe que *Ebba* (AGT SN_{SUJ}) e *se* (OD em posição pré-verbal) referem-se à mesma pessoa. Tal fato mostra um caso de exceção à configuração argumental do verbo JOGAR, que se afasta, assim, do sentido

proposto para o modo de movimento (II), uma vez que o Agente deixa de ser estacionário (\bar{T}) e passa a ser translacional (\rightarrow).

- (154) [...] em segundos, a torrente se avoluma e parece sair de controle, descendo a toda a velocidade. Tudo vira um pandemônio. Ebba (Lisa Loven kongsli) se joga sobre as crianças; Tomas dá no pé. Afinal, vê-se que era alarme falso. (Revistas *On-line*, Veja)

Quando atualiza o *frame* Causar Movimento, no sentido de arremessar algo/alguém a algum lugar, o padrão microconstrucional de manipulação/colocação pode instanciar, por meio de um *link* metafórico, orações que denotam movimento abstratizado. Um bom exemplo é “acontecimentos ou circunstâncias são agentes”, considerando que acontecimentos ou circunstâncias podem ser dotados de agentividade, ocupando o *slot* do SN_{SUJ} como o causador da ação denotada na oração, como se pode observar em (155) e (156), com os VMT EMPURRAR e JOGAR.

- (155) A Casa Branca e economistas americanos alertam que tal situação poderia empurrar os EUA para a recessão e desencadear o caos no sistema financeiro mundial. (Revistas *On-line*, Veja)
- (156) A mudança para a Namíbia não seria também ela um acidente feliz? Toda essa dificuldade ajudou a jogar a equipe e o elenco no clima da história? (Revistas *On-line*, Veja)

Em (155), *tal situação* é o agente metafórico responsável pelo país poder ser empurrado *para a recessão*. Em (156), o agente causador do evento é expresso por *Toda essa dificuldade*, circunstância que ajudou a *jogar a equipe e o elenco no clima da história*. Nesses dados, *EUA*, na primeira oração, e *a equipe e o elenco*, na segunda, correspondem aos pacientes “movidados”. Vale destacar que, nessas ocorrências, também os SP não designam lugares concretos: *na recessão* e *no clima da história*.

Assim, orações que instanciam o tipo (II) *Movimento do ponto A* atualizam metáforas conceptuais que nos permitem interpretar, por analogia, elementos abstratos como objetos concretos, e assim, atribuir àqueles os papéis semânticos de Agente, Paciente ou Locativo nos eventos representados.

Na próxima *subseção*, trato do padrão microconstrucional que materializa o *frame* Remoção.

4.1.1.2 Remoção

Esse *frame* perspectiviza o local de onde se retira o referente do SN_{OD}. Tem polaridade inversa à MC anterior, já que no processo de remoção o SP indica a origem do movimento. O *frame* Remoção caracteriza eventos nos quais o VMT tem um AGT SN_{SUJ} \bar{T} que remove um Paciente SN_{OD} ↑ de um LOC SP Δ. Assim como o *frame* Colocação, a base cognitiva que subjaz a essa estrutura é um EI de Trajetória, dessa vez com foco na origem do movimento. Nessa direção, são licenciados por esse tipo microconstrucional verbos que implicam remoção de um Paciente, como TIRAR (45 *tokens*), PUXAR (19), RETIRAR (10), ARRANCAR (10) e REMOVER (4), ilustrados a seguir:

- (157) “ó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá” (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 382*)
- (158) [...] o Sandrinho tava om o violão e com Hélio também ... aí:: tava com o Sandrinho ... com o Hélio no violão né ... então eu já puxei o Sandrinho e tava sem violão lá atrás e tudo no ônibus ... e eu puxei Sandrinho pra lá e comecei a cantar corinho e tudo ... cantar música lá do Catedral e tudo mais ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 176*)
- (159) Ponho óleo no fogão para esquentar e quando está bem quente, ponho o peixe para fritar. estando frito retiro-o e coloco num prato forrado com alfaces frescas e rodelas de cebolas finas para ornamentar. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 69-70*)
- (160) [...] aí ... debaixo das carteiras ... aqueles araminhos debaixo das carteiras não existe ... aquilo ali ... porque os meninos arrancam pra brincar ... eu num sei como é aquilo ... eles arrancam ... num tem onde a gente colocar os livros ... se a gente num deixar em cima da carteira ... no braço da carteira né ... porque as carteiras de lá são aquelas de braço ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 328*)
- (161) [...] e sempre com bastante jornais e panos é ... envolvendo esses quadros pra que num ... num ... num ... num pegassem tanta poeira porque ... [...] mas muita poeira e eu tive que remover essa poeira ... eu removi com panos secos ... porque era uma poeira de ... de calissa ... uma poeira branca ... uma poeira quase de giz né ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 142*)

As orações destacadas em (157-161) expressam a ação de um Agente sobre um Paciente removido de um determinado local. O SN_{SUJ} desses construtos é um Agente \bar{T} – tais como *eu* (158), (159) e (161) e *os meninos* (160). O SN_{OD} desempenha o papel de Paciente, podendo se referir a objetos [*aqueles araminhos* (160), *essa poeira* (158)], ou seres animados [*você* (157), *Sandrinho* (158) e *o (= peixe)* (159)]. Quando expresso, o SP geralmente codifica o ponto de origem do movimento (Δ), já que se trata de um *frame* que implica remoção. No

entanto, na maioria dos dados investigados, o SP não é explicitado, mas pode ser recuperado do contexto, como em (161), em que se depreende que a poeira foi removida dos quadros, e em (159), em que o *fogão* representa o lugar de onde se remove o peixe. Evidentemente, o SP também pode ser codificado por uma expressão adverbial, como *de lá* (157). Todavia, em (158), *eu puxei Sandrinho pra lá*, o SP *pra lá* revela o alvo do movimento, o que mostra que os construtos que perfilam o *frame* Remoção podem destacar também o Alvo.

Em alguns eventos de remoção, o significado do verbo pode denotar a noção de movimento relacionada a um coevento, responsável pelo modo do movimento. Desse modo, em *eu puxei Sandrinho* há uma integração de dois eventos: um principal que consiste no movimento do referente do SN_{OD} (X MOVER Y); e um coevento, que expressa o modo como o movimento é efetuado (X PUXAR Y), resultando em (X MOVER Y PUXANDO). Em (161), por sua vez, o SP *com panos secos* aponta para o modo/ instrumento como o OD (*essa poeira*) foi (re)movido dos quadros (ponto de origem, recuperado no início do fragmento).

Em termos de EI, o padrão [X_{AGT} V_{MOV} Y_{PAC}↑ (Z_{Loc}Δ)] perspectiviza o percurso, com foco na Origem. O VMT que realiza essa MC pode ter seu significado abstratizado, acarretando um sentido metafórico para toda a oração, como em:

- (162) Duas tendências puxam as vendas dos smartphones, os celulares poderosos: a necessidade crescente de navegar pela internet em qualquer lugar e o movimento decrescente dos preços. (Revistas *On-line*, *Época*)

A oração destacada em (162) tem como SUJ uma circunstância/situação (*duas tendências*) que atuam como agentes que “puxam” metaforicamente *as vendas dos smartphones* (OD), ou seja, impulsionam as vendas desses aparelhos. Aqui, o verbo *puxar* é usado em sentido figurado, abstratizado.

Outros exemplos de metaforização do evento de movimento são: *estados são lugares* e *vida é objeto manipulável*.

Com relação ao primeiro, observe que os estados mentais podem ser concebidos como um lugar onde se encontra o referente do OD, como se vê na oração grifada em (163).

- (163) Então confira algumas ideias que são tiro e queda para arrancar você do marasmo profissional rumo ao sucesso. (Revistas *On-line*, *AnaMaria*)

O SP *do marasmo profissional* designa, metaforicamente, o estado de prostração de onde se almeja ARRANCAR o referente do SN_{OD}. Mais uma vez, é a abstratização do significado do verbo, no construto, que contribui para a interpretação de um estado emocional como um lugar.

A segunda forma de metaforização diz respeito à possibilidade de se remover uma entidade abstrata de um determinado “lugar”, atribuindo-lhe a propriedade de ser manipulável. É o que ocorre em (164).

- (164) No primeiro encontro, é Esaú que tenta tirar a vida de Jacó, mas, no segundo, aparentemente, um anjo procura fazer o mesmo. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

A metáfora conceptual *vida é objeto manipulável* se baseia em nossa experiência cotidiana de manusear objetos. O referente do SN_{OD} *a vida de Jacó* (164) designa, por analogia, uma entidade que pode ser extraída de um dado local. Partindo do princípio de que o corpo humano funciona como um contêiner que abriga a vida, esta pode ser removida ou (re)colocada, de forma que o *chunk* TIRAR *a vida* é usado figurativamente para significar o ato de matar.

Em resumo, a MC de Manipulação, vinculada ao SE de M_{Caus}, caracteriza-se, prototipicamente, pelo deslocamento de uma única entidade, o SN_{OD}, que constitui o argumento afetado. Na próxima MC, veremos que o referente do SN_{SUJ} também pode se deslocar de um ponto A para um ponto B conjuntamente com o referente do SN_{OD}.

4.1.2 Microconstrução de Transporte

A segunda MC do SE de M_{Caus} também é sancionada pelo padrão prototípico [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/PAC} (SP_{LOC})]. Considerando suas particularidades, essa MC conceptualiza o deslocamento conjunto dos referentes do SN_{SUJ} e do SN_{OD}. Mais precisamente, esse tipo de CMT descreve o movimento causado a um dado paciente decorrente da ação de ser transportado pelo Agente. Está relacionada ao *frame* Transportar. Prototipicamente, essa MC aciona o EI de Trajetória com foco no Alvo (⊗) ou na Origem (Δ) do movimento. Isso quer dizer que, dependendo do ponto da trajetória perspectivizado, temos polaridades inversas quanto ao movimento de ir (→) e vir (←): o primeiro indica para onde esses participantes se movem, destacando o alvo do movimento; o segundo assinala de onde esses participantes se movem, salientando o ponto de origem, respectivamente, tratados a seguir.

4.1.2.1 Transporte a um alvo

A MC de Transporte que indica movimento de ida licencia orações com VMT com SP que codifica o papel semântico de Alvo, lugar para onde o Paciente é levado pelo Agente. São verbos dessa natureza: LEVAR (73 *tokens*), CARREGAR (28), TRANSPORTAR (16), DEIXAR (10) e ARRASTAR (4). Vejamos as amostras:

- (165) [...] aí na hora minha mãe foi pro hospi/ começou a sentir dor ... meu pai levou ela pro hospital ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 223*)
- (166) [...] mas no dia da viagem ... é ... eu me lembro de uma coisa muito interessante quando ... um amigo nosso foi deixar-nos no aeroporto ... eu ... mamãe e Isabela ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 95*)

Os SP *pro hospital*, em (165), e *no aeroporto* (166) codificam o ponto de chegada do evento. Nos dois casos, o referente do SN_{OD} é um paciente humano, *ela* e *nos*, respectivamente. Há uma forte predominância de pacientes desse tipo no *frame* Transportar (cf. *Subseção 3.2.3.4*), em que pessoas são transportadas por pessoas, agentes translacionais (↔) que compartilham o mesmo trajeto com o Paciente durante a condução.

Nessa perspectiva, o Alvo é inerente ao esquema cognitivo que subjaz a esse *frame*. Mesmo omitido na oração, sua existência é pressuposta, conforme se pode observar nos dados a seguir, desta vez com pacientes cujos referentes são objetos.

- (167) [...] que foi até a empresa e conversou com Ziro para assinar a carteira, que emitiu as guias para que Maria José levasse para pagar, que não foi até o INSS, que não recebeu nada por isso. (*Banco de Sentenças/ JFRN*)
- (168) O Atirador e o observador a seu lado alertam o comando: a mulher está carregando algo; é uma granada de alto impacto, que ela entrega ao menino; ele está indo na direção dos soldados americanos. (*Revistas On-line, Veja*)

Nas orações em destaque, os objetos [\emptyset = *as guias*, em (167), e *algo*, em (168)] são transportados para algum local que não é explicitado nos respectivos fragmentos. No primeiro, subtende-se o Alvo como um determinado estabelecimento onde se pode pagar dívidas. Em (168), a informação para onde o SN_{OD} *algo* (= *uma granada de alto impacto*) é transportado está atrelada ao ato de sua entrega *ao menino* e o caminho que este segue, *na direção dos soldados americanos*.

As orações que instanciam essa MC também podem descrever o evento de maneira mais completa, explicitando tanto a Origem como o Alvo do movimento. Em (169), por exemplo, há dois SP subcategorizando o verbo LEVAR, *do campo e para a capital* (alvo), os quais evidenciam a Origem e o Alvo, respectivamente, do EI de Trajetória ativado.

- (169) [...] convencidos de que ela deve ter um destino nobre, seus pais adotivos levam-na do campo para a capital, para que viva em meio ao luxo e atraia os mais aristocráticos pretendentes. (Revistas *On-line*, Veja)

Em (170) e (171), respectivamente, os SP *pra dentro* e *a uma forma* têm papel semântico de Alvo. Em ambos, os SN_{OD} *ele* e *a massa* partem de uma área exterior para um contêiner que pode acomodar pessoas ou coisas. É com base nesse tipo de experiência que as noções “dentro/fora”, ao pressupor movimento de entrar e sair, nos permitem o mapeamento metafórico entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, como veremos mais à frente.

- (170) [...] daí vinham os homens de lá ... dentro ... daí levaram ele lá pra dentro ...trancaram eles num quarto onde tava o amigo deles ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 413)
- (171) Agora leve a massa a uma forma que esteja untada com manteiga e polvilhada com trigo, dessa forma você não correrá o risco da massa queimar. (Corpus D&G Natal, Escrita, p. 92)

Outro tipo de complemento preposicionado relacionado a esse *frame* diz respeito ao meio de transporte empregado para mover o Paciente. Nos dados seguintes, *na sua mochila*, em (172), e *em contêineres, em navios* (173), cumprem a função de recipiente, servindo de local de armazenamento, durante o transporte, para os referentes do OD: *um alimento e os 200 veículos usados no filme*.

- (172) [...] começou a caminhada ... chegamos na mata umas seis horas ... e tinha que encontrar um local agradável que pudesse [...] e começou a divisão de alimentos ... cada um levou um alimento na sua mochila ... pensando que ia comer sozinho ... (Corpus D&G Natal, Fala, p. 304)
- (173) Foi um exercício militar de proporções épicas. Tivemos de levar os 200 veículos usados no filme em contêineres, em navios. Os maiores, as “máquinas de guerra”, que não cabiam em contêineres, viajaram no convés de cargueiros por todo o Oceano Índico até a costa ocidental da África. Caríssimo. Mas não havia outra forma de fazer o filme. (Revistas *On-line*, Veja)

Assim como nas demais instâncias das MC do SE de MCaus, o SN_{SUJ} das MC de Transporte pode ter representações metonímicas ou desempenhar função semântica de causativo mas não de Agente, conforme ilustrado nas amostras seguintes:

- (174) [...] aí quando a minha amiga chega ... a que tava lá embaixo ... que foi ... foi ... espantada ... toda preocupada ... “e agora o que a gente faz? eu vou chamar Vilma ... porque Vilma tem um pai que trabalha aqui perto e tem um carro que vai levar a gente pro pronto-socorro” (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 53*)
- (175) [...] por pertencer a uma alta sociedade ... decide jogá-lo no rio ... é ... e joga-o no rio ... então esse rio tem uma forte correnteza e leva ele pra bem longe ... ele vai parar numa gruta ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 305*)
- (176) A esquerda da entrada tem uma escada que leva aos andares superiores, e um corredor que à esquerda também possui 3 salas grandes e do lado direito 2 banheiro c/ 2 divisões e mais a biblioteca. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 300*)

Em (174), o SN_{SUJ} *que* (= *um carro*) é usado metonimicamente para se referir ao agente da ação de transportar os pacientes – *a* (= *a adolescente Casey Newton*) e *a gente* – para um destino – *para a cidade futurista* e *pro pronto-socorro*. Em (175) e (176), os SN_{SUJ} não representam verdadeiros agentes já que não têm os traços de intencionalidade e controle, característicos do caso Agente. No primeiro, *uma forte correnteza* se caracteriza como uma força natural capaz de causar o deslocamento do paciente *ele*. No segundo, o Caminho por onde alguém é levado *aos andares superiores* está expresso no *slot* do SUJ, *que* (= uma escada), ou seja, o caminho que conduz o Paciente (não explicitado por ser genérico, correspondendo a qualquer pessoa) ao Alvo é codificado pelo SN_{SUJ}.

Nesse tópico, vimos que a configuração argumental dos VMT que evoca o *frame* Transportar na perspectiva de *Ida* envolve uma cena em que o Paciente é transportado pelo Agente a um lugar. Em termos de EI, esse *frame* reflete, assim como o *frame* Colocar, experiências de percurso, com foco no Alvo. A ativação do EI por essa estrutura linguística pode resultar em alguns mapeamentos metafóricos, tais como *privilégio é lugar*, *tempo é lugar* e *comportamento é agente causador*, tratados a seguir.

A MC de Transporte com enfoque no destino do movimento pode perfilar a metáfora conceptual *privilégio é lugar*. Nessa linha, o privilégio equivale, por comparação, a um lugar físico onde um indivíduo ou um determinado grupo pode chegar, a exemplo do evento expresso em (177):

- (177) Mas ela tem outro ás na manga ainda: karidja Touré, dona de uma pureza e de uma sensibilidade dramática que, preservadas, podem levá-la a um lugar singular no cinema. (Revistas *On-line*, Veja)

Nesse dado, o que pode LEVAR o referente do SN_{OD} *a* (= karidja Touré) a uma posição de destaque no cinema são os atributos da atriz, *pureza e sensibilidade dramática*, que atuam como agente causador. Tais qualidades lhe dão as condições necessárias para ocupar uma posição metafórica, privilegiada, codificada pelo SP *a um lugar singular no cinema*.

A metáfora conceptual *tempo é lugar* também pode subjazer à MC de Transporte. Na perspectiva de Ida, o tempo é concebido como o local para onde o Paciente é transportado. Dessa forma, o SP pode ser usado para demarcar o tempo, tomando um lugar físico como domínio-fonte, conforme se vê a seguir:

- (178) [...] e o doutor ... que é amigo dele ... levou outro jornal para o passado [...] a potência do raio ... levaria o carro para o futuro. (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 185)

Em (178), as duas orações em destaque descrevem metaforicamente o transporte dos pacientes, respectivamente, *outro jornal* e *o carro*, levados, pelo SN_{SUJ} *o doutor, para o passado*, e por *a potência do raio para o futuro*, interpretados como locais metafóricos que correspondem ao destino do movimento.

Em algumas instanciações metafóricas da CMT do SE de M_{Caus} que denotam transporte com a perspectiva de Ida, comportamentos podem ser personificados, caracterizando o causador do evento, assim como ocorre em:

- (179) Na idade adulta, o que se viu foi novamente o pai taxista tentando pegar carona na fama da filha a ponto de lançar-se como cantor, atitude que arrastou Amy para uma profunda depressão – tal comportamento de Mitch voltou a ser criticado nos últimos dias pela imprensa inglesa e americana. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

Observe que, na oração sublinhada em (179), o SN_{SUJ} é a atitude (codificada por *que*) tomada pelo pai do referente do SN_{OD} *Amy*, a qual transporta metaforicamente esse paciente para *uma profunda depressão*, portanto, *comportamento é agente causador*. Outra metáfora conceptual também está presente nesse recorte: *estados emocionais são lugares*, considerando que o estado emocional para onde a paciente (*Amy*) é arrastada é um local metafórico.

A seguir, trato dos verbos do *frame* Transporte com a perspectiva de *Volta*.

4.1.2.2 Transporte a partir de um ponto de origem

Esse padrão microconstrucional perspectiviza o transporte de um Paciente, tomando como referência um ponto inicial, que nem sempre é explicitado, mas implicado pelo contexto. Relaciona-se com os *frames* Causar Movimento e Transporte, com o sentido básico de que, no discurso, implicam o transporte de algo ou alguém vindo de algum lugar. Dessa forma, espera-se que o foco salientado pela construção no trajeto, em termos de EI, seja a origem do movimento. Verbos como TRAZER (28 *tokens*), BUSCAR (20) e RESGATAR (14), ilustrados a seguir, fazem parte dessa classe.

- (180) Todos nós trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p. 315*)
- (181) Ano passado, o Brasil teria um plebiscito na eleição e nós sozinhos fomos buscar a Marina, o que de melhor a gente podia ter no nosso time. (*Revistas On-line, Veja*)
- (182) Apesar de já sair em tamanha vantagem, Christian, muito prudente, faz o que pode para impressionar Ana: leva-a em passeios noturnos de helicóptero (e com que júbilo ele a prende no assento com o cinto de segurança), dá a ela um carro esporte, resgata-a de uma balada na qual bebeu demais – e, quando ela se dobra para vomitar, sua reação imediata é segurar-lhe o cabelo, marca de um legítimo cavalheiro. (*Revistas On-line, Veja*)

Esses eventos consistem no deslocamento de um Agente \leftrightarrow , que transporta um Paciente, para um dado local, evidenciando o movimento de volta. O SN_{SUJ} é, prototipicamente um ser animado, como *todos nós*, em (180), e *nós* (181). O Paciente, codificado pelo SN_{OD}, aponta para objetos ou seres vivos transportados no evento descrito, como *uma mochila* (180), *a Marina* (181) e *a* (= Ana), em (182). Informações contextuais facilitam a inferência do local de origem do movimento, fato que contribui para a omissão do SP em orações dessa natureza, como se observa nos dados (180) e (181). Já em (182), o ponto de onde se resgata o referente do SN_{OD} é explicitado pelo redator do texto, o SP *de uma balada*⁵⁴.

Em resumo, a MC de Transporte perfila eventos de deslocamento, nos quais uma entidade transporta a outra. Trata-se de um padrão semântico-sintático que aciona, em termos cognitivos, o EI de Trajetória, com foco em algum lugar do percurso. A seguir, apresento o SE de MPerc que tem AGT SN_{SUJ} \leftrightarrow , mas não PAC SN_{OD}.

⁵⁴ Em casos como esse, o evento *balada* é metaforizado como espaço (local da balada), dada a relação metonímica que há entre ambos.

4.2 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO PERCORRIDO

O SE de MPerc recruta VMT complementados por LOC SN_{OD}, descrevendo o percurso de um AGT SN_{SUJ}↔. É o segundo mais produtivo no *corpus* examinado, com doze *types* e cento e oitenta e dois *tokens*, conforme a *Tabela 4*.

TABELA 4 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. PERCORRIDO

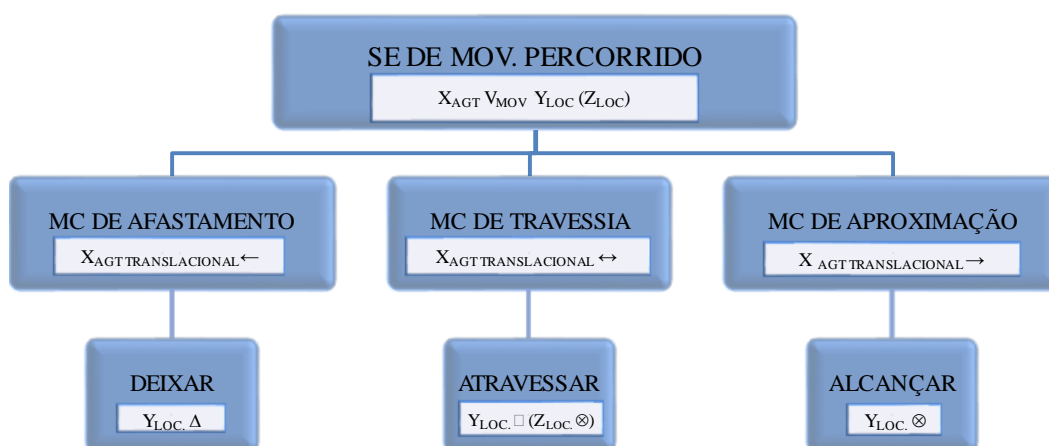
VERBOS (<i>TYPES</i>)		OCORRÊNCIAS (<i>TOKENS</i>)			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
1.	DEIXAR	-	36	36	19,78%
2.	ATRAVESSAR	8	23	31	17,03%
3.	PERCORRER	-	18	18	9,89%
4.	PULAR	7	9	16	8,79%
5.	SUBIR	6	8	14	7,69%
6.	ULTRAPASSAR	-	13	13	7,14%
7.	ALCANÇAR	-	12	12	6,59%
8.	CRUZAR	-	10	10	5,49%
9.	ANDAR	7	2	9	4,95%
10.	PASSAR	4	5	9	4,95%
11.	DESCER	6	2	8	4,40%
12.	CORRER	6	-	6	3,30%
	<i>TOTAL</i>	44	138	182	100,00%

Os verbos DEIXAR e ATRAVESSAR são os mais frequentes, com 19,78% e 17,03% das ocorrências, respectivamente. Esse SE é significativamente mais frequente na modalidade escrita, com cento e trinta e oito *tokens* (76%), contra quarenta e quatro *tokens* (24%) na fala. Essa predominância na modalidade escrita está relacionada à necessidade de se empregar, nos textos, verbos que revelem explicitamente os deslocamentos realizados pelos participantes do evento, a exemplo das peças jurídicas coletadas no JFRN. Em contexto de fala, por outro lado, tais verbos podem ser mais facilmente inferidos.

A estrutura argumental desses verbos é [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/LOC} (SP_{LOC})]. O LOC SP tem baixa frequência de uso, uma vez que o SN_{OD} já especifica uma localização. Os VMT licenciados por esse SE pertencem à classe de verbos de ação, considerando que o movimento efetuado pelo referente do SN_{SUJ} não provoca mudança de localização do SN_{OD}.

Esquemáticamente, o SE de MPerc pode se desdobrar em três MC: de afastamento, de travessia e de aproximação, representadas no *Diagrama 3*.

DIAGRAMA 4 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. PERCORRIDO



O diagrama exibe a rede hierárquica proposta para o SE de MPerc, organizada em três MC. Cada uma delas é definida com base na trajetória realizada pelo Agente e no tipo de Locativo expresso pelo SN_{OD} . Invariavelmente, nesse tipo de evento, o referente do SN_{SUJ} tem papel semântico de Agente, que pode se afastar (\leftarrow) ou se aproximar (\rightarrow) de um ponto de referência, ou atravessar algum espaço com múltiplas possibilidades direcionais (\leftrightarrow), conforme ilustrado no *Diagrama 3*. As MC de Afastamento, Travessia e Aproximação são caracterizadas, respectiva e prototipicamente, por LOC SN_{OD} que perspectivizam a Origem (Δ), o Caminho (\square) e o Alvo do movimento (\otimes). Esses locativos representam pontos fixos.

Cognitivamente, os construtos desse SE ativam o EI de Trajetória, destacando pontos do percurso que podem se relacionar com um espaço, uma passagem, uma abertura/portal, entre outros, por onde se realiza o movimento, a exemplo de:

- (183) [...] o garoto já fez a mão assim (inint) aí minha cunhada também viu, aí olhei pra cara dele, meu olhar já disse tudo pra ele (inint) atracessou a rua e foi embora, aí minha mulher: “que isso, que isso”, “ó mulher, num fala nada, segura o Daniel aí!” (*Corpus PEUL/RJ*)
- (184) Para mim, foi uma daquelas viagens inesquecíveis, como um sonho. Me marcou muito”, avalia o paulistano, que percorreu os Lagos Pehoé e Gray e ainda se aventurou pela Trilha dos Pumas, conhecida também como Trilha dos Pampas. (*Revistas On-line, Caras*)
- (185) Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e subimos uma duna, com vegetação, até o seu topo. Qual não foi a nossa surpresa quando olhamos para baixo e encontramos um bosque de árvores muito altas, algumas sem folhas. (*Corpus D&G Natal, Escrita, p.169*)

- (186) É, nove meses que ela passou de ano dia 16 de dezembro, passou pra 8° série quando foi no dia 23 de dezembro ela teve a “Catherine”. Estudando, descendo o morro tranquila, toda direitinha, toda bonitinha, porque quando a pessoa (inint) ficou andando de lado. (*Corpus PEUL/RJ*)

Em (183) e (184), os referentes do SN_{OD} (*a rua e os Lagos Pehoé e Gray*) correspondem ao espaço percorrido horizontalmente pelos referentes do SN_{SUJ} ($\emptyset = o\ garoto\ e\ que = o\ paulistano$). Por sua vez, em (185) e (186), a direção do movimento é vertical, considerando que há um deslocamento para cima, SUBIR, no primeiro, e para baixo, DESCER, no segundo. Respectivamente, os SN_{OD} *uma duna e o morro* correspondem à área por onde os SN_{SUJ}, *nós e ela* (\emptyset), deslocam-se. As MC deste SE não são prototipicamente triargumentais, mas, quando suas instanciações contêm um SP (elemento Z), este acrescenta ao evento reportado mais uma informação espacial, como em (185). Ainda neste dado, *até o seu topo* especifica o ponto de chegada do movimento. Temos, aqui, um exemplo de herança por instanciação, em que uma dada construção representa um caso especial, ou uma versão mais especificada, de outra: o verbo *subir*, intransitivo, é usado como transitivo.

Na MC de Travessia, veremos que a informação expressa pelo LOC SN_{OD} designa algum ponto da trajetória de deslocamento do referente do SN_{SUJ}. Quando o Locativo indica o ponto inicial (Δ) ou final do movimento (\otimes), não representando, dessa forma, todo o percurso, temos, respectivamente, as MC de Afastamento e Aproximação, apresentadas nas *Subseções 4.2.2 e 4.2.3*.

4.2.1 Microconstrução de Travessia

A MC de Travessia é licenciada pelo SE de MPerc, com o padrão semântico-sintático AGT SN_{SUJ} + V_{MOV} + LOC SN_{OD} + (LOC SP). Semanticamente, distingue-se das demais MC desse SE porque o referente do SN_{OD} equivale ao local por onde o referente do SN_{SUJ} realiza o Caminho (\square). Em termos cognitivos, sua configuração argumental se relaciona ao *frame* Atravessar, discutido na *Subseção 3.2.3.5*. Nessa perspectiva, as instanciações desse SE ativam o EI de Trajetória e podem enfatizar diferentes pontos do caminho presentes no evento de movimento, como os apresentados a seguir.

4.2.1.1 Área

O LOC SN_{OD} descrito como área corresponde a um espaço de amplo alcance por onde o Agente pode se mover em diversas direções. Vejamos o exemplo correspondente na oração em destaque:

- (187) Quem percorre o interior do Maranhão se surpreende com a quantidade de esqueletos de grandes obras abandonadas e expostas ao tempo. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

Observe que o SN_{OD} *o interior do Maranhão* diz respeito a uma extensa área que não se constitui em lugar de passagem propriamente dito, ou seja, construído com a finalidade de ser um Caminho. Localidades, regiões, mares, morros, serras, florestas são alguns dos elementos que assinalam área com os verbos ANDAR, ATRAVESSAR, PASSAR, PERCORRER, entre outros.

A partir dessa experiência, podemos estender esse sentido para outros domínios conceptuais, compreendendo metaforicamente o corpo como uma área que se pode percorrer, tal como ilustra a oração em (188).

- (188) Eu conseguia perceber a respiração agitada no dia a dia e até tenho a impressão de sentir imediatamente os efeitos nefastos dos hormônios do estresse percorrendo meu corpo quando me vejo numa situação indesejada. (Revistas *On-line*, Época)

A oração em destaque aciona a metáfora conceptual *corpo é lugar* ou *corpo é contêiner*, espaço que o referente do SN_{SUJ} (*os efeitos nefastos dos hormônios do estresse*) percorre. Desse modo, partes do corpo humano ou a ele relacionadas podem ser interpretadas como locais por onde transitam elementos de natureza diversa, como se vê em (189).

- (189) No trajeto, assimila o que necessita vivenciar na próxima estada - o espírito percorre as dimensões mentais e emocionais e vai conhecendo os desafios que terá de enfrentar na vida nova. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

Observe que o SN_{SUJ} *o espírito* desloca-se metaforicamente pelo SN_{OD} *as dimensões mentais e emocionais*. Esse dado comprova que o corpo humano faz parte de um domínio da experiência que serve de fonte para muitas concepções metafóricas.

4.2.1.2 Lugar de passagem

O LOC SN_{OD} pode corresponder a um lugar que tem como finalidade principal possibilitar o trânsito de pessoas ou coisas, mais restrito que a área, com menor abrangência espacial, a exemplo das ocorrências a seguir:

- (190) Pra você saí de Niterói de carro, você tem que atravessá a ponte evidentemente, né? Agora, num sei. E lá [por]... por Magé? Parece que antigamente passava também, quando num tinha ponte; hoje tem a ponte, então tem que atravessá a ponte Rio-Niterói e saí na Avenida Brasil. (*Corpus PEUL/RJ*)

Os SN_{OD} *a ponte* e *a ponte Rio-Niterói* dos eventos destacados em (190), que identificam a mesma entidade, constituem-se em um lugar de passagem, por onde o referente do SN_{SUJ} *você* realiza o trajeto. Avenidas, ruas, pistas, naves (de igreja), passarelas, ladeiras, escadas e rampas são alguns dos possíveis elementos que podem desempenhar esse papel semântico, como argumento interno dos verbos ATRAVESSAR, CRUZAR, DESCER e SUBIR.

É possível ainda que o LOC SN_{OD} codifique o tempo em termos de lugar, como na oração destacada em (191):

- (191) Andava o dia todo debaixo de um sol de 45°C, molhado de suor, carregando mais de 30 quilos de equipamento e, de tempos em tempos, se protegendo de atiradores. (*Revistas On-line, Veja*)

Essa estrutura ativa a metáfora conceptual *tempo é lugar*, na qual o LOC SN_{OD} *o dia todo* representa metaforicamente o Caminho por onde *o fuzileiro naval* andou.

4.2.1.3 Distância percorrida

O LOC SN_{OD} da MC de Travessia também pode representar a distância percorrida pelo agente da ação, conforme se vê em (192).

- (192) Nós sentamos sobre essa ... mais à frente ... entramos mais um pouco depois dessa duna e andamos um pouco mais é ... mais de cinquenta metros ... e ... sentamo-nos próximos a uma vegetação de uns três metros de altura ... (*Corpus D&G Natal, Fala, p. 122*)

Observe que o SN_{OD} *um pouco e mais de cinquenta metros* diz respeito à distância percorrida, ao mesmo tempo em que pode quantificar o percurso realizado pelo SN_{SUJ} *nós* (Ø). Trata-se de um complemento circunstancial codificado como OD. Nesse caso, temos um *link* de herança por instanciação, uma vez que o verbo *andar*, geralmente intransitivo, é usado aqui num padrão transitivo. Expressões como *x quilômetros*, *x metros*, *a distância entre x e y* são complementos diretos comuns com VMT como ANDAR, ATRAVESSAR e PERCORRER. Visto que ANDAR significa mover-se por conta própria, dar passos (BORBA, 1996), temos um caso em que o próprio verbo implica o modo de deslocamento.

Na perspectiva desse *frame*, pode haver um complemento circunstancial codificado como OD, como em (193).

- (193) [...] quando a bilheteria da estreia americana de Vingadores [...] for computada, o longo inverno que a Marvel atravessou um dia vai recuar ainda mais na memória. (Revistas *On-line*, Veja)

Nesse caso, *o longo inverno* é um período que relaciona metaforicamente o tempo (abstrato) em termos de lugar (concreto), refletindo a metáfora conceptual *tempo é lugar*.

4.2.1.4 Limite demarcado

O LOC SN_{OD} pode referir-se a pontos ou linhas que demarcam espaços, limites ou fronteiras em uma dada área, conforme ilustro em (194).

- (194) “Quando cruzei a linha de chegada, eles gritavam ‘Senna, Senna’. Foi de arrepiar”, vibrou o sobrinho do tricampeão de F1 Ayrton Senna (1960-1994) ao concluir sua primeira corrida em sua terra natal. (Revistas *On-line*, Caras)

O SN_{OD} *a linha de chegada* exemplifica esse tipo de locativo, indicando o local cruzado pelo referente do SN_{SUJ} Ø = *eu* (*o sobrinho do tricampeão de F1 Ayrton Senna*). As orações com os verbos ATRAVESSAR, CRUZAR e ULTRAPASSAR, na perspectiva desse *frame*, enfatizam esse ponto do trajeto do EI acionado.

Em algumas amostras, o limite demarcado pode ser concebido de forma abstrata, visto que ULTRAPASSAR não é usado como um verbo de ação-processo que indica movimento concreto, como se vê em:

- (195) Culpabilidade: circunstância favorável, uma vez que o acusado não agiu com dolo que ultrapasse os limites da norma penal. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (196) Mas como diferenciar os ensaios que provocam reflexão daqueles que causam desconforto? Saber que é uma criança logo de cara, ao olhar a foto, talvez seja um bom critério para separar as fotos bacanas das que ultrapassam o limite do bom gosto. (Revistas *On-line*, Época)

Os SN_{OD} *os limites da norma penal*, em (195), e *o limite do bom gosto* (196) que complementam o verbo ULTRAPASSAR fazem referência, respectivamente, a uma linha subjetiva que mostra até onde a atitude do acusado se configura como crime e a uma linha que divide a região *das fotos* consideradas bacanas das que estão fora dessa classificação, portanto de mal gosto. Para Borba (2002), nessa acepção (*exceder os limites*), ULTRAPASSAR consiste em um verbo de processo que toma um nome abstrato como complemento.

4.2.1.5 Obstáculo

O Locativo SN_{OD} pode representar ainda um obstáculo que exige maior esforço do referente do Agente para atravessá-lo. Ilustro com o destaque do seguinte excerto:

- (197) [...] às vezes até na rua e depois a gente invadia a piscina pra tomá um banho, todo mundo suado e tal, pulava a grade, pulava o muro, mais pela emoção do que o próprio banho de piscina, banho de piscina, eu tinha a minha garagem ali, eu podia botá uma mangueira, molhá todo mundo. (*Corpus PEUL/RJ*)

Os SN_{OD} *a grade* e *o muro* não expressam um local de passagem, mas um obstáculo no percurso do SN_{SUJ} Ø (= *a gente*). Rochas, cercas e buracos são outros elementos encontrados como SN_{OD} de verbos como ATRAVESSAR, PULAR e ULTRAPASSAR. Vale notar que, assim como ANDAR, o verbo PULAR, com a acepção de *transpor de um pulo, saltar* (BORBA, 2002) expressa em sua própria raiz o modo como o movimento se realiza.

Outros casos de obstáculos, dessa vez, abstratos, podem ser vistos nos fragmentos a seguir. Neles, os SN_{OD} *barreiras* e *a* (= *barreira*) expressam impedimentos à realização da ação de ULTRAPASSAR no sentido de *transpor*.

- (198) Edward McKeon, chefe americano sobre assuntos consulares no México, disse que ele está focando-se em tornar a passagem legal para os Estados Unidos mais fácil, como um esforço para prevenir pessoas de desistirem e partirem ilegalmente. Ele tem até ajudado aqueles que eram anteriormente ilegais a ultrapassar as barreiras para entrar nos Estados Unidos. “Se as pessoas estão tentando fazer a coisa certa”, disse Mackeon, “precisamos enviar um sinal de que serão recompensadas”. (Revistas *On-line*, Veja)
- (199) Paola entrou e arrasou. “Quando você balança diante de uma barreira muito difícil, retoma a coragem e consegue ultrapassá-la, parece que a vitória tem valor ainda maior.”. (Revistas *On-line*, Cláudia)

Vale observar que o SN *as barreiras* em (198) também pode ser interpretado como um lugar físico (concreto), se consideramos a existência de muros e zonas divisórias que buscam impedir a entrada sem autorização de estrangeiros nos Estados Unidos.

Conforme visto, as instanciações da MC de Travessia podem perspectivizar diferentes representações de Caminho no *slot* do SN_{OD} que, por sua vez, correspondem a pontos específicos do EI ativado, previstos no escopo do *frame* Atravessar.

4.2.2 Microconstrução de Afastamento

A MC de Afastamento é sancionada pelo SE de MPerc. Manifesta-se com um AGT SN_{SUJ↔} e um Locativo que indica a origem do movimento (Δ). Essa MC se caracteriza pelo afastamento (\leftarrow) de um ou mais agentes de um local que expressa um ponto de partida. Esse padrão microconstrucional aciona o *frame* Partir (cf. *Subseção 3.2.3.6*).

No universo de verbos que correspondem a esse *frame*, o único que identifiquei como transitivo é o verbo DEIXAR⁵⁵ (36 *tokens*), empregado com o sentido de afastar-se ou sair de algum lugar. Vejamos:

- (200) Battisti deixou o presídio da Papuda logo após a meia-noite desta quarta-feira. (Revistas *On-line*, Veja)
- (201) Além da expectativa de mudanças no governo, contribui para aumentar o clima de insegurança a falta de informações detalhadas sobre a saúde de Chávez. Quando deixou o país, no dia 5 de junho, ele oficialmente retomava uma agenda interrompida no mês anterior, por conta de uma lesão no joelho. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

⁵⁵ Os demais verbos do *frame* Partir são intransitivos, seguidos apenas de um complemento preposicionado, a exemplo de *debandar*, *emergir*, *escapar*, *fugir*, *partir*, *sair* etc.

- (202) A compensação por danos psicológicos deve beneficiar cerca de 150.000 pessoas que tiveram que deixar suas casas, informou nesta quarta-feira a agência de notícias local Kyodo. (Revistas *On-line*, Veja)

Em (200-202), *o presídio da Papuda, o país e suas casas* descrevem pontos de origem de onde os referentes do SN_{SUJ}, a saber, *Battisti, Ø* (= ele, *Chávez*) e *que (150.000 pessoas)*, afastam-se/partem.

Em termos de EI, como visto, esse tipo microconstrucional foca a origem do movimento, local onde começa a trajetória. A experiência de afastar-se ou partir de lugares possibilita o mapeamento metafórico entre domínios vinculados a esse esquema. Com o VMT DEIXAR, encontrei mapeamentos como *cargo é lugar*. Esta metáfora, perfilada pela MC de Afastamento, permite conceber níveis hierárquicos políticos ou profissionais como um espaço físico, concreto. No contexto discursivo dos dados (203-204), esse lugar é codificado pelo SN_{OD}. Os SN_{OD} *o poder*, em (203), e *o primeiro escalão da empresa*, em (204), são tratados metaforicamente como lugares dos quais o ditador e o diretor, respectivamente, podem retirar-se.

- (203) As declarações do emissário só comprovam que, apesar do otimismo que alguns países insistem em alimentar, o ditador permanece firme em sua resistência na Líbia e nem cogita a possibilidade de deixar o poder. (Revistas *On-line*, Veja)
- (204) Com a escolha de Tito Martins para comandar a Vale, um nome quase certo na diretoria da empresa é o de Gabriel Stoliar. Ele deixou o primeiro escalão da empresa por divergências com Roger Agnelli. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

A metáfora conceptual *tempo é lugar* também pode ser acionada em construtos da MC de Afastamento, como no seguinte recorte:

- (205) Veja como deixar o passado no devido lugar e abra-se para uma nova relação. (Revistas *On-line*, AnaMaria)

Observe como o tempo, em (205), codificado pelo SN_{OD} *o passado*, pode ser concebido como um lugar de onde o leitor pode afastar-se. O SP *no devido lugar* também é um recurso metafórico que reforça a ideia de que o tempo é concebido como espaço físico, concreto.

Na próxima subseção, trato do padrão microconstrucional que conceitualiza o SN_{OD} com polaridade inversa a essa, uma vez que o Alvo agora passa a ser o traço mais saliente, imagneticamente perfilado, da trajetória.

4.2.3 Microconstrução de Aproximação

Correspondendo ao padrão [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/LOC}], a MC de Aproximação expressa o deslocamento do SN_{SUJ} em direção a um alvo (⊗) codificado pelo SN_{OD}. Nesses termos, quando o ponto de chegada do deslocamento é codificado por um SN_{OD}, o *frame* evocado é *Chegar*, discutido na *Subseção 3.2.3.7*. Assim como as demais MC, essa aciona o EI de Trajetória, dessa vez com foco no Alvo, já que destaca o movimento de Ida.

Entre os verbos⁵⁶ que representam esse *frame*, identifiquei apenas um VMT: ALCANÇAR (12 *tokens*), empregado com o sentido de *chegar até* (BORBA, 2002). Na condição de argumento interno desses verbos, o SN_{OD} indica o locativo ponto de chegada em (206):

- (206) Milkau acredita que alcançou a ‘terra prometida’, ou melhor, Canaã, o paraíso oferecido por Deus ao patriarca Abraão, história presente no Antigo Testamento. (Revistas *On-line*, IstoÉ)

O SN_{OD} a *‘terra prometida’* aponta para uma região a que o Agente SN_{SUJ} *Milkau* (= *que*) chegou.

Logo, a MC de Aproximação perfila eventos de deslocamento que perspectivizam, em termos de EI, o Alvo para onde o Agente se move. A experiência de aproximar-se de ou chegar a lugares possibilita falar metaforicamente de circunstâncias mais abstratas. Elenco duas possibilidades: *propriedades são lugares* e *estados são lugares*, respectivamente exemplificados:

- (207) Segundo a jurisprudência da Corte “o princípio da insignificância, cujo escopo é flexibilizar a interpretação da lei em casos excepcionais, para que se alcance o verdadeiro senso de justiça, não pode ser aplicado para abrigar conduta cuja lesividade transcende o âmbito individual e abala a esfera coletiva”. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (208) Mas os últimos apagões, como o de quinta-feira em São Paulo, têm feito o consumidor questionar a eficiência dos investimentos. De 2005 para cá, os indicadores de qualidade pioraram. Em 2009, alcançaram o pior patamar desde 1999. (Revistas *On-line*, Época)

Em (207), o SN_{OD} *o verdadeiro senso de justiça*, é uma propriedade, uma faculdade interpretada metaforicamente como um lugar a que se pode chegar. Ao passo que o domínio

⁵⁶ Os demais verbos do *frame* *Chegar* são seguidos de complementos preposicionados, a exemplo de chegar, entrar, retornar, vir, voltar etc.

conceptual *estados são lugares* pode ser perspectivizado nas instanciações da MC de Aproximação, como se vê em (208). Observe que o SN_{OD} *o pior patamar* categoriza a qualidade insatisfatória da energia fornecida em São Paulo.

Logo, os construtos que realizam a MC de Aproximação podem perspectivizar o ponto de chegada do caminho no *slot* do SN_{OD}, que, por sua vez, exprime o Alvo do EI evocado.

4.3 SUBESQUEMA DE MOVIMENTO ASSOCIADO

O SE de MAssoc é assim denominado porque descreve o movimento de um Agente→ junto a um Coagente (COAGT), classificado no FrameNet como *cotheme* (cf. *Subseção 3.2.3.8*). Trata-se, dessa forma, de um SE que licencia orações que têm um participante associado ao movimento, codificado pelo SN_{OD}. É o SE menos produtivo, com apenas quatro *types* distribuídos em cinquenta e um *tokens*, conforme demonstrado na *Tabela 5*

TABELA 5 - TIPOS E OCORRÊNCIAS DOS VMT DO SE DE MOV. PERCORRIDO

VERBOS (<i>TYPES</i>)		OCORRÊNCIAS (<i>TOKENS</i>)			
		FALA	ESCRITA	TOTAL	%
1	ACOMPANHAR	6	22	28	54,90%
2	SEGUIR	6	4	10	19,61%
3	PERSEGUIR	-	8	8	15,69%
4	CONDUZIR	-	5	5	9,80%
	<i>TOTAL</i>	12	39	51	100%

O verbo ACOMPANHAR é o mais frequente, com mais da metade das ocorrências, 54,90%. Em meu recorte de investigação, esse verbo é mais frequente na modalidade escrita, com trinta e nove *tokens* (76%). Apenas o VMT SEGUIR foi mais usado na fala. Já os verbos PERSEGUIR e CONDUZIR não ocorreram nessa modalidade. A predominância de ACOMPANHAR deve-se ao fato de ele ser um verbo tipicamente relacionado a cenas de movimento conjunto em diferentes contextos: companhia, viagem, caminhada etc., ao passo que os outros três verbos descrevem eventos mais específicos, como ocorrências policiais e perseguições.

A estrutura argumental desses verbos se organiza como [SN_{SUJ/AGT} V_{MOV} SN_{OD/COAGT} (SP_{LOC})]. O SP, quando expreso, codifica o Alvo (⊗) para onde os participantes SUJ e OD se movem no evento. Os VMT sancionados por esse SE pertencem à classe de verbos de ação, considerando que não há paciente afetado, uma vez que os referentes do SN_{SUJ} e do SN_{OD}

realizam o trajeto de modo autônomo, sem interferência direta (emprego de força) de um sobre o outro.

O SE de MAssoc desdobra-se, esquematicamente, em duas MC: *movimento paralelo* e *movimento seguido*, ilustradas no diagrama a seguir.

DIAGRAMA 5 - REDE HIERÁRQUICA DO SE DE MOV. ASSOCIADO



O Diagrama 4 exibe a rede hierárquica proposta para o SE de MAssoc, na qual destaco o ponto da trajetória perspectivizado pelo EI acionado pelos construtos desse SE. Ele se desdobra em duas MC, cada uma delas definida com base no tipo de deslocamento que os participantes realizam, os quais implicam dois modos de movimento: paralelo ($\rightarrow \rightarrow$) ou seguido ($\rightarrow \rightarrow$). Nessa linha, o referente do SN_{SUJ} tem papel semântico de Agente (\rightarrow) enquanto o referente do SN_{OD} pode mover-se juntamente com o Agente ou segui-lo. Os VMT prototípicos para cada um desses tipos de movimento são ACOMPANHAR e SEGUIR. O SP, representado por Z, codifica o Alvo (\otimes) para onde os participantes se movem.

Desse modo, no domínio cognitivo, as orações desse SE acionam o EI de Trajetória e focalizam o destino para onde os participantes do evento se deslocam. Nesse cenário, o Coagente do evento pode ser a entidade que acompanha ou segue o Agente, respectivamente, destacados em (209) e (210).

- (209) O acusado Ronaldo Cardoso procurou o denunciado Pedro Martins para que este providenciasse um alvará falso em seu favor, para fins de recebimento dos valores depositados na conta de FGTS de sua tia falecida, tendo aquele aceitado o serviço, providenciado a falsificação do alvará e cobrado ao acusado Ronaldo Cardoso alguma quantia para fazê-lo, bem como para acompanhar esse último até a agência da CAIXA. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (210) [...] o cara ... que tinha se acidentado apareceu de novo né ... chamando ele pra ir lá no cemitério o cara ... tinha um negócio pra mostrar né ... aí foi e seguiu né ... aí ele à noite né sozinho ... botou lá um agasalho ... tava muito frio ... aí foi aí seguiu o cara né ... seguiu o cara ... ele tava sempre assim um pouco de longe ... uma certa distância ... aí seguiu até lá em cima né ... e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: no momento não tinha motorista ... pra seguiu-lo ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 239)

Os SP *até a agência da CAIXA*, em (209), e *até lá em cima* (210) correspondem ao ponto final do evento descrito nas orações. A análise dos dados aponta para uma grande ocorrência de coagentes, referentes do SN_{OD}, codificados como pronomes, como *-lo* (= cara). Isso significa que esses coagentes constituem um subtópico discursivo, ou tópico secundário, ao lado do SN_{SUJ}, tópico primário. Conforme Givón (1984), a principal manifestação de tópicos importantes no discurso é a continuidade. A possibilidade de referência anafórica do OD reflete sua topicidade e sua natureza informacional dada.

Com relação aos dois modos de movimento, estes são detalhados pelas MC de Movimento Paralelo e de Movimento Seguido.

4.3.1 Microconstrução de Movimento Paralelo

A MC de Mov. Paralelo decorre do SE de MAssoc. Os verbos licenciados por essa MC têm como principal característica a participação de um SN_{SUJ} translacional (\rightarrow) e um SN_{OD} com papel semântico de Coagente, cujo referente se move de modo associado, paralelo ou relativamente próximo (\rightarrow) ao referente do SN_{SUJ}. Esse padrão atualiza o *frame* Acompanhar (cf. *Subseção 3.2.3.8*), no sentido de deslocamento compartilhado rumo a uma mesma direção. Nesse aspecto, os VMT ACOMPANHAR e CONDUZIR são recrutados por esse modelo. Vejamos:

- (211) Por sua vez, a [...] funcionária dos Correios, disse que o assalto ocorreu no início da tarde e que, na ocasião, estava no guichê de atendimento quando percebeu que um homem acompanhou RAIMUNDO quando este se dirigia a parte interna da agência para pegar um documento de um cliente. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (212) Em seguida, o denunciado conduziu o vigilante ao banheiro, onde ordenou que lhe entregasse seu celular, sua mochila e o colete balístico. (Banco de Sentenças/JFRN)

Nos dados analisados, a entidade representada pelo SN_{OD}, tipicamente humana, é acompanhada ou conduzida pelo AGT SN_{SUJ}. Nas instanciações do SE de MA_{Assoc}, tanto o referente do SUJ quanto do OD são seres humanos. É o que acontece em (211) – *um homem e RAIMUNDO* – e, em (212) – *o denunciado e o vigilante*. Essa MC projeta eventos de deslocamento que perspectivizam, em termos de EI, o Alvo para onde o Agente e o Coagente se movem, identificados em tais eventos por *a parte interna da agência e ao banheiro*.

Em termos metafóricos, identifiquei construtos dessa MC que evocam a metáfora conceptual *estados (emocionais) são lugares*, como em:

- (213) Portanto, a obtenção da vantagem indevida deve-se ao fato de o agente conduzir o ofendido ao engano ou quando deixa que a vítima permaneça na situação de erro na qual se envolveu sozinha. (Banco de Sentenças/JFRN)
- (214) Depois de conduzir a empresa à maturidade, uma tarefa que consumiu uma década, o experiente executivo de 56 anos devolveva, assim, a gestão do gigante ao cofundador Larry Page, de 37. (Revistas *On-line*, Veja)

Observe que as orações em destaque em (213-214) têm sentido metafórico, em que o verbo CONDUZIR é empregado com o sentido de *induzir* (BORBA, 2002). O domínio-fonte desse mapeamento toma o SP da construção, *ao engano*, em (213), como um lugar abstrato ao qual o SN_{OD} *o ofendido* é conduzido pelo SN_{SUJ} *o agente*. Da mesma forma, em (214), o SN_{OD} *a empresa* também é metaforicamente conduzida *à maturidade*, estado tomado como um lugar.

4.3.2 Microconstrução de Movimento Seguido

A MC de Mov. Seguido se diferencia, semanticamente, da MC anterior porque o Agente e o Coagente não se deslocam juntos, mas um segue o outro. Essa MC também reflete

o *frame* Acompanhar⁵⁷, mas com o sentido de perseguir, ir ao encalço de alguém, realizado pelos VMT SEGUIR e PERSEGUIR. Vejamos:

- (215) [...] o cara ... que tinha se acidentado apareceu de novo né ... chamando ele pra ir lá no cemitério o cara ... tinha um negócio pra mostrar né ... aí foi e seguiu né ... aí ele à noite né sozinho ... botou lá um agasalho ... tava muito frio ... aí foi aí seguiu o cara né ... seguiu o cara ... ele tava sempre assim um pouco de longe ... uma certa distância ... aí seguiu até lá em cima né ... e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: no momento não tinha motorista ... pra segui-lo ... (*Corpus D&G Natal*, Fala, p. 29)
- (216) No correr dos três dias seguintes, Furiosa, Max e Nux vão ora se opor, ora se unir, enquanto as patrulhas que os perseguem crescem em número e cólera. (*Revistas Online*, Veja)

Nesses dados (215-216), as entidades representadas pelos SN_{OD} são (per)seguidas pelos referentes dos SN_{SUJ}. Ambos são tipicamente humanos: os agentes *ele* (Ø) e *as patrulhas* (per)seguem os coagentes *o cara* e *os* (Furiosa, Max e Nux). Imageticamente, cada uma dessas cenas implica que tais participantes se movem um atrás do outro. Logo, essa MC representa eventos de deslocamento que perspectivizam, em termos de EI, algum ponto da trajetória, a exemplo de *até lá em cima*, Alvo (⊗) codificado pelo SP.

Para finalizar o presente capítulo, apresento a análise quantitativa dos dados, contabilizando percentualmente as propriedades relacionadas às CMT, conforme os nós construcionais identificados na rede.

4.4 PANORAMA COMPOSICIONAL DA CMT

Com base nas instanciações do esquema [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)] que caracteriza o EMT, apresento um panorama composicional da CMT, uma vez que mensuro percentualmente os papéis semânticos dos argumentos dos VMT, os EI e os *frames* evocados por essa estrutura.

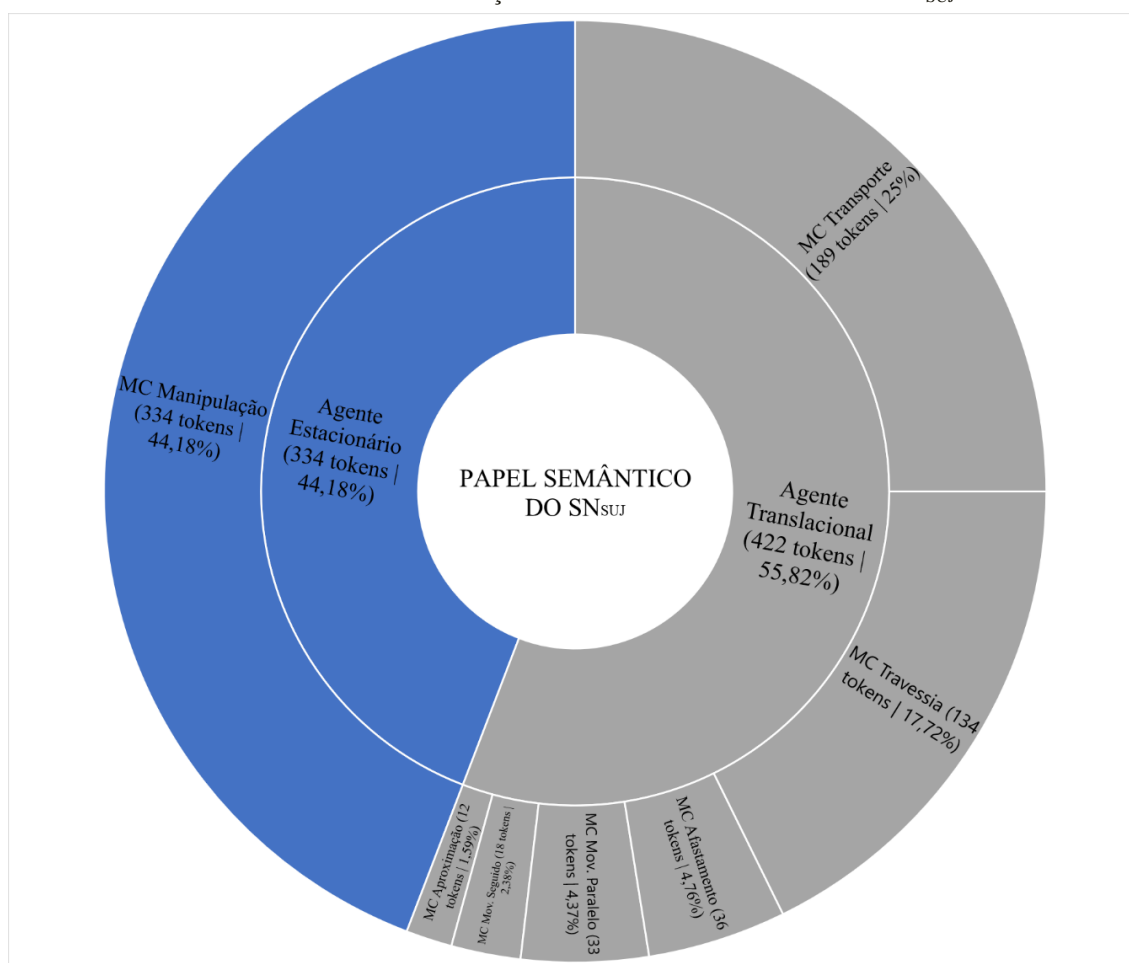
A análise mostrou que a CMT é dotada de alta composicionalidade. Portanto, o significado das orações que a instanciam é interpretado com base no significado de seus constituintes. Se tomarmos os sintagmas individuais que compõem essas orações, veremos que

⁵⁷ Vale ressaltar que as duas MC do SE de MAssoc evocam, segundo a classificação do FrameNet, o *frame cothema* (cf. *Subseção 3.2.3.8*). No entanto, optei por subdividir esse *frame* em duas perspectivas: uma que se relaciona com a noção de acompanhamento (MC de Mov. Paralelo) e outra com a noção de perseguição (MC de Mov. Seguido), já que identificam modos distintos de movimento.

cada um deles converge em termos semântico-sintáticos, já que: o SN_{SUI} tem papel semântico de Agente; o SN_{OD} desempenha o papel de Paciente, Locativo ou Coagente, a depender do SE em que ocorre; e o SP é um Locativo. Desse modo, forma e significado correspondem entre si.

Analisemos, de modo mais específico, como essa correspondência se manifesta para cada um dos três argumentos. No *Gráfico 3*, apresento, inicialmente, os dois tipos de AGT SN_{SUI} , instanciados pelos VMT das respectivas MC.

GRÁFICO 3 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SN_{SUI}

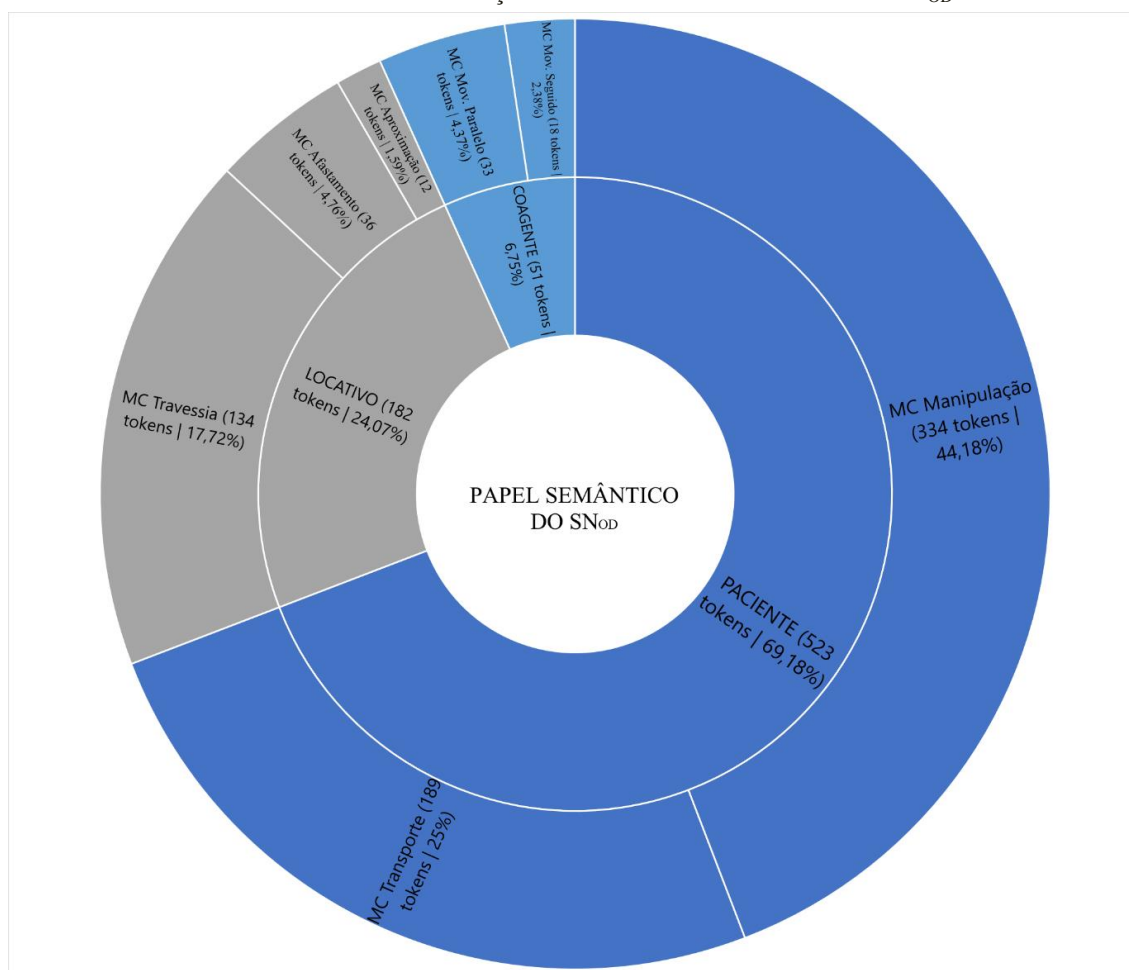


O AGT SN_{SUI} do tipo Translacional é o mais frequente nas orações coletadas, com 55,82% dos *tokens*. Isso se deve ao fato de que ele está presente nos eventos que descrevem o deslocamento (\leftrightarrow) do SUJ de um lugar para outro, representado de modo mais significativo pelas MC de Transporte (25%) e Travessia (17,72%), seguidas, respectivamente, pelas MC de Afastamento (4,76%), Mov. Paralelo (4,37%), Mov. Seguido (2,38%) e Aproximação (1,59%). Já o AGT SN_{SUI} do tipo Estacionário, aquele que não se desloca (\bar{T}) mas causa o deslocamento do Paciente, é responsável por 44,18% das ocorrências e está presente apenas nas instâncias

da MC de Manipulação, considerando que nas outras MC o Agente se desloca transportando um Paciente de, por ou para algum lugar.

Quanto ao SN_{OD}, apresento, no *Gráfico 4*, os três papéis semânticos que ele pode desempenhar:

GRÁFICO 4 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SN_{OD}



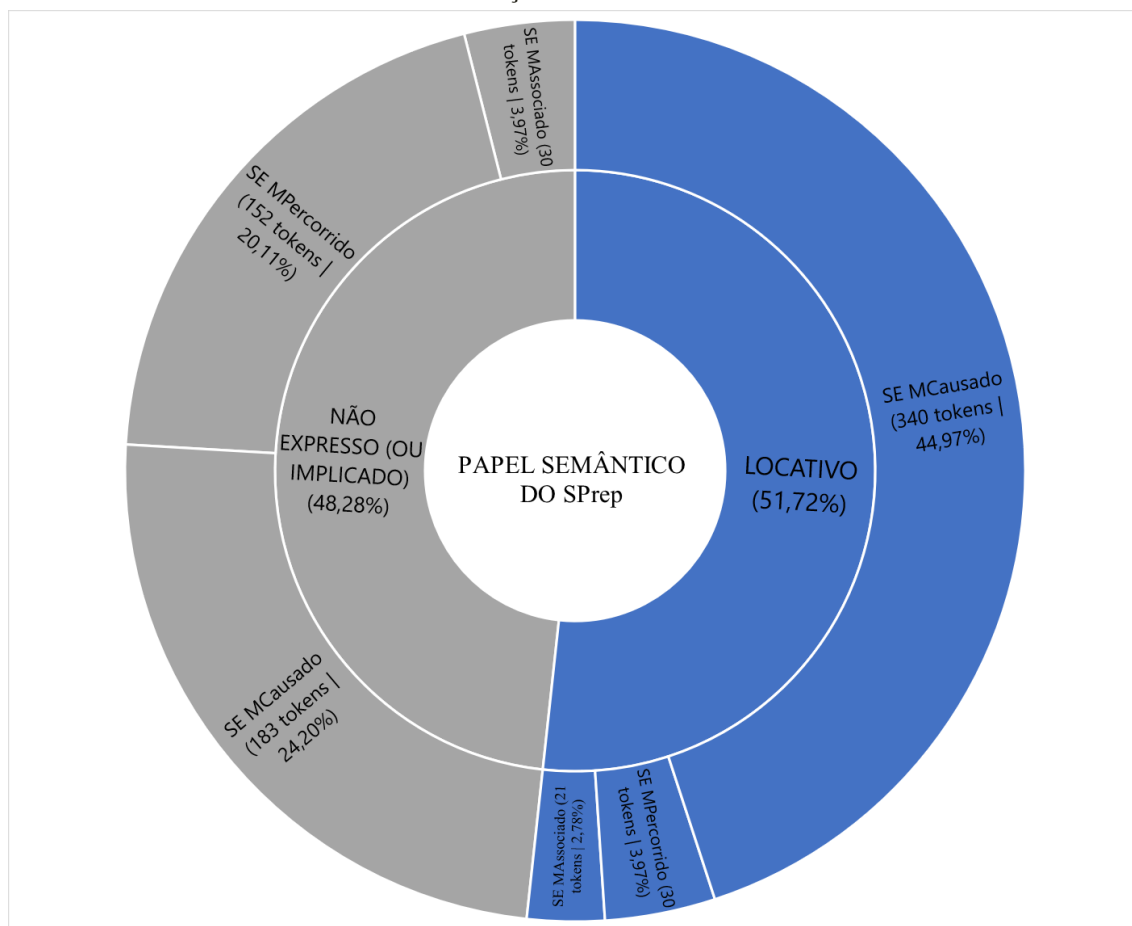
O PAC SN_{OD} é significativamente o mais frequente nas orações coletadas, com 69,18% dos *tokens*. Isso quer dizer que os EMT que correspondem à manipulação (44,18%) e transporte (25%) do Paciente são mais recorrentes, no *corpus* investigado, do que os EMT que linguisticamente comportam LOC SN_{OD} ou Coagentes SN_{OD}.

Ratifica-se, assim, a informação do *Gráfico 2*, ao quantificar eventos de manipulação e transporte como mais recorrentes que os demais eventos perfilados pelos SE de MPerc e MAssoc. Em segundo lugar, o SN_{OD} com papel semântico de Locativo é responsável por 24,07% dos *tokens* e ocorre nas instanciações das MC do SE de MPerc: na MC de Travessia (17,72%), representa o local por onde o Agente se translada; na MC de Afastamento (4,76%),

diz respeito ao ponto de origem e na MC de Aproximação (1,59%), ao alvo para onde se dirige o Agente. No português, o papel de locativo é geralmente codificado por um SPrep (cf. *Gráfico 5*). O COAGT SN_{OD} (6,75%) é o menos representativo e está relacionado à entidade acompanhada (MC de Mov. Paralelo, 4,37%) ou seguida (MC de Mov. Seguido, 2,38%) pelo AGT SN_{SUJ}. Ressalto que, em aproximadamente 15% das ocorrências coletadas, os SN_{OD} foram representados metonimicamente ou desempenharam funções circunstanciais.

Com relação ao SP, este argumento é previsto na moldura prototípica do EMT, uma vez que – ainda que não explicitado – pode estar implicado ou ser recuperado no contexto. Ele não foi expresso em quase metade das ocorrências coletadas (48,28%), conforme demonstrado no *Gráfico 5*.

GRÁFICO 5 - DISTRIBUIÇÃO DO PAPEL SEMÂNTICO DO SP

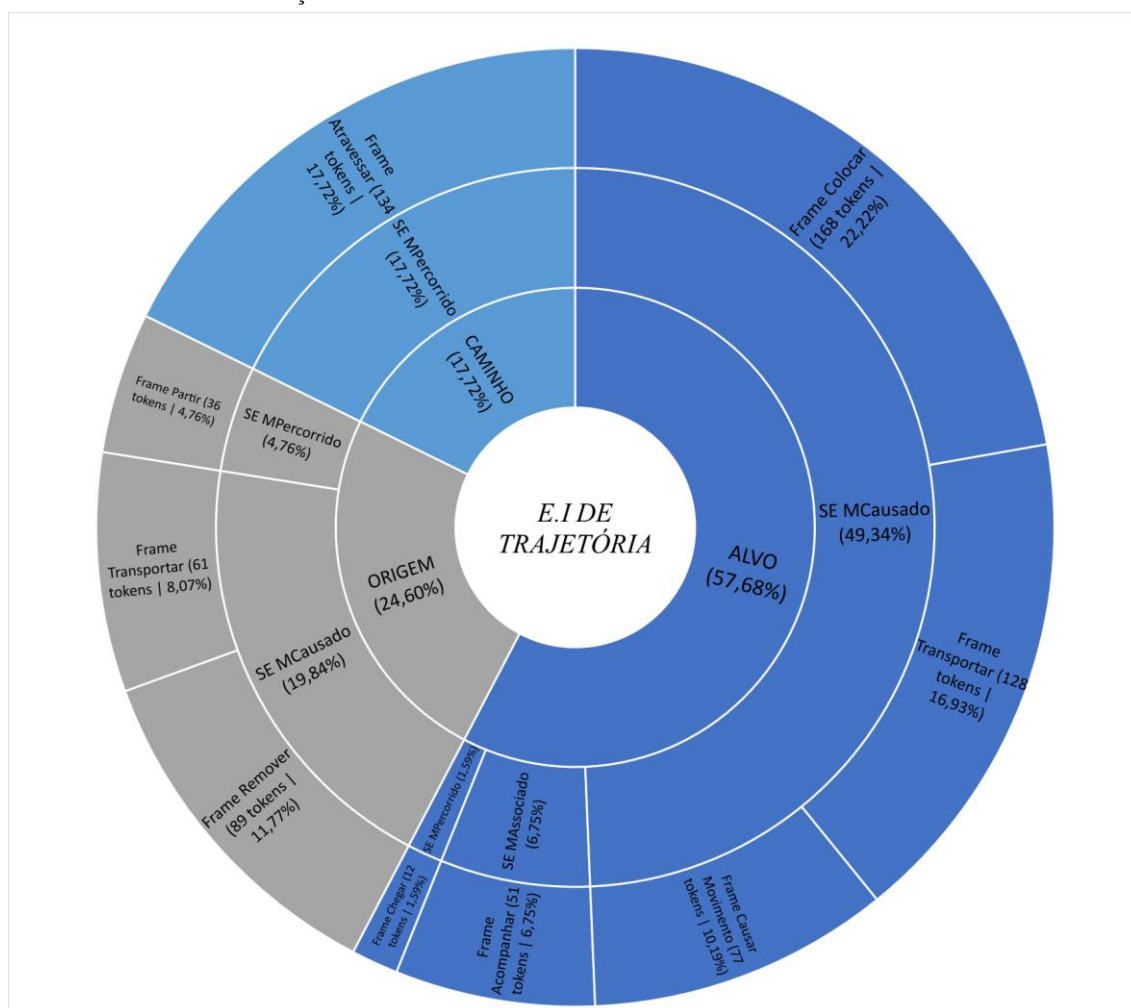


Nos outros 51,72% dos dados, o SP desempenha prototipicamente o papel de Locativo. A necessidade comunicativa dos interlocutores de explicitarem os locais de ou para onde os pacientes se movem ou se transportam faz com que o SP seja realizado nos construtos do SE de M Caus. As orações com SP que caracterizam esse SE são quase o dobro (340 *tokens*) das

que não apresentam esse sintagma locativo (183). Por sua vez, as orações do SE de MPerc e MASSoc podem (30 e 21, respectivamente) ou não (152 e 30, respectivamente) ter SP.

Tais LOC SP podem indicar o ponto de Origem (Δ), o Caminho (\square) ou o Alvo (\otimes) do movimento dos participantes do evento, do mesmo modo que o LOC SN_{OD} do SE de MPerc. Em termos cognitivos, uma vez que a CMT aciona o EI de Trajetória, o *Gráfico 6* exhibe o ponto da trajetória salientado em cada SE:

GRÁFICO 6 - DISTRIBUIÇÃO DO PONTO DA TRAJETÓRIA EVIDENCIADO PELO EI PERFILADO



O Alvo do EMT é o ponto que mais se sobressai nas orações examinadas. Isso indica que a identificação desse ponto (57,68%) é mais recorrente do que a Origem (24,60%) ou o Caminho (17,72%) do movimento. Perceba que os *frames* do SE de MCaus – Colocar (22,22%), Transportar⁵⁸ (16,93%) e Causar Movimento⁵⁹ (10,19%) – requerem a informação de para onde o Paciente é direcionado. O alvo do percurso também é focalizado nos *frames* Acompanhar

⁵⁸ Na perspectiva de Ida.

⁵⁹ Corresponde ao *Movimento a partir do ponto A*, apresentado na *Subseção 4.1.1.1 (II)*.

(6,75%) e Chegar (1,59%) que implicam, comumente, o destino do movimento: o lugar para onde o Agente e o Coagente se movem e o lugar para onde o Agente se dirige, respectivamente.

Em segundo lugar, a Origem é o ponto da trajetória presente em 24,60% das orações. Esse ponto é destacado nas instanciações relacionadas aos *frames* Remover (11,77%), Transportar⁶⁰ (8,07%) e Partir (4,76%), assinalando, respectivamente, o recipiente de onde se retira o Paciente, o local de onde se transporta o Paciente e de onde parte o movimento do Agente em eventos do SE de MPerc. Já o Caminho é o ponto do EI menos destacado, pois é característico apenas da CMT relacionada ao *frame* Atravessar (17,72%).

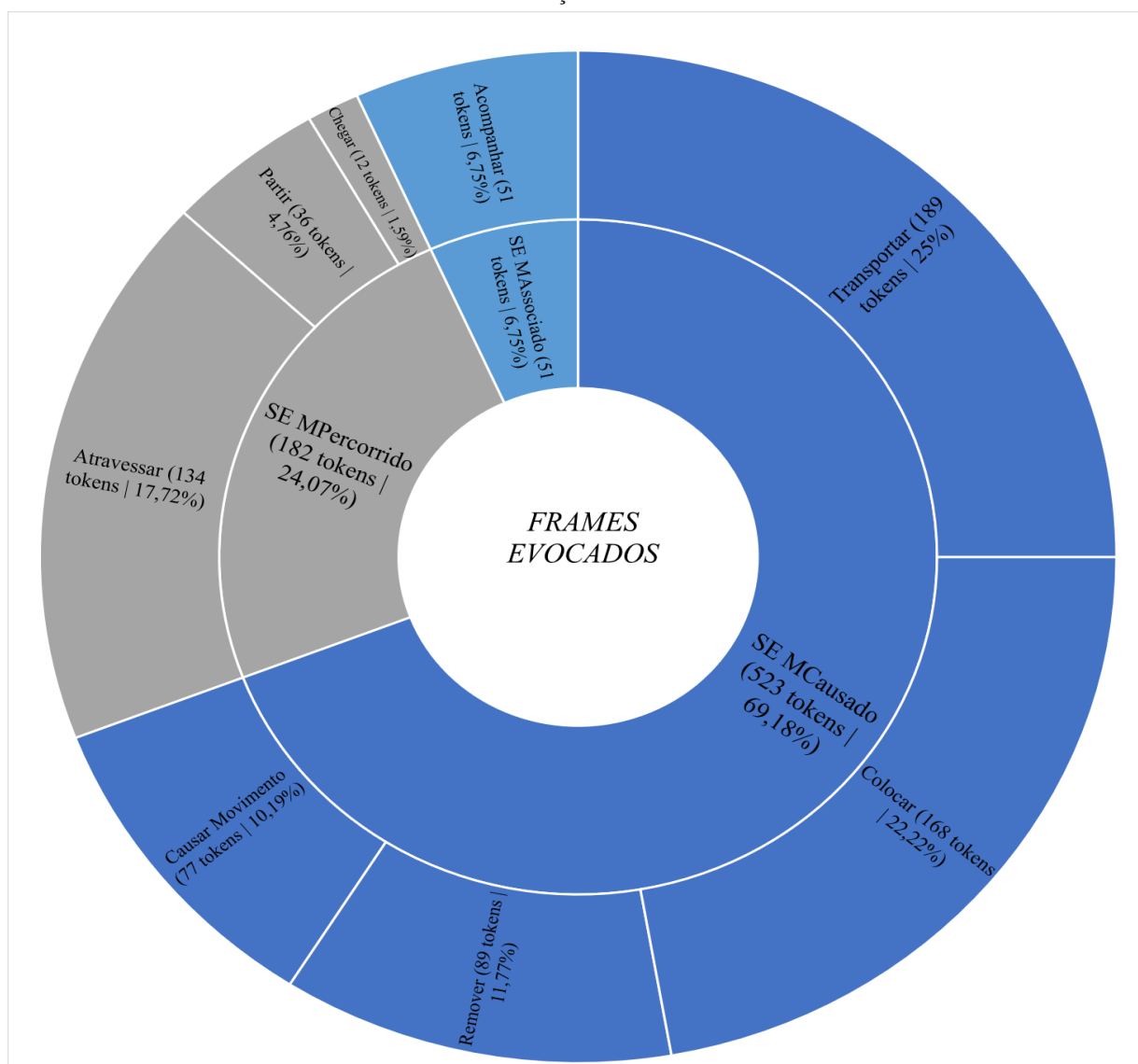
Vejamos, agora, as preposições introdutoras do SP nos dados analisados. O *Gráfico 7* confirma que o destino do movimento tem grande frequência nas orações com VMT, considerando que as preposições EM (51,65%) e PARA (19,08%) são as que mais introduziram esse sintagma.

⁶⁰ Na perspectiva de Volta.

uma vez, o alvo do movimento como ponto mais evidenciado do EI de Trajetória. A menor frequência dos SP que indicam a Origem ou o Caminho deve-se ao fato de que tais pontos do percurso são informações pragmaticamente compartilhadas entre os interlocutores no discurso.

A análise de como se manifestam os argumentos dos VMT, em termos semântico-sintáticos, e dos EI que subjazem a essa configuração, possibilitou a identificação dos *frames* representados por cada um dos padrões linguísticos da CMT. O gráfico seguinte revela percentualmente essa distribuição.

GRÁFICO 8 - DISTRIBUIÇÃO DOS *FRAMES* DA CMT



Conforme demonstrado no *Gráfico 8*, o SE de MCaus é o mais produtivo quanto à diversidade de *frames*. Suas instanciações perfilam o *frame* Transportar (25%)⁶¹, como o mais

⁶¹ Abrange o transporte nas perspectivas de Ida e Volta.

frequente em número de *tokens*. O segundo *frame* mais recorrente, Colocar (22,22%), também é perfilado pelo SE de MCaus, seguido dos *frames* Remover (11,77%) e Causar Movimento (10,19%). Desse modo, em se tratando do EMT, as orações descrevem, com maior frequência, eventos que se referem a movimento causado, ou seja, cenas de manipulação ou transporte de coisas/pessoas que se sobressaem quando comparadas a eventos que representam movimento percorrido ou associado. O *frame* Atravessar é o mais representativo do SE de MPerc, com 17,72% de *tokens* no *corpus*. Já o SE de MAssoc se realiza por um único *frame*, Acompanhar (6,75%), que nesta tese conjuga as MC de Mov. Paralelo e Mov. Seguido.

A apresentação dos gráficos desta seção possibilita compreender as propriedades semântico-sintáticas da CMT, com base no funcionamento de cada um dos argumentos do VMT nos *corpora* pesquisados, juntamente com a dimensão cognitiva expressa pelas orações, com base nos *frames* e nos EI ativados por cada um dos SE (e suas MC) analisados.

5 CONCLUSÃO

As reflexões e os resultados expostos nesta tese estão associados aos pressupostos teóricos da LFCU, da LC e da GC. Essas foram as abordagens que segui para propor uma rede hierárquica da construção com verbos de movimento complementizados por um SN_{OD} e um SP, considerando fatores cognitivos relacionados a essa codificação.

A seleção dos *corpora* teve como princípio o embasamento da análise em um material produzido em condições reais de comunicação, dada a compreensão de que a gramática se adapta às necessidades comunicativas dos falantes, conforme o referencial teórico adotado.

O desenvolvimento desta pesquisa partiu do esquema superordenado [SN_{SUJ} V_{MOV} SN_{OD} (SP)], uma estrutura complexa cujos *slots* podem acomodar diferentes papéis semânticos. Em suas ramificações, os SE podem perfilar um número significativo de *frames* que, por sua vez, relacionam-se com os EI de Contêiner e de Trajetória. Para chegar a essa conclusão, percorri um longo caminho, desde o levantamento do Estado da Arte, passando pela seleção de um conjunto de conceitos e categorias que se mostraram indispensáveis ao processo analítico – a exemplo de *estrutura argumental, transitividade, papéis semânticos, categorização, semântica de frames, metáfora conceptual e propriedades das construções* –, até a classificação e formalização dessa construção em uma rede hierárquica.

No estado da arte, apurei que os verbos de movimento são mais investigados quanto às suas manifestações intransitivas ou quanto ao tipo de complemento preposicionado que os acompanha. As manifestações transitivas, que têm relevância apenas em uma pequena quantidade de pesquisas linguísticas, têm sido apresentadas como variações da construção de movimento causado, com base na proposta de Goldberg (1995). A organização da CMT em uma rede construcional e a identificação dos fatores cognitivos que subjazem à essa construção atestam a importante contribuição deste estudo, por se tratar de um recorte aprofundado e inédito sobre o tema.

Como vimos, a estrutura argumental dos VMT é sintagmaticamente composta por SN_{SUJ} + V_{MOV} + SN_{OD} + (SP). No entanto, mesmo que algumas posições dessa configuração não sejam preenchidas linguisticamente, o sentido de EMT pode se manter. Em outras palavras, a semântica da construção em si assegura a identificação de determinados *frames*, enquanto os EI, em termos de estrutura cognitiva, apontam o traço focalizado do trajeto.

A proposta de organização de uma rede construcional para a construção com VMT considerou as diversas combinações semântico-sintáticas de seus argumentos, tendo como alicerce o princípio básico da GC de que a língua é um conjunto organizado de construções, pareamentos de forma e significado. Para elaborar essa rede, parti da hipótese de que haveria um esquema superordenado responsável por abrigar diferentes subesquemas, os quais poderiam diferir quanto à interpretação ou à polaridade, em termos de direção, do evento. Para capturar essas variações de sentido, analisei cada um dos argumentos sancionados pelos VMT nas orações coletadas, identificando padrões que correspondessem a subesquemas e microconstruções. Após o processo de análise semântico-sintática, parti para a identificação de esquemas cognitivos subjacentes às CMT, a exemplo dos EI perfilados pelas construções.

A configuração argumental AGT SN_{SUJ} + VMT + PAC SN_{OD} + Loc SP mostrou-se prototípica apenas para o SE de MCaus. O mapeamento das instanciações do esquema superordenado revelou que o papel de Agente atribuído ao SN_{SUJ} e o de Locativo ao SP é compartilhado em toda a rede. Contudo, o afastamento do exemplar prototípico está centrado no papel do SN_{OD}, uma vez que esse argumento interno é constituído semanticamente de um Locativo no SE de MPerc e de um Coagente no SE de MAssoc.

A ação do referente do SN_{SUJ} como Agente \bar{T} , ou seja, que manipula o OD com parte de seu corpo, mostrou-se frequente, como argumento dos VMT COLOCAR, BOTAR etc, no entanto, este papel está relacionado apenas à MC de Manipulação. Nas outras seis MC, esse constituinte foi preenchido por agentes translacionais – que se deslocam de um ponto a outro, seja por acompanhar seja por transportar algo ou alguém –, mostrando-se, assim, mais produtivo do que o primeiro. Originalmente, nos dois tipos, o SN_{SUJ} é o agente, tipicamente humano e intencional, desencadeador da ação.

O SN_{OD}, como vimos, desempenha papel semântico próprio em cada um dos três padrões da camada dos SE. No SE de MCaus, atua como Paciente, dado o *processo* de mudança de localização efetuada pela *ação* do AGT SN_{SUJ}, em verbos de ação-processo. Os casos em que o SN_{OD} não é afetado, uma vez que não se move em função da ação do Agente, dizem respeito ao SE de MPerc e MAssoc, que abrigam VMT do tipo semântico de ação. O primeiro licencia nesse *slot* nomes com o papel de Locativo, com o traço [-animado]; e o outro, com o papel de *Coagente*, participante que se desloca em concomitância com o Agente, e é prototipicamente [+animado].

Quanto à função semântica do SP, este se relaciona à identificação de espaços que perpassam o EMT, por isso são locativos que identificam a origem, o caminho (ou suas

variações) e/ou o destino do movimento. Tais pontos guardam forte relação com as preposições que os introduzem.

A hipótese de que a codificação linguística do EMT evoca *frames* que manifestam diferentes tipos de movimento, como manipulação, transporte ou deslocamento, se confirmou. Na *Subseção 3.2.3*, apresentei oito *frames* semânticos, todos acionados pela CMT. O *frame* Causar Movimento, perfilado pelo SE de MCaus, possui dois *subframes*, Remover e Colocar, que foram agrupados na MC de Manipulação, considerando que as cenas de colocação ou remoção de algo ou alguém em algum lugar são mais específicas que o processo de movimento causado em si. No mesmo SE, o *frame* Transporte é perfilado por orações que tanto evidenciam o deslocamento de seus participantes na perspectiva de Ida quanto na de Volta. Ao refletir quatro *frames*, o SE de MCaus mostrou-se, igualmente, um padrão produtivo nessa categoria.

A análise demonstrou que o SE de MPerc corresponde a três *frames*: Atravessar, Partir e Chegar, diferenciados pelo ponto da trajetória focalizado na oração. O SN_{OD} pode revelar diferentes tipos de espaços, quando denota uma área, passagem, abertura etc, identifica o *frame* Atravessar, da MC de Travessia. Os outros dois *frames* são mais específicos: o local evidenciado no *frame* Partir é a Origem, enquanto que no *frame* Chegar é o Alvo, perfilados nas MC de Afastamento e de Aproximação, respectivamente. Com um único *frame*, Acompanhar, o SE de MAssoc sanciona a MC de Mov. Paralelo e Mov. Seguido, distinção que propus com base na posição dos referentes do SN_{SUJ} e SN_{OD} nas orações analisadas.

A investigação confirmou a perspectiva inicial de que os eventos evocados pela CMT se correlacionam aos EI de Contêiner e de Trajetória. O EI de Contêiner corresponde a tipos de recipientes capazes de acondicionar participantes do evento dentro ou fora deles. A configuração argumental das MC de Manipulação é o exemplar mais prototípico do EMT que tem esse traço do EI como subjacente, considerando que o processo de colocação ou remoção de um Paciente em/de algum lugar evidencia com maior precisão a participação de um recipiente no evento. Já o EI de Trajetória teve o alvo como o ponto mais evidenciado: local para onde o Paciente é manipulado ou transportado, como também o local para onde o Agente se desloca, acompanhado ou não de um Coagente. Vale lembrar que o acionamento desses EI contempla todos os traços do percurso, pois toda trajetória tem início-meio-fim, contudo apenas um ou alguns deles são focalizados no discurso.

Com relação às propriedades da CMT, no que diz respeito a esquematicidade, produtividade e composicionalidade, esta análise comprova que se trata de um tipo de construção com alta esquematicidade, por ser constituída de *slots* de preenchimento variável. Com relação a produtividade, constatei que a CMT é produtiva, tanto em termos de *type* quanto

de *token*. Nos *corpora* examinados, o total de setecentos e cinquenta e seis ocorrências de instâncias dessa construção foram realizadas por meio de trinta e oito tipos de verbos. Os subesquemas que sancionam orações com VMT cujo SN_{OD} é Paciente são mais produtivos (22 *types/ 523 tokens*) que as que possuem Locativo (13 *types/ 193 tokens*) ou Coagente (4 *types/ 51 tokens*) nesse *slot*. Isso mostra, portanto, que o SE de MCaus se configura como uma construção altamente produtiva como resultado da combinação entre alta esquematicidade e alta frequência de tipo. Já o SE de MAssoc que tem esquematicidade baixa, sofre limitações em sua produtividade, porque as opções de itens capazes de preencher seus *slots* são menores.

Além de esquemática e produtiva, a CMT também é composicional, uma vez que é analisável em termos do significado de cada um dos seus constituintes. No entanto, ressalto que os construtos provenientes de *links* metafóricos sofrem redução de composicionalidade, uma vez que a interpretação de seus constituintes envolve diferentes domínios cognitivos, o que provoca a não convergência entre aspectos da forma e aspectos do significado. Entre os quatro tipos de elos – polissemia, metáfora, subparte e instanciação – propostos por Goldberg (1995), em meu banco de dados, os *links* mais recorrentes foram os metafóricos e os de instanciação.

Alguns aspectos observados nesta pesquisa merecem ser aprofundados, talvez em trabalhos futuros, tais como uma investigação mais minuciosa sobre os *links* de herança da CMT com outras construções do PB e um estudo que contemple a identificação e a organização das metáforas conceptuais que se realizam nos construtos da CMT. É possível, ainda, propor um novo nóculo na rede dessa construção que contemple os verbos de movimento intransitivos.

Chegando ao final desta tese, busquei costurar as proposições das três abordagens teóricas aqui contempladas, ao incorporar à análise do EMT aspectos semânticos, cognitivos e funcionais. Desse modo, trago como contribuição à GC uma proposta de rede hierárquica para a CMT, fundamentada na análise de enunciados que ocorrem no discurso natural.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Fabiano de C. *Um estudo sobre os verbos de movimento no português brasileiro*. 2017. 205f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

AZEREDO, José C. de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Eds.). *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

BECHARA. Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa: 1º e 2º graus*. 22. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORBA, Francisco da S. *Uma gramática de valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

_____. Usage-based theory and grammaticalization. In. NARROG, Heiko; HEINE, Bernd (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011. p. 69-78.

_____. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. Revisão de Sebastião Carlos Leite Gonçalves. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

_____. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: FAPESP/Contexto, 2010.

CÉSAR, Alan M. *A rede construcional dos verbos de movimento transitivos diretos*. 2015. 130f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

CHAFE, Wallace L. *Meaning and the structure of language*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

_____. *Significado e estrutura linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

COMRIE, Bernard. *Language universals and language typology: syntax and morphology*. Oxford: Blackwell, 1981.

CROFT, William. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

_____; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Celso F. da; CINTRA, Luis F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo* [recurso eletrônico]. 7. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2007.

DOWTY, David. Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language*, v. 67, n. 3, p. 547-619, Linguistic Society of America. 1991.

DU BOIS, John W. Argument structure. Grammar in use. In. DU BOIS, John W. et al. (Eds.). *Preferred argument structure: grammar as architecture for function*. Amsterdam: John Benjamins. 2003. p. 12-60.

FERRARI, Lilian V. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Letras e cognição, nº. 41, 2010. p. 149-165.

_____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Charles J. The Case for Case. In. BACH, Emmom; HARMS, Robert T. (Eds.). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1968. p. 1-88.

_____. *Santa Cruz lectures on deixis*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1971.

_____. An alternative to checklist theories of meaning. In. COGEN, Cathy (Ed.). *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley, California: Berkeley Linguistics Society, 1975. p. 123-131.

_____. Scenes-and-frames semantics. In. ZAMPOLLI, Antonio (Ed.). *Linguistic Structures Processing*. Amsterdam: North Holland, 1977. p. 55-81.

_____. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, n. 2, 1985. p. 222-255.

_____. A private history of the concept 'frame'. In. DIRVEN, René; RADDEN, Günther (Eds.). *Concepts of Case*. Gunter Narr Verlag: Tübingen, 1987. p. 28-36.

_____; KAY, Paul; O'CONNOR, Mary C. Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: the case of let alone. *Language*, v. 64, 1988. p. 501-538.

_____. Inversion and Constructional Inheritance. In. WEBELHUTH, Gert; KOENIG, Jean-Pierre; KATHOL, Andreas (Eds.). *Lexical and Constructional Aspects of Linguistic Explanation*. Standford: CSLI, 1999. p. 113-128.

_____. Semantic fields and Semantic Frames. In GEERAERTS, Dirk (Ed.). *Cognitive Linguistics: Basic readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006 [1982]. p. 373-401.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

_____. Estrutura argumental e valência: a relação gramatical objeto direto. *Gragoatá*, n. 21, 2006. p. 115-131

_____; TAVARES, Maria Alice. Ensino de gramática com base no texto: subsídios funcionalistas. *Ariús: Revista de Ciências Humanas e Artes*, v. 13, n. 2, 2007. p. 156-162.

_____; SOUZA, Maria Medianeira de. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____; SILVA, José Romerito; BISPO, Edvaldo B. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In. CEZARIO, Maria M.; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mario Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013. p. 13-40.

_____. O estatuto argumental do objeto indireto e a construção ditransitiva no português do Brasil. In. FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *A gramática da oração: diferentes olhares*. Natal: EDUFRN, 2015. p. 135-165.

_____. As construções de movimento causado e ditransitiva: elos de polissemia. *DELTA [online]*, 2017, vol. 33, n.1, p.109-132.

_____; SILVA, José R. Transitividade: do verbo à construção. *Revista Linguística*, n. 1, v. 14, p. 48-64, 2018.

_____; CÉSAR, Alan M. A rede constructional dos verbos de movimento transitivos no português do Brasil. In. TENUTA, Adriana M.; COELHO, Sueli M. *Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas*. [Livro eletrônico]. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018. p. 115-138.

GIBBS, Raymond W. What's cognitive about cognitive linguistics? In. CASAD, Eugene H. (Ed.). *Cognitive Linguistics in the Redwoods*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 27-54.

GIVÓN, Talmy. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. New York: Academic Press, 1984.

_____. *Mind, code and context: essays in pragmatics*. London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1989, p. 205-235.

_____. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins. 1995.

_____. *Syntax: an introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

_____. *A compreensão da gramática*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha, Mário Eduardo Martelotta, Filipe Albani. São Paulo: Cortez 2012 [1979].

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. [CD-ROM]. 2009.

HILMELMANN, Nikolaus P. Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal? In. BISANG, Walter et al. (Eds.). *What makes grammaticalization?* Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21-42.

HILPERT, Martin. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: University Press, 2014.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, v. 56, 1980. p. 251-299.

HOPPER, Paul J. Causes and affects. *CLS 21: papers from the parasession on causatives and agentivity*. Chicago Linguistic Society. 1985. p. 67-88.

HURFORD, James R.; HEASLEY, Brendan. *Semantics: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KEMMER, Suzanne. Schemas and lexical blends. In. CUYCKENS, Hubert et al (Eds.) *Motivation in Language*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins. 2003. p. 69-97.

KEWITZ, Verena. *Gramaticalização e Semanticização das preposições a e para no Português Brasileiro: sécs. XIX e XX*. 2007. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LAKOFF, George. Linguistic gestalts. *Proceedings of the Annual Meeting of the Chicago Linguistic Society 13*. Chicago: University of Chicago Press. 1977. p. 236-287.

_____; JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago/London: University of Chicago Press. 1980.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____; TURNER, Mark. *More than cool reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

_____. The contemporary theory of metaphor. In. ORTONY, Andrew (Ed). *Metaphor and thought*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press. 1993. p. 202-251.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites*. v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Concept, Image, and Symbol: The cognitive basis of grammar*. Cognitive Linguistics Research, 1. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1990.

_____. *Cognitive grammar: an introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem centrada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

MEIRELLES, Letícia L.; CANÇADO, Márcia. A propriedade semântica movimento na representação lexical dos verbos do português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, v. 61, n. 2, 2017. p. 425-450.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

OLIVEIRA, Mariangela R. de; ROSÁRIO, Ivo da C. do (Org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj, 2015.

OLIVEIRA, Mariangela R. de; CEZARIO, Maria M. (Org.). *Funcionalismo linguístico: diálogos e vertentes*. Niterói: Eduff. 2017.

ÖSTMAN, Jan-Ola; FRIED, Mijiam (Eds.). *Construction grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Philadelphia: John Benjamins. 2005.

PALMER, Frank R. *Grammatical roles, and relations*. Cambridge: Cambridge University Press. 1994.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2007.

RADFORD, Andrew. *Transformational grammar: a first course*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about Language. In: ORTONY, Andrew (Ed). *Metaphor and Thought*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-297.

RIBEIRO, Fernanda et al. A Construção de Movimento Causado no português brasileiro: um estudo inicial baseado em *corpus*. *ODISSEIA [on-line]*, 2019, vol. 4, n. esp., p.1-21.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSCH, Eleanor et al. Principles of categorization. In: ROSCH, Eleanor; LLYOD, Barbara B. (Eds.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum, 1978.

SARDINHA, Tony B. *Linguística de corpus: histórico e problemática*. *DELTA*, São Paulo, v. 16, n. 2. 2000. p. 323-367.

_____. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Editora Manole, 2004.

SILVA, Augusto S. da. A Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 1, n. 1-2, 1997. p. 59-101.

_____. Introdução: linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In: SILVA, Augusto S. da; TORRES, Amadeu et al (Orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: estudos de linguística cognitiva*. v. I. Coimbra: Almedina, 2004. p. 1-18.

SILVA JÚNIOR, Ison R. *Verbos de movimento e sua representação na sua estrutura léxico conceptual*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SLOBIN, Dan Isaac. The origins of grammatical encoding of events. In. HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra A. (Eds.). *Syntax and Semantics*. v. 15 (Studies in transitivity). New York: Academic Press, 1982. p. 409-422.

TALMY, Leonard. *Semantic Structures in English and Atsugewi*. Ph. D. Dissertation, University of California, Berkeley, 1972.

_____. How language structures space. In. PICK, Hebert; ACREDOLO, Linda (Eds.). *Spatial Orientation: theory, research, and application*. New York: Plenum Press. 1983. p. 225-282.

_____. *Toward a Cognitive Semantics*. v. I, Cambridge, Massachusetts: MIT Press. 2000.

THOMPSON, Sandra A.; HOPPER, Paul. Transitivity, clause structure, and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, Joan; HOPPER, Paul (Eds.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

TOMASELLO, Michael (Ed). *The new psychology of language*. v. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1999; 2003.

TRASK, Robert L. *A Dictionary of Grammatical Terms in Linguistics*. London/New York, Routledge, 1993.

TRAUGOTT, Elizabeth C.; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Nova Cultural, 1979.

CORPORA

BANCO DE SENTENÇAS DA JUSTIÇA FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. Disponível em: <<https://www.jfrn.jus.br/bancodesentencas/bancodesentencas.xhtml>>.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (Org.). *Corpus Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal*. Natal: EDUFRN, 1998.

BANCO DE DADOS DO PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, PROJETO PEUL/RJ. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/peul/>>.

REVISTAS ON-LINE:

Revista AnaMaria, São Paulo, Grupo Perfil. Disponível em: <<https://anamaria.uol.com.br/>>.

Revista Caras, São Paulo, Grupo Perfil. Disponível em: <<https://caras.uol.com.br/>>.

Revista Cláudia, São Paulo, Editora Abril. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/>>.

Revista Época, Rio de Janeiro, Editora Globo. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/>>.

Revista IstoÉ, Rio de Janeiro, Editora Três. Disponível em: <<https://istoe.com.br/#>>.

Revista Veja, São Paulo, Editora Abril. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/>>.

PROJETO FRAMENET

BERKELEY. Disponível em: <<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>.

BRASIL. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/framenetbr/dados/>>.

ANEXO

LISTA DAS OCORRÊNCIAS

1 Corpus D&G Natal

Fala

❑ ACOMPANHAR
muito influente ... então ele ... ele era rapaz pobre de família ... de família bem humilde e ele um dia ... seu ... seu Jorge ... <u>seu Carrilho ... chamou ele para acompanhá-lo numa viagem a Recife</u> e eles tiveram que ...
e nesse dia <u>seu Carrilho foi com Jorge e Jorge acompanhou a/ acompanhou-lhe até o local</u> onde o fornecedor distribuía o material pra construção ...
e ela tinha que ir ... pros lugares com ele né? é:: <u>acompanhá-lo em todos os ambientes</u> ... aí ... ele foi convidado pra ir pra um jantar ...
ele tinha que dirigir sozinho ... <u>aí foi acompanhando</u> ... aí quando chegou lá ... na casa dela que era ... um apartamento bem ... michuruca mesmo sabe? bem ... ruim ... aí ela ... ele mandou o motorista buzinar pra ela ver ...
❑ ANDAR
próximo a esse hotel ... nós andamos é ... <u>andamos mais uns ... mais uns três quilômetros ... andamos mais uns três quilômetros</u> e ... e encontramos uma árvore linda ... um tronco ...
entramos mais um pouco depois dessa duna e <u>andamos um pouco mais</u> é ... <u>mais de cinquenta metros</u> ... e ... sentamo-nos próximos a uma vegetação de uns três metros de altura ...
se você sair de frente para a igreja ... em frente da igreja católica como ao norte ... né ... rumo ao norte você ... acha ... que não anda:: <u>você anda seiscentos metros</u> sai da cidade ... né ...
então <u>você anda seiscentos metros da porta da igreja para frente</u> ... <u>você andando seiscentos metros</u> ... você sai da cidade ... né ... assim eu digo cidade ... casas construídas ...
❑ ARRANCAR
aí tinha uma mangueira ... aí tava a raiz tava prejudicando ... aí minha ... <u>minha vó mandou arrancar</u> aí já no .. no quarto ... tem um:: uma cama ... que é onde a menina que trabalha lá dorme né?
debaixo das carteiras ... aqueles araminhos debaixo das carteiras não existe ... aquilo ali ... porque <u>os meninos arrancam</u> pra brincar ... eu num sei como é aquilo ... <u>eles arrancam</u> ... num tem onde a gente colocar os livros ... se a gente num deixar em cima da carteira ... no braço da carteira né ...
❑ ATRAVESSAR
o menino <u>ia atravessar a rua</u> e vinha um carro ... uma carreta [...] e gritaram pelo menino e o menino muito cri/ muito ... muito acriançado ... num entendeu foi nada ... <u>aí atravessou a rua</u> e a carreta pegou ele né ... aí matou ... aí o cara ficou doido né [...] aí ele disse né ... que a mulher também dele foi ... tava correndo com medo do cachorro ... <u>atravessou a rua</u> e o caminhão pegou ... do mesmo jeito ele enterrou lá ...
❑ BOTAR
“vou pegar não sei o que ... pronto ... tá bom” ... todo mundo ... <u>a gente num pode botar o ... o braço no bal/ o braço no balcão</u> ... sem que ... sem que o braço saia melado de alguma coisa ...
a gente chega lá ... a gente senta na sala ... ou então <u>bota as cadeiras na areia</u> ... é fica ... a casa ... fica um pouquinho distante do mar ...
as roupas que ela vinha mesmo ... pegou ... <u>botou tudo na mala</u> ... bem direitinho ...
e o desenho se torna mais real ... então desenho pra mim é coisa fundamental ... é a coisa que eu mais gosto de fazer ... ampliar ... é cópia ... sendo que <u>não botar papel em cima do desenho</u> e fazer ... ampliar o desenho ... pode ter um de dez centímetros e transformar em trinta centímetros ...
qualquer coisa como a gente ir pra formatura ... tem um bocado de coisa ... mesinha pra gente ... <u>a gente botar ... mesinha de ... montar ... mesinha de botar ... botar ... roupinha</u> pra engomar ...
pra fazer o solo ... ele deitava a mão ... e ia pra cá assim ... <u>botava a mão pra um lado ... pro outro</u> ... passava por cima de notas ... engolia ... e num fazia direito isso aí ...
cada coluna da casa é o tapete de ... de couro de vaca de ... que minha tia () <u>aí bota tapete de couro de vaca</u> ... <u>nas paredes</u> têm ... têm as varas de pescar ... toda ... todo veraneio que a gente vai pra lá ...

a máquina de lavar ... e a máquina de costurar ... aí tem ... umas paredezinha feita num sabe? já feitinha de ... de cimento ... <u>aí bota lá a feira</u> ... pronto ... faz a feira do mês ... aí coloca tudo lá ...
nas parede do quarto da nossa prima que é onde a gente geralmente fica ... tem o balcão ... o espelho ... e uns ursinho lá ... quarto bem feminino ... umas barbie ... eticétera e tal ... e duas camas ... um centro ... e vários armadores onde a gente bota as redes que dormem lá ... na sala a gente bota os colchões ...
a piscina lá é:: é uma só ... só que é separada ... pra:: adulto e pra criança ... a gente ... a professora de natação <u>bota logo os pequenininhos no raso</u> ... depois eles vão indo pro fundo e ficam lá no fundo ...
aí tem um muro num sabe? aí do outro lado já é um ... vamo dizer um:: um descampado que tem planta ... é <u>plantas num sabe? vó bota planta lá</u> ... planta mangueira ... goiabeira ... é como ela diz ... o sítio dela ...
o limão e descasca o limão e a laranja ... espreme ele e fica igualzinho a suco de ... e <u>bota açúcar</u> ...
ela sentava na mesa ... <u>botava os pés na mesa</u> ... oh ... ele ficava só olhando
eles arrumando o apartamento ... pintando e <u>botando os móveis</u> ... aí ... e em seguida ... que eles arrumam o apartamento...
aí as pessoas que é do bem ... que é:: como tá brincando de esconde-esconde num ... num <u>bota o pé pra pessoa cair</u> ... é do bem ... agora ... as pessoa que fica batendo ... como a gente brinca ... fica batendo nas pessoa ... chutando a pessoa ... <u>fica botando o pé pra pessoa cair</u> ... isso é do mal ... agora as pessoa que é:: é do bem ...
eu vou ensinar a ... fazer um palhacinho de papel ... a gente pega um papel quadrado [...] a gente faz de:: daqueles:: papéis de beijinho ... e:: a gravatinha é:: meio dificilzinho de fazer porque tem que <u>botar a bolinha</u> ...
eles beberam só água na festa ... só teve água ... porque <u>eles num botaram vinho branco</u> ...
passa no liquidificador com claras ... tem o de creme que passa com creme de leite ... o de ameixa que no caso no fogo <u>bota</u> ... a calda de ameixa né ... no mingau ... prepara ... pronto basicamente é essa a receita ...
tava coisando ... aí ele ... aí ele foi inventar de coisar ... de <u>botar uma pedra no pé</u> aí furou o pé dele ... aí o homem ficou rindo ... aí ele furou ... a coisa dele ... aí ... aí eu num sei mais não ...
tem uma brincadeira que é assim ... você pega a ... a:: como é? uma caixinha de:: de chocolate fica ... <u>bota</u> ... <u>bota:: um bocado de brinquedo</u> ... aí como você faz assim ... assim ... assim né? [...]
é assim ... faz ... pega um ... uma laranja e um limão e espreme ... <u>bota na máquina</u> ... na máquina... deixa até escorrer ... e depois <u>bota no liquidificador</u> e fica igualzinho a fanta ... o gosto de fanta ... [...]
aí tem uma brincadeira ... que você pega as criança ... bota ... <u>bota:: criancinha des/ tamanho</u> ... ((mostra o tamanho)) <u>bota numa bacia</u> né? é uma ... uma bacia ... des/ tamanho da minha irmã ... <u>bota na bacia</u> ... aí fica brincando ... aí faz assim né?
aí a gente prepara <u>bota uma colherzinha de liga neutra</u> e passa no liquidificador de novo ... o suco e mais essa ... a liga ... aí depois <u>bota no recipiente</u> leva pro congelador ... e deixa passar duas ... três horas mais ou menos até ele ficar um pouco firme [...] aí ... <u>bota uma colher de sobremesa</u> ... de emulsificante que é o ... o:: uma pasta que ... essa o ... que faz o sorvete no caso ... ficar um pouco mais cremoso
“cada pessoa vai trazer um copo de vinho branco e de/ derramar no barril que vai ficar no centro da cidade” ... aí o cara muito:: sabido né ... pensando que <u>o resto tudinho ia botar vinho branco</u> ... pegou e disse ... “eu vou botar ... é ... eu vou botar é água porque ... é parecido com o vinho branco ... ninguém vai notar” ... aí foi ... <u>botou água</u> ... aí ... isso todo mundo botou ... né ... aí no dia da festa ... quando todo ... quando eles foram tirar ... o vinho branco que:: que ... que:: eles tinham derramado ... num tinha vinho branco ... só tinha água ... porque todos ficaram se confiando que <u>o outro ia botar vinho branco</u> ... que todos botar a água ...
porque senão <u>vão querer botar as coisas em cima de mim</u> ...
Quando chega uma filha do doutor Carrilho da Europa ou ... de qualquer lugar do mundo ... manda chamar ele porque quer revê-lo e quer conversar ... contar as histórias e <u>botar as coisas em dia</u> ...
e disse pro rapaz ... que eu tinha um namorado ... que gostava muito dele ... sabe? e ele sem entender nada ... <u>como é que gosta dele e tá botando chifre</u> ... né? mas aí ... fiquei com ele e ele aceitou ...
aí eu sei que ... aí ele ficou sem entender nada ... “ah Alexandre ... eu vou entrar” ... aí ele disse ... “mas não pode ... <u>Você ter botado chifre em mim</u> ” ... eu digo ... “acredite se quiser” ...
e terças e quintas a gente resolve a parte burocrática da clínica ... sabe? assim ... <u>botar em dia os papéis</u> ... de convênios que às vezes ele ... ele opera em outros hospitais ...
a gente chega já tá com cadeira quebrada ... a diretora botava a culpa em cima da gente ... aí pronto ... <u>bota a culpa em cima da gente</u> ... e diz que foi a gente que quebrou a carteira ...
Deus fez um ... fez um cara que ... foi surgiu duma aposta ... como se fosse uma aposta assim ... entre Deus e o diabo né ... que ... Deus botava um cara no mundo ... aí o diabo ia botar um bocado de castigo assim [...] Deus disse que ele ainda ia ... que ele ia ser clemente a Deus né ... aí pronto ... foi essa aposta aí ... <u>botaram o cara no mundo</u> [...] e o diabo ... “ó pron/ eu já botei ... eu desisto ... eu já botei todos os castigos que ... que poderia botar nele ... eu já botei até uma doença” ...

❑ BUSCAR

colocaram diretores nas escolas ... diretores mais ... é ... rigorosos ... né ... então aconteceu que o Atheneu tava numa baderna tão grande que foram buscar um diretor famoso que tinha lá no Salesiano ...

quando eles foram buscar minha vó ... aí almoçaram e tudo ...

um príncipe encantado ... viesse buscar ela num cavalo branco e com uma espada aí ela disse que ia buscar as roupa dela em casa e tudo...

um príncipe encantado ... viesse buscar ela num cavalo branco e com uma espada aí ela disse que ia buscar as roupa dela em casa e tudo...

quando eu cheguei em casa... quando eu cheguei em casa ... eu tinha ido buscar um exame da minha mãe ... quando eu cheguei que minha mãe me disse eu não acreditei ...

❑ CARREGAR

às vezes eu tinha que carregar umas 'coisas com o pessoal da minha igreja ...

eu achava fantástico como tudo acontecia rapidamente ... minhas malas não precisavam ... ((riso)) eu num precisava carregar minhas malas ... porque tudo acontecia automático e eu ficava numa sala de espera e ...

❑ COLOCAR

e dentro desses espaçozinhos de areia ela colocou umas plantinhas ... que elas são bem ... elas são espinhentazinhas ...

é o que eu sei assim ... em mente ... que no caso o que eu faço é sorvete de ... sorvete ... sorvete cremoso ... sorvete caseiro aí: é o procedimento ... né? a gente coloca ... faz ... passa no liquidificador ...

é o seguinte ... colocar todos os ingredientes da massa ... numa tijela grande ... de batedeira ... e:: você tem que bater ... tem que colocar tudo na/ na/na tijela né ... da batedeira e tem que bater com os batedores e:: como é ... para massa leves ...

ele me mostrou uma coisa bem interessante que ...pegou um béquer com meio d'água e colocou um pouquinho de cloreto de sódio pastoso ... então foi aquele fogaréu desfilando ... aquele fogaréu ... quando o professor saiu ... eu chamei umas duas colegas minhas pra mostrar a experiência que eu tinha achado fantástico ...

então ele fica aquela posta de peixe bem seca ... então essa posta de peixe eu coloco num prato específico pra peixe ... corto umas cebolinhas ... isso ele bem quente ainda ... coloco umas cebolinha ... bem cortada ... bem fina em cima desse peixe ... umas coisas de tomate também ... que é pra ... e umas rodela de limão ao lado do peixe [...] porque determinadas pessoas gostam que ele fique mais puxado pro limão ... aí eu coloco ... então esse prato tá arrumado ... então eu ponho a mesa ...

então eu faço um molho rosê ... que é aquele molho que você coloca catchup e maionese bem batido ... fica com aquele sabor é ... bem adocicado que contrasta um pouco com o sal do peixe ...

preparo um molho pra refogar esse arroz ... que eu coloco alho ... sal ... manteiga ... aí coloco cebola pra dourar ... nessa coisa ... né ... depois eu ralo cenoura bem ralada e também coloco pra ... nessa fritura ... depois eu pego tomate e pimentão e vou ... essas coisas eu vou colocando aos poucos ...

era aqueles que tinha que colocar uma ficha aí você botava a música que queria ...

eu coloco essa posta de peixe ... eu coloco pra fritar ... leva um determinado tempo... eu viro pra ela ficar bem frita ... depois eu retiro essa posta de peixe ... coloco pra secar num papel ...

eu sei que a manteiga fica mais gostosa né? aí mis/ eu misturo tudo né ... vou colocando ... you colocando aos poucos a ... primeiro eu coloco a água o ... a ... o fermento ... o ... o sal e o açúcar e misturo tudo na ... na ... na ... na tigela assim no tacho ... misturo tudo até dissolver né ... depois eu vou colocando aos poucos a ... a farinha de trigo e mexendo com a ... com a colher ... mexendo quando tiver já bem ...

o Pinguim ele tem um plano de pegar os pinguins que faziam parte da turma dele ... e colocar bombas nas suas costas e levar todos ao centro da cidade e detonar essas bombas ... como se fosse uma ação suicida ...

primeiro os ovos com a margarina e amanteiga ... depois coloca o resto dos ingredientes ... é:: bate na batedeira ... depois co/ passa manteiga na forma ... passa ma/ coloca pó Royal e coloca os ingredientes na forma ... depois coloca no forno pra assar e está pronto ...

a minha tia e a ... uma amiga da gente se fantasiaram ... colocaram uma máscara lá ... umas roupas de homem ... tudo doído e aí a gente saiu do carro ...

meu primo que é nenê... Lúcia cuida tanto que os braço dela tudo doído ... de tanto colocar no braço ... é ruim ... ser criança ... ô ... ser adulto ...

aí ... na cozinha ... tem aqueles armários ... a geladeira e o fogão ... aí tem um:: uma coisa de colocar panela num sabe

é ... cheguei no fim/ quatro horas ... quatro horas e meia ... aí tava já frio rapaz ... frio ... muito frio... aí lá ... é ... no outro dia ... sim ... nesse dia eles colocaram bastante cobertores pra mim ... eu me deitei na sala ... no lugar mais quente ...

e a madre que tinha né ... tinha desconfiado ... aí veio atrás e descobriu né ... onde elas estavam e colocou elas pra dentro ...

<p>é até bom ele morar por lá mesmo ... o quarto é enorme ... <u>ele coloca algumas coisas lá</u> ... do pertence dele ...</p>
<p>é:: só que é daquelas fichinhas assim ... fichinha e <u>coloca uma lata lá atrás</u> pra ficar assim alto ... e <u>coloca as fichinhas pequena</u> assim ... aquelas fichas de ... de ... guaraná ...</p>
<p>eu pego óleo ... bastante óleo e <u>coloco numa frigideira</u> ... própria pra fritar peixe ... porque você sabe que peixe tem uma característica própria ... um cheiro próprio e eu não gosto de <u>colocar em todas as panelas</u> ... [...]</p>
<p>então ele tirou o casaco dele e <u>colocou nela</u> pra pelo menos disfarçar um pouco ...</p>
<p><u>eu coloco um quilo de açúcar</u> ... mais ou menos isso ... pego o açúcar ... <u>coloco dentro de uma vasilha</u> ... açúcar peneirado ... açúcar peneirado ... ponho uma manteiga e mexo até que ele fique meia:: ela se misture e fique meia cremosa ... depois <u>eu coloco mais seis ovos</u> () na mistura e bato ... bato bem até que ela fique aquele creme ... ela fica mole e fica até um cheiro gostoso ... porque geralmente o ovo ele tem um cheiro forte até que ele:: mistura tudo ... depois eu coloco ... trigo <u>coloco meia:: meio quilo de trigo</u>... mexo bastante e junto ao colo/ <u>colocando o trigo</u> ... <u>eu vou colocando também um pouquinho de leite</u> pra num ficar muito:: muito duro ... porque tem muita coisa sólida e pouco líquido e eu também <u>coloco um pouquinho de leite junto com o trigo</u> e vou mexendo isso ... <u>colocando o trigo</u> e mexendo ... né ... pra num ficar aqueles bolos ... <u>coloco uma pitadinha de sal</u> ... e mexo bastante até a massa dissolver pra que ela:: ela vá inchando ... depois da () tá bem batido ... eu também <u>coloco o fermento</u> ... bato ... também muito ... tendo bateadeira ... melhor né ...</p>
<p>áí pega os pneu ... pega um:: peraf:: um:: ferro ...áí colo/ áí fura ... fura ... todinho ... pega uns prego tudinho ... fura atrás ... fura na frente ... <u>coloca uma antena</u> assim pra cima e outra assim ... áí <u>coloca um pneu de lata</u> ...</p>
<p>passo manteiga numa forma de bolo ... essas formas redondas de bolo e <u>coloco esse arroz</u> e aperto ... soco ... ele fica bem socadinho que é pra quando eu virar ... ele fique em formato de bolo ... então o arroz tá quase pronto ... já tá sem água ... então eu retiro esse arroz da panela e <u>coloco na forma</u> e deixo ele esfriar bem socado ... né ... como eu já disse que é pra ele poder virar como bolo ...</p>
<p>sim o molho ... o molho da pizza eu faço com ... é:: com alho ... às vezes é ... fica muito a gosto de cada um né? <u>Coloco molho</u> ... molho inglês também ... às vezes pimenta ... catchup ... mostarda... misturo tudo ... um pouco de óleo ... misturo tudo né ... vai pro fogo dá uma esquentadinha né ... e <u>coloco em cima</u> ... espalho sobre ela e depende do ... do ... do tipo da pizza né?</p>
<p>eu pego ... <u>coloco água</u> ... na panela ... claro ... só pode ser em panela ... boto ... deixo ferver ... boto o sal num sabe? eu não <u>coloco óleo</u> ... não coloco ... não coloco ... áí eu deixo ferver num sabe? [...] áí tem que <u>colocar óleo</u> ... pois aqui em casa <u>eu nunca coloquei óleo</u> ... aqui em casa nunca ... aqui sempre foi sem óleo mesmo ... só óleo assim em outras coisas ... mas macarrão não ... macarrão eu faço sem óleo ...</p>
<p>tem um barzinho ... tem um som que eu deixo lá embaixo ... tem uns quadros né ... de algumas bailarinas ... tem uns arranjos né que a gente sempre <u>coloca na sala de estar</u> ... é uma sala simples ...</p>
<p>áí já no quarto de vó tem ... guarda-roupa ... cama ...um abajur ... aqueles negócio de <u>colocar bíblia</u>... como é que chama? eu nem sei ... áí o negócio pra <u>colocar bíblia</u> ... tem:: tem a penteadeira ... pronto ... e a sapateira ... e já no quarto da minha ... daminha tia ... tem cama ... guarda-roupa ...um negócio pra <u>colocar livro</u> ... é:: tem uma banquinha ...com umas coisas que tem dela ... tem um:: um reló/ um rádio relógio num sabe? áí tem uma penteadeira também ... áí tem:: um cabide de <u>colocar bolsa</u> ... num sabe?</p>
<p>tem uma mesa redonda ... com quatro cadeiras vermelhas ... tem uma maca que <u>a gente coloca</u> ... <u>coloca lá</u> também ... <u>coloca lá</u> também ... e:: deixe-me ver mais ... a pia bem grande ... embaixo tem um armário ... um armário pra <u>colocar as coisas</u> ... material de limpeza ... o que a gente quiser colocar ... e também tem um quin/ um quintal ...</p>
<p>um pequeno pergolado onde <u>eu coloco plantas</u> para dar mais vida ao banheiro ...</p>
<p>vai na mão mesmo e se <u>eu quiser colocar um recheio de chocolate</u> ... áí depois do bolo já bem batido ... eu dissolvo o ... o chocolate em pó ...depois eu coloco:: quando ... depois de <u>eu colocar na forma</u>... áí que <u>eu coloco o chocolate em cima</u>... pra ele ficar bem no centro ... depois ... a antes:: quando a massa tá pronta ... antes de <u>eu colocar no for/ no forno</u> ... eu pego a ... a forma de bolo ... passo manteiga ... né ... pra ela num grudar ...passo manteiga ... passo:: eu polvilho com trigo ... pra ela também num queimar né ... na vasilha ...num ficar pregado na vasilha ... áí <u>coloco o:: a massa</u> ... né ... na: na forma ... depois que <u>eu coloco a massa</u> áí é que eu vou ... <u>coloco recheio</u> ... áí <u>eu coloco o recheio no centro do bolo</u> ... pra ela ...ela ficar:: ficar na metade mesmo ... que áí quando leva ao fogo num dá tempo dela descer ... já vai esquentando e de preferência no fogo:: no fogo brando.</p>
<p>áí eu corto em pedaços menores ... <u>coloco a salsicha dentro</u> ... enrolo e coloco lá no ... no ... no forno né ... e a pizza também é só ... coloca no forno e dá uns dez ... uns dez minutos pra ela ficar pré-cozida ...</p>
<p>áí eu vou ... <u>eu vou colocando mais a farinha de trigo</u> até soltar das mãos ... quando ... ela solta ... solta já das mãos ... áí eu deixo um ... uns trinta minutos de descanso né ... pra descansar ... a massa e vou é:: como que se chama ... ajeitar as formas né ... <u>colocar a manteiga ou a margarina</u> e <u>colocar o trigo</u> né ...</p>
<p>áí tem um beco que minha avó colocava o cachorro ...</p>
<p>aqueles araminhos debaixo das carteiras não existe ... aquilo ali ... porque os meninos arrancam pra brincar ... eu num sei como é aquilo ... eles arrancam ... num tem onde <u>agente colocar os livros</u> ...</p>

com o dinheiro do balaio o pessoal arrecadava ... dinheiro pra <u>colocar mais ventiladores na sala</u> ...
“quieto aí ... não ... não se mexa” ... daí pegou ... <u>colocou ele dentro do carro</u> e foi embora atrás do rapaz ...
porque minha irmã <u>coloca milho e alpiste no quintal</u> ... pra os pássaros comerem e outro dia eu vi um pássaro igual daquele aqui ... todo deslocado querendo comer o milho e alpiste aqui no nosso terraço ...
depois que a gente <u>coloca o emulsificante</u> ... né ele cresce e dá três litros de sorvete ...
<u>eu coloquei costume na minha mãe</u> ... sabe?
aconteceu tudo isso ... da gente ter terminado o namoro ... porque ele <u>colocou chifre em mim</u> ... aí ... <u>eu também coloquei nele</u> ... [...] aí ele disse ... “porque eu acho que você não <u>colocou chifre em mim</u> ... eu acho que é mentira ... diga que é mentira” ...
<input type="checkbox"/> CORRER
Marcos olha ... eu acho ... eu gosto de <u>correr aqui na ... na praia</u> ... tem um amigo aqui que sempre me chama pra <u>correr lá no... no Campus Universitário</u> ... mas ali já acho muito urbanizado ...
no geral a Via Costeira é muito tranqüila ... <u>eu costumei correr ali</u> no inverno ...
<u>eu corria ali próximo</u> já o centro de convenções ... e tem uma área deserta grande com ... tem até vegetação tipo caatinga ... de mandacaru ...
<input type="checkbox"/> DEIXAR
aí pediu ... porque <u>ela foi só deixar ele né ...no hotel</u> ... mas aí ele insistiu muito pra ficar ...
e ela tava na dele e tal... e <u>ela foi lá deixar esse casaco de pele</u> ... disse que não ia aceitar ... né ... porque sabia que era ...que aquele presente que ele tava dando a ela era porque ele tava interessado em alguma coisa ...
esses dois casais quando vai pra festa ... ela disse que tava com sono ... <u>aí ele vai deixar ela em casa</u> ... aí:: já ... fica ... com outra ... <u>aí quando chega aí pergunta se ele foi pra festa</u> ...
mas no dia da viagem ... é ... eu me lembro de uma coisa muito interessante quando ... um amigo nosso <u>foi deixar-nos no aeroporto</u> ... eu ... mamãe e Isabela ...
os namoro de hoje num dá certo ... porque diz ... “a <u>eu vou deixar você em casa</u> ... você tá cansada ... num sei quê ... você tem que dormir cedo” ... aí já no outro dia começa as fofoca
“Rose ... diga que é mentira ... diga que é mentira” ... menina ... chega ... <u>foi me deixar no colégio</u> ... nesse tempo eu estudava de uma às cinco ...
<input type="checkbox"/> DESCER
naquela noite ...teve o aniversário ... teve a festa ... lá no hotel ... no hotel ... assim ... <u>a gente foi descendo a ladeira</u> ... que embaixo tinha uma lagoa ... uma lagoazinha pequenininha ...
então nós fomos para a praia ... e a praia é muito bonita... tem muitas pedras ... lá ... umas ondas muito alta ... tem morro ... a gente foi lá pro morro com minha prima ... <u>descemos o morro</u> com uma tauba de morro ... foi muito bom lá ...
<input type="checkbox"/> EMPURRAR
então ele resolve matar ... matar ela ... <u>empurrando pela janela do escritório</u> que ficava num alto edifício e ela cai no meio ... era muito alto e bate com a cabeça e fica inconsciente ...
num vai ter condições mais de passar a água porque se passar a água ... entendeu ... ou se passar <u>a pressão da água vai empurrar o lado que fica no filtro</u> e vai passar a água e o sujo ... entendeu ...
aí ele resolveu bater na porta né ... aí o velho ficou logo assustado né ... e tudo né ... aí perguntou e aí <u>ele empurrou ele pra fora né ... empurrou o homem pra fora lá</u> ... num quis entrar ...
quando meu pai viu que o carro ia virar ... aí ... virar não ... que ia bater ... aí ... segurou a barriga da minha mãe ... e <u>empurrou o banco da frente</u> que minha tia estava ... o empurrão foi tão grande que ela entrou pra dentro das ferragens do carro ...
e ela tava quietinha no lugar dela ... num <u>tava empurrando ele</u> ... <u>pode empurrar ele assim pra não ficar brigando com ela</u> ... mas a gente quer brincar com ela porque ela ... num tava chutando ele ...
<u>eles empurraram a noviça</u> ... ela abriu a porta e <u>empurrou a noviça</u> ... a freira ... é ... eles descobriram o local lá né ...onde ela tava um ... local que ela morava ...
Maria e João ... como eles dormiram ... aí foi né ... aí como foi depois ... chegaram e trancaram numa jaula ... João tr/ é:: trancou numa jaula ... e Maria ficou lá fazendo as coisa ... aí ela disse à bruxa ... é:: “ei ... venha botar aqui o:: o:: o fogão pra botar porque eu num sei não” ... aí ... ela disse ... “tá bom” ... como ela foi fazer as coisa ... aí Maria pegou o pau e <u>empurrou ela dentro do:: é:: da:: do fogão</u> ... como <u>empurrou ela no fogão</u> ... o fogão era bem grande ... <u>empurrou ela no fogão né?</u>

❑ JOGAR

afí o motorista também tava muito melado né ... afí passou ... afí na ... na ... na ... afí o motorista não deixou passar ... afí ele cortou pela direita e trancou a gente e jogou todo mundo na BR ... afí foi aquele aperreio todo né ...

afí o velho sabia ...mas num ... num quis dizer ... num sei porque num quis dizer ... afí já levaram lá a ferramenta ... a páe tudo pra cavar lá no cemitério ... foram lá ... afí a noite ... tinha que ser à noite ... meia noite ... afí foram lá ...afí ca/ afí desin/ desenterraram lá o negócio né ... tipo umas pedras assim ... desenterraram... afí ... afí jogaram ... jogaram num lugar lá e tocaram fogo lá ... era tipo umas pedra mas num era pedra não ...

bota ... bota na bacia ... e ... depois enrola ... enrola ... enrola ... afí () um bocado de coisa dentro ... enrola ...enrola ... enrola ... afí depois joga a bacia na ... na água ... afí demora um pouquinho ... como você vê...

daí o homem chegou perto dele ... do lado do carro ... daí ele pegou o picolé ... jogou na cabeça do homem ... jogou na cabeça do homem ... o homem era careca ... bem gordo ...

depois que esse molho tá todo pronto ... Eu jogo o arroz e deixo cozinhar o arroz ... com a tampa ... né ... [...]

e eles passavam as notícias novamente todas distorcidas ... Chegaram até invadir ... jogar bomba dentro ... de novo em ... lá no [Irque] ...

tinha um bêbado lá né ... mainha jogava balde d'água nele ... pra ele sair

afí eu não podia dizer que tinha sido eu que tinha trancado ele ... né ... que foi que eu fiz ... joguei a chave no lixo ... e saí feito uma louca ... na escola ... procurando o diretor ...

cubro esse prato com alface e jogo essa salada por cima ...né ... e ponho na geladeira ...

daí o amigo dele chegou com um monte de saco cheio d'água ... começou a jogar no homem ... o homem dando tiro ... ele subiu no carro com a moça e fugiu e o amigo deleé ... jogando saco cheio d'água nele ...

afí a madrastra dele deu milho e um pão ... pra comer no caminho ... afí jogaram ... jogaram...milho ... afí ... chegaram numa casa que ele tava muito cansado... chegaram numa casa ...

afí primeiro ele joga uma camada ... uma quantidade de ar ... joga só ar nessa tubulação... afí o sujo que tá armazenado lá em cima ...

o filme começa quando ... o nascimento de Pinguim ... um dos personagens do filme ... ele nasce deficiente ... a família dele com vergonha ... por pertencer a uma alta sociedade ... decide jogá-lo no rio ... é ... e joga-o no rio ... então esse rio tem uma forte correnteza e leva ele pra bem longe ...

você vai jogar água ... fecha o ar e joga água de baixo para cima... afí a água vai subir ... essa água ... é água ... é água ... não ... não é tratável essa água ... podese a mesma água que você recolhe de lá ... por quê? eu vou explicar já ... você joga é ... essa água pra cima ... então a água suja ... a água que tá suja lá de poeira

O professor era simplesmente louco ... louco ... daquele de jogar pedra na lua ... afí um dia eu não tava muito a fim de assistir aula dele ...

ela não deixa o indivíduo raciocinar ... ela lhe joga aquele pensamento dela e você não:: você apenas aceita ... Sem fazer questionamentos ... mas na própria igreja protestante você já vê outras alas ...

ela apenas faz ... ela joga as idéias ... que Deus é isso ... isso ... isso ... isso ... mas quando você se questiona se Deus é isso ... ela não consegue explicar ...

porque o governo tá jogando pra cima do povo a responsabilidade [...] ... num lado é bom que jogue pra cima do povo ... eu acho que tudo devia ser assim ... o povo decidir ... porque se der errado ...

❑ LANÇAR

eu vou relatar um:: como se faz:: descrever como é que se faz o tratamento de uma água ... né ... numa estação totalmente de água ... você quer abastecer uma cidade com água tratada ... você pega a água ... faz um tratamento e lança pra cidade ... bom ... primeiro passo é recolher do manancial ...

❑ LEVAR

afí quando foi ele pegou no táxi ... afí ia levar ele pro hospital ... porque todo mundo tava sabendo que foi um lobisomem que atacou ...

é a diversão noturna ali ... ou então palavras cruzadas ...que a gente vai ... a gente leva palavras cruzadas ... e sempre fica em cima do ... do centro ... Porque num tem mais nenhum ... nenhum lugar tão óbvio quanto esse ...

“e agora oque a gente faz? eu vou chamar Vilma ... porque Vilma tem um pai que trabalha aqui perto e tem um carro que vai levar a gente pro pronto-socorro”

afí ... afí ... a vovozinha foi ... afí botou ela ... afí levou ela pro médico ... e ela num comeu bolo ... brigadeiro ... nem essas coisas doces ... nem nada ...

afí a gente encontrou esse guia Luciano ... afí ele levou a gente pra ... pra conhecer ... conhecer onde era ... ele falou das macaxeira desde novinho ... sabe?

afí eles ... leva pasta pra levar pro colégio ...

afí/ cobriu lá o corpo né ... e levou lá pra o ... o:: fazer a necrópsia lá né ... afí ele foi pra casa né ...

daí o homem levou uma bolsa cheia de dinheiro sem ele saber que na mala dele ...

e começou a divisão de alimentos ... cada um levou um alimento na sua mochila ... pensando que ia comer ...

e quando Batman se distanciasse da cidade ... <u>ele poderia levar todos os pinguins para o centro da cidade</u> ... e no centro da cidade detonaria as bombas e assim acabaria com Gotan City ...
imagine você ... pra bater na criança porque ela tava:: deitada ... mas depois com repreensão da mãe ... ele foi pegou a criança ... botou nos ombros e <u>levou a criança</u> ... e foi seguiu né ...
iria ter um castigo pra ele o vendedor e ... que <u>ele levasse o material</u> porque ele era um dos maiores compradores daquele ... daquela época pra ... de material pra ... pra construção...
num sei porque num quis dizer ... <u>ái já levaram lá a ferramenta</u> ... a pá e tudo pra cavar lá no cemitério ...
o Pinguim ele tem um plano de pegar os pinguins que faziam parte da turma dele ... e colocar bombas nas suas costas e <u>levar todos ao centro da cidade</u> e detonar essas bombas ...
por pertencer a uma alta sociedade ... decide jogá-lo no rio ... é ... e joga-o no rio ...então esse rio tem uma forte correnteza e <u>leva ele pra bem longe</u> ... ele vai parar numa gruta ...
mas você dobrando à direita tem mais uma escada ... né ... que <u>leva ao segundo andar</u> ...
um rosto muito estragado ... <u>ái levaram lá os outros alunos o amigo dele</u> ... <u>levaram ele lá pra enfermaria lá</u> ... e ele que tava lá teve que prestar socorro ao cara lá né ...
“eu posso <u>levar você lá</u> ”...
você vai chamar as outras que estão no auditório ... que é pra <u>me levar pro hospital</u> ” ...
ái depois bota no recipiente e <u>leva pro congelador</u> ... e deixa passar duas ... três horas mais ou menos até ele ficar um pouco firme ...
ái então <u>ela</u> ... <u>levou ele até o hotel</u> ...
ái na hora minha mãe foi pro hospi/ começou a sentir dor ... <u>meu pai levou ela pro hospital</u> ...
ái teve um dia que ela [...] conseguiu sair e <u>levar a noviça</u> né ... uma noviça do quarto ao lado novinha ...
ái tinha um sócio ... <u>ái ele levou ela pra ir</u> ... chegando lá ele pediu um prato ...
daí vinham os homens de lá ... dentro ... <u>daí levaram ele lá pra dentro</u> ...trancaram eles num quarto onde tava o amigo deles ...
<u>ele leva um jornal</u> dizendo que o pai dele foi assassinado...
<u>ele levou ela pro hotel</u> ...
então por que que <u>ele levou ela pro motel</u> ?
então quando ela pegou o carro do jeito que ele queria ... super veloz ... minha filha ... botou ... pé na tábua ... <u>ái levou ele até o hotel</u> ...
quando <u>o pessoal leva lanche</u> né ... o colégio ... a turma fica reunida no colégio ... <u>ái quando o pessoal leva lanche</u> ... todo mundo lancha ... ou então... fica todo mundo no pátio conversando ...
só as roupas que ela tinha ... trago sabe? só aquelas mesmo ... michurca mesmo ... <u>num levou nada de luxo</u> ...
tem cerca ... tem cercas ... e não tem nada indicando ... que num ... que num pode ser é ... violado... <u>num pode levar galhos</u> ... num pode tirar plantas ... num pode tirar animais ...
e o doutor ... que é amigo dele ... <u>levou outro jornal para o passado</u> ...
a potência do raio ... <u>levaria o carro para o futuro</u> ...
<input type="checkbox"/> METER
ái ele pegou quando ele pegou lá um cano ... e saiu correndo atrás do gato <u>meteu no gato</u> e o gato foi embora de novo né ...
depois ele pegou um cabo de vassoura <u>meteu no gato</u> e o gato foi embora ...
e de vez em quando o menino era ... era agressivo também né ... <u>meteu</u> ... uma vez pegou um ... um pedaço de pau e <u>meteu na cabeça do pai</u> ...
esposo ... a esposa ... qualquer coisa ... <u>mete a faca</u> ... mata ... <u>mete o machado no pescoço</u> ... e rola tudo ... como é que pode? é o fim do mundo ... é o fim da era...
<input type="checkbox"/> PASSAR
ái quase ia sendo reprovada ... precisava de dez em matemática ... <u>passei o ... o resto do bimestre</u> todinho estudando ...
esse seria ... sei lá e foi o lugar ... e foi o lugar onde <u>eu passei a minha infância</u> ... morei seis anos lá ... só ... só o ... o espaço físico da casa que era bom ... que era grande num sei quê ...
<input type="checkbox"/> PÔR
então esse prato tá arrumado ... então <u>eu ponho a mesa</u> ... <u>ái ponho a salada</u> ... o arroz e o peixe ... posterior a isso tem pessoas que gostam de molhos ...
mas não fica molhada com água... ela fica mole ... mas:: mole sem ser aguada como essa outra que cozinha na água ... então <u>põe a batata pra cozinhar</u> ... prepara o arroz ... né ... faz aquela limpeza total ...
eu pego maçã ... eu jogo:: eu corto maçã picada ... eu pego passas ... eu pego abacaxi ... eu pego cebola ... tomate e faço uma salada dentro desta salada ... né ... coloco um pouquinho de azeite e coloco a maionese ...pouquinho ... depois eu pego um prato e:: cubro esse prato com alface e jogo essa salada por cima ... né ... e <u>ponho na geladeira</u> ...

geralmente eu coloco um quilo de açúcar ... mais ou menos isso ... pego o açúcar ... coloco dentro de uma vasilha ... açúcar peneirado ... ponho uma manteiga e mexo até que ele fique meia::

não ... tudo bem ... exatamente porque nos presídios é:: de hoje em dia ... você ... a pessoa mata ... você põe ela no presídio ... ela entra em contato ... às vezes ... com pessoas muito mais perigosas que ... que só ensinam ela a matar ...

PULAR

tudo que tá preservado pela natureza ... eu acho bonito ... tem as pedras ... que a gente pula pra água ...

é uma revolução muito grande ... ele pode até criar os pés e pular um degrau ...

PUXAR

af no final ele vai embora ... aparece uma luz ... assim bem ... bem bonita ... af puxa ele ... sabe? Ela... ele dá um beijo nela ... começa a tocar a música ... aquela música ... hum ... af eu chorei demais ...menina ...

parece que o doutor Carrilho no outro dia ... no mesmo dia ele conseguiu falar com o gerente principal e:: teve um negócio desagradável como ... puxar arma ... um negócio assim sabe?

aqueles senhores assim num dando a mínima pra aquele avião ... aquela máquina metálica ... ((riso)) entravam e puxavam seu jornal ao meu lado ...ne/ nessa ... nessa vez eu fiquei na cadeira do meio ...

então eu já puxei o Sandrinho e tava sem violão lá atrás e tudo no ônibus ... e eu puxei Sandrinho pra lá e comecei acantar corinho e tudo ... cantar música lá do Catedral e tudo mais ...

af quando chegou num determinado ponto eu puxei uma corda que tava atrás dele ... af quando eu puxei ele caiu ... af terminou ...

REMOVER

mas muita poeira e eu tive que remover essa poeira ... eu removi com panos secos ... porque era uma poeira de ... de calissa ... uma poeira branca ... uma poeira quase de giz né ...

RETIRAR

então eu retiro esse arroz da panela e coloco na forma e deixo ele esfriar bem socado ...

depois eu retiro essa posta de peixe ... coloco pra secar num papel ... como é que chama ... papel:: que ... absorvente ... pra retirar o excesso de óleo ...

SEGUIR

o cara ... que tinha se acidentado apareceu de novo né ... chamando ele pra ir lá no cemitério o cara ... tinha um negócio pra mostrar né ... af foi e seguiu né ... af ele à noite né sozinho ... botou lá um agasalho ... tava muito frio ... af foi af seguiu o cara né ... seguiu o cara ... ele tava sempre assim um pouco de longe ... uma certa distância ... af seguiu até lá em cima né ... e ele tinha que fazer uma viagem ... uma viagem ... é ... parece que era ... pra ... Nova Iorque ... e:: no momento não tinha motorista ... pra seguir-lo ...

SUBIR

quando você termina de subir a escada ... em frente ... tem o quarto principal ... né ... que é o meu quarto ... que é um quarto grande ... com suíte ... nesse quarto eu tenho a minha cama ...

assim que você termina de subir a escada ...tem a sala onde fica ... onde funciona a tesouraria ...

TIRAR

então ele tirou o casaco dele e colocou nela pra pelo menos disfarçar um pouco ...

quando eles foram tirar ... o vinho branco que:: que ... que:: eles tinham derramado ... num tinha vinho branco ... só tinha água ...

a drenagem da quadra tinha uma canalização ... uma calha que ... que tirava água da quadra ... a quadra deveria ter alguma atividade lá para os quatro placar né ... para os quatro né ...

af eu tiro a colher e mexo com as mãos né?

eu não gosto de determinada salada ... então eu já tiro essa salada ... então esse peixe ...

falando em dinheiro ... pra ele ... é o ponto fraco dele ... sabe? você quer machucar ele ... é você querer tirar dinheiro dele ...

e depois de um bom tempo ... o pai dele ficou né ... tirou a bainha ... a bainha ... foi me contaram assim que parece que ele tinha usado a bainha pra bater na criança ...

agente passa na bateadeira durante dez minutos ... não é ... o suco que fez antes com a liga e mais essa sobremesa ... depois que tira do congelador ... e volta pro congelador e espera dar o ... o ponto certo... não é?

af eu tava só ... af lá eu tirei um papel... claro ... af veio o papel ... af pronto menina ... peguei o guia ... peguei o guia ... af eu peguei ele ...af quando foi Cristiane ...

se ele tava morto ... ((riso)) num sei de onde ele tirou a arma lá né... af atirou e matou o velho né ...

“ó ... você mata ... daí quando você for pra cadeia eu ... eu ... eu faço alguma coisa lá ... pra tirar você de lá”

o empurrão foi tão grande que ela entrou pra dentro das ferragens do carro ... af eu sei que ... e ela ficou dentro do ... das ferragens do carro ... fratu/ fraturou a perna ... sabe? foi uma luta pra tirar ela de dentro do carro... o motorista... primo da minha mãe quebrou ... o ... a cara toda ... o rosto ... sabe? ficou só os pedaços ...

num pode tirar plantas ... num pode tirar animais ... mas nós sabemos que é ... a da existência de até campeonatos de motocicleta lá dentro daquelas dunas ...
Quando chegou lá ... <u>ele tirou o casaco</u> ... que ela tava muito exposta ... tava com uma saia curta ... e uma mini-blusa ... <u>ai ele tirou o casaco dele</u> ... E colocou nela ...
porque isso é um crime que não ... que eu não me conformo ... sabe? <u>a pessoa tirar a vida de outra</u> assim ... sem pensar ... né?
se você realmente obedece Jesus ... você num sai por ai <u>tirando a vida de ... de alguém</u> ... mesmo que ... <u>tenham tirado a vida de um parente próximo seu</u> ... ou mesmo que ... é ... isso num ... num acontece se você realmente ama a Deus
I: não ... é uma men/ era um ... uma lenda ... / E: é ... <u>pra tirar a moral da história</u> ... né?
<input type="checkbox"/> TRANSPORTAR
gostei ... sua janela é belíssima ... I: ela está às suas ordens ... quando você tiver um caminhão para <u>transportá-la</u> ... ((riso))
<input type="checkbox"/> TRAZER
ai almoçaram e tudo ... e na volta ... esse meu ... primo da minha mãe tava meio bêbado ... mas insistiu e <u>trouxe minha mãe</u> ...isso já era de noite ... minha mãe ... meu pai ... meu tio ... irmão da minha mãe ... e minha tia também ... irmã da minha mãe ... eu sei que minha família ... dentro do carro ...
o prefeito disse ... " <u>cada pessoa vai trazer um copo de vinho branco</u> e de/ derramar no barril que vai ficar no centro da cidade" ...
é ... já ... <u>ele já traz ela pronta com a camada de tinta e gesso</u> ...
ai eu gostei ... foi divertido ... mas até que assim eu num tava querendo ir sabe? ai quando foi ... <u>minha mãe trouxe ... trouxe ... biquini e essas coisa... maiô</u> ... num sabe? <u>Ela trouxe maiô</u> ai disse ... "ei ... você vai?"
quando na verdade isso é totalmente contra os ensinamentos de ... de Deus ... tem também aquelas ... é ... vários rituais que ... na verdade ... num po/ num podem ... <u>trazer uma verdadeira felicidade às pessoas</u> ...

Escrita

<input type="checkbox"/> ANDAR
Da porta da igreja você seguindo em frente <u>não anda 1 km</u> e acaba a cidade, porém para os lados ela é maior.
<input type="checkbox"/> BOTAR
Tem vez que eu não faço o molho porque me dá preguiça ai não faço. <u>Tem gente que bota óleo no macarrão</u> para não pega no fundo da panela.
O suco começa assim pega a laranja e descasca e o limão também descasca e espreme e <u>bota no liquidificador</u> e fica igualzinho a Fanta. (me esquecie de <u>botar o açúcar</u>)
<input type="checkbox"/> COLOCAR
Depois de algum tempo vou ver está fervendo pego o Macarrão pisco e <u>coloco dentro</u> . E o meu molho do macarrão é assim pego a cebola e pisco e boto manteiga e passo o macarrão. Tem vez que <u>eu coloco queijo ralado</u> mais é muito difícil.
<u>Coloca o trigo já peneirado pausadamente na mesma proporção do trigo vai colocando o leite.</u>
<u>Colocar todos os ingredientes na tigela da Batedeira</u> e ligar no maximo com batedor para massas leves mais tem que bater todos os ingredientes até a massa ficar homogênea e despejar numa forma no 3 untada e povilhada.
<u>Coloca-se o fermento desmanchado no leite</u> e agora bate a massa a vontade até ela ficar cremosa [...] Depois de <u>colocar a massa na forma coloque o chocolate derretido por cima da massa</u> e leve ao forno.
<u>Coloco os legumes ralados na panela com a cebola e o alho dourado</u> , ponho o arroz e água até cobrir tudo.
Como o ônibus saíria somente as quatorze horas, resolvi <u>colocar minhas bagagens no Porta-malas da Estação</u> e dar umas voltinhas no centro da cidade que ficava no mesmo bairro da Rodoviária.
E o rapaz pensou <u>água não é igual vinho branco</u> , irei agora mesmo <u>colocar água</u> no lugar de vinho branco.
Misturo tudo em uma bacia e mexo com uma colher de madeira e vou <u>colocando aos poucos a farinha de trigo</u> , depois quando estiver mais difícil para mexer com a colher, eu mexo com a mão para misturar mais rápido, até soltar da mão, depois <u>coloco a massa</u> para descansar uns 30 a 40 minutos. [...] Vou untar a forma e <u>coloco a massa nela</u> e levo ao forno por uns 10 minutos para precozer, sim a sobra de massa eu aproveito para fazer enroladinhos com salchicha. [...] O molho é feito com ketchup, mostarda, sal, molho inglês, extrato de tomate e uma pitada de alho, <u>coloco tudo numa panela</u> e levo ao fogo para uma fervura rápida. [...] A pizza eu coloco a <u>massa cubro</u> com o molho e em cima <u>coloco o queijo muzzarella e o orégano</u> . A de presunto <u>eu coloco o molho</u> e cubro com o presunto e em cima a muzzarella.
Muito curiosa eu convidei duas colegas e aproveitando a ausência do professor, peguei uma porção da substância e pensei, "se o professor com apenas uma pitada fez aquele espetáculo, imagine <u>eu colocando uma porção maior</u> , e assim o fiz, minhas colegas apenas observavam.

Na parede toda branca, com exceção da parte de azulejo que fica dentro do box, está uma prateleira onde é colocado utensílios pessoais e um espelho.

No chão tem um cesto onde é colocada roupas sujas.

Passar margarina na forma e coloca os ingredientes na forma e coloca para assar no forno e estar pronto para todos comerem.

Ponho óleo no fogão para esquentar e quando está bem quente, ponho o peixe para fritar. estando frito retiro-o e coloco num prato forrado com alfaces frescas e rodelas de cebolas finas para ornamentar.

Quando foi à noite o homem escutou alguém batendo na porta, foi olhar quem era e viu o filho, abriu a porta e abraçou o filho. Colocou ele pra dentro e foi dormir mas quando acordou e procurou ele não o encontrou mais.

EMPURRAR

Temendo ele que a secretária resolvesse contar a todos, ele tratou de matá-la empurrando-a pela janela do escritório que ficava no andar muito alto de um edifício.

JOGAR

mas o motorista não passou pela direita, então o ônibus passou pela direita e trancou agente e jogou todo mundo na estrada.

quando o rapaz conseguiu pegar a sua maleta o bandido ficou atrás dele e ele teve que fugir de elecoptero e começou a jogar o dinheiro para fora do elecoptero e as pessoas que estavam nas ruas pegaram todo o dinheiro.

Jó ficou muito triste com o que aconteceu, mas não deixou de crer em Deus, pois ainda tinha seus filhos; mas o diabo jogou uma praga em cada um deles, fazendo morrer o primogênito e depois os mais novos.

LANÇAR

Depois de aplicado o cloro, a água pode ser lançada na rede de distribuição e ser distribuída para a população.

Mas Batman que ainda estava a procura de Pingüim, percebe o seu plano macabro e lança também o seu ataque.

LEVAR

A esquerda da entrada tem uma escada que leva aos andares superiores, e um corredor que à esquerda também possui 3 salas grandes e do lado direito 2 banheiro c/ 2 divisões e mais a biblioteca.

Agora leve a massa a uma forma que esteja untada com manteiga e polvilhada com trigo, dessa forma você não correrá o risco da massa queimar.

Certo dia o pai foi para universidade e foi chamado com urgência para socorrer na enfermaria, um menino que havia se machucado, não me lembro com que. Outros alunos o levaram para enfermaria, quando chegou lá foi medicado, mas morreu, antes de morrer ele disse uma frase para o médico. [...]

Era umma ves umma furniga Ela Timnia mae E pai Ela vivia Com a vo chego unma furnigimnia chamo a furnigimnia foi para a lagoa a furnigimnia foi para casa decho a fumigimnia Na lagoa ai passo um omi O omi Pego a furnigimnia levo a furnigimnia Bateu Na porta a vo dela nao foi para o casameto.

Este plano utilizava os pinguins como arma secreta, onde cada pinguim levava um míssel que seria detonado automaticamente.

Eu estudava num curso de preparação às escolas militares, e os responsaveis pelo curso tiveram a ideia de nos levar a um acampamento.

Fazer o suco c/ o leite ou utilizar 1 colher (sobremesa) da essência desejada. Depois que o suco estiver pronto, passar no liquidificador com 1 colher (café) de liga neutra, colocar em uma tigela e levar ao congelador até ficar firme (2 à 3 hs).

Jorge trabalhou muitos anos na casa de uma família muito rica em nossa cidade. O dono da casa viajava muito e, numa dessas viagens, resolveu levar o Jorge como acompanhante. A cidade que eles deveriam ir era Recife e permaneceriam por lá durante um dois dias - tempo que seria o suficiente para o seu patrão resolver todos os compromissos.

Num dia muito ensolarado a família junto com o velho foram fazer um pique-nic, numa parte que tinha muito verde. Levaram a comida para lá.

Um dia, minha mãe me levou ao alergista, para saber o porquê das noites que eu passava com falta de ar, e ele (o alergista) disse que a solução seria uma mudança, pois a casa estava com infiltração, o que provocava “mofo”.

Vou untar a forma e coloco a massa nela e levo ao forno por uns 10 minutos para precozer, sim a sobra de massa eu aproveito para fazer enroladinhos com salcicha

PASSAR

É este o lugar que eu e minha família passamos o veraneio.

PERSEGUIR

Batman cai na armadilha e persegue o Pinguim.

Batman percebeu que os pinguins eram levados por vibrações, logo ele interferiu nessa frequência e os pinguins voltam a gruta. Aproveitando a chance, Batman os persegue.

PÔR

Achei fantástico! Ele pegou uma pitada de clorêto de sódio em estado natural (pastoso) e pôs num pequeno becker com água foi aquele fogo desfilando dentro do becker.

Coloco os legumes ralados na panela com a cebola e o alho dourado, ponho o arroz e água até cobrir tudo. Em seguida descasco umas batatas e ponho para cozinhar; estando cozidas faço um purê com queijo ralado, manteiga, gema de ovo, leite e as batatas bem amassadas. Neste ínterim, o arroz está semi-pronto, unto uma forma, redonda e furada no meio, com manteiga e ponho o arroz ainda quente socando-o. ponho no forno uns 10 minutos, retiro-o e viro num prato como se fosse um bolo.

Ponho óleo no fogão para esquentar e quando está bem quente, ponho o peixe para fritar. estando frito retiro-o e coloco num prato forrado com alfaces frescas e rodelas de cebolas finas para ornamentar.

Ponho óleo no fogão para esquentar e quando está bem quente, ponho o peixe para fritar. estando frito retiro-o e coloco num prato forrado com alfaces frescas e rodelas de cebolas finas para ornamentar.

SEGUIR

Eles entraram numa espécie de galeria onde tinha muitas lojas, restaurantes e muita gente. A noviça que estava sempre ao lado da freira “cantora” descobriu onde ela estava, seguindo-os de carro e avisou p/ a madre.

então os pinguins começam a voltar pra gruta e Batman vai seguir os pinguins e vai chegar até à gruta ...

SUBIR

este é o primeiro pavimento, para se chegar ao segundo retorna-se a sala de estar e sobe-se uma escadaria; após subir a escada, encontra-se à direita um banheiro social e em frente a escada o quarto principal composto por: uma cama, dois criados-mudo, uma televisão, um guarda roupa, uma rede armada e um banheiro.

Mais à frente conseguimos localizar um lugar fantástico. Fica a uns cem metros da pista. Deixamos o carro e subimos uma duna, com vegetação, até o seu topo. Qual não foi a nossa surpresa quando olhamos para baixo e encontramos um bosque de árvores muito altas, algumas sem folhas.

Um dos momentos mais emocionantes foi quando subi uma duna de areia, sentei e fiquei observando os últimos raios de sol sobre a vegetação mais à frente. Inesquecível essa imagem.

TIRAR

Ao chegá-las no hotel o rapaz tirou o seu casaco e colocou-o nela, porque o seu traje não estava adequado p/ o ambiente, que só existia pessoas bem vestidas.

Deixe secar a tela, o compensado ou eucatex e, se preciso for, passe uma lixa para tirar os excessos de tinta ou de gesso. Feito isso, podese começar o trabalho de pintura propriamente dito.

Quando eu tiro a pizza do forno enrolo em um plástico tendo o cuidado para não deixar ar, isso se eu quiser guardá-la.

você não pensa em tirar a montanha?

De tudo ele consegue tirar um proveito e enxergar o lado positivo e negativo nesse processo.

Será que um homem não poderia ser morto injustamente, isso seria um erro irreparável, além disso um homem não tem o direito de tirar a vida de ninguém, nesse caso estaria se equivalendo ao criminoso.

Ninguém tem o direito de tirar a vida do outro, só Deus.

TRAZER

Em uma certa ocasião, quando estavam com fome, a cachorra trouxe uma caça e a sinhá ficou feliz, fazendo uma festa ao beijar a boca da cachorra.

Meu grupo, infelizmente não foi o vencedor. O grupo vencedor era aquele que trouxesse mais fita.

Todos nós trouxemos uma mochila, dentro dessas mochilas havia mais comida do que utensílios pessoais.

ULTRAPASSAR

Toca-se a campainha no estreito e uma pessoa vem abrir. Ultrapassando o portão sobe-se um degrau para a direita estamos na varanda; vizinho a garagem (...).

2 Banco de Sentenças da JFRN

ACOMPANHAR

Ficou evidenciado, também, que CLÁUDIO MÁRCIO (Marcinho) tem a confiança de FRANCISCO ARGEMIRO, tendo o acompanhado em outros crimes, segundo as informações prestadas pela Polícia Federal.

Com efeito, CLÁUDIO MÁRCIO, ao ser informado por FRANCISCO ARGEMIRO, que deverá acompanhá-lo para “fazer o rastro” no dia 18/06/2015, pede permissão para buscar a esposa, que saíra para fazer um exame.

o acusado Ronaldo Cardoso procurou o denunciado Pedro Martins para que este providenciasse um alvará falso em seu favor, para fins de recebimento dos valores depositados na conta de FGTS de sua tia falecida, tendo aquele aceitado o serviço, providenciado a falsificação do alvará e cobrado ao acusado Ronaldo Cardoso alguma quantia para fazê-lo, bem como para acompanhar esse último até a agência da CAIXA.

Por sua vez, ANDREA CARLINE FLORENCIO DE OLIVEIRA FERREIRA (Carta precatória das fls. 202/203 dos autos), funcionária dos Correios, disse que o assalto ocorreu no início da tarde e que, na ocasião, estava no guichê de atendimento quando percebeu que um homem acompanhou RAIMUNDO quando este se dirigia a parte interna da agência para pegar um documento de um cliente.

Por sua vez, FRANCISCO ÉDER OLIVEIRA ARAÚJO acompanhou o gerente até o cofre para que fosse solicitada a sua abertura, ficando esperando pelo tempo de retardo para a abertura do objeto.

❑ ALCANÇAR

Segundo a jurisprudência da Corte “o princípio da insignificância, cujo escopo é flexibilizar a interpretação da lei em casos excepcionais, para que se alcance o verdadeiro senso de justiça, não pode ser aplicado para abrigar conduta cuja lesividade transcende o âmbito individual e abala a esfera coletiva”.

Assim, no que toca ao pedido de concessão de aposentadoria especial, resta demonstrado que o autor exerceu atividades especiais, no período de 01/03/1984 a 17/08/2011, tendo, portanto, alcançado o tempo de 25 (vinte e cinco) anos de serviço, quando da data do requerimento administrativo, em 17/08/2011.

❑ ARRANCAR

Nesse momento, o criminoso que estava com ela tentando abrir o cofre saiu, retornando logo depois em busca das filmagens. Afirmou que ele arrancou a CFTV e levou. [...] Foi ele, também, quem arrancou a CFTV existente da agência e saiu carregando consigo o equipamento.

❑ ATRAVESSAR

Apenas após o gerente da agência sair, ele identificou o suspeito de camisa branca, que já estava atravessando a rua, pelo que o policial o prendeu, encontrando, na ocasião, um revólver calibre 38 em sua cintura.

CARLOS ANDRÉ SOUZA DA SILVA aduziu, inclusive, que o suspeito já atravessava a rua quando foi reconhecido pela testemunha, em razão de sua mochila, da camisa e do boné, ocasião em que foi abordado e efetuada a sua prisão.

A Lei nº 8.069/90 é suficiente para atrair a competência da Justiça Federal para apreciar o caso em tela, tendo em vista que imagens pornográficas envolvendo uma das vítimas atravessou as fronteiras do território brasileiro, sendo descobertas pelo FBI - Federal Bureau of Investigation, nos Estados Unidos da América [...]

❑ BUSCAR

Foi ele quem pulou para a parte interna, à procura da gerente do estabelecimento, a fim de buscar dinheiro guardado no cofre.

CLÁUDIO MÁRCIO disse que apenas iria buscar a sua esposa e que retornaria a ligação logo que voltasse.

Assim, ele liga para Elaine e diz que está indo buscar a outra pessoa. “Negão” pede o telefone e fala com o homem que já estava com “Marcinho” e ele - o homem não identificado - afirma que irá com o grupo.

Primeiramente, “Negão” vai para a casa de “Elaine” e espera “Marcinho” buscar os outros dois homens que entrariam na agência dos Correios, ainda não identificados.

Com efeito, CLÁUDIO MÁRCIO, ao ser informado por FRANCISCO ARGEMIRO, que deverá acompanhá-lo para “fazer o rastro” no dia 18/06/2015, pede permissão para buscar a esposa, que saíra para fazer um exame. o responsável pelo objeto do contrato era o Sr. Florêncio das Chagas (“Teirinho”), tendo ido buscar o barco Marta Rocha no Canto Mangue, logo após ter recebido a correspondência relativa à multa no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais).

A compra do veículo acima mencionado por POSSIDÔNIO QUEIROGA DA SILVA NETO foi confirmada em juízo pelo depoimento da testemunha EDUARDO PAIVA MOURA NUNES, o qual foi o responsável por buscar o veículo adquirido por POSSIDÔNIO na loja “LE MANS IMPORT”.

❑ CARREGAR

Foi ele, também, quem arrancou a CFTV existente da agência e saiu carregando consigo o equipamento, com o intuito de não ser reconhecido no decorrer das investigações.

elas procuram até umas drogas, algumas coisas, né? curandeiros prá tentá saná, então essa parte espiritual até ajuda você a carregá o seu problema, mas... é o Brasil de hoje, a gente procura FORMAS diferentes.

❑ COLOCAR

No que se refere ao uso de arma de fogo, todas as testemunhas afirmaram em juízo que pelo menos um dos assaltantes portava arma de fogo, ora empunhado, ora colocando-a na cintura.

No que se refere ao uso de arma de fogo, todas as testemunhas afirmaram em juízo que pelo menos um dos assaltantes portava arma de fogo, ora empunhado, ora colocando-a na cintura.

o indivíduo, que estava armado, anunciou o assalto, ordenando-lhe que colocasse o dinheiro que havia no caixa em uma bolsa da marca Nike [...]

que depois de 2002 retornou várias vezes na fazenda para prestar outros serviços, como colocar água na casa que existia dentro da área. [...] Por fim, aduz que retornou depois no imóvel para colocar os marcos de cimento juntamente com a primeira testemunha.

que passou a receber fotos no Orkut e deixou no seu computador que comprou uma revista e colocou as fotos no Orkut, que passou uns dois meses com o Orkut falso [...]

as consequências do crime são normais à espécie, visto que colocou em perigo abstrato o direito difuso às telecomunicações e a regularidade desse tipo de serviço público disponível à coletividade - atividades de telecomunicações [...] colocar em risco a segurança das pessoas, por exemplo, ao causar interferências em aparelho de navegação aérea.

Percebe-se, assim, que se trata de pessoa que tenta se furtar da aplicação da lei penal e que, se por alguma razão ficar em liberdade, poderá fugir e prosseguir em empreitadas criminosas e, dessa maneira, colocar em risco a aplicação da lei penal e a ordem pública.

❑ CONDUZIR

Portanto, a obtenção da vantagem indevida deve-se ao fato de o agente conduzir o ofendido ao engano ou quando deixa que a vítima permaneça na situação de erro na qual se envolveu sozinha.

Em seguida, o denunciado conduziu o vigilante ao banheiro, onde ordenou que lhe entregasse seu celular, sua mochila e o colete balístico.

Insurge-se, outrossim, quanto à suposta ausência de explicitação dos elementos probatórios que conduziram o julgador à conclusão de que o embargante, como ordenador de despesas, tinha o dever de fiscalizar os contratos firmados pela Secretaria de Saúde do Estado do RN.

QUE enquanto PAULISTA e ERICK conduziram o gerente para a sala do cofre, o conduzido permaneceu na sala de atendimento atendendo os clientes; QUE como o gerente falou que demoraria 35 minutos para abrir o retardo do 18/05/2018 JFRN - Justiça Federal no Rio Grande do Norte cofre [...]

❑ DEIXAR

que criava as propostas de preços (três propostas em nome de três empresas diferentes) e Maria Lione ia deixar as propostas na escola, para que a diretoria escolhesse a de menor preço [...].

já que o crime se perpetrou em horário de funcionamento da agência, havendo várias pessoas no local (em torno de 20), as quais não puderam durante o roubo deixar o estabelecimento, além de terem os réus escolhido cidade de pequeno porte [...]

❑ DESPEJAR

[...] medida judicial determinando que: a) os requeridos deixassem de lançar/despejar efluentes industriais e/ou domésticos, nas águas do Rio Assu ou em qualquer de seus afluentes, sem o prévio tratamento licenciado pelo órgão ambiental competente; [...] Não obstante tenha sido concedida liminar, no ano de 2011, para que os demandados deixassem de lançar/despejar efluentes industriais ou domésticos nas águas do Rio Assu e para que o Município de Alto do Rodrigues.

❑ JOGAR

[...] sendo impedida pelos seguranças da instituição bancária, e por ter pedido para ir ao sanitário, oportunidade em que jogou os documentos falsos pela janela com o intuito de destruir os documentos.

todos os tripulantes começaram a jogar diversos petrechos de pesca no mar [...].

❑ LANÇAR

que o município já estando com 60% da rede coletora pronta, precisa, além de concluir, viabilizar o tratamento da mesma, para lançar os dejetos tratados nas águas do rio São Francisco.

Na ocasião, instantes antes do desembarque da equipe fiscalizatória a bordo do Navio Patrulha Graúna, a tripulação do referido barco lançou ao mar todo o produto oriundo da pesca, bem como o compressor de ar, a fim de evitar o flagrante do ilícito ambiental.

O correspondente da Al Arabiya em Damasco relatou que os manifestantes lançaram pedras contra as janelas de ambos os edifícios, mas não houve vítimas.

Transitada em julgado a sentença, lance-se o nome do acusado no “rol dos culpados” e oficie-se ao TRE/RN. [...] Lance-se o nome dos condenados no “rol dos culpados”; [...] Lançar o nome do acusado no rol dos culpados.

❑ LEVAR

[...] a mando da acusada MARIA LIONE, sendo esta quem levava os documentos em comento para a diretora da instituição de ensino escolher a proposta supostamente de “menor preço”.

Ademais, o interrogatório de MARIA DALVA é pontual quando afirma que a ré MARIA LIONE DE SOUZA GÓES era quem assinava as três propostas de preços produzidas por MARIA DALVA em uma mesma máquina, levando-as até a escola e voltando ao escritório com a proposta tida por vencedora, para a emissão da nota fiscal falsa.

FRANCISCO ARGEMIRO aduziu que foi feito um convite a ele para levar um pessoal para Touros/RN para cometer o roubo, tendo ele aceitado, uma vez que passava por dificuldades financeiras.

No início de seu interrogatório, disse que não sabia que as pessoas que ele tinha levado para Touros/RN iriam cometer o delito, mas em seguida, afirmou que sabia.

Porém, BRUNO LOPES DOS SANTOS, em depoimento, confessou que ele que sugeriu ao pai de DAYANNE DE AZEVEDO SANTOS que poderia levá-la, já que ira levar sua mãe no Bradesco, no centro. [...] constata-se que embora o acusado tivesse levado sua mãe para um recadastramento de benefício no BRADESCO no centro de São João do Sabugi/RN, este teria terminado tal compromisso a tempo [...]

que foi até a empresa e conversou com Ziro para assinar a carteira, que emitiu as guias para que Maria José levasse para pagar, que não foi até o INSS, que não recebeu nada por isso

PASSAR

“acontecia de um engenheiro ir fiscalizar uma obra em um local próximo e outro engenheiro pedir para passar lá e fiscalizar uma obra dele.”

PERCORRER

Como bem ressaltou o órgão acusador em suas alegações finais, a Engenheira TATIANA SOUZA F. GOMES, em documento datado de 03/11/2008, não faz qualquer referência a destruição de passagens ou estradas, percorrendo o perímetro do projeto de irrigação sem maiores dificuldades.

a Engenheira Tatiana Souza F. Gomes, em documento datado de 03/11/2008, não faz qualquer referência a destruição de passagens ou estradas, percorrendo o perímetro do projeto de irrigação sem maiores dificuldades.

De fato, a qualidade no desempenho da função resta controversa ante o fato de que o demandado tinha boa parte do seu dia comprometido com o desempenho do cargo efetivo na UFRN (08 horas diárias), tendo também que percorrer diariamente a distância entre os municípios de Carnaúba dos Dantas/RN e Caicó/RN.

Deste modo, verifico que o réu percorreu quase todo inter criminis do injusto penal, abordando, agindo com violência e rendendo as vítimas, inclusive chegando a solicitar o dinheiro, não consumando o delito por circunstâncias alheias à sua vontade, pois a PM chegou ao local e impediu a consumação.

PERSEGUIR

os criminosos o ameaçaram e, quando esse os convenceu daquela demora, resolveram não aguardar, levando apenas o dinheiro que estava no caixa; [...] QUE no meio do caminho cruzaram com uma viatura S-10 do GTO/PM que passou a persegui-los [...].

PULAR

QUE LEONARDO pulou o muro da casa e abriu o portão; QUE uma vez dentro do quintal da casa [...].

Veja-se parte da degravação: “... que deixou a moto dentro do mato, pulou uma cerca e foi lá para uma serra; que achou uma casa abandonada e dormiu lá [...].

que ele foi até próximo ao balcão, pois o primeiro agente já havia pulado o balcão; que o segundo voltou e mandou todo mundo sentar na última fileira [...].

RESGATAR

[...] que no dia do roubo o declarante durante a fuga ligou para BRUNO pedindo ajuda e BRUNO disse para que o mesmo tivesse calma que o COROA viria para resgatá-lo [...].

RETIRAR

[...] simplesmente pelo fato de ele ter retirado o dinheiro do banco e repassado à construtora. [...] Ele foi ao banco com ele retirar os 200 mil reais.

Da mesma forma, está caracterizada a autoria do crime, uma vez que o réu admitiu em seu interrogatório ter retirado a documentação da prefeitura, alegando, porém, o intuito de encaminhá-la ao contador.

ela retirou o documento do invólucro plástico [...].

observa-se que no momento em que o acusado Jariedson de Moura retira o dinheiro existente nos caixas, deixa cair no chão várias notas, que são recolhidas e guardadas por um cliente ao final da ação criminosa.

Também é nítido nas filmagens que o acusado Jariedson de Moura rende o vigilante da agência e lhe retira a arma e o colete à prova de balas.

SEGUIR

O registro telefônico seguinte ocorre às 11h08, após o crime, no qual “Marcinho” informa que está seguindo “Negão”, orientando-o a seguir viagem, pelo que o segundo declara que quer sair do local.

TRANSPORTAR

Aduziu, ainda, que portava o documento por cerca de 9 (nove) meses, e que trabalhou transportando alunos na zona rural, costumando trafegar na via federal em razão de deslocamento nos arredores dos Municípios de Dix-Sept Rosado-RN e Mossoró.

Contudo, como se comprovou, o réu arregimentou pessoas, participou do levantamento do local, deu segurança aos suspeitos na área externa e transportou armas.

Da denúncia consta que CHUNHUA ZHANG e HONG ZHANG, no dia 03 de maio de 2013, foram flagrados transportando diversas mercadorias de origem estrangeira desacompanhadas da documentação legal [...].

Em seus interrogatórios, os réus aduziram que, realmente, transportaram as pessoas que executaram o roubo na agência dos Correios de Touros/RN, mas que suas funções resumiram-se a isso.

Indagado por este juiz, de forma peremptória, salientou que não estava transportando dinheiro pertinente à lotérica.

Na hipótese, as vítimas eram funcionários da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, que transportavam produtos cosméticos de expressivo valor econômico e liquidez.

Trata-se de incidente de restituição de bem, consistente no veículo Mitsubishi Outlander, 2.0, cor branca, de placas PGM-8251-Recife/PE, apreendido na posse das pessoas de SALOMÃO DE MEDEIROS, CARLOS JOSÉ BATISTA DE ARAÚJO e JOÃO VALE DOS SANTOS, quando transportavam pedras preciosas sem autorização legal.

TRAZER

[...] falar que um informante seu teria avisado da chegada do carro-forte, este foi embora; que na sequência o conduzido telefonou para 'UELSON', que reside em Jandaíra/RN e pediu para que este trouxesse o veículo GM/Astra cinza e os encontrasse próximo à AABB de João Câmara.

Maria de Lourdes também manteve sua versão, entretanto jamais trouxe as gravações que dizia possuir e que poderiam atestar suas alegações.

Que assim que o depoente chegou na Agência e foi trabalhar na habitação, a corretora Maria de Lourdes trouxe um pote de doces na Agência, e alguns meses após trouxe uma camisa e, por fim, alguns meses após [...]

que Maria Lione trazia os cheques emitidos pela escola; que depois ela (Maria Dalva) elaborava uma nota fiscal falsa em valor maior do que o preço correspondente aos alimentos repassados à escola.

TIRAR

Embora a depoente procurasse explicar para eles cada passo, seguindo sempre a orientação do SR. CRESO, que sempre tirava as dúvidas dos membros da CPL".

ULTRAPASSAR

Através de aplicativo que permite tornar os arquivos disponíveis para outros usuários (emule, programa de troca de arquivos), inclusive em outros países, o que ultrapassa as fronteiras do território nacional, vez que o acesso pode-se dar prontamente no estrangeiro.

Culpabilidade: circunstância favorável, uma vez que o acusado não agiu com dolo que ultrapasse os limites da norma penal.

No presente caso, por tratar-se de crime cuja pena máxima cominada não ultrapassa 02 (dois) anos, o procedimento a ser seguido é [...].

[...] a soma dos referidos períodos, após convertidos em comum, com os demais períodos comuns trabalhados, ultrapassa o tempo necessário para a concessão de aposentadoria por contribuição.

3 Banco de Dados do PEUL/RJ

ACOMPANHAR

Eu sô a mãe, eu tenho que levá ela no médico. [até pra acompanhar, né] Claro, que mãe é essa que bota um filho no mundo e não pode levá ao médico?

E a sua mulher e os seus filhos, eles também... gostam de acompanhar o senhor, só assistia... comia... eles preferem fazê alguma outra coisa?

ATRAVESSAR

[...] o garoto já fez a mão assim (inint) aí minha cunhada também viu, aí olhei pra cara dele, meu olhar já disse tudo pra ele (inint) atravessou a rua e foi embora, aí minha mulher: "que isso, que isso" [...].

Ah, o 409 você vai tê que soltá ali no Passeio, tá, que é o lugar mais perto. Vai tê que soltá no Passeio, atravessá, atravessá a Rio Branco...

"Então tá, eu vou lá sozinho, eu pego o meu carro e vou... lá em Neves, em Niterói, atravesso a poça, vou e... por quê? Porque eu chego lá, encontro primos, amigos... de infância, aí tomo cerveja [...]"

Pra você saí de Niterói de carro, você tem que atravessá a ponte evidentemente, né? Agora, num sei. E lá [por]... por Magé? Parece que antigamente passava também, quando num tinha ponte; hoje tem a ponte, então tem que atravessá a ponte Rio – Niterói e saí na Avenida Brasil.

BOTAR

aí depois que a <moss... > massa estiver durinha assim, você vai achatano, aí bota o presunto, queijinho, enrola assim.

Eu fui assaltada, ainda vou ter que pagá pra saí dum lugar que <a gen... bo> pra dormi, a gente botava os sofás, assim tudo na porta com medo.

Claro, que mãe é essa que bota um filho no mundo e não pode levá ao médico? Não pode levar a <um...>, que mãe é essa?

eu acho que o que Nostradamus quis dizê é que vai chegá <a...>... chegá ao final mesmo, né? nós vamos em busca DO melhor, então eu procuro sempre botá uma coisa positiva nisso, né?

BUSCAR

“Olha, Caetano Veloso tem que receber dia 30, cê pode vim mandá sua gente vim aqui buscá o dinheiro?”.

CARREGAR

aí chega no sítio ele acorda, passa por cima do rapaz que tá carregando alguma coisa, entra na cozinha de alguém, sabe?

Eu até imaginava assim, se eu tivesse lá, de repente até mataria a gente. Eu e ela <um mon...>, porque foi mais de um, com certeza. Pra carregá a quantidade de coisas que eles levaram, é que foi mais de um.

Porque se você não dá, a criança... Você não pode colocar a criança numa bolha, né, [o que você]... O que você acha que pode ser feito pra resolver essa situação?

COLOCAR

(“No entanto”), ele não jogava, ele adora jogo e ele não jogava, por quê? Em respeito à família dele. Porque desde o momento que ele coloca o dinheiro na mesa (inint), mas meu pai sempre foi muito controlado (est).

DEIXAR

cê faz um currículo, uma carta de apresentação, deixa o currículo na região militar, que você pode sê chamada.

DESCER

Dinheiro dele mesmo, né? Aí fica lá descendo a areia, ainda mais com essa chuva, a areia, (inint) só comprô três metros, pena que um metro... chuvendo direto, a chuva tá levano a areia todinha.

É, nove meses que ela passou de ano dia 16 de dezembro, passou pra 8º série quando foi no dia 23 de dezembro ela teve a “Catherine”. Estudando, descendo o morro tranqüila, toda direitinha, toda bonitinha, porque quando a pessoa (inint) ficou andando de lado

Os cara tão lá em cima no morro vendendo o bagulho dele, eu não subo pra ir comprar, mas um monte sobe, aí a polícia vai... e toma o morro, aí os cara descem, não pode vender o bagulho aqui em baixo que tem mais polícia, aí vai roubá branco, banco, vai roubá...

Tinha uma birra comigo e eu com ele né? E eu enchia os bolsos de pedra que [o] ... cachorro era danado me via descer a ladeira da Cirici, lá vinha ele doido pra me pegar.

JOGAR

Aí eu: muito obrigada, aí peguei o papel, saí, joguei no lixo, falei: é uma zona mesmo e num voltei mais.

Nescau e ge(ma)... um ovo inteiro, aí você mexe e fica aquela calda maravilhosa (est), aí sai o bolo, cê JOGA aquela calda maravilhosa e bota prá dentro, então, quer dizê, não tem [nada de novidade]

LEVAR

Não tô falando da minha produtora não, que é a produtora a mais famosa do Brasil inteiro, entendeu? (est) Já levou dois filme pro Oscar.

PASSAR

continuaram na perseguição e chegaram numa leiteira dum rapaz de São João, e um rapaz disse: rapaz, ele acabou de passar aqui, e agente ensinou onde fica a leiteira de Bruno que ficava perto.

Não, eu tenho que andá uma pouquinho, né? que ele passa a Cinelândia eu ando uma quadra, entendeu?

E tenho muito sossego aqui, aqui eu não me aborreço não. Aqui eu tô sossegado, não tem movimento quase. Você vê, tá aqui quase meia hora e não passa um carro aqui, né?

PULAR

E: Aí, como é que você fazia quando você queria ir na...
F: Ah, esperava ela dormir e pulava a janela.

às vezes até na rua e depois a gente invadia a piscina pra tomá um banho, todo mundo suado e tal, pulava a grade, pulava o muro, mais pela emoção do que o próprio banho de piscina, banho de piscina, eu tinha a minha garagem ali, eu podia botá uma mangueira, molhá todo mundo.

Aí, eu me lembro que minha mãe, às vezes, corria pra me bater, porque, às vezes, eu batia na minha irmã. Brigava com a minha irmã. Eu era... aí, eu corria, pulava a janela pra minha mãe não me bater.

você vê as caramucas que sai nessas arquibancadas. O cara fica pulando lá faz um gol, fica pulando (falando rindo) daqui a pouco o time adversário sai, sai no tapa (falando rindo) eu não, eu tava torcendo aqui por dentro e ninguém sabia que eu era Flamengo, de jeito nenhum.

Ele jogou o giz e o apagador pela janela a fora, pulou a janela e veio embora pra nunca mais.

PUXAR

Cê tenta puxá assunto com ele e... na dele... aquela coisa... não é mal educado, mas fechado, sabe

SUBIR

Mas ela também não sai assim com frequência não que ela não aguenta. Pra subi o morro tem que ficá puxano, dando a mão, mole que nem eu também nós duas não descemu não.

Ela cantou... ela não abraço... foi lá e abraçou ele? Foi lá e abraçou ele, subiu correndo as escadas, foi lá e abraçou ele. (perguntando ao entrevistador) – Você não viu na televisão?

Foi ela cantou, e foi correndo. Subiu as escadas, foi lá e... beijou a mão dele, ele abraçou ela. Ele é muito bom.

Fui criada Católica e praticante, mas aí ultimamente eu num tava mais (inint). Aí tinha que subir aquela rampinha, já me cansava. Eu já estava mais afastada.

TIRAR

a gente tem que chegá ao fim, gente, tanta violência, um matando o outro, né? um tirando órgão do outro, que isso acontece, aconteceu há pouco tempo

Tem que ver o pessoal, pra dá u:m pouco de dinheiro pra fazer filme e chega umas merdas dessa aí: faz qualquer coisa assi:m, e tira a credibilidade dos investidores, que já é muito difícil de captar dinheiro.

Aquele mestre, né? aquela pessoa assim que tira dúvidas, que discute com você, entendeu?

TRAZER

Ele trazia a revista pra mim quando recebia o salário dele – eles sempre trabalharam, assim, desde muito cedo – era um barato! Aí eu esperava chegá o outro mês (“prá ele trazer aquela revista prá mim”) e assim eu fui crescendo.

4 Revistas On-line

Formais / Veja, IstoÉ e Época

ACOMPANHAR

Até uma madrugada em que, por razões inexplicáveis, Margo o elege para acompanhá-la numa saga de vingança contra um ex-namorado – para então, no dia seguinte, desaparecer.

Vizinha do Hospital de Diadema, ela esteve na instituição recentemente para acompanhar o neto Bruno, de 10 meses, internado devido a uma infecção no pulmão.

Em condições meteorológicas ruins, de neblina, ele buscou a pista visualmente até o último minuto e não a encontrou”, disse ele na França, onde acompanha o primeiro-ministro Valdimir Putin em visita ao país.

O Ablío é como meu pai: um homem que veio ao planeta com o propósito de cumprir uma missão grandiosa, de entrar para a história. Só que esse movimento pode ser muito doloroso para quem está ao seu lado. Entre buscar elaborar os conflitos e histórias que acompanham nossa família e se jogar no trabalho, ele optou por esse último caminho, com grandes visões e estratégias.

ALCANÇAR

Algo especial, entretanto, ocorrerá neste fim de semana: outra frente fria deverá alcançar a região de Buenos Aires e o Uruguai, trazendo chuva.

Mas os últimos apagões, como o de quinta-feira em São Paulo, têm feito o consumidor questionar a eficiência dos investimentos. De 2005 para cá, os indicadores de qualidade pioraram. Em 2009, alcançaram o pior patamar desde 1999.

Milkau acredita que alcançou a ‘terra prometida’, ou melhor, Canaã, o paraíso oferecido por Deus ao patriarca Abraão, história presente no Antigo Testamento.

Cameron alcançou a região mais profunda conhecida da crosta terrestre, situada a 10.898 metros de profundidade, às 07h52 de segunda-feira (hora local, 18h52 de domingo, hora de Brasília), informou a National Geographic, parceira da expedição....

Uma sirene soou às 8h02 no horário local, (9h02 de Brasília) confirmando oficialmente que a perfuradora, batizada como “La Liebre” (A Lebre, em livre tradução), pela rapidez com que alcançou os 630 metros de profundidade, alcançou o local onde os 32 operários chilenos e um boliviano permanecem desde 5 de agosto.

ANDAR

[...] o fuzileiro naval passava os dias equipado com colete, munição, capacetes e uma poderosa metralhadora belga Minimi. Andava o dia todo debaixo de um sol de 45°C, molhado de suor, carregando mais de 30 quilos de equipamento e, de tempos em tempos, se protegendo de atiradores.

Tenho, assim como todo mundo que já avançou na estrada, um grande repertório de despedidas e elas gostam de se juntar, vez ou outra, todas aquelas despedidas que andam soltas aqui por dentro, muitas estações [...].

❑ ARRANCAR

Roberto Requião arranca gravador de repórter para apagar sua própria entrevista. Tudo com o beneplácito do padrinho-mor José Sarney.

❑ ATRAVESSAR

Ao passear em um brinquedo que parece saído dos parques de diversões da Disney, ele atravessa o portal para outra dimensão: na Tomorrowland do título, os cidadãos voam em versões modernas de seu propulsor e aerotrens cruzam os ares em meio à selva de edifícios high-tech.

[...] quando a bilheteria da estreia americana de Vingadores [...] for computada, o longo inverno que a Marvel atravessou um dia vai recuar ainda mais na memória.

O filme de ação, e em especial o filme de perseguição, é o fundamento da sua gramática, a forma que consegue atravessar de maneira mais plena as diferenças de época, cultura, idioma.

Os pilotos não conseguiram parar o Airbus, que atravessou a pista e bateu em um prédio na Avenida Washington Luís.

Em 17 de julho de 2007, o voo JJ 3054 da TAM decolou do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, em direção a São Paulo. Pousou por volta das 18h40 no aeroporto de Congonhas, na capital paulista, mas não conseguiu desacelerar durante o percurso na pista, atravessando a avenida Washington Luís e chocando-se contra um prédio da própria companhia aérea.

Jorgina ficou fugitiva durante cinco anos. [...] Passou um tempo na Nicarágua e, em 1994, ingressou na Costa Rica. Para atravessar fronteiras em segurança, contratou mercenários nicaraguenses.

Em pouco tempo, britânicos e americanos estavam se aventurando e atravessando o oceano.

“As empresas atravessam ciclos naturais de desenvolvimento. O Google já teve os melhores cérebros do mercado e certamente os retomará para manter seus objetivos.”

❑ ARRASTAR

O Anima Mundi 2011, cuja 19ª edição acontece de 15 a 24 de julho, no Rio de Janeiro, vai homenagear o diretor Carlos Saldanha, que este ano, mais uma vez, arrastou milhões de espectadores aos cinemas de todo o mundo com a animação Rio.

Na idade adulta, o que se viu foi novamente o pai taxista tentando pegar carona na fama da filha a ponto de lançar-se como cantor, atitude que arrastou Amy para uma profunda depressão – tal comportamento de Mitch voltou a ser criticado nos últimos dias pela imprensa inglesa e americana.

Há o receio de que a economia dos Estados Unidos desabe num segundo mergulho recessivo, arrastando consigo as bolsas. As taxas de juros de longo prazo também afundaram por semanas a fio, confirmando tal receio.

BOTAR

Então bote a namorada nas costas e carregue como se fosse um saco de batatas.

❑ BUSCAR

Enquanto Max tenta escapar das cavernas da Cidadela, Immortan Joe está despachando um comboio capitaneado por Imperator Furiosa (Charlize Theron, um colosso) para buscar combustível em Vila Gasolina e munição em Cidade da Bala.

Ulysses McGill (George Clooney) foge da prisão com dois outros trapalhões para buscar um tesouro enterrado e para evitar que sua mulher, Penny (Holly Hunter), aceite outros pretendentes.

Ano passado, o Brasil teria um plebiscito na eleição e nós sozinhos fomos buscar a Marina, o que de melhor a gente podia ter no nosso time.

Malas extraviadas na chegada e instalações ruins (banheiro fora dos quartos e vaso sanitário sem tampa, dormitórios sem tevê e internet) motivaram alguns pais a buscar seus filhos no terceiro dia do intercâmbio.

❑ CARREGAR

“Será que ninguém jamais suspeitou dele? Onde e como ele carrega a sua enorme faca sobre qual falam várias vítimas?”

Aos cinco anos, já remava em uma pequena canoa. Aos 10, ia remando para a escola, do outro lado do rio, e já ajudava os pais na lavoura de mandioca, cana e arroz, carregando sacos cheios das colheitas nas costas.

Após desmaiar, só não morreu desidratado porque seu filho, Felipe, 25 anos, carregou o pai, de 2,05 metros e 140 quilos, para fora da sauna do spa em Orlando, nos EUA, onde ele e a família estavam.

Em 2006, às vésperas do primeiro turno das eleições, a Polícia Federal prendeu em um hotel de São Paulo petistas carregando uma mala com 1,7 milhões de reais.

Já dei trote em bixo na faculdade em cima de uma plataforma, já subi e desci morro carregando câmera e tripé de salto alto.

Já fiz aulas de ginástica chatas, já tive professores desinteressados, já tive de pagar mensalidades caras, já tive de carregar bolsa pesada com roupas, tênis e toalha para malhar e tomar banho depois do trabalho.

[...] o fuzileiro naval passava os dias equipado com colete, munição, capacetes e uma poderosa metralhadora belga Minimi. Andava o dia todo debaixo de um sol de 45°C, molhado de suor, carregando mais de 30 quilos de equipamento e, de tempos em tempos, se protegendo de atiradores.

Segundo a polícia, o ônibus carregava 50 meninos, de idade entre 10 e 15 anos.

Wellington tinha em sua mochila 12 *speed loaders*, acessório para carregar os revólveres com rapidez, que pode ser comprado por qualquer pessoa em lojas de caça e pesca por até R\$ 30.

O Atirador e o observador a seu lado alertam o comando: a mulher está carregando algo; é uma granada de alto impacto, que ela entrega ao menino; ele está indo na direção dos soldados americanos.

“Carregamos por muito tempo o rótulo de melhor time do mundo. Pode ser que agora com o título da Rússia possamos tirar um pouco deste peso e retomar o trabalho sem a expectativa de vencer sempre para seguirmos entre as melhores seleções do mundo.”

Reprovação nas escolas é o melhor caminho? Alunos que ficam para trás carregam essa marca e amargam um pior desempenho.

Mas meu sentimento carregava também uma boa dose de compaixão por sua figura humana, pois eu sempre soube de suas poucas chances de sobreviver politicamente [...].

❑ CONDUZIR

Depois de conduzir a empresa à maturidade, uma tarefa que consumiu uma década, o experiente executivo de 56 anos devolveu, assim, a gestão do gigante ao cofundador Larry Page, de 37.

❑ COLOCAR

É preciso superar algumas irritações: a peruca esquisita que colocaram em Joseph Gordon-Levitt, as lentes de contato que deixam de um azul baço e seus olhos castanhos [...].

“Nessa área fizeram uma avenida nova e depois disso os moradores começaram a colocar cercas elétricas e a subir muros”, comenta ela.

Policiais colocam a sua vida em risco todos os dias ao trabalhar. Eu era um deles.

O governo colocou a cidade em estado de alerta. Nenhum grupo assumiu a autoria dos ataques até o momento.

Os Estados Unidos apoiam plenamente a determinação do governo de Papandreou para fazer as reformas necessárias e colocar a Grécia de volta em equilíbrio financeiro e tornar a Grécia mais competitiva economicamente.

ela e Charles estavam vivendo como um casal dedicado, mas isso não impediu Diana de colocar suas próprias condições, como escolher o nome dos meninos, contratar suas próprias babás [...].

Não se trata aqui de abrir fisicamente o crânio de Riley, nem de colocar neurônios ou sinapses na tela: o que se vê não é fisiologia do cérebro, mas sim uma tradução fantasiosa da geografia da mente.

❑ CORRER

Em um dos trechos [...] “embalde correu lugares aonde nunca o conduzira a sede de aventuras: ninguém lhe dava notícias do bacharel”.

Igor correu toda a praia com Luísa. Eu estava mais pela brisa.

❑ CRUZAR

Ao passear em um brinquedo que parece saído dos parques de diversões da Disney, ele atravessa o portal para outra dimensão: na Tomorrowland do título, os cidadãos voam em versões modernas de seu propulsor e aerotrens cruzam os ares em meio à selva de edifícios high-tech.

O herói Frank Walken (Thomas Robinson) cruza os céus de Tomorrowland: o que seria de cidades como Dubai sem a visão futurista de Walt Disney?

Em vez disso, suas casas estão cheias de parentes que voltaram, irmãos mais velhos que um dia cruzaram as fronteiras ilegalmente estão esperando vistos e os caçulas da família estão ficando em casa.

Desligado há três anos do Bureau americano, ele decidiu contar as missões que o levaram a cruzar os quatro cantos do mundo (trabalhou inclusive no Rio de Janeiro, onde localizou três telas desaparecidas de Norman Rockwell) no livro “Infiltrado” (Zahar).

❑ DEIXAR

Ele afirmou que entregou R\$ 30 mil a Eliza, a deixou em um ponto de táxi e foi embora.

Riley, uma menina que deixa para trás escola, time de hóquei e amigos, quando sua família se muda do Meio-Oeste americano para São Francisco, na Califórnia, é relegada ao papel de coadjuvante pelas forças em ação dentro de seu cérebro.

Sem o emprego, sua família não chega ao fim de cada mês, e terá de deixar sua casa para voltar à habitação social.

A garota, porém, não esquece a vida de camponesa que deixou para trás e acaba atraindo para si uma Severa punição.

Mike deixou para trás seu passado de stripper antes que ele se tornasse seu único futuro: foi morar com a namorada, investiu tudo que tinha no seu negócio de fabricação de móveis sob encomenda, paga aluguel, como direito, dorme na hora certa.

A intenção de Battisti é continuar morando no Brasil. Até porque, se deixar o país, pode voltar a ser preso a pedido do governo italiano.

Battisti deixou o presídio da Papuda logo após a meia-noite desta quarta-feira.

A compensação por danos psicológicos deve beneficiar cerca de 150.000 pessoas que tiveram que deixar suas casas, informou nesta quarta-feira a agência de notícias local Kyodo.

Se aprovado, o requerimento deverá ser encaminhado ao Conselho de Ética. Nascimento deixou o Ministério dos Transportes na quarta-feira após denúncias de corrupção na pasta apontadas por VEJA, e retornará ao Senado.

Paralelamente, o ministro da Economia, Giulio Tremonti, deixava a reunião do Ecofin (encontro dos ministros da Economia e das Finanças da União Europeia) em Bruxelas antes do fim para retornar a Roma e concluir o projeto do plano de austeridade.

Pouco antes de deixar Caracas, Chávez se mostrou confiante sobre o tratamento.

Careca de expressão severa, sempre vestido de preto – “para o bem ou para o mal, sou uma espécie de pós-gótico” – e pouco dado a sorrisos, Mãe deixou Paraty como o maior fenômeno de popularidade instantânea da história da Flip. [...] Valter Hugo Mãe deixa o Brasil com planos de voltar. [...] Nascido em Angola, mas filho de portugueses, deixou o país africano aos dois anos de idade para nunca mais voltar.

Mas a imigração mexicana sempre foi definida por ambos, o polo exportador (do México) e o receptor (dos Estados Unidos). A decisão de deixar sua casa envolve comparação, uma difícil análise de custo-benefício [...]

Além da expectativa de mudanças no governo, contribui para aumentar o clima de insegurança a falta de informações detalhadas sobre a saúde de Chávez. Quando deixou o país, no dia 5 de junho, ele oficialmente retomava uma agenda interrompida no mês anterior, por conta de uma lesão no joelho.

Até agora, a lista de bens retirados é enxuta – uma centrífuga, computadores e gaiolas para montar um biotério (espécie de viveiro) de camundongos. Além dos equipamentos, dez cientistas deixaram o instituto.

Desta vez, Jobim foi obediente. Deixou Tabatinga às pressas, chegou à Base Aérea de Brasília às 19h40 e seguiu direto para o Palácio do Planalto.

Pouco conhecido no Brasil, o “Home Swapping”, ou Troca de Casas, é um tipo de turismo em que you deixa sua casa para um completo estranho enquanto fica na casa dele.

Antônio Batista, representante do TrocaCasa.com nos países lusófonos, lembra que também há uma regra básica para que a tudo corra bem: “Deixe a casa do seu parceiro de troca igual ou melhor do que a encontrou”. Da mesma forma, é importante que a pessoa deixe sua própria casa arrumada. Uma forma de garantir a satisfação das duas partes é mimar um pouco os hóspedes. “Normalmente, os membros deixam sempre alguma coisa na geladeira, principalmente quando sabem que vão receber crianças.

As declarações do emissário só comprovam que, apesar do otimismo que alguns países insistem em alimentar, o ditador permanece firme em sua resistência na Líbia e nem cogita a possibilidade de deixar o poder.

Com dois gols no fim, a equipe avaiiana venceu a alvinegra por 3 a 0 e já se colocou perto de deixar a zona de rebaixamento.

Com a escolha de Tito Martins para comandar a Vale, um nome quase certo na diretoria da empresa é o de Gabriel Stoliar. Ele deixou o primeiro escalão da empresa por divergências com Roger Agnelli.

DEPOSITAR

Mesmo assim, o deputado petista Sérgio Carneiro (BA) deposita suas esperanças no trunfo do governismo.

DESCER

Já dei trote em bixo na faculdade em cima de uma plataforma, já subi e desci morro carregando câmera e tripé de salto alto, já estracalhei gramados com salto agulha [...].

DESPEJAR

Até algum momento do passado, o Rio Buriganga correu tão secreto e intacto quanto o Stikine. Mas, na sua travessia por Dacca, a capital de Bangladesh, ele é hoje uma confusão de embarcações, gente, sujeira: um imenso curtume à sua margem despeja nele toneladas de lama química.

EMPURRAR

A Casa Branca e economistas americanos alertam que tal situação poderia empurrar os EUA para a recessão e desencadear o caos no sistema financeiro mundial.

Não há mais tempo para empurrar o assunto com a barriga, como se a simples ideia de esquecer o problema trouxesse a solução.

A vantagem no final animou a torcida tricolor, que passou a empurrar o time e a vaiar o adversário.

Sinto tanto pela Claire que às vezes chorava de pensar no que ela está passando, mas essa foi uma das partes mais instigantes – empurrar as emoções para escanteio, porque Claire não gosta que percebam o que ela sente.

JOGAR

Aric Sigman, da Royal Society of Medicine, em Londres, autor do livro *The spoilt generation* (A geração mimada), afirma que, hoje, até criancinhas nas creches jogam objetos e cadeiras umas nas outras.

Os alunos jogam a cadeira no mestre, chutam a perna do mestre, empurram, xingam.

[...] em segundos, a torrente se avoluma e parece sair de controle, descendo a toda a velocidade. Tudo vira um pandemônio. Ebba (Lisa Loven kongslí) se joga sobre as crianças; Tomas dá no pé. Afinal, vê-se que era alarme falso.

E, ainda hoje, recebo proposta para ser candidato e assumir secretarias. Claro, eu tive quase seis milhões de votos (para o Senado)! Mas joguei fora esse patrimônio para ter uma vida de comentarista e palestrante.

Ditadores, porém, tendem por natureza à estupidez, e Kim Jong-um jogou os holofotes sobre a paródia hackeando e-mails dos executivos da Sony [...].

Isso ajudou a jogar a equipe e o elenco no clima da história?

❑ LANÇAR

Já a Malwee, grande malharia do sul do país, avalia a possibilidade de lançar ações na bolsa, relatam fontes do site de VEJA.

Em 2008, um grupo de dez terroristas lançou uma série de ataques contra Mumbai, matando 166 pessoas.

Ela também lançou dúvidas sobre as afirmações do advogado de Breivik, que disse acreditar que seu cliente era louco.

❑ LEVAR

[...] o deputado Davi Alves Júnior foi até o gabinete de Alfredo Nascimento levado pelo secretário-geral do PR, Valdemar Costa Neto. Levou junto uma equipe de tevê para gravar entrevistas.

A princesa impressionou a todos quando levou seu bebê a uma viagem para a Austrália, contrariando ordens do governo, e foi aclamada pelo seu feito.

Como não sou assim tão forte, levei meu namorado comigo para as tarefas mais pesadas, como a retirada das portas, e o imprescindível apoio emocional.

Durante o almoço o líder do PMDB, Henrique Eduardo Alves, levou um bolo com os bonecos de Dilma Rousseff e do vice, Michel Temer, e a frase ‘Amor à 15ª Vista’, o que provocou uma série de interpretações.

Joilson levou o dinheiro de volta a Friburgo.

No dia 20 de janeiro de 1971, militares com metralhadoras invadiram a casa da família, junto à praia, no Rio de Janeiro. Levaram o pai de Ana Lúcia, o deputado federal Rubens Paiva, cassado em 1964 após o golpe. No dia seguinte, levaram a mãe, Eunice.

[...] convencidos de que ela deve ter um destino nobre, seus pais adotivos levam-na do campo para a capital, para que viva em meio ao luxo e atraia os mais aristocráticos pretendentes.

[...] interpretado por Tom Hardy (o Bane de Batman – O Cavaleiro das Trevas Ressurge) com uma força implausível que quase não fica a dever à de Mel Gibson, Max será capturado pelos War Boys – uma espécie de escória genética que restou da devastação planetária – e levado à Cidadela para servir de banco de sangue a esses rapazes que compõem o exército do tirano Immortan Joe [...].

Apesar de já sair em tamanha vantagem, Christian, muito prudente, faz o que pode para impressionar Ana: leva-a em passeios noturnos de helicóptero (e com que júbilo ele a prende no assento com o cinto de segurança), dá a ela um carro esporte, resgata-a de uma balada na qual bebeu demais [...].

Em várias outras passagens de *Leviatã* (Leviathan, Rússia, 2014), desde quinta-feira em cartaz no país, estradas serão tomadas, mas todas levarão a becos sem saída [...].

Foi um exercício militar de proporções épicas. Tivemos de levar os 200 veículos usados no filme em contêineres, em navios.

Quando Sean Connery ganhou o papel de James Bond, o diretor de *O Satânico Dr. No*, Terence Young, brincou de Pigmalião com ele: levou-o a alfaiatarias, a restaurantes, a gentlemen’s clubs – exatamente como Harry faz com Egssy.

Quase morre de desidratação porque se irritou com o conselho de que deveria levar mais água em certo trecho.

Advertimos seguidamente para esse fenômeno do “cost-push”, pressões de custos que comprimem as margens de lucro, empurram para cima os preços e derrubam as vendas.

O número de protocolo da denúncia é 03.730. Além desse registro, a Seebila levou o caso ao gerente-executivo da Petrobras, José Antonio Figueiredo.

No Brasil, quase um em cada dez estudantes levou “bomba” em 2008. De acordo com dados do último Censo Escolar realizado pelo Ministério da Educação (MEC) [...].

Mas ela tem outro ás na manga ainda: karidja Touré, dona de uma pureza e de uma sensibilidade dramática que, preservadas, podem levá-la a um lugar singular no cinema.

Em Divertida Mente, o estúdio de animação Pixar leva o espectador a uma viagem pela mente de uma criança que tenta se adaptar a difíceis mudanças em sua vida.

Shaun não é de seguir o rebanho, e leva o caos à fazenda com suas ideias próprias.

PASSAR

Dentro de pouco tempo estarei velho. Tudo então se acabará. Tanta gente que passou aqui por este quarto.

PERCORRER

Multidões vão à Costa Rica para andar no lombo de herbívoros mansos, abraçar filhotes de apatossauros, percorrer os habitats em mon trilhos ou dentro de engenhosos carrinhos esféricos ou sobre passarelas instaladas a distância segura, assustar-se com a velocidade dos carnívoros.

Mal-estar, desconforto e aquele arrepio frio que percorre a nuca é o que o diretor David Robert Mitchell oferece aqui [...].

No caso de jetpack, o aparelho pode, teoricamente, voar sobre qualquer terreno por até 30 minutos, percorrendo uma distância de até 50 quilômetros.

Em Durban, o palco da Copa do Mundo atrai mais turistas do que torcedores - o teleférico que percorre o arco que cobre o campo virou uma das grandes atrações da cidade.

Quando uma mãe solteira britânica totalmente desconhecida e que sobrevivia graças à ajuda do governo percorreu as editoras com um manuscrito sobre as peripécias de um jovem bruxo, muitas rejeitaram a ideia. Hoje, com certeza lamentam a decisão.

Quem percorre o interior do Maranhão se surpreende com a quantidade de esqueletos de grandes obras abandonadas e expostas ao tempo.

Eu conseguia perceber a respiração agitada no dia a dia e até tenho a impressão de sentir imediatamente os efeitos nefastos dos hormônios do estresse percorrendo meu corpo quando me vejo numa situação indesejada.

PERSEGUIR

Em uma fazenda americana, nos anos 60, o garoto Frank Walker (Thomas Robson) persegue o sonho de inventar uma engenhoca capaz de fazê-lo voar.

No correr dos três dias seguintes, Furiosa, Max e Nux vão ora se opor, ora se unir, enquanto as patrulhas que os perseguem crescem em número e cólera.

Essa polícia do comportamento afetivo é dura, humilhante e cultural. Persegue sobretudo os homens. Em vários países, beijos entre heterossexuais não põem em dúvida sua masculinidade.

Por que nenhuma autoridade policial até agora fez um mea culpa? O preso sai pela porta da frente, não volta para a cela e, por suposta rejeição de uma das meninas, persegue e mata as irmãs a tiros?

Chávez tirou do ar uma TV e várias emissoras de rádio. Aprovou leis que tornaram crime as críticas pesadas ao governo. Perseguiu opositoristas.

PÔR

Genesis e Bel querem pôr as roupas na secadora, querem tomar um chá, querem falar de suas aventuras [...].

Você tem uma reunião daqui a meia hora na avenida Paulista? Pegue sua bike, ponha o capacete e vá com tudo.

PUXAR

Quem nunca passou horas puxando o cordão do agasalho para lá e para cá nem jamais enrolou um barbante no dedo para vê-lo inchar está dispensado de assistir à aula de Hughes.

Evite puxar os pelos com cera ou pinça durante 3 a 4 semanas antes da sessão, para aumentar o poder destrutivo do laser.

“Todo dia encontro uma ou duas pessoas que contam que acabaram de ler alguma das minhas obras. Eu, então, puxo conversa e agradeço. Começamos a conversar a partir dali”, diz.

Quem puxa grande parte dos investimentos que serão feitos nos próximos anos é a seleção brasileira, que, além de ter lugar cativo no torneio, arrecada hoje o recorde de R\$ 214 milhões em patrocínios.

Dois tendências puxam as vendas dos smartphones, os celulares poderosos: a necessidade crescente de navegar pela internet em qualquer lugar e o movimento decrescente dos preços.

REMOVER

Uma equipe do Ibama, com apoio da Polícia Federal, está removendo animais nesta quarta-feira da Fundação Jardim Zoológico de Niterói (ZooNit).

RESGATAR

Apesar de já sair em tamanha vantagem, Christian, muito prudente, faz o que pode para impressionar Ana: leva-a em passeios noturnos de helicóptero (e com que júbilo ele a prende no assento com o cinto de segurança), dá a ela um carro esporte, resgata-a de uma balada na qual bebeu demais – e, quando ela se dobra para vomitar, sua reação imediata é segurar-lhe o cabelo, marca de um legítimo cavalheiro.

A Aeronáutica e a Marinha anunciaram, no começo da noite desta segunda-feira (8), que <u>a equipe que participa das buscas por corpos e destroços do voo 447 resgatou 24 corpos de passageiros</u> , sete deles pela fragata francesa Ventuse.
Criador da Equipe de Crimes contra a Arte, do FBI, ele passou dez anos resolvendo os mais difíceis casos de roubos de museus e coleções particulares, <u>resgatando obras de Rodin, Goya, Rembrandt e outros mestres</u> . [...] Embora tenha <u>resgatado obras</u> que no total somam mais de US\$ 300 milhões, nunca pensei no valor financeiro, mas no significado cultural.
Minha incumbência a partir daí foi <u>resgatar o banco traseiro do carro, guardado no sótão por alguns anos</u> . <u>Resgatar esse auto-retrato</u> foi o ponto alto de minha carreira. Levamos meio ano para descobrir quem estava com ele e ganhar sua confiança. A investigação culminou em um encontro no Hotel Scandic, em Copenhague.
Poderia falar da “Operação Obra-Prima”, para <u>resgatar telas do Gardner Museum</u> , de Boston, mas que foi abortada pelo FBI? [...] Como foi sua passagem pelo Brasil, quando <u>resgatou três telas?</u> [...] Foi em 2001. Consegui <u>resgatar três pinturas de Norman Rockwell em Teresópolis</u> , e essa operação é tida como um importante exemplo da cooperação entre o Brasil e os EUA nessa área.
Foi embaraçoso ver Lula irromper de seu pseudo descanso para <u>resgatar Dilma do isolamento</u> . Um carimbo de desconfiança, permitido por ela.
É uma tentativa honesta de <u>resgatar nossa caixa-preta no oceano profundo da amnésia nacional</u> .
Descobrir que <u>o instinto do marido é resgatar suas luvas e seu iPhone</u> – é isso que mais dói em Ebba – antes de proteger as crianças é um golpe duro para qualquer mulher e qualquer casamento.
<input type="checkbox"/> RETIRAR
Elas se concentram em bairros de imigração árabe. Pela lei, policiais podem pedir que <u>a mulher retire o véu</u> para se identificar, mas não podem forçá-la a nada.
<input type="checkbox"/> SEGUIR
Shaun não é de <u>seguir o rebanho</u> , e leva o caos à fazenda com suas ideias próprias.
“Matar um homem é uma coisa infernal”, diz o veterano Bill Munny a um jovem que deseja <u>seguir-lo na carreira</u> .
<input type="checkbox"/> SUBIR
Antes dos agentes, o blindado da PM conhecido como “caveirão” <u>sobe o morro</u> .
<input type="checkbox"/> TIRAR
Mas, depois de três anos andando na linha com resultados muito aquém do esperado, aquela euforia de <u>tirar a roupa no palco</u> , rebolar, ouvir as mulheres gritando [...].
<input type="checkbox"/> TRANSPORTAR
Depois de 30 anos de pesquisas, a mochila voadora provou ser capaz de <u>transportar uma pessoa a uma altitude de até 1.500 metros</u> . [...] Em janeiro, o inventor canadense Raymond Li criou uma mochila – o JetLev - capaz de <u>transportar uma pessoa a dez metros do chão</u> , com uma velocidade de até 35 quilômetros por hora.
Depois de aposentar seus ônibus espaciais, os Estados Unidos - e os demais sócios da estação - dependerão dos russos para <u>transportar seus homens e equipamentos até o espaço</u> . Ao contrário dos ônibus americanos, a nave russa Soyuz não consegue <u>transportar equipamentos grandes até a ISS</u> .
O “Bulgaria” que <u>transportava quase 60 crianças</u> , naufragou na manhã de domingo em Tartaristan, 800 quilômetros ao leste de Moscou, em meio a uma violenta tempestade.
O <u>avião que caiu transportava quatorze passageiros e dois tripulantes</u> e fazia a rota Recife - Mossoró (RN), com escala em Natal.
Um helicóptero auxilia nas buscas e outra aeronave será utilizada para <u>transportar os corpos das vítimas</u> .
Da mesma forma que ocorrerá com garoto décadas antes, <u>o artefato a transporta para a cidade futurista</u> .
<input type="checkbox"/> TRAZER
A base do mobiliário é da minha loja, mas peguei algumas peças emprestadas, como o balcão de madeira do bar. <u>Trouxe peças autênticas da Europa</u> para dar um ‘peso’ ao espaço, como o lustre de cristais de rocha e Baccarat.
Já nos Jogos Paraolímpicos disputados na sequência, <u>o Brasil trouxe para casa 47 medalhas</u> , cravando a nona posição na classificação geral, à frente de países como Itália, Espanha e Alemanha, que tradicionalmente superam o Brasil nos jogos regulares.
O advogado afirmou também que, na entrevista, Macarrão teria dito que quando <u>trouxe Eliza e o adolescente J. - primo do ex-goleiro Bruno - do Rio de Janeiro a Belo Horizonte (MG)</u> , eles teriam dado carona a um policial militar até a cidade de Juiz de Fora, no interior de Minas.
Por enquanto, o submarino robô que opera no local onde se encontram os destroços da aeronave <u>trouxe à superfície dois corpos</u> em diferente estado de conservação.

A retomada aconteceu no início dos anos 90, quando a moda brasileira ganhou força e trouxe a profissão de cabeleireiro de volta aos holofotes.

Esse grand finale vem sendo preparado há dois anos e, para não decepcionar os fãs, a Warner trouxe de volta à direção o cineasta David Yates, que assinou os melhores episódios da série

Tal comportamento extremamente sórdido trouxe à superfície muitas alegações anteriores.

❑ ULTRAPASSAR

O espanhol Fernando Alonso venceu a corrida com sua Ferrari. Impedido de ultrapassar o companheiro, Webber reclamou da orientação que recebeu.

O contrato do Felipe Massa com a Ferrari já o fez deixar de ultrapassar um adversário.

Ele tem até ajudado aqueles que eram anteriormente ilegais a ultrapassar as barreiras para entrar nos Estados Unidos. “Se as pessoas estão tentando fazer a coisa certa”, disse Mackeen, “precisamos enviar um sinal de que serão recompensadas”.

Mas como diferenciar os ensaios que provocam reflexão daqueles que causam desconforto? Saber que é uma criança logo de cara, ao olhar a foto, talvez seja um bom critério para separar as fotos bacanas das que ultrapassam o limite do bom gosto.

Informais / Caras, Cláudia e AnaMaria.

❑ ACOMPANHAR

O Censo Agropecuário do IBGE concluiu, em 2006, que, do total de 1,5 milhão de produtores que se valem dos defensivos químicos, 56% não receberam nenhuma orientação técnica. “Temos mais de 800 mil agricultores de pequeno e médio porte e é impossível acompanhar todos eles, afirma.

Mesmo pais com pouco tempo para acompanhar a rotina dos filhos devem abrir brechas para idas à praça do bairro, à praia, a museus, a parques [...] “E a criança acaba por acompanhar esse ritmo, podendo mais tarde apresentar transtorno de déficit de atenção e hiperatividade”, alerta.

Após acompanhar 8 mil americanos, o professor Jerome Wakefield, da New York University, percebeu que uma entre quatro pessoas aparentemente deprimidas na verdade sofria de tristeza profunda decorrente de separação, desemprego ou prejuízos nos negócios.

Durante esse período, Mirian se desdobrava para cuidar da filha mais nova, ainda bebê, e acompanhar Rafael.

Caio Blat Começou em comerciais de TV aos 8 anos. Foi acompanhar as irmãs numa agência de atores e modelos e acabou despertando o interesse dos clientes.

O professor acompanha seu filho todos os dias e pode ajudar a encontrar uma solução. Por isso, nunca faça críticas a ele na frente da criança.

A gente tem longas conversas sobre isso. Ele me acompanha em todos os lugares. Adoro dançar e ele não sabe. Para não me deixar dançar com outras pessoas, ele decidiu se matricular em aulas de dança para ser meu par na pista.

Já a insegurança em relação a uma gravidez indesejada acompanha a mulher até a menopausa.

Eliane acompanha a filha o tempo todo. “Por mais que exista respeito das equipes, é sempre um ambiente de adultos e quero estar por perto para ter certeza de que ela está feliz. Isso é o mais importante.”

Existem dois temores que acompanham as mulheres durante toda a vida erótica ou grande parte dela: o de se contaminar com alguma doença sexualmente transmissível e o de engravidar fora de hora.

Madrasta dedicada, a elegante Maythe Birman (36) acompanhou a filha de seu marido, o proprietário da Arezzo Anderson Birman (55), Patrícia Birman (27), noiva do empresário do ramo imobiliário Mario Pedro Marcondes (31), para acertar detalhes da cerimônia, que se realizará em setembro.

❑ ALCANÇAR

Após alguns minutos, o jovem alcançou a recepção. A atendente o reconheceu e o encaminhou à enfermaria, local onde o drama começou.

Quer dizer, mesmo que sinta fome, se frustrar por não alcançar o brinquedo favorito, ou seja, tirado do banho no melhor da farrá, seu filho terá condições de manter o equilíbrio [...].

Deus quer que todas as pessoas alcancem a plenitude, o “céu”, que significa a comunhão plena e íntima com Ele.

Aprenda a combater o desperdício e veja como guardar dinheiro para alcançar seus objetivos o mais rapidamente possível

❑ ARRANCAR

Então confira algumas ideias que são tiro e queda para arrancar você do marasmo profissional rumo ao sucesso.

Na sequência, o neto Ashtar (10), filho de Sandro, representando todos do clã, falou palavras de carinho, arrancando lágrimas de Lula.

Representando a ala masculina, o modelo Paulo Zulu (46) arrancou suspiros com terno by Camargo Alfaiataria. Outros modelos também arrancaram elogios.

❑ **ARRASTAR**

Além dos brasileiros que visitam Piri há também uma forte presença de estrangeiros vindos da Europa e dos Estados Unidos, muitas vezes em retiros que duram meses. Esta moçada é vista no dia-a-dia da cidade arrastando a língua portuguesa e de olhos brilhantes como se houvessem encontrado o paraíso perdido.

❑ **ATRAVessar**

A imagem de São Jorge é representada por um jovem vestido com uma armadura, sentado em um cavalo branco com uma lança atravessando o dragão, pois o santo é imortalizado no conto em que mata um dragão.

Ao som do Coral & Orquestra Baccarelli, Iolanda atravessou a nave conduzida pelo filho, o agropecuarista Daniel Pelissoni Frasão (25), com vestido tomara que caia assinado por Lourdinha Noyama (67) [...].

De braços dados com o pai, Anderson Birman (55), dono da marca de calçados e acessórios Arezzo, a noiva atravessou a nave em romântico vestido by Sandro Barros (32), da Daslu, rumo ao amado, emocionado no altar.

Namorando o advogado Carlos Lima Jr. (47) há cinco anos, Gigi, que acaba de voltar de viagem romântica pela Itália ao lado do amado, atravessou a passarela com o filho do casal, Pedro (2).

No meio da tarde, sem perceber nenhum movimento da polícia, voltei e insisti: ‘Pelo amor de Deus, Fábio não sabe nem atravessar a rua!’ Me mandaram para a Delegacia de Pessoas Desaparecidas, no centro da cidade.

A partir disso, é possível tomar uma nova atitude ante o sofrimento. Para chegar a esse ponto é preciso atravessar quatro etapas: Silêncio [...]. Pergunta [...]. Resposta [...]. Ato [...].

Porque “asas” nos remetem ao voo, à fuga e à transcendência. Os anjos têm asas porque os imaginamos atravessando a distância entre o céu e a Terra, uma distância que também é imaginária.

A fase da puberdade é o sinônimo social da separação progressiva entre pais e filhos. [...] Incentive seu filho a participar de competições esportivas, uma maneira saudável de atravessar essa fase crítica.

Como não dá para prever os reflexos do climatério, o ideal é se cuidar o quanto antes. [...] Descubra quais as atitudes que você deve tomar a partir dos 20 anos para atravessar essa fase com saúde.

Com fama que atravessa várias fronteiras e gerações, Paul McCartney (68) não mede esforços para contribuir também para o sucesso dos herdeiros.

Era muito bom quando se entrava em casa depois do colégio, logo antes do almoço, e se sentia o cheiro do refogado – alho, cebola e tomate – para fazer o picadinho ou o bife de panela enrolado no bacon e preso por um palitinho. Quantos segundos você leva para atravessar o tempo e voltar aos seus 11 anos?

❑ **BOTAR**

Boto as malas num carrinho e fico passeando por ali para nada, pensando na minha casa tão gostosa, nos meus gatinhos tão queridos, na minha vida tão organizada, e não entendo por que estou indo viajar.

Depois do talco, a mãe vai botar o nariz no pescoço de sua cria e cheirar com todos os seus cinco sentidos.

Eu não esperava nada do analista, mas botar meus problemas para fora já me ajudava, tanto quanto a confissão para os católicos. Mas comecei a achar tudo monótono e caí fora.

❑ **BUSCAR**

Em vez disso, foi para a frente do espelho e disparou contra mim duas vezes, mas sem balas. Aí, foi para a cozinha buscar cigarros.

Se o casal, porém, esquece de trocar a fiação e o assunto passa a ser a conta que não foi paga ou quem vai buscar o filho na escola, é sinal de que o diálogo entrou em curto.

Ficava deitado, dormindo, sem noção do que estava acontecendo. E me disseram que ele estava com a superbactéria. Restava apenas o último antibiótico. Se não desse certo, teria que buscar um americano.

❑ **CARREGAR**

A maioria das escolas não permite o uso do aparelho dentro da sala de aula, claro. Avalie se é mesmo necessário permitir que ele carregue mais esse peso na mochila.

Carregue um quartzo-rosa (pedra consagrada a Vênus) junto a um papel com uma pequena descrição de como quer que seja essa pessoa.

Costumo carregar muitas fotos do Chico dentro da minha bolsa. E as mostro para os amigos que tenho na Turquia. Todos já conhecem o rosto do meu marido.

Desde menina, ela carregava um pote com uma poção que o pai lhe dera para casos de perigo. Durante a fuga, Iemanjá caiu quebrando o pote e a poção a transformou num rio cujo leito seguia em direção ao mar.

Portanto, não precisa oferecer a ela uma coleção de brinquedos sofisticados. Em geral, bolas pequenas, bonecas, carrinhos que permitam carregar objetos, brinquedos de arrastar e puxar, peças grandes de encaixe, fantasias e fantoches garantem a diversão [...]

Carregaremos para a vida depois da morte os créditos e os débitos angariados no dia a dia.

O tema de seus escritos é quase sempre a caridade, bandeira que carregou durante toda sua vida.

“As roupas são supersexy. Amo carregar um pouco de Brasil comigo”, disse a bela.

Também ajuda estabelecer limites, aprender a relaxar e abrir mão do impulso de carregar o mundo nas costas.

❑ COLOCAR

Fechar os olhos e colocar um fone de ouvido com suas músicas preferidas.

Foi o que aconteceu comigo quando coloquei uma aliança de ouro no meu dedo pela primeira vez.

Na galeria de imagens da coluna eu coloquei diversas fotos de Brad Pitt em suas incursões pelo mundo da arquitetura [...].

Durante muitos anos coloquei a minha vida profissional em primeiro lugar.

Antes dela, era um excelente cliente de banco, usava sempre o cheque especial. Gastava muito, era impulsivo e ela me colocou o pé no chão.

Durante sua estada na capital argentina, o cantor aproveitou para relaxar e reencontrou um amigo, o empresário Gabriel Hochbaum, com quem colocou a conversa em dia e saboreou a gastronomia local.

Dinheiro é importante para sobreviver e desfrutar o mundo. Então, sabemos que ele tem relevância. Mas o que muitos estão fazendo é colocar o 'ter' acima do 'ser', gerando uma sociedade fria e frívola, em que poucos se importam verdadeiramente com os outros.

Todos somos Jacó, agarrados e amedrontados. Como Jacó, colocamos a culpa por nosso medo no Outro.

Aproveite as oportunidades de colocar mais amor no mundo.

É importante fazer algumas pausas para dar chance ao entrevistador de interrompê-la e colocar novas perguntas na conversa.

❑ CRUZAR

Depois de cruzar o mar, as peças sofreram adaptações: dragões e plantas exóticas desenhados com tinta azul-escura, contrastando com a louça branca, deram lugar a cenas marítimas e campestres, além de estampas florais.

Anne Hathaway, atriz de filmes como O Diabo Veste Prada, foi a que mais atraiu olhares ao cruzar o blue carpet, o tradicional tapete vermelho pintado em homenagem à cor do pássaro protagonista.

A atriz - que tem entre seus trabalhos mais notáveis os longas O Diabo Veste Prada e O Casamento de Rachel, cuja atuação lhe rendeu indicação ao Oscar de Melhor Atriz em 2009 - cruzou o red carpet em arrematador tomara que caia vermelho de Valentino (79), que a acompanhou.

[...] Paloma Bernardi (25) deu um toque de feminilidade e doçura à oitava e última etapa do Rali Mitsubishi MotorSports, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Após cruzar o Nordeste e Sudeste com competições repletas de adrenalina, o evento dedicado à regularidade encerrou o ano com a participação da atriz, estreante na aventura sobre quatro rodas.

Quando cruzei a linha de chegada, eles gritavam 'Senna, Senna'. Foi de arrepiar”, vibrou o sobrinho do tricampeão de F1 Ayrton Senna (1960-1994) ao concluir sua primeira corrida em sua terra natal.

Estava vindo da Costa Rica e me deparei com um cenário impressionante ao cruzar a fronteira de ônibus.

❑ DEIXAR

Ao contrário, a evolução feminina multiplicou atividades e funções, incluindo ocupações antes exercidas pelos homens (pagar contas, deixar o carro no mecânico).

Ainda jovem, aos 15 anos de idade, Antonio de Pádua deixou o rico palácio em que vivia com seus pais para se tornar religioso. Aos 25, tornou-se franciscano, ordem conhecida pelo voto de pobreza e pela dedicação aos necessitados.

Você engordou quando deixou as passarelas? - Engordei 10 quilos.

Guilherme avisa Tânia que vai embora com ela. Fernando e Lavínia deixam a cidade.

“Minha pressão baixou muito rápido, acredito que foi por causa do nervosismo, por querer que tudo desse certo, mas agora estou bem e muito feliz”, comentou o jogador, ao deixar a igreja com sua eleita em um carro conversível rumo à festa para cerca de 450 convidados, organizada pela cerimonialista Eliane Karam (53).

Fiquei arrasada. Minhas amigas deixaram a sala saltitando de alegria e, na minha vez, saí passada”, recorda ela.

Os irmãos paranaenses receberam homenagem na Casa de Campo, no hotel Royal Palm Plaza, em Campinas, cidade que escolheram como sua quando deixaram Astorga para tentar a sorte como cantores em São Paulo.

“Ainda novo, deixei o conforto da casa dos meus pais para ir em busca da minha profissão. Foi um passo muito importante”.

Imaginamos que somos seres espirituais tendo uma experiência material, que nosso verdadeiro lar é em outro lugar, que viemos à Terra para aprender algo e que, uma vez que tenhamos aprendido esse algo, deixaremos para trás o mundo temporário da matéria e retornaremos ao nosso lar eterno.

Veja como deixar o passado no devido lugar e abra-se para uma nova relação.

Quem antes nos ajudava agora quer e merece seguir outra carreira e deixar para trás a vida sacrificada da mãe que foi doméstica.

❑ DESCER

O hair stylist desce a serra paulista para levar alegria à comunidade beneficiada pelo Verdescola, em São Sebastião.

❑ DEPOSITAR

“Essa certeza é um consolo incrível. Apegados a ela, não precisamos depositar todas as esperanças apenas na vida física”, diz Geraldo Campetti,

Não deposite sua carência na comida.

O problema é depositar todas as fichas na aparência e achar que a vida amorosa e sexual se baseia apenas no aspecto físico.

❑ DESPEJAR

Espalhe o mel em volta da vela e despeje água benta, até atingir a borda do pires.

Para tirar dores no ombro e no pescoço, tome até três xícaras de chá de valeriana por dia, despejando a erva seca também em água fervente.

Um agricultor pode adotar equipamento de proteção individual e estar a salvo, mas, se despejar agrotóxico a menos de 500 metros de um córrego, coloca em risco a região.

❑ EMPURAR

Depois, passamos o aparelho e a eletricidade ‘empurra’ o creme para dentro do couro cabeludo”, explica o dermatologista Luciano Barsanti, de São Paulo.

O ainda imaturo esfíncter inferior do esôfago - uma espécie de válvula entre esse órgão e o estômago - não consegue impedir com tanta eficiência que o alimento faça o percurso inverso. Os movimentos de contração que empurram a comida - no caso, o leite - para o caminho certo também não são lá tão eficazes.

❑ JOGAR

[...] quando criança, faz 10 pedidos em um poço e joga uma moeda, que fica presa, o que impede a realização dos desejos na infância.

Jogue um punhado de sal grosso em cima das tiras e acenda a vela vermelha, pedindo para que a pessoa siga o próprio caminho e te esqueça. Retire-se do local, sem olhar para trás.

Tome um banho com a metade da mistura e a outra parte, deixe para ele. Enxugue o corpo com uma toalha branca e reze uma oração com muita fé. Se ele não aceitar tomar este banho, jogue a parte dele num jardim florido.

Fiz tanto pensamento positivo, cheguei mesmo a jogar um pouquinho de champanhe no mar para Iemanjá me dar uma força, mas não foi dessa vez.

Mande os filhos para a casa da avó, coloque um lençol cheirosinho na cama, compre rosas e jogue as pétalas na cama.

Quebre os cartões magnéticos e jogue-os fora. Devolva ao banco, mediante recibo, talões de cheques, assim não poderá ser acusada depois de ter pago coisas com eles.

Ele só serve para jogar você para baixo. Invista em seus talentos Em vez de reforçar as fraquezas, trabalhe suas maiores habilidades.

Nunca falem de dinheiro. A mulher não deve jogar isso na cara do marido.

O teatro era sua vida, não tem melhor maneira de homenageá-lo”, disse. “Sempre lembrarei dele sentado no sofá de casa, de shorts, tomando café, ouvindo as óperas que adorava e jogando conversa fora. Eram momentos de paz”, concluiu.

Não se trata de jogar tudo para o alto. Pense em uma viagem. Você compra passagem, reserva hotel, organiza passeios. No meio dela, porém, pode ficar doente. O desafio é exercitar a flexibilidade para acomodar imprevistos.

O ateliê de Louboutin fica em Paris, no prédio vizinho à sua loja da rua Jean-Jacques Rousseau, 21. De vez em quando, o designer, de 47 anos, aparece por ali para jogar conversa fora ou autografar sapatos.

❑ LEVAR

Arrasada, leve o vestido pra casa. Mas não desisti da ideia. Procurei outra costureira.

Traduzindo, procure se entrosar com os colegas para ganhar cooperação, evite levar os problemas de casa para o escritório e vice-versa, mantenha o bom humor e, principalmente, valorize o seu tempo.

❑ PASSAR

O humorista, que lidera a trupe do dominical global Aventuras do Didi, já curte as férias. Como de costume, planeja passar o Natal e o Ano Novo em Orlando, EUA.

Linda e serena, a atriz Bia Seidl (49) aproveitou um raro espaço em sua apertada agenda para realizar o sonho de conhecer Florianópolis, capital de Santa Catarina. Estou programando passar o réveillon aqui”, diz ela, que viajou ao lado da filha caçula, Miranda (12).

❑ PERCORRER

Antes de ser reconhecido como santo pela igreja católica, e como guerreiro do ferro e das matas pelo candomblé, Jorge percorreu terras longínquas e lutou arduamente em defesa de sua fé.

Para mim, foi uma daquelas viagens inesquecíveis, como um sonho. Me marcou muito”, avalia o paulistano, que percorreu os Lagos Pehoé e Gray e ainda se aventurou pela Trilha dos Pumas, conhecida também como Trilha dos Pampas.

Ao percorrer o MoMA - The Museum of Modern Art, Juliana se comoveu com o ambiente Paul Chan's 2007 Waiting for Godot.

San Juan del Sur é um balneário praiano que, pouco a pouco, vem ganhando fama entre os mochileiros que percorrem a América Central por causa de suas ondas tubulares.

Desde dezembro passado, seus integrantes saem de Brasília e percorrem o país investigando as falhas da segurança pública para prevenir e coibir o crime e prender os culpados.

No trajeto, assimila o que necessita vivenciar na próxima estada - o espírito percorre as dimensões mentais e emocionais e vai conhecendo os desafios que terá de enfrentar na vida nova.

Neste momento, começamos a pedir que os homens percorram o caminho inverso, aquele que os leva para dentro de casa.

❑ PÔR

Enfim, sós. Marido e mulher já puseram o filho na cama e, torcendo para que fique bem quietinho, se dirigem ao quarto.

Ponha uma camada de cascalho na parte inferior do vaso ou de uma caixa de madeira.

❑ PULAR

Se você já passou uma virada de ano na praia, também já reparou que várias pessoas depositam no mar oferendas para a divindade do candomblé, além de pularem sete ondas como forma de pedir sorte à orixá.

A minha hora vai chegar. Quero construir minha família também. Mas não vou pular etapas ou ficar desesperada a ponto de engravidar do primeiro da esquina

Traição equivale a sexo, isso está fora de questão. Mas, se sexo ruim ou a falta dele são convites para pular a cerca, vida boa na cama de casa também não evita. Não tente entender.

Cabe ainda aos pais proteger os filhos da alta competitividade e do deslumbramento excessivo com a fama, evitando que eles pulem etapas de crescimento.

Teria sido preciso que eu mesma fosse leitora de Freud para compreender o que ele falava. E isso pagando os olhos da cara. Durou um tempo e pulei fora, o que, aliás, não foi nada fácil.

❑ PUXAR

“A bordo” de um sensual míni tomara que caia by Cristiano Alessandro, estilista da cidade, Islana puxou o tímido amado para a pista de dança e os dois curtiram a festa ao som do sambista Jorge Aragão (62).

A relação com as fãs é tranquila – o assédio não chega a ser um problema. “Nunca foram afoitas a ponto de puxar meu cabelo. Já aconteceu de, num shopping, na época do Raj, os seguranças terem de fazer corredor para eu passar.

Antes de entender o que acontecia, puxaram minha cabeça por um buraco pequeno e todo o meu corpo foi espremido para passar por ele.

O tema de seus escritos é quase sempre a caridade, bandeira que carregou durante toda sua vida. “Assim como as velas puxam o navio, a compaixão puxa você a atender à necessidade do próximo”, afirma em um dos textos.

Compreende-se: Freud, sendo homem, puxava a brasa para a sua sardinha. A vida é muito boa, mas no dia em que deixarmos de lado essa procura insana por um amor, um homem, um marido, acho que seremos muito mais felizes.

❑ REMOVER

Passar o aspirador sobre o edredom remove poeiras e fiapos, evitando o acúmulo de sujeira.

❑ REGASTAR

Dois dias depois, a menina surgiu com uma prima num posto policial. Perguntava onde ficava o terminal de ônibus para as praias do litoral sul do estado. Rinaldo soube e foi resgatar a dupla.

Nasce, portanto, imbuído da missão que vem cumprir na encarnação atual, resgatando uma parcela dos erros cometidos no decorrer das vidas anteriores.

Com vontade de se sentir instigada novamente, aceitou o convite de CARAS para ir a New York. E, na cidade, que considera ‘um mundo de possibilidades’, contou ter conseguido resgatar o espírito aventureiro.

❑ SUBIR

Passou os quatro meses finais da gravidez praticamente na cama. Não podia subir escada nem tomar banho de piscina ou de banheira.

Só se cresce indo para cima Blefe - Crescer não é só ganhar uma promoção ou subir um degrau no organograma. Existe evolução, sim, sempre que há aumento de desafios e de responsabilidades, ainda que você continue no mesmo cargo.

Nada disso é o que se pode chamar de subir degraus, mas você deve acreditar que o trabalho do momento é apenas parte da odisseia que enfrentará rumo a um futuro glorioso.

❑ TIRAR

A água deve ser sempre despejada na raiz. Só molhe as folhas se a intenção for tirar a poeira.

Contra pontas duplas a tesoura é a solução, mas certifique-se de que o profissional vai tirar um dedo e não um palmo, isso, se faz necessário no máximo a cada dois meses para o cabelo crescer com aspecto saudável.

Dá insegurança, claro! Fico meio sem graça de tirar a roupa na primeira vez que vou para a cama com um garoto porque não sou modelo, sou normal.

Empenhou-se tanto na final que, para simular o escândalo no supermercado, tirou a camiseta e pisou em cima.

Essa sonda serve para tirar o líquido amniótico que não foi expulso pelo parto nem pelo choro.

Muitas vezes os pais adiam tomar uma atitude para tirar o filho do quarto porque, sem pensar, estão usando a criança como barreira para o diálogo entre eles.

quando existem rupturas na rotina do casamento – um dos dois deixa de levar o cachorro para passear, colocar combustível no carro, tirar o lixo, pagar uma conta

Um dia, meu pai me deu um martelinho e uma faquinha para tirar ostras e mexilhões da pedra e comer na hora, ainda vivos, para horror dos nativos.

Use um creme sem enxágue e desembarace o cabelo ainda úmido. Para tirar o excesso de água, aperte de leve com uma toalha.

No transe induzido, o paciente é convidado a tirar o foco de uma área - estímulos externos, por exemplo - e prestar mais atenção em outra - como as sensações que vêm do corpo.

No primeiro encontro, é Esaú que tenta tirar a vida de Jacó, mas, no segundo, aparentemente, um anjo procura fazer o mesmo.

Como tirar sua carreira do marasmo e alcançar o sucesso profissional

“É a primeira vez em quatro anos que Mario consegue tirar alguns dias de descanso. Há tempos não curtíamos momentos tão agradáveis”, celebrou ela.

Deixar que o amor siga seu caminho é tão importante quanto vivê-lo de forma plena. Não se trata de fracassar, mas, sim, de ter sabedoria para tirar o peso das costas e reencontrar sua essência.

❑ TRANSPORTAR

Aqueles caixotes de madeira usados para transportar frutas, verduras e legumes rendem ótimos porta-trecos para o quarto das crianças.

❑ TRAZER

Agora, quer curtir mais, adora ir ao shopping fazer compras. É um homem romântico. A primeira vez que foi passear após a internação, me trouxe uma medalha linda de São Jorge.

Há dois anos, trouxemos um modelo do Rolls-Royce e agora, em 2010, temos até helicóptero na feira.

Para a pré-estreia, o diretor, que mora nos EUA, trouxe a mulher, Isabel, e as filhas, Sophia, Julia e Manoela, e contou com o apoio dos astros que deram voz aos personagens

“Tudo aqui é lindo e romântico. Na primeira vez, trouxemos as crianças. Desta vez, aproveitamos para namorar”.

O ambiente foi projetado por Maristela Di Oliveira, arquiteta e designer de interiores, e Aglahiton Silva, designer.

“Na natureza tudo se movimenta, e os painéis trouxeram leveza e frescor ao ambiente, quase um aconchego de ar livre”, conta Maristela.

Com a idade, as coisas já não são como eram aos 20 anos. Cesar trouxe disciplina para a minha vida em relação à alimentação e à ginástica, é o meu personal trainer.

❑ ULTRAPASSAR

Não tem forças para seguir adiante, enfrentar. “Encarar qualquer obstáculo, acreditando ser possível ultrapassá-lo, é uma habilidade fundamental para ter qualidade de vida e satisfação pessoal”, garante Miriam.

“Entre 25% e 35% das grávidas apresentam sintomas depressivos após o parto”. A tristeza nessa fase, porém, não pode ultrapassar um mês.

Tente ser amigável com seu ex, mas sem ultrapassar seus limites. E não alimente o ódio ou a revanche. Esses sentimentos só fazem mal.

Paola entrou e arrasou. “Quando você balança diante de uma barreira muito difícil, retoma a coragem e consegue ultrapassá-la, parece que a vitória tem valor ainda maior.”